



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA SOCIAL

Nas colinas onde o Nordeste garoa:
Narrativas, memórias e práticas de espaço na cidade de
Garanhuns – PE (1937-1951)

José Eudes Alves Belo

NITERÓI/RJ

2019

José Eudes Alves Belo

**Nas colinas onde o Nordeste garoa:
Narrativas, memórias e práticas de espaço na cidade de
Garanhuns – PE (1937-1951)**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós- Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Juniele Rabelo de Almeida

NITERÓI/RJ

2019

José Eudes Alves Belo

Nas colinas onde o Nordeste garoa:
Narrativas, memórias e práticas de espaço na cidade de
Garanhuns – PE (1937-1951)

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós- Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Aprovadoem:_____/_____/ ____

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Juniele Rabelo de Almeida(Orientadora)

Universidade FederalFluminense

Professora Doutora Laura Antunes Maciel

Universidade FederalFluminense – Arguidor interno

Professora Doutora Andrea Casa Nova Maia

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Arguidor externo

Dedico a todos os “loucos” que conseguem metamorfosear a vida. Ícaros que dão asas aos sonhos humanos e quebram os “clichês” estabelecidos. Pois, “louco é quem me diz e não é feliz”.

AGRADECIMENTOS

Sobre gratidão, acolhidas e travessias.

A arte “contar as histórias dos outros como se fossem suas e as suas como se fossem as dos outros” (Pamuk) é complexa. A solidão e a tela branca de um computador são as companheiras mais fiéis. Mesmo nesta condição, algumas pessoas convivem durante esse intervalo de tempo e necessito expressar minha gratidão. Essa parte não se trata de um “obrigado” por relacionar com obrigação, e sim de “gratidão” que se advém do latim “gratia” – “graça”, literalmente – ou “gratus”, “agradável”. Ideia que expressa a liberdade de ser grato à vida e aos encontros que ela proporciona. Portanto, inspirado no poeta Gentileza, que abraça a todos na entrada da cidade maravilhosa, “Ninguém é obrigado a nada, e devemos ser gentis uns com os outros e relacionarmo-nos por amor e não por favor” (Poeta Gentileza) elenco aqueles que de alguma forma envolveram-se comigo nessa travessia de escrita.

Como esta dissertação trata de cidade e saudades, expresso minha grande gratidão perfazendo os encontros que tive em cidades nesse período. Início pelo “rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar...”

Na cidade do Rio de Janeiro: **Juniele Rabelo** – minha doce orientadora, sempre paciente, meiga, precisa e sobretudo terna. Sim. Ternura é o que não falta a essa mineira cheia de charme e competência nas artes de orientar e contar histórias. Aprendi muito com suas orientações e em acreditar em minha capacidade, apesar de tantos desafios e limites. **Laura Antunes Maciel** – professora e arguidora da banca de qualificação e de defesa, pelo olhar minucioso, pelas interpretações e por perceber vazios e ligações fundamentais para o aprimoramento do texto, tentei implementar suas observações, se não foi possível foi por meus limites e escolhas. **Andrea Casa Nova** – pela participação na banca de qualificação dando incríveis contribuições que tentei incorporar ao texto final, e sobretudo pela amizade de muitos anos, pelo acolhimento no seio de sua família e seu ciclo de amizades, me permitindo interagir em outros mundos, sem dúvida a maior responsável de minha chegada a cidade maravilhosa para este curso. A coordenadora do curso de Pós-Graduação da UFF professora **Gisele Venâncio** pela acolhida e compreensão. Aos amigos **Fernando** e **Ari** pelos sorrisos e

companheirismo nas várias aventuras compartilhadas; Às amigas **Karla, Luciene e Sandra** pelo acolhimento e afagos; Aos professores do curso pela excelência, pelas experiências compartilhadas e pela compreensão em momentos decisivos: **Ana Maria Mauad, Gizlene Neder e Gisálio** (UFF), **Luciana Heymann** (FGV) e **Marta Mega** (UFRJ); A Pedro e Antônio.

Na cidade de São Paulo: **Edu** – meu irmão, **Eudo** – meu pai, pela acolhida e ajuda nas horas certas e incertas. Meus amigos e familiares que me auxiliaram de maneira decisiva nesta cidade: **Ginaldo, Vilma, Eduardo, Viviam, Adriano, Heitor, Gabriel, Silvânia, Angélica, Adelmo, Magno, Gregório, Juliana, Odinéia, Neuzinha** e a Professora **Nanci Leonzo** que me acolheu recentemente para orientação do Doutorado da USP, o futuro nos espera!

Na cidade do Recife: cidade em que se deu outro início dessa travessia encontrei a doçura, companheirismo e inteligência de **Lídia Rafaela**, também de meus companheiros de curso **Augusto, Rodrigo, Saionara, Ricardo, Karina, Débora** e a baiana mais arretada e livre do mundo: **Carol**. Encontrei na UFPE professores que foram decisivos em minha formação: **Antônio Paulo Rezende, Isabel Guillen, Antônio Montenegro e Regina Beatriz**, que iniciou as orientações desse trabalho, acreditando em minha capacidade e ajudando de forma incisiva para o seu término, que em outro momento, por circunstâncias da vida, não foi finalizado e ora se vislumbra a sua conclusão, meu eterno reconhecimento e gratidão. A **Niedja e Fátima**, pela terna acolhida. Aos companheiros da casa do estudante – CEU que me acolheram num momento complexo e que fizeram de momentos tensos experiências de alegria e amizades: **Júnior, Danilo, Théo e Jailton**. A **Raphael** pelas aventuras e pela força. A minha amiga incentivadora **Noêmia Luz**, uma verdadeira “luz” em meu caminho.

Na cidade de Garanhuns: A minha professora e amiga **Giseuda Machado**, pelos vários ensinamentos e torcida. Aos amigos e companheiros de imensuráveis aventuras: **Rita, Viviane, Gilmar, Kléber, Cynthia, Wanessa, Vanessa Paes, Lydiane, Socorro, Sheyla, Albertina, Amom** e a doce e cúmplice de todas as horas **Isabela**. Aos entrevistados do trabalho: **Maria Brandão, Leda, Ivo, Marcilon, Zilda**. A diretora da Escola Simôa Gomes **Andrea Nunes**, pela gentileza e compreensão. A minha querida psiquiatra **Olga Leocádia**, que me ajudou a compreender o funcionamento de “meu eu”, a entender como funciona um pouco de meus comportamentos e sobretudo a assumir as limitações e tentar seguir em frente. Nesse trabalho de auto compreensão, a psicóloga **Marinalva** também foi de fundamental importância na condução do meu eu para outras viagens, outros prazeres e sobretudo a não

carregar o peso das culpas do passado e compreender que “meu tempo” é soberano, é além dos tempos de outros sujeitos, é o grande presente da percepção do tempo humano.

Na cidade de Capoeiras: A **Maria Almeida**, diretora do Colégio Municipal, pela atenção, ternura e compreensão. Aos amigos e amigas **Neide Rocha, Rosângela, Ademar**. As minhas primas: **Helieide** e **Cibele**. Meus sobrinhos: **Maria Eduarda, Raul, Maria Luíza** (afilhada) e **Débora**. A **Maria Aliete** – minha vovó “Balunga”. E minha mãe **Cilene**, por me conceder o dom da vida e por me aguentar nessa caminhada de ausências, crises, decepções, idas, vindas, em inúmeras horas de leituras, escritas, reflexões e tensões, por também partilhar de tantas experiências comigo e estar sempre na torcida que esse trabalho fosse realizado.

Além dessas cidades, outras também fizeram parte dessa escrita: **Teresópolis, Campinas, Belo Horizonte, Ouro Preto, Salvador** e a encantada **Olinda**. Estes lugares, poderia conceituá-los de “quase personagens” pois me ajudaram, juntamente com os personagens acima, de diversas formas a criar as linhas, ideias e tramas que compõe este texto.

Sou grato também àqueles que agora estão em outros espaços, mas, hoje, estão comigo pelas minhas memórias. Minha avó **Maria Luzia** - Dezuíta, meu avô **Luiz** – Malaçada, meus amigos **Pierry, Jô, Gerusa**, os entrevistados, **Ivaldo Dourado** e **Luiz Gonzaga (in memoriam)**. Estes são a expressão viva da saudade.

Nessas travessias houve muitos que duvidaram de minha capacidade em vários sentidos, estes me simplificaram e definiram de várias formas utilizando-se de palavras desagradáveis. A estes também agradeço, pois a cada palavra de desânimo encontrava mais força para continuar. A vocês só tenho que falar: “saibam que ainda estão rolando os dados, pois o tempo não para” (Cazuza).

Embora prazerosa, transformar histórias cotidianas na arte historiográfica é ofício árduo que exige dedicação e renúncias. Como Pablo Neruda “confesso que vivi”. E PROVOQUEI claro! Com silêncios, sons, músicas, teatro, filmes, festas, carnavais, esse intervalo de tempo me permiti viver, sentir muitas sensações, descobrir sentimentos, lugares, prazeres, enfim, experiências vividas que deixam marcas na memória. Foram sem dúvidas “momentos intensos, momentos demais, momentos imensos, mentiras reais.” (Caetano Veloso).

Todos esses “personagens” se fizeram presentes, a escrita é toda uma solidão, pois “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” (Caetano Veloso). Sem silêncio e solidão não haveria uma única linha desse trabalho. Devo, portanto, agradecer esse cara, esse “duplo” ou “outro”, como atribui Pamuk, que sempre teve a impressão da presença “dele”. Também, às vezes tenho a impressão desse “outro”, dessa força estranha que me faz acreditar que as coisas são possíveis, apesar dos limites, cansaços, dores no corpo e fadiga mental. “Agradeço-me” pelas travessias que tive que enfrentar e sei que ainda irei enfrentar nas veredas da vida. Agora posso propor a todos “Que tal àquele brinde que faltou” (Marina Lima).

Rio de Janeiro

Verão de 2019

Eudes Belo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CENÁRIO I - Garanhuns, Suíça Pernambucana? A cidade e as ressonâncias dos signos de modernização	24
1. 1. Garanhuns parte da Europa? A cidade e suas (re)significações espaciais e narrativas.....	27
1. 2. Busca de novas formas de modernização, higienização, e embelezamento dos espaços da urbe	51
1. 3. Anseios de vigilância e disciplinaridade.....	60
CENÁRIO II - “<i>Daqueles tempos que não voltam mais</i>”: As narrativas sobre Garanhuns enquanto “cidade dos colégios” e “cidade culta”	72
2.1. Os colégios e a cidade.....	73
2.2. As Lembranças daqueles tempos.....	85
2.3. Disputas de espaços: católicos x protestantes	102
CENÁRIO III – Espaços para sorrir, louvar, competir e sonhar em Garanhuns.....	112
3. 1. Festas sagradas e profanas – espaços de (con)vivência na cidade.....	114
3. 2. Teatro, cinema, circo e práticas esportivas.....	135
3.3. Rádio e difusão da modernidade.....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
FONTES.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	167

LISTA DE FIGURAS

Núm.	Conteúdo	Pág.
01	Mapa do Município de Garanhuns no Estado de Pernambuco	25
02	Mapa do Município de Garanhuns no Agreste Pernambucano	26
03	Estação Ferroviária de Garanhuns no início do século XX	34
04	Projeto do Prédio da Prefeitura	40
05	Avenida Santo Antônio	43
06	Avenida Santo Antônio depois de reformas	43
07	Ângulo da Avenida Santo Antônio	44
08	Trecho da referida avenida após obras de pavimentação.	44
09	Rua Dom José. Foto antes de reformas realizadas.	45
10	Rua Dom José depois das reformas realizadas. Foto do mesmo jornal	45
11	Praça da Boa Vista – antes e depois das reformas realizadas	46
12	Sede dos serviços de água e luz e também parque pau-pombo	48
13	Anúncio do Hotel Petrópolis	49
14	Anúncio publicitário do Sanatório Tavares Correia.	51
15	Vista aérea do Colégio XV de Novembro no bairro de Heliópolis	74
16	Prédio do Colégio XV de Novembro em 1948	74
17	Antigo diretor do Colégio XV de Novembro: Reverendo Donald Willians	75
18	Internato do Colégio XV de Novembro	75

19	Fachada principal do Colégio Santa Sofia	78
20	Capela do Colégio Santa Sofia	78
21	Fachada principal do Colégio Diocesano	80
22	Sala de aula do Colégio Diocesano – década de 1940	80
23	Carnaval de rua na década de 1940	117
24	Carnaval de rua - final dos anos de 1940	118
25	Desfile de corso no centro da cidade – anos 1940	119
26	Prédio da Rádio Difusora de Garanhuns na Avenida Rui Barbosa	153
27	Anúncio da Rádio Difusora na Revista Fon Fon	154

RESUMO

A dissertação objetiva analisar como se constituem as disputas de memórias e espaços na formação de discursos e representações sobre a cidade de Garanhuns/PE, entre os anos de 1937 e 1951, por meio do entrecruzamento de fontes variadas – periódicos, narrativas orais, atas do poder legislativo municipal e fotografias. Buscou-se problematizar as memórias construídas sobre a cidade e suas possíveis vocações, valorizando aspectos cotidianos ao discutir como os habitantes vivem e sentem o espaço citadino. Partiu-se da interface tempo e narrativa, proposta por Ricoeur (1994, 1997), e, também, da noção de espaço como “lugar praticado” de Certeau (1994) para refletir acerca das formas de apreensão das relações socioculturais que emergem na urbe em suas múltiplas faces. Analisou-se a forma pela qual os discursos e práticas (re)significam a vida nos espaços da cidade, no anseio de se discutir as narrativas pré-estabelecidas – “Suíça pernambucana”, “cidade das flores”, “cidade saudável”, “cidade dos colégios” “cidade religiosa” entre outras. A observação dessas narrativas propiciou a elaboração de questionamentos sobre as experiências, os desafios e perspectivas do viver na urbe no recorte temporal em estudo – relacionado aos momentos de modernização da cidade. Em meio às múltiplas memórias, nem sempre em convergência, foi possível compreender o espaço híbrido e compartilhado da urbe, de forma diferenciada pelos sujeitos históricos, na construção das diversas narrativas sobre Garanhuns.

Palavras-chave: cidade de Garanhuns, narrativas, memórias, práticas de espaço

Onde o Nordeste Garoa

Luiz Gonzaga

*Conheço uma cidade bem pernambucana
Que todo mundo chama de Suíça
brasileira*

*Água pura, clima frio na realidade
Garanhuns é uma cidade linda e tão
brejeira*

Garanhuns, cidade serrana

Garanhuns, cidade jardim

*Garanhuns, cidade das flores de amores
sem fim*

Garanhuns, terra de Simôa

Garanhuns, que terrinha boa

Garanhuns, onde o Nordeste garoa

Onde o Nordeste garoa

INTRODUÇÃO

Numa noite fria de inverno em Garanhuns, no auditório da rádio difusora, Luiz Gonzaga, realizou um show, em 1957, e afirmou que a cidade merecia uma música bonita e pediu que esta fosse composta para que ele pudesse gravar. Em 1978, em seu disco “deno maior”, o artista gravou a música “*Onde o Nordeste Garoa*” do caruaruense Onildo Almeida. A música tornou-se famosa e é quase um hino não oficial da cidade.

Início a escrita deste trabalho com os versos da música cantada por Luiz Gonzaga, por trazer algumas representações da cidade, com as quais, esta dissertação dialoga. Imaginar uma cidade “onde o Nordeste garoa”, que chamam de “Suíça brasileira”, apesar de “bem pernambucana”. Cidade “serrana”, com belos “jardins”, cheio de “flores” é algo que desperta nossos sentidos até, quem sabe, idealizar um lugar de “amores sem fim”. A música parte de uma descrição poética que nos faz adentrar nas sensibilidades e arquitetar como seria esta cidade onde se confluem imaginação e realidade. Esta música foi composta por encomenda quando das comemorações do centenário da cidade em 1978. O encerramento das festividades contou com um show de Luiz Gonzaga apresentando a canção pela primeira vez em público. Sugere-se que em meio as comemorações da efeméride as noções de saudades, de retorno a um tempo de abundância, uma “era de ouro” do espaço citadino. Narrativas emergem no sentido de tentar confirmar discursos e sentidos, de construir práticas a partir de significados do passado mas que se fazem sentir no presente.

Se nos versos e acordes da música ela existe poeticamente, Garanhuns a cidade “real” situa-se no Planalto da Borborema na região denominada Agreste Meridional do Estado de Pernambuco, possui uma altitude média de 896 metros, relevo irregular e a presença de morros que são considerados colinas. Estas são sete, espalhadas pela área urbana do Município: Antas, Columinho, Ipiranga, Magano, Monte Sinai, Quilombo e Triunfo. Todos variam na altura e apresentam diferentes níveis de urbanização e povoamento.

Algumas dessas narrativas irei focalizar por agrupamentos de sentidos que elas sugerem. Deste modo, pensar em cidade “Suíça pernambucana”, “cidade Petrópolis do Norte”, “cidade das sete colinas” e “cidade das flores” remete à ideia de espacialidade de sua localização geográfica e clima diferenciado. As ideias de “cidade saudável”, “cidade dos colégios” e “cidade culta”, criam o sentido de experimentar a cidade a partir das construções

sociais e culturais. Contudo estas representações mesclam-se, interagem na formação dos discursos acerca da cidade. Se a proposta é agrupá-las assim é para facilitar a análise e consequente constituição de capítulos que seguem como fio condutor questionar estas narrativas e assim provocar, deslocar sentidos, “rachar as palavras e as coisas”¹.

Desde modo, o objetivo geral da dissertação é analisar como se constituem as disputas de memórias² e espaços na formação de narrativas e representações da cidade de Garanhuns – PE na década de 1940. O caminho proposto é estudar as narrativas acerca da cidade confrontando com a análise de fontes que indicam as práticas sociais dos habitantes da cidade. Assim, o espaço urbano pode ser revelado além dos discursos constituídos pelas elites que tentam, de diversas formas, manter seus lugares de poder. Proponho que esta análise revele formas de resistência dos habitantes às modificações e as permanências que ocorrem na urbe criando nestes espaços à revelia dos poderes instituídos.

O contato com diversas documentações, despertaram outras ideias, concepções e objetivos. Em vista disso, na operacionalização da pesquisa e escrita é que foram encontradas formas melhores de apreensão da proposta desse estudo. A pesquisa documental ampliou os caminhos da pesquisa e o recorte temporal foi repensado a partir do contato com as fontes.

Ao verificar as mudanças ocorridas no espaço urbano a partir de 1937, coincidindo com a implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas, a primeira ideia foi verificar como o “novo” proposto pelo regime tinha atingido uma cidade fora das margens dos grandes centros urbanos. O “novo” na cidade foi se revelando em vários aspectos, em especial nas suas contradições. Assim, focalizar no período do Estado Novo (1937-1945) tornaria a análise limitada e não alcançaria os objetivos propostos. Ao ampliar o recorte temporal foi possível encontrar novas vocações, novas formas de organização, novas formas de civilidades, de culturas. O recorte proposto, dessa forma, se inicia com a instalação do Estado Novo (1937) indo até a chegada da rádio Difusora na cidade (1951) – que altera o processo de construção de narrativas sobre a cidade. A ideia é perfazer uma certa circularidade da memória-tempo, pois escutei pela primeira vez a representação de “Suiça pernambucana” escutando a Rádio

¹ Este “rachar” é o sentido que Deleuze (1992) pensa a interação com a obra de Foucault, propondo um rachar dos sentidos e encontrar outras maneiras de apreensão.

² A ideia de disputa de memórias remete-se a noção de “memória dividida” sugerida por Portelli (2006) que remete ao trabalho de Contini. Essa memória dividida seria uma alternativa a memória oficial imposta pelas instituições e que se apresenta como alternativa para melhor entendimento dos processos históricos.

Difusora. Adverte-se, no entanto, que este recorte é fluído, híbrido, agreste³, como é a proposta geral desse estudo. Algumas vezes se recorreu a acontecimentos anteriores e posteriores a fim de ampliar a compreensão de certos aspectos pesquisados. É necessário apresentar como estas temporalidades dialogam com o presente, pois estamos distantes desse outro tempo passado e ao mesmo tempo imbrincados com ele. As ideias, pesquisa, seleção de fontes analisadas e escrita, estão no tempo do historiador e suas relações com seu ambiente sociocultural, seu “lugar” como se refere Certeau⁴ na análise da “operação historiográfica”.

Nessa perspectiva, diálogos que mantive sobre a cidade, na minha própria história, em bares, ciclos de amizade, universidade, leituras me despertavam para alguns detalhes. De um modo geral, comecei a perceber, posteriormente, que as lembranças eram narrativas construídas acerca de Garanhuns, e em sua maioria norteadas pelo sentimento saudosista. Nestas comparações sempre escutava a frase “Garanhuns é a terra do teve”, ou seja, uma localidade que “teve” e não tem mais, evocando assim um tempo passado com nostalgia. Escutando sempre essa presença em conversas. Comecei a notar também, a presença de tal construção discursiva em discursos políticos, em eventos culturais, em projetos políticos o que me motivou a indagar: Se a cidade estava em um momento de crise, de declínio, de decadência, quando este iniciou? Por que os discursos constituídos sobre a cidade, enaltece tanto o tempo que passou? E neste sentido a ideia de saudade. A partir dessas indagações me vieram outras: Quais os fatos e eventos que teria iniciado tal situação? Se a cidade viveu uma época de ouro, um momento em que se “tinha” fartura, qual foi este momento? O que se tinha nesse tempo de tão diferente?

A partir dessas indagações iniciais procurei transcorrer o percurso clássico do historiador que indaga o passado para apreender o presente, porém, esta tarefa requer muitos caminhos que vão se traçando a partir da reflexão inicial apresentada.

Compreender as saudades de um tempo seria um caminho. Mas como apreender um sentimento e mais ainda de uma cidade, de um espaço demarcado. Os (des)caminhos foram alguns, até chegar a um mínimo de segurança para tentar esclarecer de forma minimamente coerente um espaço que era pensando a partir daquilo que não se pode mais alterar, as

³ O trabalho sugere um tempo fluído sempre em movimento e ao ponto de escapar. A ideia de Agreste que é uma região mesclada de características dúbias das regiões que a margeiam, portanto sempre a ponto de fuga, de escape, de ângulos de vista muitas vezes confusos e conflituosos mistura-se assim com a ideia de tempo proposta. A ideia de Agreste enquanto espaço será apresentada posteriormente no cenário-01.

⁴CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In.: **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

recordações que a cidade mantém do seu passado. Imaginei, como hipótese de trabalho, que a ideia de “viver do passado” de nostalgia, de saudades como as narrativas acerca da cidade insistiam em apresentá-la seria responsável por ideias, discursos e práticas percebidas no presente. Essas narrativas sentimentais ajudariam, nesta hipótese, a compreender como o espaço da cidade é instituído por agentes sociais que o disputam, que insistindo em representações do passado dificulta a construção do presente e do futuro. Eu habitava um espaço urbano, praticava suas narrativas e assim elas estavam inseridas no meu modo de ver, viver e sentir o mundo, em minhas experiências, de acordo com as sensibilidades por mim produzidas.

A cidade parecia buscar, através de seus agentes e com suas narrativas, manter discursos de manutenção de um passado glorioso e idealizado em que as lutas cotidianas são negligenciadas em nome da invenção de um espaço sem contradições e harmonizado. Neste sentido, a ideia de “espaço de saudade” pensando por Albuquerque Júnior⁵ em suas análises acerca da região Nordeste do Brasil, bem como a ideia de “*huzun*” – melancolia pensada pelo escritor turco Pamuk⁶ (2007) para a condição que vive a cidade de Istambul. As duas noções se inserem em Garanhuns, na hipótese em que a cidade enaltece seu passado e se apegam a ele em suas narrativas de forma a influenciar as práticas cotidianas de sua população. Assim como Istambul, descrita por Pamuk, Garanhuns é retratada como uma cidade com intensa neblina, chamada de garoa, que dificulta a visibilidade e produz um efeito de mistério, solidão e tristeza para ambas. Assim, o cenário melancólico e saudoso produz um espaço cruzado por narrativas variadas ancoradas em um tempo lento, moroso e que insiste em passar quase sem ser perceptível. Deste modo, essa forma de visualizar e pensar o espaço entra em choque com as ideias de progresso, modernização e desenvolvimento e do discurso do novo vigente no período delimitado (1937-1951).

As narrativas criadas para a cidade indicam representações fechadas que buscam construir um ambiente planejado, harmonioso, um espaço sem contrastes em que os atores sociais conviveriam em sintonia e comunhão. Estas narrativas criam imagens cristalizadas, paralisadas além do tempo, percebem como estas influenciam nas configurações da cidade de Garanhuns numa época em que se busca modernização do espaço citadino diante do discurso da ideia do “novo” proposto pelo regime varguista vigente e que será a hipótese que inicia

⁵ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

⁶PAMUK, Orhan. **Istambul: memória e cidade**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

este trabalho. Neste sentido, a proposta é desconstruir tais narrativas ao analisar como estas se inserem no cotidiano da urbe e como elas influenciam a população. As narrativas inventadas acerca da cidade servirão de guia, de fio condutor para apreensão das relações desenvolvidas na cidade. Estas narrativas compõem um panorama em que, nessa dissertação, a cidade de Garanhuns é “quase personagem” na linha de pensamento de Ricoeur⁷. Deste modo, será apresentado aspectos múltiplos das narrativas criadas para apresentar esse espaço urbano. A cidade pensada como “quase personagem” criará uma moldura que envolverá as variadas faces de uma urbe em movimento constante – a cidade pensada como “quase realidade”. Assim, pretende-se envolver aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais de um espaço que se movimenta com suas contradições, suas permanências, e descontinuidades numa narrativa múltipla costurada, ou melhor alinhavada⁸ pelas narrativas e conduzidas pela ideia da cidade como quase personagem. A proposta desta escrita será como um passeio, uma viagem em aspectos da cidade, muitas vezes vistas e compreendidas sem a mínima relação, contudo com uma análise que considera detalhes revelados na variada documentação, práticas cotidianas ganham significado na tessitura de uma narrativa polissêmica e arrematada pela intenção de pensar a partir das histórias da cidade como se configura a narrativa historiográfica

Para apreender esta temporalidade proposta, foi necessário um diálogo com autores que auxiliam a pensar as principais noções do trabalho. Paul Ricoeur⁹ abre um caminho para pensar o fazer das narrativas historiográficas. Seu modo de pensar a constituição de personagens, o fazer da narrativa considerando sua intriga, e o entendimento da construção de um tempo humano que se traduz na escrita da narrativa historiográfica, conduz esse trabalho. Suas ideias de “quase narrativa” e “quase personagem” neste trabalho, darão a moldura das narrativas múltiplas que permeiam a cidade. A cidade de Garanhuns, neste sentido é pensada como “quase personagem” e suas alcunhas como “quase narrativas”. A constituição da cidade por sua dinâmica requer o auxílio de vozes variadas; os personagens, são coadjuvantes na cidade, nosso personagem central.

⁷RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Trad. Constança Marcondes César. Campinas-SP: Papirus, 1994. _____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas-SP: Papirus, 1997.

⁸ Alinhavar, ao invés de costurar, vem da ideia de que costurar se mostra mais definitivo, fechado e bem-acabado. Enquanto que, alinhavar, traz a imagem de algo provisório, de permanência, mas também de mudança. Algo que pode ser definitivo ou não, assim uma narrativa alinhavada reflete melhor as nuances desse trabalho.

⁹RICOEUR, Paul. Op cit. 1994, 1997.

As noções de espaço, cidade, memória, primeiramente despertaram a busca por autores que melhor esclarecem estes conceitos. A partir dos três iniciais e refletindo sobre os documentos inicialmente pesquisados. Teve-se a necessidade de ampliação de leituras no anseio de apreensão de conceitos como modernidade e disciplina. Ao encontrar com essas análises, deparei-me com as ideias de práticas e representação, anti-disciplina e narrativa tornando as reflexões ainda mais complexas e a dificuldade de operar escolhas e caminhos.

Deste modo, além das discussões sobre tempo e narrativa de Ricoeur e dos debates de Certeau¹⁰ sobre as práticas cotidianas, as anti-disciplinas e a escrita da história a partir da noção de espaço como “lugar praticado” foi possível construir questões a partir dos seguintes autores e discussões: Foucault¹¹, com as noções de espaço, disciplina e discursos; Chartier¹², para a compreensão de práticas e representações; Nora¹³, Benjamim¹⁴ e Halbwachs¹⁵ nas reflexões sobre memória social; Canclini¹⁶ que sugere o pensamento híbrido.

A escolha de variada documentação é um caminho para melhor apreender aspectos múltiplos de um espaço que se movimenta, em que se projeta várias ideias e algumas transformações. Neste trabalho foram utilizados quatro tipos gerais de documentação: impressas, visuais-íconográficas, sonoras e orais, perfazendo assim, uma pluralidade de linguagem e signos para problematizar a cidade em alguns de seus aspectos.

Das fontes impressas,¹⁷ foram utilizados periódicos e Atas: oito jornais editados na cidade na época deste estudo: *Jornal A Voz de Garanhuns*, *Jornal Garanhuns Diário*, *Jornal Gazeta de Garanhuns*, *Jornal de Garanhuns*, *Jornal A Resistência* e *O Monitor* (estes tiveram

¹⁰CERTEAU, Michel de. Op. cit.,_____. A invenção do cotidiano.1. Artes de fazer. 12. ed. Trad. Ephain Ferreira Alves. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

¹¹FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Loyola, 2003. _____ “Outros espaços”. In: **Ditos e escritos V**. III: Estética: literatura, pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. _____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhe. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

¹²CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. _____. **História ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

¹³NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

¹⁴BENJAMIN, Walter. BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹⁵HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

¹⁶CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1997.

¹⁷A análise dos periódicos como fontes seguem orientações de: DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2009.

tempo de circulação e números encontrados de forma variável); as Atas do Poder Legislativo Municipal de Garanhuns (Câmara de Vereadores).

Em relação às fontes iconográficas ou visuais,¹⁸ foram usados fotografias e mapas. Dois mapas localizando a cidade no Estado de Pernambuco e outro na Região do Agreste Pernambucano. As fotografias foram reproduzidas dos periódicos pesquisados; em blogs, sites e grupos de rede sociais da cidade; dos acervos dos três educandários pesquisados; do acervo do Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti e de coleções particulares. Três músicas¹⁹ integram a documentação, sendo elas “*Onde o Nordeste garoa*” e “*Qui nem jiló*” cantada por Luiz Gonzaga²⁰ e “Frevo n.º 2”²¹ interpretada pelo Trio de Ouro. E por fim, os documentos orais, pois a cidade também foi “escutada” através de seis depoimentos. As entrevistas foram realizadas pelo autor da dissertação, com a forma de entrevista aberta²² com roteiro semiestruturado. As redes foram construídas a partir dos ex-alunos dos colégios pesquisados e também com relações pessoais. A escolha dos entrevistados partiu das indicações das seguintes redes: diretorias dos educandários, participantes de Associação de ex-alunos dos três colégios e representantes dos espaços de sociabilidade da cidade – São eles: Ivaldo Dourado, ex-aluno do Colégio Diocesano de Garanhuns, ex-censor do mesmo colégio – Médico aposentado. Ivo Tinô do Amaral, ex-aluno do Colégio Diocesano ex-prefeito de Garanhuns, ex-deputado estadual – funcionário público aposentado e comerciante (dono de emissora de rádio). Leda Cavalcanti, ex-aluna do Colégio Presbiteriano XV de Novembro – professora de educação física aposentada. Macilon Gomes Falcão – fotógrafo e comerciante. Maria do Carmo Brandão – ex-aluna do Colégio Santa Sofia – uma das fundadoras da associação das ex-alunas do colégio – dona de casa aposentada. Zilda Cordeiro de Melo – ex-

¹⁸ Para a análise das fontes visuais ou iconográficas são utilizados os autores: KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006. _____. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.151-168, dez. 2008; MAUAD, Ana M. Como nascem as imagens? um estudo de história visual. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, jul./dez., 2014. p. 105-135; MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, julho de 2003.

¹⁹ Para a interface História e Música: MORAES, José Geraldo Vinci de, SALIBA, Elias (Orgs) **História e música no Brasil**. São Paulo, Ed. Alameda, 2010; NAPOLITANO, Marcos. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Coleção História e Reflexões.

²⁰ A música foi posteriormente gravada por Dominginhos e outros artistas. Aqui a referência se faz da primeira gravação.

²¹ Esta também se trata da primeira gravação. O autor deste trabalho conheceu a música na voz da cantora Maria Bethania.

²² As fontes orais na escrita da história seguem, nesse trabalho, recomendações metodológicas de: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Uso & abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006; BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005; SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

aluna do Colégio do Colégio Presbiteriano XV de Novembro - professora e pedagoga aposentada, Luís Gonzaga de Lima – aposentado, ex-costureiro-alfaiate.

Com este *corpus* documental, leituras temáticas e teóricas, busco em Certeau²³ a percepção que a escrita tem suas matrizes próprias, e, desse modo, se define no processo - naquilo que está se escrevendo, não sendo algo dado *à priori*. A escrita neste sentido é ao mesmo tempo o final de uma pesquisa e um prática que se faz no próprio ato de escrever.

Nesse sentido, o movimento de escrita, pesquisa e leituras teórico-metodológicas deu-se num verdadeiro vai-e-vem, pois em uns momentos a documentação me apontava teorias e métodos e a leitura teórica, em outro movimento, me indicava o que, onde e por que pesquisar e qual enfoque que deveria ser dado a cada assunto selecionado uma vez que a temática das cidades engloba inúmeras possibilidades analíticas.

O recorte temporal foi sendo escolhido na prática, no fazer da pesquisa, ou seja, as questões elaboradas a partir da documentação que foram apontando aspectos de mudança e continuidade. Se escolho iniciar em 1937 é por que além de uma data com fato político, início do Estado Novo varguista, é também considerado que a partir desse momento há modificações na cidade que visam dar a ela novos aspectos em busca de uma modernização, de um novo que está em sintonia com as diretrizes do regime sediado na capital Rio de Janeiro, e com bases sólidas na capital do Estado de Pernambuco, sob o comando do Interventor Federal Agamenon Magalhães. O ponto final, ou melhor, uma pausa de inflexão, traduz outro aspecto cultural da cidade que cria para ela novos horizontes a partir das ondas do rádio que representava na época um signo de modernidade e desenvolvimento. Assim, a narrativa ancora-se em uma noite de 26 de maio 1951, em que a Rádio Difusora é inaugurada em Garanhuns. As narrativas não se limitaram a este recorte, pois, para uma melhor compreensão do recorte escolhido e das variadas temáticas propostas muitas vezes será recorrido a acontecimentos que ocorreram aquém e além do recorte proposto. Portanto, ao considerar as práticas de espaço, as narrativas e memórias inventadas para a cidade, abrem-se numa possibilidade de analisar a noção de narrativa como constituinte do fazer historiográfico.²⁴

²³CERTEAU, Op cit. 2007.

²⁴Alguns trabalhos acerca da cidade de Garanhuns foram utilizados como referência para auxiliar a pensar a urbe em suas múltiplas faces: CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**. 2. ed. Recife: FIAM-CEHM, 1997; CAVACANTI, Erinaldo Vicente. **Construções do medo: a ameaça comunista em Garanhuns – PE (1958-1964)** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2009; MORAES. Márcio Martins de. **Garanhuns sob o símbolo do sigma: o cotidiano dos integralistas**

Escolho dividir como cenário, para além de capítulo, cada parte da dissertação - por se tratar da temática das cidades como um espaço cenográfico. Assim, almeja-se levar logo de início o leitor a pensar a cidade como teatro de múltiplas apresentações e apreensões divididas em cenários. A ideia de cenário, segundo a etimologia remonta ao termo grego *skené*, o qual significava “barraca ou qualquer construção ligeira que servisse de abrigo” e também “a parte do palco onde representavam os atores”, por oposição a *thymele*, onde atuava o coro. É do termo grego que deriva a palavra latina *scena*, mantendo o mesmo significado, e é a partir desta que deriva, por sua vez, *scenarius*. Segundo o Houaiss: lugar em que decorre a ação ou parte da ação de peça, filme, telenovela, radionovela, romance etc. Este lugar de cena aqui é sugerido como o lugar das práticas, o espaço onde são desenroladas as práticas dos atores sociais auxiliando com este termo a compreensão das partes dessa dissertação como cenários de uma urbe.

No primeiro cenário se apresenta as modernizações iniciadas a partir do Governo do prefeito Celso Galvão (1937-1945). Em tal período, o espaço citadino é exposto com mudanças nos espaços físicos da cidade, visando dar a ele novos ares de civilidade e progresso. Aqui as representações “Suíça pernambucana” e “cidade das flores” e “cidade saudável” permitem a indagações de como se processa as reformas na cidade. Neste sentido, parte-se de narrativas pré-fabricadas, que no confronto com as práticas, nos faz apreender como se dar a enaltecida modernidade e suas contradições no espaço urbano.

Seguindo o caminho de apreensão de como os discursos e as práticas se imbricam para dá a ver o espaço urbano, o segundo cenário elege os espaços dos três educandários particulares da época como forma de compreensão da narrativa de Garanhuns como “cidade dos colégios”, bem como da disputa de poder entre grupos religiosos no espaço urbe, analisando-se a formação desses discursos.

Ao pensar a cidade como “educada e culta”, o terceiro cenário apresenta diversas formas de lazer e diversão. Apresenta, como práticas culturais emergem dos grupos diferenciados da população e fazem com que os mesmos se divirtam, mesmo com limites e

entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942). Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife: 2012; CRISTINO JÚNIOR, Pedro Evânio Resende. **Política, religião e educação**: relações de poder em Garanhuns (1955-1967). Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2016.

imposições das autoridades civis e religiosas, criando para si espaços de liberdade, criatividade e anti-disciplinares. Festas, cinemas, teatros, circos, saraus, práticas esportivas, rádio, ajudam a formar para a cidade narrativas de “cidade progressista”, organizada, civilizada.

Assim, a cidade é pensada como um espaço híbrido, com formações de narrativas variadas, em duelos entre faces de tradição e modernidade.

CENÁRIO I - Garanhuns, Suíça Pernambucana? A cidade e as ressonâncias dos signos de modernização

Uma cidade se constitui nos fios dos discursos que a apresentam. A cidade de Garanhuns é tecida com narrativas que produzem imagens de cidade fria, organizada, limpa, florida, educada, elegante, elaboradas com base em múltiplas percepções, situada no Agreste Pernambucano, à 230 km da capital do Estado, Recife. Por localizar-se no topo do planalto da Borborema, com altitude de 896 metros, chegando a mais de 1000 metros, Garanhuns, com esta posição geográfica, possui clima ameno, 20,6° C graus de média anual, chegando, no inverno, meses de julho e agosto, à temperatura mínima de até 10° C, mesmo estando na Região Nordeste do Brasil, representada geralmente como região de altas temperaturas e de seca. Representações criadas a partir de uma rede de imaginários que envolve aspectos políticos, econômicos e culturais ao criar tal imagem para a Região²⁵. Tais representações perduram no tempo e no espaço fazendo parte do cotidiano e das narrativas produzidas, seja na produção literária, em filmes e na imprensa acerca dessa parte do Brasil. Narrativas recorrentes se limitam a não perceber a pluralidade de espaços nordestinos e se restringe a imagens que reproduzem a síntese da Região do Sertão e da Região da Zona Mata.

O lugar do Agreste tanto pernambucano, como nordestino, costumam ficar silenciados nos discursos produzidos para a região.

²⁵ALBUQUERQUE JÚNIOR, Op cit. 2009.

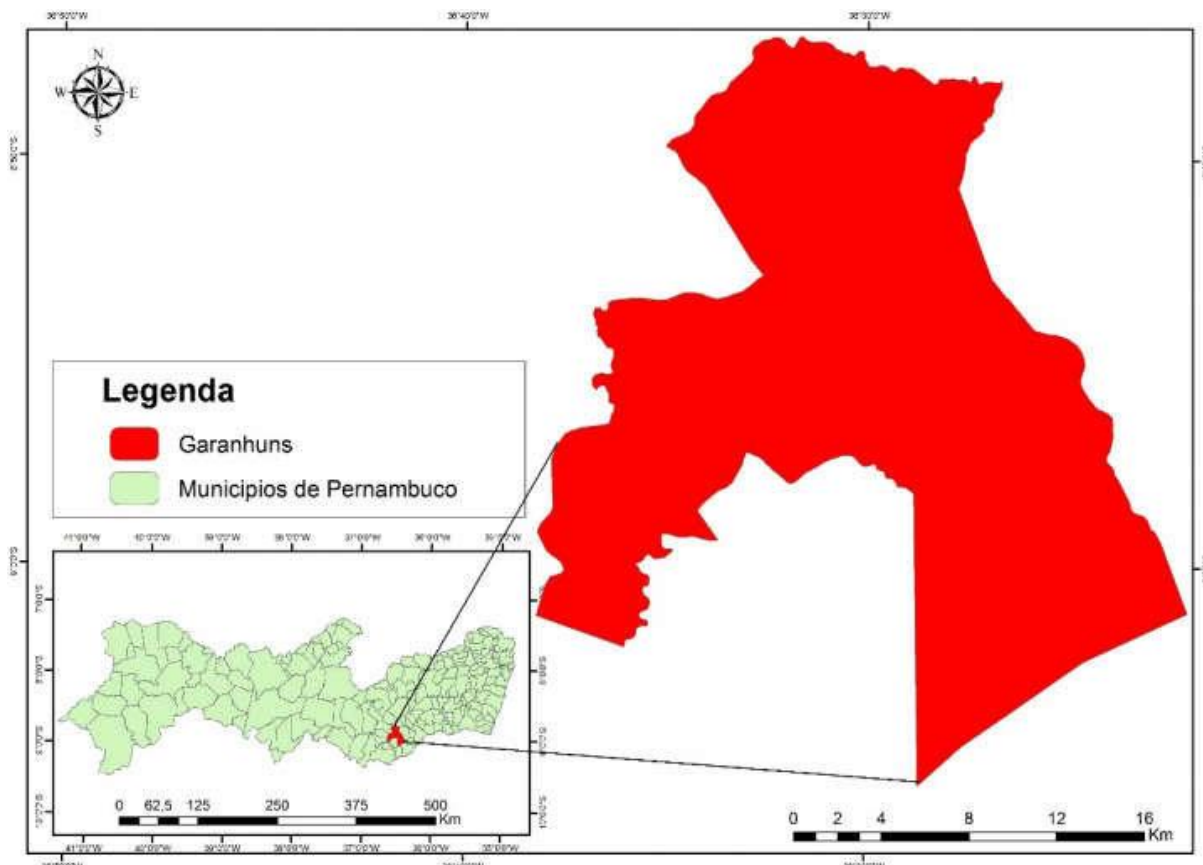


Figura 01 - Mapa do Município de Garanhuns no Estado de Pernambuco²⁶

O Agreste Nordestino é uma faixa de terras que corta desde o Estado do Rio Grande do Norte, passando pelos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Desta forma, fazendo parte da geografia de seis, dos nove estados do Nordeste. Esse espaço apresenta uma diversidade geográfica e cultural. Referente aos aspectos culturais, destaca-se nesse recorte espacial, a realização das maiores e mais famosas festas juninas do Brasil. As mais famosas e divulgadas são hoje as festas juninas de Caruaru, no Estado de Pernambuco, e Campina Grande no Estado da Paraíba. Essas duas cidades disputam qual delas realiza “o maior São João” do país. Por muito tempo, e até na atualidade, todo espaço localizado distante do litoral era chamado genericamente de sertões, portanto, há uma mescla de sentidos que confunde a especialidade do espaço denominado Agreste, dificultando sua localização e o significado de suas especificidades geográficas, econômicas e culturais.

O significado da palavra *Agreste*, que vem do latim e significa relativo aos campos silvestres, selvagem, não auxilia muito a pensar este espaço de transição entre o Sertão e a

²⁶Fonte: Mapa de localização - Garanhuns. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Garanhuns-PE_fig1_327424335. Acesso em dezembro de 2018.

Zona da Mata, uma vez que a noção de Sertão é muito próxima dessa ideia. Por ser uma região onde se mesclam aspectos geográficos e culturais das duas zonas com as quais se limitam, esta pode ser considerada uma região híbrida, porosa, apresentando aspectos próprios, como também do fruto de misturas destas duas zonas.

Para este trabalho, esta ideia de hibridez²⁷ auxilia refletir a produção da urbe constituída no espaço de exceção de imagens nordestinas, o Agreste, a partir de suas narrativas, representações, discursos e práticas, estas também híbridas, porosas, multiformes.

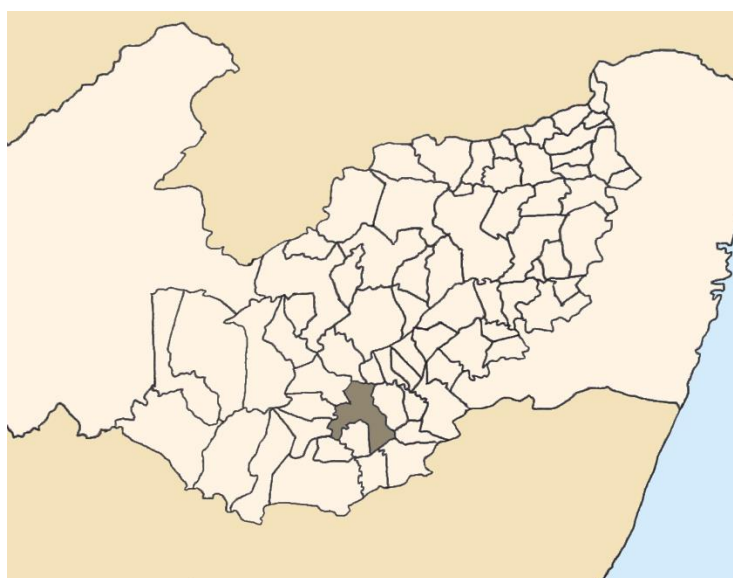


Figura 02 – Mapa do Município de Garanhuns no Agreste Pernambucano

As marcas do passado estão inscritas nas esquinas, nas ruas, nas casas, nas fotografias. Também no conjunto de memórias que constroem a cidade em suas variações discursivas. Neste sentido, o pensamento de Foucault ajuda a refletir no sentido que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”²⁸ Ou seja, pensar a cidade como um livro aberto, que pode ser lido em seus múltiplos aspectos, em face do movimento infinito da urbe, mas com o cuidado de “não tomarmos os discursos como documentos de uma verdade [...], mas como monumentos de sua construção.”²⁹

²⁷A ideia de hibridez é proposta por: CANCLINI, Op. cit. 1997.

²⁸FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Op cit. 2003. p.08

²⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz. **A invenção do Nordeste**. Op. cit. p. 35.

Contudo, é no pensamento de Paul Ricoeur e suas análises sobre tempo e narrativa, que se encontra o caminho para as análises desenvolvidas acerca da cidade de Garanhuns. Considerar as narrativas entre as dimensões de “quase realidade e quase ficção” especificamente a de “Suíça pernambucana”, numa perspectiva de compreensão das múltiplas faces do espaço urbano partindo da análise da referida narrativa.

1. 1. Garanhuns parte da Europa? A cidade e suas (re)significações espaciais e narrativas

Há uma verdadeira batalha narrativa, como sugere Portelli³⁰, no anseio de caracterizar os sentidos da cidade. Na temporalidade em análise, a cidade é chamada de “Suíça Pernambucana”. A partir desta representação, discuto como uma cidade do Agreste Pernambucano, na região Nordeste, é assim denominada. No âmbito da pesquisa me deparo com uma passagem que ajuda a pensar a construção desta ideia para a cidade “Garanhuns, pode-se dizer, é uma parte da Europa” (1811). Esta frase, que aparece na Ata da Câmara de Vereadores, traz a transcrição do requerimento do então deputado provincial, o Sr. Barão de Nazaré. Uma vez aprovado o requerimento, a Vila é então elevada à categoria de cidade em 1811³¹. É notável que esteja presente, neste documento, um perfil da cidade que adentra o século XX e chega até os dias atuais:

Garanhuns, pode-se dizer, é uma parte da Europa tirada do velho mundo e colocada em Região da Província de Pernambuco, com um clima ameno pela pureza do ar que ali se respira os seus vales, nunca perderam sementes”³²

A cidade é modificada por agentes que realizam reformas urbanísticas, o prefeito e sua equipe formada por profissionais variados: engenheiros, arquitetos, mestres-de-obras. Estes visam modificar suas ruas, praças, criar novas áreas de lazer e diversão. A cidade, nesse momento, passa por um processo de urbanização que vai moldar seu aspecto citadino, visando transformá-la numa cidade moderna, com padrões das grandes metrópoles do Brasil, como

³⁰PORTELLI, Alessandro. Op. cit.

³¹ Criado em 10 de março de 1811 a instalação se deu em 17 de dezembro de 1813 e sua cede elevada à categoria de cidade em 04 de fevereiro de 1878.

³² Trecho de transcrição de Ata da Assembleia Legislativa de Pernambuco para a Ata da Câmara de Vereadores de Garanhuns, p. 28

também, dizendo-se inspirada por cidades europeias devido a seu clima e às condições geográficas.³³

Portanto, escolho uma provocação ao abrir esta primeira parte da dissertação, para questionar a narrativa da cidade enquanto porção europeia e permitir problematizar as disputas narrativas nesse espaço. Busco compreender como discursos em disputa formam a cidade, como são dadas as diversas relações de poder que fazem emergir uma urbe múltipla: Como experimentam as modificações e reformas que transformaram os cenários citadinos, e, também, modificaram práticas e hábitos no cotidiano dos moradores.

A ideia de cidade europeia traz o sentido de sofisticação de hábitos, de atitudes que ultrapassam os aspectos meramente físicos e geográficos da cidade. Neste sentido, as novas formas de concepções do “novo”, do “moderno” que chega à cidade de Garanhuns, trazem consigo mudanças no comportamento, nos hábitos, nos costumes do cotidiano da população. Deste modo, a cidade é pensada a partir de então como centro urbano e se adapta às novas demandas e necessidades de suas novas vocações. Representada enquanto cidade dos colégios, das feiras organizadas, das ruas limpas e pavimentadas, criando para ela narrativas que a elegem como “Suíça Pernambucana”, “Cidade das Flores”, discursos homogeneizantes e idealizados. Estes discursos estão em disputa com outros que são apresentados em artigos de jornais e discussões da Câmara de Vereadores em que se elege como foco de discussão os problemas da cidade que a impediam de ser “um pedaço da Europa”, tais como a falta de saneamento, as ruas sujas, a falta de água, luz, dentre outros problemas.

Além disso, há a disputa entre os discursos de modernizar, reformar, por um lado, e o discurso de manter as coisas como estão, baseadas nos valores tradicionais, conservadores. O cenário aqui proposto emerge entre as práticas e representações que tentam apreender “A problemática do “mundo como representação” moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam”³⁴

³³ No sentido de pensar a cidade como espaço múltiplo utilizo como referências os trabalhos: SOUZA, Ana Maria de. **Relatos da cidade**. Nomadismo, territorialidades urbanas e imprensa - Cuiabá MT- Segunda Metade do século XX. Entrelinhas, EDUMT, 2007. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memórias e práticas culturais** - Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá: EDUFMT, 2006; REZENDE. Antônio Paulo de Moraes. **(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

³⁴ CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 1990. p.24.

Assim, este “mundo” surge da luta de forças, que ora dialogam ora conflitam, formando para a cidade um palco de múltiplas histórias, que dialogam e formam uma teia narrativa polifônica e labiríntica. E neste entrecruzar de vozes, silêncios, e novas formas de sentir, ver e pensar a cidade em seus diversos aspectos, que propomos adentrar pelas diversas formas de novas apropriações espaciais da cidade, como quem se perde, numa visão benjaminiana. “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde em uma floresta, requer instrução”³⁵ nas possibilidades de erros, como toda aventura humana está condicionada.

Em 1940, segundo o Censo Demográfico do IBGE, o Município de Garanhuns era maior que 11 capitais do Brasil³⁶, possuía cerca de 96.000 habitantes e sua sede, mais de 16.000³⁷ moradores. A matéria trata com entusiasmo este dado oficial: “assim Garanhuns está em condição invejável não só no Estado, como diante de capitais outras da federação”³⁸. Já em 1950, o censo demográfico aponta uma população de 101.760 no município e na sede, 20.000 habitantes.³⁹

Para compreender esta construção narrativa, escolho para este capítulo, fontes que me ajudam a perfazer o percurso desta urbe que passa por transformações dentro de um projeto de modernização. Pensar a constituição de múltiplas histórias e temáticas que emergem de notas e artigos de jornais, narrativa oral e de trechos de Atas da Câmara Municipal de Vereadores de Garanhuns. Ao se constituírem enquanto fontes, numa perspectiva da operação historiográfica⁴⁰, visando a partir de deslocamentos de lugar de produção, seja a Câmara de Vereadores, a memória individual, os jornais, construir, a partir de vestígios, o debate entre diferentes visões da cidade e fazer emergir formas de compreensão do espaço da mesma.

Assim, pensar o espaço da cidade como “relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”⁴¹. Assim, temporalidade e espacialidade que se entrelaçam numa teia discursiva em que as fontes dialogam num sentido de apreender as relações sociais e culturais que dão a urbe sua silhueta. Neste sentido, pensar que:

³⁵ BENJAMIM, Walter. **Rua de mão-única** - Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 73

³⁶ Segundo matéria do jornal *O Monitor* a população do Município de Garanhuns, baseado em dados do censo demográfico de 1940, superava 11 capitais brasileiras: João Pessoa, Maceió, São Luiz, Teresina, Aracajú, Natal, Cuiabá, Goiânia, Florianópolis e Vitória. Matéria publicada em 02 de agosto de 1941. p. 02.

³⁷ Anuário Estatístico do IBGE ano de 1940.

³⁸ Jornal *O Monitor* em 02 de agosto de 1941.

³⁹ Jornal *Garanhuns Diário* em 29 de outubro de 1950.

⁴⁰ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Op. cit. 2007.

⁴¹ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo Companhia das Letras, 1990. p.14.

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concordância, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direito à vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado, é um desejo ou um lugar-comum.⁴²

Relação de conflitos e questões insurge nas vozes, escritos e silêncios que pairam sob a cidade. Para compreender estes conflitos, recolho recortes de matérias de jornais a partir de 1937. São periódicos⁴³ que possuem uma estrutura estética parecida, de quatro a seis páginas, que trazem um universo variado de informações do Brasil e do mundo, além de informações locais. Os artigos e notas geralmente são apresentados sem identificação autoral. Os jornais, *A voz de Garanhuns*, *A Gazeta*, *Diário de Garanhuns* e *A Resistência* pertenceram a particulares, enquanto o Jornal *O Monitor* pertencia, na época, à Diocese de Garanhuns, sendo este, o que mais circulou, perfazendo toda a temporalidade pesquisada. Escolhi também a narrativa do Sr. Ivaldo Dourado, por este trazer imagens da cidade que serviram para a proposta deste capítulo. Elegi fragmentos de Atas da Câmara, no sentido de perceber como os discursos dos dirigentes da cidade sintonizavam para a constituição de uma cidade múltipla, em diálogo com os acontecimentos do Brasil e do mundo.

Há, neste sentido, uma mudança de percepção do espaço da cidade. O ar, o clima que antes era propício a produção do café, agora passa pelo deslocamento narrativo que deve, a partir dessas mudanças, servir para o turismo e para a saúde, “clima ameno pela pureza do ar que ali se respira”. A citação contida no documento da Assembleia Legislativa de Pernambuco indicava uma valorização do papel do clima para esse *locus*. As sensibilidades mudaram com o tempo, a produção dos sentidos e valores que a urbe adquiriu muda com as temporalidades. Neste sentido, respirar ar e clima propício à produção cafeeira, ganha novos significados na medida em que a cidade passa por mudanças econômicas, busca de novas vocações, e os discursos buscam construir novos significados nessa espacialidade.

A cidade passa por transformações inseridas nas diretrizes do Estado Novo de Vargas, que direcionava a política brasileira. A necessidade do novo, de renovação quer seja política, econômica, social e cultural, fazia a pauta do regime varguista. Para Capelato (2003), ao

⁴² SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo; Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG, 2007.

⁴³Segue-se sugestões metodológicas de: DE LUCA, Tânia Regina. Op. cit.

questionar no título do seu artigo *Estado Novo o que trouxe de novo?* como o novo regime usa o discurso do novo, para traçar mudanças na estrutura brasileira.

Getúlio Vargas tinha como meta principal superar o atraso e transformar o Brasil num país desenvolvido do ponto de vista econômico. O tema da modernização ganhou destaque no referido período. Uma das justificativas para o golpe era a necessidade de produzir mudanças capazes de colocar o país num patamar de progresso material que pudesse equipará-lo às nações mais prósperas do mundo.⁴⁴

A ideia de modernizar está, desta forma, nas diretrizes centrais do regime, se configurando no âmbito da cidade, uma vez que, um dos objetivos do regime ainda segundo Capelato,

A política varguista teve como objetivos principais a concretização do progresso dentro da ordem. Para atingir essa meta, tomou várias medidas para promover desenvolvimento econômico e outras tantas para estabelecer o controle social em novas bases. [...] para isso utilizou duas estratégias: a propaganda política e a repressão aos opositores.⁴⁵

O controle social passa pelo controle das ideologias políticas, e adentra o espaço da cidade, haja vista que a cidade inscreve no seu corpo o imaginário de propaganda do regime. As representações do regime são louvadas, especificamente na festa de aniversário de Getúlio, comemorado em 19 de abril:

A serenidade e a segurança do eminente Chefe de Governo Nacional na direção suprema do país é, para todos os filhos do Brasil, um motivo de conforto moral e de grande confiança. (...) Que Deus Nosso Senhor, supremo guia dos povos, continue a zelar e a proteger a nossa pátria querida, iluminando a mente do nosso Chefe Nacional, na elaboração de medidas úteis a nossa pátria e a todos e a cada um dos seus filhos”.⁴⁶

Comemorar o aniversário de Vargas seria uma forma de demonstração, ao mesmo tempo, de apreço e obediência ao presidente-ditador. Consoante com as diretrizes do regime, a ordem era garantida pelo chefe nacional, e seu culto, a partir de festas comemorativas, era instrumento necessário para controle simbólico da população, enfatizando o caráter sagrado das três instituições básicas segundo o regime: Deus, pátria, família.

⁴⁴ CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? IN.: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. vol. 02 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 119.

⁴⁵ Ibidem. p. 123

⁴⁶ Jornal *O Monitor*, 12 de outubro de 1941. p. 01. A nota aparece sem identificação da autoria.

Em nota intitulada: O dia do presidente,⁴⁷ observa-se a programação marcada com missa, sinal de ligação do regime e do seu líder com a Igreja Católica, e desfiles cívicos dos colégios, sinal de aproximação da juventude com o regime.

Nesta cidade foi observado o programa previamente traçado, havendo missa na Catedral, celebrada pelo Sr. D. Mário Villas-Boas, com o comparecimento das autoridades locais. Colégios e escolas realizaram, à tarde, uma grande passeata em que brilharam, como sempre, o Ginásio Diocesano e a Academia Santa Sofia. Diversos oradores enalteceram o homem público que hora rege os destinos do Brasil.

Em outra nota, a data é assim descrita: “o dia do aniversário natalício do presidente Getúlio Vargas é um dia de vibrações cívicas – uma data nacional”⁴⁸. É notável como a festa do aniversário do presidente é relacionada com a ideia de nação, de nacionalidade produzida pelo simbolismo de sua pessoa no comando do país.⁴⁹

A cidade passa a ser controlada, vigiada sob outras formas. Por isso, aqui, elejo como fonte, recortes de jornais da época, que retratam um percurso de controle por parte de instituições que estão em disputa dentro da aparente passividade social que se tenta criar acerca do espaço da urbe. Portanto, a produção destes discursos surge de conflitos. E nestes conflitos situa-se a tentativa de modernização da cidade e a existência de velhos padrões e formas que vão de encontro a esta proposta guia deste capítulo, de forma a compreender como diversas instituições, seja o Governo Municipal, a imprensa, a Câmara de Vereadores, a Igreja, os quais em suas formas e métodos buscam criar para a cidade ares de “civilizada”, “organizada”, “progressista”, “desenvolvida”.

Na reconfiguração da cidade, emergem novas formas de sociabilidades, de reconfigurações espaciais que os habitantes da cidade passam a sentir em seu cotidiano com as reformas: outros pontos de encontro como os cinemas, as praças, outras formas de consumo como o rádio, outros produtos trazidos com a abertura para o mercado estrangeiro, principalmente o americano. A movimentação de mercadorias na cidade é notada nos jornais pesquisados, bem como nos discursos dos entrevistados para esta pesquisa.

A cidade emerge a partir desse teatro discursivo pelas muitas disputas de espaço e poder que se travam, muitas vezes, no silêncio das falas ou entrelaçada a outras pelas notícias dos jornais da época. De um lado, a educação privilegiada dos colégios, de outro, a migração

⁴⁷ Jornal *O Monitor*, 26 de abril de 1948. p. 02. A nota traz a programação oficial das festividades que ocorrerão na cidade.

⁴⁸ Jornal *O Monitor* em 18 de abril de 1943. p. 03. Reportagem de capa, sem identificação do autor.

⁴⁹ Na edição de 8 de outubro de 1950, o jornal *O Monitor* anuncia a ampla vantagem que elegeu Getúlio nas eleições daquele ano na cidade, sinal que sua propaganda de anos atrás trouxe bons resultados.

provocada pela decadência da sua principal cultura agrícola, o café, que tirou homens e mulheres do campo e os levaram para a cidade sem meios de sobrevivência e sem instrução para melhores condições de vida no espaço urbano da cidade.

No início do período em análise, final da década de 1930, a cidade vivia ainda em torno do café, como desde o século XIX, atingindo seu auge nas décadas de 30 e 40 do século XX, a cultura cafeeira sustentando a economia do Município. O tempo do café é retratado como da abundância, emitindo signos de fartura e de prosperidade referencial de riqueza para esta área de Pernambuco.⁵⁰ A importância do produto para a cidade é tamanha que a cultura do café conta com uma cooperativa de cafeicultores que se organizava para tentar se proteger de possíveis crises e controlar preços e condições de seu produto.

O jornal *A Voz de Garanhuns* noticiava a manutenção do café como principal cultura, apesar das constantes crises, numa nota intitulada *Principal Cultura*:

O café é nossa cultura mais importante. Como fiz ver em relatório, esta cultura vem sofrendo certo retardamento. A razão disso é a pequena verba destinada ao serviço de campo. O que esta chefia tem feito é sob a mais rigorosa economia. Mesmo assim, porém em 1952 conseguimos superar em 100% a produção do ano anterior⁵¹

A matéria trata de relatório apresentado pela associação dos cafeicultores que traz a temática da superação das dificuldades de produção apesar da crise do café iniciada na década de 1930. Nota-se que, mesmo com a crise iniciada nos anos de 1930, o café ainda está presente na economia da cidade e da região. Ao final do recorte temporal, início dos anos 1950, encontra-se matérias relacionadas a associações de cafeicultores que tentam resistir as crises sucessivas e continuar com a produção do produto. Portanto, há uma produção discursiva em torno de manter a situação sob controle como forma de afirmar o café como base econômica da cidade e de parte da região.

Porém, em nota do jornal *O Monitor*⁵², a queda do preço do café nos mercados e complicações com a safra, denota uma situação difícil que afetou toda a economia e influenciou no cotidiano da cidade. Num artigo do mesmo jornal do ano de 1954⁵³, esta

⁵⁰ Segundo dados do Livro *A história de Garanhuns* de Alfredo Leite Cavalcanti. O autor faleceu em 27 de dezembro de 1976 aos 85 anos. Foi um memorialista, músico, estudioso do município e também vereador (PSD). Segundo as fontes era um grande incentivador de eventos e da cultura local como um todo. O centro cultural de Garanhuns – inaugurado no prédio da antiga estação ferroviária desativada em 1971. Na gestão do prefeito Luiz Souto Dourado, o prédio da estação passou por obra de reforma, passando a sediar um Centro Cultural inaugurado em 27 de março de 1971 e posteriormente denominado.

⁵¹ Jornal *A Voz de Garanhuns* em 04 de janeiro de 1953. Nota sem identificação autoral.

⁵² Jornal *O Monitor* de 05 de julho de 1942.

⁵³ Jornal *O Monitor* de 17 de abril de 1954.

situação atinge seu ponto crítico com a política de erradicação do café pelo Instituto Brasileiro do Café – IBC.

O café havia impulsionado a economia da cidade e municípios vizinhos desde o século XIX⁵⁴. Tanto é, que a implantação da linha férrea, em 1887⁵⁵, ainda no Regime Imperial Brasileiro, representava a importância da cidade como referência da expansão do café. O trem serviria para escoar o café do município. Simbolizava não somente o desenvolvimento referente ao transporte, também como o contato de uma sociedade que se modernizava, usufruindo do maior símbolo de civilidade da época: as locomotivas. Pelos trilhos, não só circulava o café, mas também era o veículo para a entrada de novas ideias, debates, circulação de bens e mercadorias que movimentavam a cidade, seus habitantes e visitantes.

A Estação Ferroviária de Garanhuns era o último destino da linha que vinha do Recife. O projeto inicial era ligar Recife ao Rio São Francisco, e assim integrar os sertões ao mar, no intercâmbio de riquezas e culturas, que alçariam outras regiões do Brasil e do mundo. Contudo, o projeto original nunca chegou a ser concluído e os dormentes apenas alcançaram Garanhuns.

O prédio da estação (figura 01) foi construído com arquitetura inglesa sinal da dominação do Reino Unido da Grã-Bretanha como potência mundial e que tinha nas locomotivas um de seus emblemas de desenvolvimento e progresso.



Figura 03 – Estação Ferroviária de Garanhuns no início do século XX. Sem data exata. Acervo do centro Cultural de Garanhuns

⁵⁴O Município de Garanhuns, segundo várias fontes, era o maior produtor de café do Estado de Pernambuco.

⁵⁵A ferrovia foi desativada em 1971 devido a mudanças nas políticas de transportes no Brasil.

Na perspectiva de pensar a cidade em torno da estação⁵⁶, procura-se vislumbrar este movimento temporal, no século XIX, tentando compreender as práticas que fazem da cidade uma referência no espaço sul do Agreste de Pernambuco. As narrativas emolduram a singularidade de seu clima, as plantações em larga escala do café, as festas que faziam da cidade um centro propagador de ideias, de civilidade, de educação, de modernidade. Deste modo, o trem, símbolo de progresso, é retratado em memórias como no relato do Sr. Ivaldo Dourado⁵⁷:

Recordações do trem? Tenho muitas. Da rotunda que existia defronte a rotunda, era uma roda que girava quando foi construída a estrada de ferro em Garanhuns. Parou em Garanhuns, mas o projeto inicial era ir até Paulo Afonso, mas faltou dinheiro naquela época (década de 80 do século XIX) já faltava dinheiro...então ficou aqui. Existia esta rotunda, era uma escavação rotular onde tinha uma ponte giratória que chegava o trem do Recife e lá descarrilava e já estava de volta a Recife. Ele saía de manhã do Recife e chegava aqui a noite também existia ... uma bifurcação que ia uma parte para Maceió e outra para Garanhuns. Agora as relações de amizade que nós tínhamos dos colégios aqui era a amizade do pessoal da beira da estrada. Era sim! O pessoal preferia o clima de Garanhuns ao do Recife. Nós tínhamos colegas de Maceió e de várias cidades pelas quais o trem passava. A regularidade de informações que recebíamos da capital e o abastecimento de Garanhuns que é muito melhor do que hoje com estradas, aviões, helicópteros. Sabe por que? Você não encontrava mendicância na cidade. Agora você me pergunta, por que não tinha mendicância? É fácil responder comprava um baú e levava frutas e verduras. Ele ia pra Maceió já tinha a freguesia dele esperando, trazendo peixes, mariscos, sururu, fazia um percurso, no mesmo dia ele ia e trazia aquilo tudo quando chegava na estação *Great West* a garotada já estava esperando, estava feito o negócio. Todo mundo ganhava o dinheiro, não faltava emprego para ninguém não e além disso revistas, jornais, notícias chegava a partir do trem, mas não somente isso. Existia o trem de carga e o trem de passageiros, existia o cargo restaurante, existia o telegrafista que morava no primeiro andar. Estava ali a toda hora para estar recebendo mensagem e emitindo. O pessoal quando visitava Garanhuns descia as escadarias...e a primeira imagem que tinham era da Praça Dom Moura do casario antigo da Rua Dantas Barreto...

Na narrativa é possível observar algumas representações da cidade como cidade bela, organizada, bem abastecida, sem pobres ou maiores diferenças sociais, algo que faz parte de uma produção de discursos em disputa, visto que notas de jornais e discursos na Câmara mostram a presença de pobreza e miséria na cidade. A narrativa tenta criar para a cidade um “tempo de ouro” onde tudo corria em perfeita harmonia, ajudando a constituir para a cidade as representações de cidade idealizada e progressista.

⁵⁶ Em referência as relações sociais criadas a partir da estação ferroviária ver: MAIA, Andréa Casa Nova, e ARRUDA, R. P. **Nos Trilhos do Tempo**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2003; MAIA, Andrea Casa Nova. **Encontros e Despedidas** – História de Ferrovias e Ferroviários de Minas. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

⁵⁷ Entrevista concedida ao pesquisador. Sr. Ivaldo Dourado era médico muito conhecido na cidade. Várias pessoas apontaram o apontaram como entrevistado devido a intensa participação na vida da cidade e possuir uma memória primorosa em relação aos acontecimentos que o mesmo testemunhou nas mudanças de Garanhuns. Realizada no bairro de Heliópolis em Garanhuns no dia 12 de maio de 2010 das 14h às 15h - gravador digital.

Contudo, não apenas signos da riqueza do café, como também se busca percorrer os espaços daqueles que são vistos na dimensão da pobreza, na cidade e no campo, grupos sociais que viviam à margem da educação e dos signos de riqueza, permeando as narrativas da cidade. Estes discursos surgem quando em notas de jornais aparecem que no espaço citadino disputa com mendigos e pobres da cidade cria um clima de medo e instabilidade. Num artigo intitulado “Problemas da Cidade” lê-se:

Bandos de menores abandonados invadem as nossas ruas – Turismo e desenvolvimento não dispensam atenção aos nossos problemas de base – É necessário alertar os poderes públicos e os católicos.

Com orgulho mostramos os sinais de nosso desenvolvimento, os melhoramentos urbanos, nossos cinemas, jardins, construções, etc. sem deixar de sentir um certo mal-estar, entretanto, em vista daquelas coisas que não são para ser vistas, mas que infelizmente, mais aparecem: o desajustamento social de um grande número de garanhuenses. Em outras palavras, os bandos de pedintes de famílias miseráveis, as levas de menores abandonados e famintos. Para começar, quem vem do Recife, não pode deixar de sentir-se extremamente chocado com os pobres mocambos a contrastarem com a suntuosidade do Grande Hotel cujo terreno eles imaginam.⁵⁸

São “daquelas coisas que não são para ser vistas”. É assim que é apresentada a condição da miséria de boa parte da população que não deve ser vista pelas elites, pelos turistas que visitam a cidade. Há uma intenção subjacente de silenciar a condição de miséria em que vive boa parte da população da cidade. Sinal disso, é que durante a pesquisa, encontrou-se poucas notas acerca do problema da pobreza, da presença de miseráveis e pedintes nas ruas da cidade. Este silenciar remete a produção discursiva da cidade idealizada, “parte da Europa”, “civilizada”, “organizada”

Em manchete de capa é afirmado: “Que todos os corações generosos e bem formados atendam o apelo aos pobres da cidade, que ora sofrem os rigores da estação invernos nas montanhas de Garanhuns”. O jornal da Diocese, *O Monitor*, em 16 de junho de 1941, pede pelos pobres da cidade. A cidade vista como cenário de belezas naturais e equilíbrio social. Inserido na produção de narrativas que a elegem como espaço naturalizado, idealizado, de prosperidade, progresso e modernização. É necessário quebrar e desnaturalizar esses discursos a partir dos silêncios e fios que emergem de notas como as já mencionadas, assim como as memórias cristalizadas, que se procura compreender como a cidade se faz a partir do duelo de forças, de lutas de poder, de lutas por discursos unificados, que tentam homogeneizá-la como espaço fechado e sem modificações.

⁵⁸ Jornal *O Monitor* de 22 de novembro de 1950. p.01 a página é apresentada na capa com destaque sem identificação de autoria da matéria. Grifo do autor.

O espaço sob o controle das elites e intelectuais da época que tentam criar para a cidade ares de nobreza, riqueza e civilização. Não obstante, fica difícil conseguir esconder as notícias da pobreza da cidade como em mais uma matéria de capa sob o título de: “A miséria e a fome perambulam pela cidade: 2.163 flagelados atendidos pela prefeitura”,

Garanhuns como outras cidades calcinadas pela seca não podia fugir a regra. Assistiu o desfile do flagelo e da amargura, quando a poucos dias levas de família cortaram suas ruas em demanda do Paço Municipal em busca de alimento e trabalho. Indiscutivelmente a miséria e a fome perambulam pelas ruas. O quadro foi terrivelmente dramático.⁵⁹

A matéria apresenta o drama que se dá aos flagelados pela seca de forma a causar impacto aos leitores, apresenta-se como quadro dramático como se fosse algo que nunca tinha acontecido na cidade. Os habitantes, políticos e intelectuais sempre exaltaram a fartura de águas no município. As fontes de águas minerais, são apontadas em matérias de jornais, como uma das melhores do norte e nordeste. Assim, também se projeta a construção de hidroelétrica própria, como se verá adiante. A presença de flagelados da seca sugere uma brecha na narrativa de “cidade das águas”. A seca, que se verifica com certa constância na região é geralmente silenciada nas fontes pesquisadas, com exceção da citação acima.

A presença de pobres e piores condições para a sociedade neste espaço está ligada à crise do café iniciada desde a crise mundial, em 1929, com a quebra da bolsa de Nova York que atingiu o Brasil, ao ter no café seu principal produto de exportação. As cidades produtoras também foram alteradas pela crise e depois pela política de erradicação do produto a partir da queima promovida pelo Governo Vargas.⁶⁰ Garanhuns se viu alterada, uma vez que era da riqueza do chamado *ouro verde* que girava sua economia e riqueza. As mudanças começaram a ocorrer, seus impactos se darão nos anos posteriores e representarão a mudança pela qual a cidade passa em seu cotidiano. O relato do Sr. Ivaldo Dourado mostra alguns detalhes do impacto da crise do café para a cidade:

⁵⁹ Jornal a Voz de Garanhuns em 15 de abril de 1953, p. 01.

⁶⁰ Para uma compreensão do período foram utilizadas as seguintes obras: ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas, 2001; CAPELATO, Maria Helena. Op. cit. 2003; DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário**: Imaginário Político no Brasil dos Anos 30. Rio de Janeiro - RJ / Belo Horizonte MG, Ed. UFMG/UFRJ, 1997; FERREIRA, Jorge. **Trabalhadores do Brasil**: o imaginário popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997; NETO, Lira. **Getúlio**: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930) São Paulo: Companhia da letras, 2012. _____. **Getúlio**: Do governo Provisório à ditadura do Estado Novo. (1930-1945). São Paulo: Companhia das Letras, 2013; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais de modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In.: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. vol. 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Eu vou lhe dizer: do ponto de vista econômico, a erradicação do café da região representou o fim de um ciclo de prosperidade. Você perceberá claramente isso se você olhar a partir do Centro Cultural as casas do outro lado. Você vai encontrar umas ruínas ainda, ao lado do [atual prédio do] INSS, onde funcionou um negócio de artesanato. Casa dos Moreiras sabe o que isso significa: a fase áurea do café em Garanhuns... foi até 34, 35. Porque quem destruiu o café em Garanhuns foi Getúlio Vargas, um dos maiores estadistas que o Brasil já teve, mas, numa reforma que ele andou fazendo, a erradicação do café serviu até como estímulo a desonestidade, que ao invés de erradicar café erradicavam estas frutinhas: jurubeba, neste trecho que você vai até chegar Brejão [município vizinho a Garanhuns que na nesta época era vila deste município responsável por boa parte da produção de café] até chegar Terezinha que tem pequeninos sítios que foram vendidos por tostões pra erradicar o café que nunca existiu, existia jurubeba, comprava por um preço mínimo o agrônomo saía daqui dos bancos que existiam comia propina, fazia um relatório dizia tantos hectares de café, erradicava jurubeba e dinheiro no bolso, feito isso o que foi que ele fez, ele veio pra cidade e o matutinho que vendeu a gleba ficou sem eira nem beira. Veja só há um outro fato também lá em Brejão que foi considerado o melhor distrito de Garanhuns era o grande produtor de café, José Custódio das Neves. Teve uma temporada aqui em Garanhuns que ele fundou um sindicato dos cafeicultores eu me recordo que um dia entrei, vi um diploma... Eu não sei dizer se isso era de qual cidade italiana oferecendo a Garanhuns, que Garanhuns produzia o melhor café do mundo quer dizer houve uma época áurea economicamente de Garanhuns⁶¹.

O relato narra um momento de ruptura de uma época econômica e de prosperidade da cidade. O entrevistado localiza como sendo o período de apogeu deste produto na cidade, o início da década de trinta. O café continua importante para a economia da região, em situação difícil, embora resista, chegando ainda com fôlego até meados da década de 1950.

Todavia a cidade está em crise. E esta gesta novas sensibilidades a fim de adquirir novas vocações para sobrevivência da população e da própria identidade da cidade. Novos tempos trazem novos valores, e novas formas de sentir e viver a cidade sob outros ventos, advindos da crescente onda de urbanização e modificações socioculturais.⁶²

Garanhuns busca então novas vocações a partir desse quadro, construindo um discurso turístico incentivo à produção industrial, desenvolvimento do comércio, criação de feiras, divulgação da vocação estudantil da cidade. São alternativas para fazer a cidade realizar sua travessia para a modernização, de forma a encontrar novas vocações dentro de suas potencialidades, sejam climáticas, ou mesmo, construídos pelos discursos que são disputados na urbe.

As transformações urbanísticas iniciadas nos fins da década de 1930, sinalizam a cidade com novidades e transformações que procuram apresentar Garanhuns, com aspectos de

⁶¹ Entrevista realizada pelo pesquisador, no bairro de Heliópolis em Garanhuns em maio de 2010 - gravador digital.

⁶² OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais de modernidade da Era Vargas. Op. cit. 2003.

cidade grande, emitindo signos de civilização e progresso. As reformas realizadas durante a administração do prefeito Celso Galvão, a partir de 1937, em sua primeira gestão⁶³, seguem este modelo. Este fora indicado pelo então Interventor do Estado de Pernambuco, Agamenon Magalhães, envolve a construção de uma nova sede para a prefeitura, do aeroclube, de pavimentação de ruas, de reformas de praças, reforma na central de abastecimento de água e serviço de luz e de um hospital. Tais propostas movimentaram a cidade. A administração do prefeito é reverenciada em nota

Que está fazendo hoje em Garanhuns não é obra efêmera, de emergência, passível de ser hoje, amanhã ou depois modificada; é obra duradoura que resistirá ao tempo evidenciando mais uma vez a capacidade construtiva da administração que vem realizando o Sr. Dr. Celso Galvão.⁶⁴

O viajante denominado Lins e Silva, morador do Recife e que visita Garanhuns a convite do Prefeito Celso Galvão ressaltava em texto publicado no *Jornal O Monitor*⁶⁵, melhoramentos na cidade. Especialmente a construção, em fase de acabamento, do Prédio da Prefeitura (figura 04) que segundo o visitante apresenta “majestoso estilo moderno e com seu *carrilhão* oficial para dizer as horas à cidade”, chama a atenção também do prédio possuir estrutura para receber futuros visitantes ilustres em suas dependências.

⁶³ O Senhor Galvão esteve a frente da administração da municipal de Garanhuns em duas oportunidades a primeira de 1937-1945 e a segunda em 1951 – 1955 (por voto popular com a redemocratização do país com o fim do Estado Novo). Ele era natural de Garanhuns de família envolvida na política, seu pai tinha sido sub-prefeito, formado odontólogo no Rio de Janeiro, pertencia ao PTB, partido do presidente Getúlio Vargas. No primeiro mandato foi eleito para o Município de Caruaru e apontado para governar Garanhuns pelo Interventor do Estado de Pernambuco, Agamenon Magalhães com a implantação do Estado Novo varguista. Foi antes administrador da cidade de Caruaru – PE por duas oportunidades.

⁶⁴ *Jornal O Monitor* em 23 de novembro de 1941. p. 01. Reportagem de capa intitulada: Obra duradoura.

⁶⁵ *Jornal O Monitor* em 28 de março de 1943. Texto contido na capa do jornal.

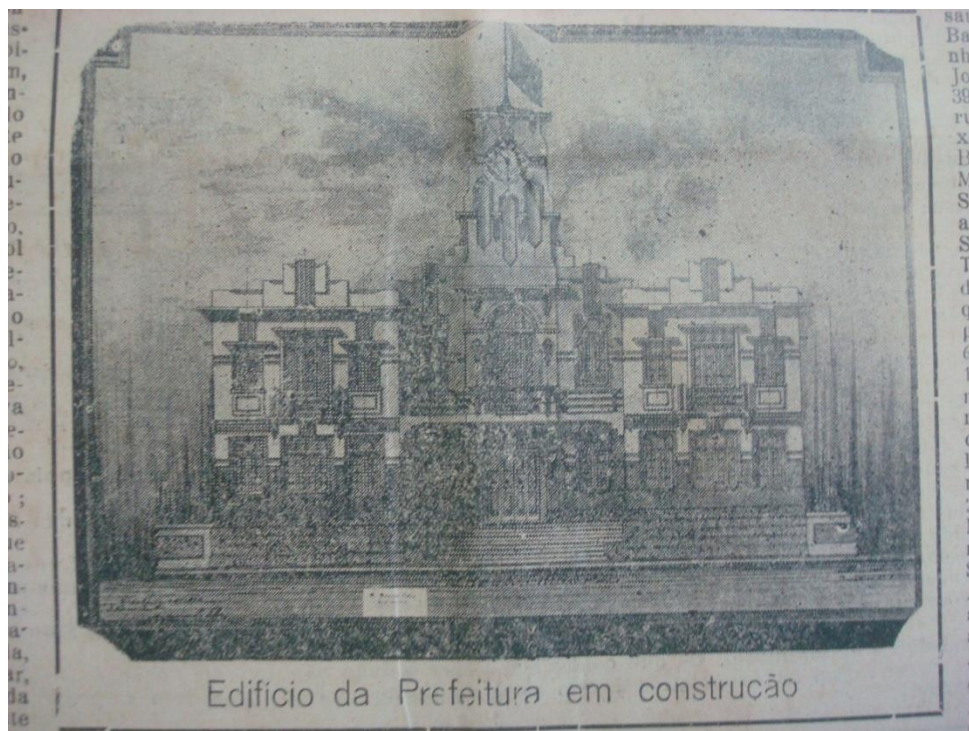


Figura 04 – Projeto do Prédio da Prefeitura - Jornal *O Monitor* em 03 de abril de 1942

O carrilhão presente no texto, tratava-se de um grande relógio instalado no último pavimento do referido prédio, o qual foi projetado para apresentar a prosperidade e modernidade da cidade. O relógio⁶⁶ que muito simbolizaria para os moradores da cidade, pois o mesmo marcaria não somente as horas do cotidiano na principal artéria da cidade, Avenida Santo Antônio, mas também era por ele que se marcava o início do ano novo onde moradores uniam-se na realização de festejos em frente ao prédio da prefeitura, onde ainda se realizavam outras festas e cerimônias oficiais. Assim, o relógio ganha a simbologia de marcar a vida e histórias das pessoas, representando em suas memórias a alusão de marca de alguma data importante, de um novo ano.

Assim o relógio, como signo do tempo, emerge na cidade que busca um novo tempo. Iniciar uma nova fase de desenvolvimento e progresso a partir de novas vocações. Inaugurar novos tempos, ritualizar inícios faz parte da simbologia típica da modernidade. Insere-se assim a presença do marcador das horas “carrilhão” que marca a cadência do movimento do

⁶⁶Em 1979 é instalado na cidade um outro relógio em uma de suas principais praças, o relógio de flores, com os números feitos de flores, possuindo quatro metros de diâmetro e maquinaria comprada na Suíça. Deste quando foi inaugurado é um dos principais cartões postais da cidade e ponto turístico dos mais visitados. Há, portanto, uma simbiose de identidade simbólica entre os relógios e Garanhuns.

tempo cada vez mais acelerado com as mudanças tecnológicas, sociais e culturais que o mundo estava passando. Embora de forma sutil insere-se no discurso do regime do Estado Novo vigente, do qual o prefeito era o representante local.

Como referência para a cidade, esta administração se relaciona a ideais de realizações e eficiências, ligado ao progresso e ao desenvolvimento. Em discurso de inauguração das obras, o prefeito dizia:

Encarei o problema de pavimentação de algumas de suas principais artérias, como sendo o de mais urgência e procurei resolvê-lo. Era preciso mudar o aspecto antiquado de algumas ruas e dotá-los de feição moderna e higiênica, tornando-a também mais aprazíveis algumas de suas praças. Isto foi feito.⁶⁷

A ideia de modernizar e higienizar a cidade é notável na nota que se insere no discurso de renovação do espaço como forma de atender a novas perspectivas de uma cidade grande, organizada e próspera. Como acontece em várias cidades do país, a necessidade de construções e reformas emerge no diálogo com o processo de mudanças políticas que o país atravessava a partir da instalação do Estado Novo, como se percebe, também, em nota sobre a instalação do hospital: “Aguardemos ansiosos instalação desse grande melhoramento de necessidade inadiável em uma cidade grande para onde também afluem muitos doentes das cidades vizinhas”⁶⁸

Como representação de “cidade da saúde” enfatiza a construção do hospital e ganha notoriedade na imprensa local. Perfaz a representação da cidade sadia, propícia a tratamento de males. Em 20 de fevereiro de 1941, o mesmo jornal notícia mais uma reunião na qual é decidido detalhes da construção do hospital, a mesma acontece no palácio episcopal e, numa referência à influência entre Igreja Católica e Estado, fica decidido que o hospital receberá o nome de “Dom Moura”, em homenagem ao primeiro bispo da Diocese. O governo pensa em trazer para o hospital as irmãs da Imaculada Conceição, para sua administração. Em nota intitulada “melhoramentos da cidade”⁶⁹ a construção do hospital é tida como marco da administração municipal em sintonia com o interventor do Estado e mostra, além das obras de construção, o hospital como referência para o desenvolvimento da cidade. Cidade e saúde. Eis uma narrativa mais uma vez associada ao progresso da cidade como vestígio de “civilidade” e “modernização”.

⁶⁷ Transcrito em panfleto de divulgação das obras do Prefeito discurso publicado no Jornal *Folha da Manhã* em 09 de junho de 1943.p. 04.

⁶⁸ Jornal *O Monitor* em 29 de setembro de 1940. p. 01. Reportagem na capa sem identificação de autoria.

⁶⁹ Jornal *O Monitor* em 19 de outubro de 1941. p. 04. Nota sem identificação autoral.

Além da construção do novo prédio da Prefeitura, as melhorias alcançam reformas nas ruas, calçamentos, arborização, necessidade de sinalização, de controle de trânsito... Sintomas de modernização que a cidade vive em suas experiências cotidianas. Na edição do *Jornal O Monitor* de 05 de abril de 1942, é dedicada duas páginas inteiras do periódico para a propaganda das reformas que estão sendo realizadas pela Prefeitura na administração do prefeito Celso Galvão. A reportagem-anúncio é assinada pelo famoso jornalista e escritor recifense Mário Sette, o que sinaliza um cuidado especial na elaboração da matéria, a qual recebe o título: *Realizações do Quadriênio Celso Galvão na Prefeitura Municipal de Garanhuns - Garanhuns de ontem e de hoje. Confronto fotográfico das avenidas, ruas e praças antes e depois dos melhoramentos realizados pelo prefeito Celso Galvão*.

Em primeiro lugar considero que existe uma divulgação de obras de melhoramentos e construções na cidade em que o novo é sempre colocado ao lado do velho. Ou seja, fotos de como ruas e praças estavam no presente e fotos de como as mesmas estavam antes da intervenção do Governo Municipal. Neste sentido a ideia do “novo” atravessa a narrativa fotográfica, bem como os textos que acompanham a reportagem-propaganda. Divulgar o “novo” através de imagens seria uma estratégia de atingir o maior número de pessoas, visto que a cidade na época apresentava grande número de analfabetos. Esta foi minha primeira hipótese. Com uma melhor acuidade, pensar que registrar as mudanças também estaria ligada a uma ideia de que a partir daquele momento a cidade seria uma “nova cidade”, o passado seria esquecido, e as novas relações de poder seriam legitimadas e visualizadas, através de construções e reformas, antecipadas em seu conjunto, nas fotografias divulgadas no jornal. Outro aspecto que pode e deve ser considerado, é que como informo acima, o jornal no qual foram divulgadas as fotos, pertencia a Diocese. Tal condição reflete as relações estreitas em que a Igreja Católica local está envolvida com a administração municipal. Diante destas averiguações e com leituras acerca do momento histórico pesquisado, percebo que as fotografias da propaganda estão inseridas num contexto mais amplo. Seja a nível do Estado de Pernambuco, seja em relação ao Governo Federal instalado no Rio de Janeiro, como se pode visualizar a seguir:



Figura 05 – Foto da Avenida Santo Antônio – principal da cidade na época, antes de obras realizadas. Jornal *O Monitor* de 03 de abril de 1942.



Figura 06 – A mesma Avenida Santo Antônio – depois das reformas. Na mesma matéria de jornal da figura anterior.



Figura 07 – Outro ângulo da avenida da Avenida Santo Antônio. Foto antes de reformas



Figura 08 – mesmo trecho da referida avenida após obras de pavimentação.



Figura 09 – Rua Dom José. Uma das principais do centro da cidade, na época residência das elites de Garanhuns. Foto antes de reformas. No mesmo periódico.

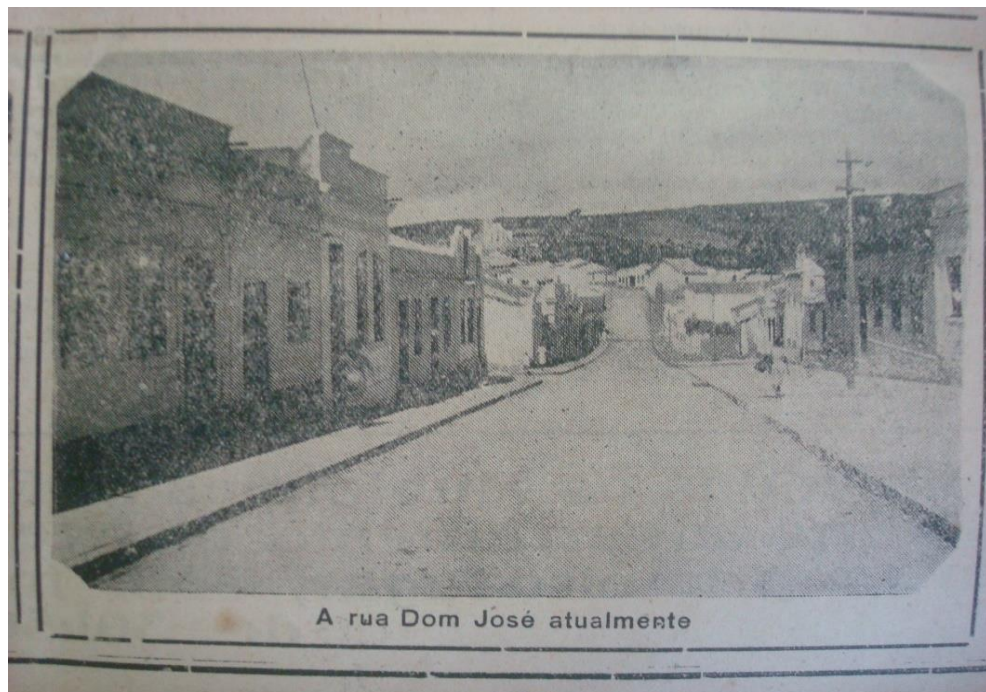


Figura 10 – a mesma rua agora depois das reformas realizadas. Foto do mesmo jornal.



Figura 11 – Praça da Boa Vista – Bairro localizado ao lado do Centro – foto do mesmo periódico mostrando o antes e depois das reformas realizadas.

O confronto entre o novo e velho, no título do anúncio apresentado como “confronto fotográfico”, entre o como estava a cidade antes e como esta se encontrava após os melhoramentos realizados é signo de como a propaganda é utilizada para enaltecer o desenvolvimento da urbe, sua higienização, e sua modernização inserindo-se no discurso do Estado Novo vigente.

O Estado de Pernambuco estava sob a Intervenção de Agamenon Magalhães. Sua intervenção estava nas diretrizes do Estado Novo conduzido por Getúlio Vargas, a partir de 1937. Segundo Almeida⁷⁰, os procedimentos do governador-interventor, serviu de modelo para outros interventores em outros estados do Brasil, pois o mesmo seguiria à risca os comandos do governo sediado no Rio de Janeiro. Agamenon tinha sido ministro da justiça e pessoa de muita confiança de Vargas, o que teria gabaritado sua celebrada atuação junto ao Governo de Pernambuco. Principalmente em pautas acerca do controle e vigilância que caracterizava o regime vigente. Diversas fontes informam que o Interventor se utilizava da imprensa escrita, do rádio e de panfletos, para divulgar suas ações num período em que a imprensa estava sob censura. O uso constate de fotografias dos feitos do governo estadual, principalmente no tocante a realizações de construções e obras de modificações da cidade do Recife e de todo o estado, é relevante no sentido que esta administração enfoca a visualidade

⁷⁰Discussão presente em: ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. Op. cit.

de novidades que está sendo promovida pelo executivo estadual, bem como os feitos do Governo Federal no âmbito do estado.

Na mesma linha discursiva de visualidade do novo, a criação de um novo bairro, Heliópolis⁷¹ (também conhecido como Arraial), bairro projetado atendendo às novas concepções de cidade moderna, já com uma grande avenida⁷², ruas em linhas retas, quadras marcadas e medidas na busca de harmonia entre as mesmas, canteiros entre as ruas, estas pensadas para a circulação de carros, mais largas em comparação às já existentes na cidade, incentivo à construção de casas modernas e elegantes com imitação de estilos europeus, o bairro deveria atender às necessidades de quem nele morasse com serviços próprios. O início da construção do bairro, em 1946⁷³, representa uma modificação da cidade no sentido de concepção de espaço, uma vez que o bairro irá se tornar o maior em tamanho e população e irá atrair as elites locais com residências modernas, que dão à cidade ares de elegância e sofisticação, vistos assim em desenvolvimento até os dias atuais.

Entre os melhoramentos do espaço urbano é construído o Parque Pau-pombo (Figura 09), planejado para parte da população, como se percebe em nota, o jornal destaca para quem é pensado o parque: “para ginasianos, devidamente fardados, evitando-se a afluência de meninos desocupados”⁷⁴. Pode-se verificar, neste caso, como a nota remete para o controle do espaço público por parte das autoridades, no sentido de distinguir quem deve frequentar certos espaços ou não. Segundo notas do mesmo jornal, são incrementados os serviços de água e luz que eram também sediados no parque. Na imagem selecionada aparece a entrada do parque e duas crianças. Sugere-se uma relação das duas funções do parque sede da companhia de água e luz da cidade e também uma área de lazer saudável até para crianças.

⁷¹O próprio nome do bairro que significa “cidade de Hélio” – o deus sol na mitologia romana, denota uma mudança em relação a criação de um novo bairro e um nome pagão numa cidade ligada a religiões cristãs.

⁷²Na época de sua abertura foi denominada estrada para o Monte Sinai (uma das colinas da cidade). Depois mudou para Avenida Rui Barbosa em data não localizada possivelmente em meados dos anos 60 do século XX.

⁷³Há informações que na época para adquirir um terreno no novo bairro bastaria realizar uma petição diretamente ao prefeito. Todavia há informações de que eram beneficiadas pessoas de ligação direta com o prefeito, com sua família ou algum vereador que apoiava o prefeito. Portanto a simples petição a prefeitura seria mera propaganda política.

⁷⁴Jornal *O Monitor* em 25 de dezembro de 1942. p. 01. Nota sem identificação autoral



Figura 12 – Sede dos serviços de água e luz e também parque pau-pombo

Neste mesmo projeto modernizador da urbe, há uma produção imagética discursiva que inventa para a cidade uma vocação turística. Para tanto são colocadas propostas e iniciativas por parte, principalmente, do poder público para realização de obras, incentivo de construções de hotéis, ou seja, propunha o aproveitamento de suas qualidades climáticas para o desenvolvimento do turismo enquanto atividade econômica ligada ao progresso e modernização da cidade.

Garanhuns com seu futuro Grande Hotel, com as estradas, como das que a ligam a outras cidades do Estado e da Região, o seu clima considerado como um dos melhores do mundo, não pode fugir aos seus destinos de grande centro de turismo e repouso, ao qual não deixarão de acorrer, decerto, os frequentadores doutras cidades não tão aquinhoadas como Garanhuns sob o ponto de vista climático.⁷⁵

As notas na imprensa apresentam contrastes, quando uma outra matéria tem como manchete: “Não temos estradas”⁷⁶. Argumenta-se a falta de estradas como limite para o desenvolvimento econômico e social, que dificulta a comunicação entre outras áreas do estado e mesmo entre áreas no entorno do município. A matéria destaca o *slogam* do então governo de Pernambuco: “governar é abrir estradas”. Há nessas notas um discurso que vem justificar a necessidade de construir estradas a fim de suprir a desativação da linha férrea, uma vez que as

⁷⁵ Jornal *O Monitor* em 15 de junho de 1941.

⁷⁶ Jornal *O Monitor* em 22 de março de 1942, p. 03. Sem identificação autoral.

estradas são indispensáveis para colocar Garanhuns nas rotas turísticas e no cumprimento de sua pretensa vocação e no discurso desenvolvimentista que se expande através dos agentes governamentais.

Um obstáculo ao desenvolvimento do turismo, constantemente tratado jornalisticamente, é a falta de hotéis na cidade. Por parte dos poderes públicos e privados há uma cobrança de novas construções de hotéis na cidade em atendimento à demanda turística. No entanto, vale destacar a inauguração do Hotel Petrópolis em maio de 1942, cujo nome, remete à construção discursiva de Garanhuns como “a cidade PETROPÓLIS DO NORTE” conforme se vê no recorte do jornal *O Monitor* na figura abaixo:



Figura 13 – Anúncio do Hotel Petrópolis - Jornal *O Monitor* em maio de 1942.

Essa comparação de Garanhuns com a cidade serrana fluminense não se restringe apenas ao hotel, de modo que existe intenção de fazer da cidade uma estação de “veraneio oficial” do Estado de Pernambuco, como se percebe na nota: “Consta até, com caráter de verdade que o Sr. Interventor Federal tenciona construir aqui uma residência de repouso para o governo estadual, tornando-se Garanhuns uma Petrópolis em miniatura, uma segunda capital do Estado.”⁷⁷

⁷⁷ Jornal *O Monitor* em 15 de junho de 1941. p. 01. A nota aparece sem identificação autoral na capa do periódico.

Percebe-se que há uma tendência no fortalecimento da narrativa da cidade, enquanto cidade de repouso e de cura, já iniciada nos 1920, que vem sinalizada no pensamento do então interventor do Estado, Agamenon Magalhães:

Situada numa milagrosa altitude de cerca de 900 metros acima do nível do mar, possuindo um clima dos mais benfazejos pelas condições terapêuticas de que é dotada, para diversas espécies de mal, mormente do fígado, Garanhuns é bem a Suíça Pernambucana com que foi batizada, calhando-lhe e ajustando-lhe tal conceito sem que possa disto resultar nenhuma vaidade, nenhum bairrismo, nenhum exagero patriótico. Se eu fora desta terra milagrosa, ufanar-me-ia a tal ponto de querê-la de uma forma especialmente inédita: a amaria como se fora uma partícula de minha prole. Garanhuns não é simplesmente uma cidade, uma expressiva significação geográfica. É mais do que isto, é a medicina exercendo espontaneamente, curando a humanidade, os que procuram seu excepcional clima sobre que Deus exortou da graça divina de curar sem remédios, da graça de poupar o organismo de tóxicos...Também podem contar com uma água saborosíssima, inigualável, cristalina, na qual existem segredos de cura, análogos às do rio.⁷⁸

Anos depois, já no período democrático (1959), a ideia ressurge em nota abaixo transcrita. Assim sendo, a intenção era fazer de Garanhuns além da significação geográfica, do seu clima, de suas águas, de seu potencial de cura, uma cidade de vocação turística no discurso que moderniza e embeleza a cidade para visitantes. Da representação parlamentar,

É do deputado Souto Dourado um projeto de Lei apresentado à Assembleia Legislativa do Estado segundo a imprensa da capital, transformando Garanhuns em sede do Governo no período de verão. [...] Se aprovado tal projeto, a Suíça Pernambucana será Capital do Estado, pois o seu governo se instalará aqui, quando o calor do Recife estiver insuportável.⁷⁹

Desde 1917, o médico José Alves Tavares Correia havia fundado o Instituto Médico Cirúrgico Tavares Correia, que três anos depois, em função da grande procura de tratamento por moradores da capital, de cidades vizinhas e de outros estados, o instituto foi transformado em sanatório. Assim, o Hotel Tavares Correia, conhecido até hoje com essa denominação, nasce como resultado das hospedagens dos pacientes que se submetiam aos tratamentos respiratórios, de tuberculose, de infecções renais e hepáticas no Sanatório, e eram acompanhados por seus familiares, como se observa no anúncio seguinte:

⁷⁸ Jornal *O Monitor*, 15 de junho de 1941. p. 01

⁷⁹Jornal *O Monitorem* 05 de dezembro de 1959. p. 02



Figura 14 – Anúncio publicitário do Sanatório Tavares Correia. Jornal *O Monitor* em 14 de dezembro de 1941.

Na produção de narrativas e imagens apresenta-se a imagem da cidade: “estação climática”, lugar aprazível, nos diversos jornais pesquisados. A construção discursiva conduz a cidade a estar ou encenar-se sempre com reformas e renovações, visando atender a turistas que chegam de diversos lugares, em especial, da região Nordeste do Brasil. A ideia é para desfrutar de seu clima, enfatiza-se a temperatura média em Garanhuns com a média de 21° C anuais em sua paisagem no planalto da Borborema, considerada terra das Sete Colinas. Os projetos urbanísticos, as apropriações de espaço, a concepção de limites e possibilidades no espaço urbano conduzem a cidade a se aperfeiçoar numa época em que a mesma era vista como a segunda cidade do estado e a primeira do interior.

1. 2. Busca de novas formas de modernização, higienização, e embelezamento dos espaços da urbe

No jornal *A Gazeta*, de 31 de dezembro de 1954, noticiava-se a implantação de ligação telefônica entre Garanhuns e Recife, “Importante projeto do deputado Elpídio Branco – Já

recebeu parecer favorável da Comissão de Viação Agricultura, Indústria e Comércio”⁸⁰ num esforço de fazer a partir da ligação, através do telefone, intercâmbio entre a capital e a cidade, que segundo a justificativa do projeto trazida no jornal, era uma das mais prósperas do interior do estado, intercedendo, deste modo, para uma melhor comunicação com os grandes centros do país.

Expressa-se, no periódico, a acuidade sob a cidade que necessita manter interação com os grandes centros num momento em que o telefone se expande graças ao desenvolvimento tecnológico. Ora, o telefone ainda não fazia parte dos meios de comunicação de massa, mas entrava neste discurso de melhor integração nacional. Também de melhores relações comerciais financeiras e políticas, e por que não pensar num meio de melhor controle social, uma vez que a velocidade da comunicação por telefone facilitaria o contato com autoridades da capital do estado e do país.

A cidade se apresentava necessitando de novas formas de geração de energia para atender seu crescimento. Para isso foram oferecidas propostas em manchete de capa do jornal *O Monitor*⁸¹. Destaca-se a necessidade de a prefeitura utilizar as águas da cachoeira de Inhumas.

Garanhuns se ressentia de um fornecimento de energia que possibilite a instalação de importantes empresas. Seria uma injustiça desmerecermos o nosso Serviço de Água e Luz, sem exageros um dos mais completos do interior. (...) mas infelizmente o combustível que movimenta a máquina que fornecem água e luz é pesado demais para nossa zona- a lenha – que vai desaparecendo aos poucos das nossas últimas reservas florestais. A água nada custa. Temos uma cachoeira com potencial suficiente para dar a Garanhuns o impulso de que ela necessita para crescer avançar e progredir. Fábricas hão de surgir, com o tempo. A pobreza do Mundaú e da rua do Sossego da rua Nova e da Santa Rosa terá em que ganhar o pão.

Garanhuns está parada mas haverá de ganhar com chaminés fumegando, com dinheiro circulando a mancha, com os nossos pobres sem a miséria a bater-lhes as portas.

No artigo está presente o discurso desenvolvimentista que está diretamente ligado à industrialização da cidade para geração de empregos e erradicação da pobreza. A geração de eletricidade alude a ideia de modernização urbana ligada ao discurso industrial presente numa época em que o café está em crise e se necessita de outras riquezas para a economia do

⁸⁰ Jornal *A Gazeta de Garanhuns* de 31 de dezembro de 1954. Este jornal, pelo que se pesquisou, não teve muito tempo em atividade. No Arquivo Público Estadual de Pernambuco encontra-se apenas três edições do mesmo que circulou durante o ano de 1954.

⁸¹ Jornal *O Monitor* em 15 de novembro de 1942, p. 04.

município se desenvolver.⁸² Sob os signos de modernização, progresso e desenvolvimento que o crescimento industrial traz para uma cidade e todo seu território.

O artigo intitulado “Progresso Verdadeiro” sugere essa direção:

Somente quando dispusermos de uma indústria que sustente as classes pobres, poderemos enquadrar nossa cidade na galeria dos centros adiantados que estão consolidando a riqueza do país”. “Nosso progresso como cidade de população numerosa não corresponde ao progresso industrial.”⁸³

Progresso, indústria, desenvolvimento são a tônica do discurso que envolve uma época em que cidade próspera é cidade industrializada. Não obstante, outras narrativas de modernidade norteiam os discursos da imprensa na cidade. Os jornais trazem em seus artigos e notícias a necessidade da cidade se modernizar e trazer para seu cenário citadino signos do novo, ressonância daquilo que é considerado novidade e adequado aos projetos de modernidade de outras cidades. Nessa perspectiva, é apresentado, em maio de 1949, na Câmara Municipal, a necessidade de implantação de um plano urbanístico da cidade para realizar estudos topográficos, bem como controlar a estética das construções.

A este discurso se contrapõe às necessidades básicas de cidade, como iluminação pública em ruas de bairros centrais, como em nota de Ata da Câmara pelo Vereador Dr. Othoniel Furtado Gueiros⁸⁴,

Proponho que ouvindo o plenário seja pedido ao Sr. Prefeito as seguintes informações: Porque motivo ainda não foi providenciado a extensão de Iluminação Elétrica nas ruas da Boa Vista, e travessa da Boa Vista e Avenida Caruaru? (...) Justificando disse, pelo motivo de serem aquelas artérias de inteira necessidade para serem assim beneficiadas, além de tudo sendo Ruas Centrais, não se justifica que permaneçam em trevas, proporcionando o êxodo das mesmas, como é comum em caso de tais natureza⁸⁵.

Embelezar também entra no projeto modernizador. A reforma das calçadas para embelezamento da cidade é tratada em artigo; “Garanhuns sendo como é uma cidade bonita, pode ser assim alinhada, limpa e alegre para atestar a fidalguia do seu povo, dos seus

⁸²Este projeto não foi executado e a cidade continuou sendo atendida por geradores instalados no Parque Pau Pombo até meados da segunda metade da década de 1950, quando foi inaugurada a primeira usina do complexo de Paulo Afonso (BA) a qual levou as linhas elétricas para algumas cidades do interior pernambucano incluindo Garanhuns.

⁸³ Jornal *O Monitor* em 09 de agosto de 1942. p.02. Nota sem identificação de autoria.

⁸⁴O vereador Othoniel Furtado Gueiros pertencia ao partido PSD, e fazia oposição ao Governo Municipal. Os principais partidos da época eram o PSD e UDN.

⁸⁵Ata da Câmara de Vereadores de Garanhuns, p. 40. Reunião de 01 de dezembro 1948.

filhos”⁸⁶. A cidade mais uma vez é representada como sofisticada, fidalga, deste modo, merecendo reforma que atenda sua inclusão nos moldes de outras cidades do estado e do Brasil. Para tanto, cobra-se ações por parte do poder público e de particulares. Na mesma perspectiva, numa secção do mesmo jornal intitulada *Várias*, continha o seguinte texto:

A impressão que nos dá Garanhuns é a uma terra sem dona e sem chefes. Suas ruas estão esburacadas e sujas, as praças abandonadas, sem flores. Em cada esquina monturos de lixo. Os vendedores ambulantes sujam calçadas, com cascas de frutas. A sinalização de trânsito arrancada ou quebrada. Enfim, a cidade vive sob o império do desleixo. É triste constatar isso, mas, é a pura realidade. A Prefeitura está na obrigação de trazer a cidade sempre limpa, asseada, concertada, mas, para tal ela precisa estar presente em todos os lugares reparando o que falta, o que deve ser melhorado.⁸⁷

A coluna “Várias”, traz notas curtas e matérias mais longas e se refere sempre a denúncias das condições da cidade. É um espaço de alternativa para pensar além das narrativas inventadas para a urbe.

Na tônica do discurso de embelezamento e estética da paisagem da cidade, o artigo abaixo cobra o aproveitamento da condição geográfica da cidade para o cultivo de flores. Há, neste artigo, a presença da narrativa da cidade como “Cidade das Flores”, além de idealização de construir para a cidade concepções estéticas de outras cidades do Sul e Sudeste do Brasil, vistas como referências:

Aproxima-se o tempo do inverno, tão propício a uma reforma dos nossos jardins públicos. Argumenta-se, com alguma razão, que a inexistência de canteiros floridos nas Praças é devida a falta de água, disponível para seu trato e cultivo. Seria de bom alvitre o aproveitamento da quadra invernososa para uma radical transformação de nossos jardins. Que haja um técnico em urbanismo a quem se confie tal reforma. Virão, então, flores lindas e encantadoras para adorno de nossos logradouros públicos. Garanhuns ganhou um epíteto muito bonito: terra das flores!

Mas, por enquanto há terra...onde estão as flores? Jardins há; bem floridos e belos á custa do trabalho de particulares e as suas flores rivalizam pala qualidade e beleza com as que possam apresentar as cidades do Sul como Petrópolis, Teresópolis e Curitiba(...)⁸⁸

Mais uma vez, o discurso que tenta fazer da cidade, uma cidade com padrões europeus, fazendo alusão a cidades do Sul e Sudeste do país por deterem padrões e signos europeus. Observo também, que o discurso do Jornal tenta criar um discurso para a cidade “limpa” “organizada”, “moderna”. As matérias e artigos exigem dos poderes públicos providências para manter tal padrão de “civildade” criado para cidade de forma idealizada.

⁸⁶ Jornal *O Monitor* em 26 de novembro de 1950. p.02.

⁸⁷Ibidem, p. 03. Nota sem identificação autoral.

⁸⁸ Jornal *O Monitor* de 18 de abril de 1959. p. 03. Artigo sem identificação autoral.

Com o título “Garanhuns e as moscas” a coluna “cousas da cidade” denuncia a situação da cidade contrastando com o discurso que se tenta construir de cidade higienizada:

Ainda outro dia o Diário de Pernambuco, se ocupou num de seus primeiros artigos no aspecto sanitário, pouco recomendável que se encontra Garanhus. A ponto de se observar aqui um espantoso número de moscas em constante proliferação. Realmente, há falta de higiene em alguns recantos da cidade e os montões de lixo que se veem aqui e ali. Contribuem extraordinariamente para o aumento das moscas, coisa que nenhuma pessoa de senso poderá contestar. Resta apenas que os poderes competentes procurem extinguir o mais rápido possível estes focos de imundície a fim de que se possa receber turistas.⁸⁹

A imagem que o artigo traz desvia toda construção narrativa acerca da cidade que quer receber seus turistas criando uma imagem de terra perfeita, bonita, elegante. A imagem das moscas em nada ajuda tal construção e auxilia a compreender que esta imagem passa por disputas de poder e de espaço na constituição do cenário urbano.

Nesta disputa discursiva, a pauta de um requerimento realizado junto a Câmara Municipal, em conjunto pelos vereadores filiados ao PDS, Dr. Othoniel Furtado Gueiros, Deusdedit da Silva Maria e Ernesto da Costa Dourado. Neste, a higiene é assunto na busca de modernizar e limpar a cidade:

Requeremos que, ouvido o plenário, seja feita ao Sr. Prefeito a seguinte indicação;

1ª -Considerando que Garanhus tem fôros de cidade civilizada;

2ª -Considerando que é espetáculo que atenta contra a higiene e contra a estética da cidade o modo primitivo pelo qual é conduzida a carne no matadouro para o mercado;

Indicamos ao Sr. Prefeito a compra de um veículo especial para transporte de carne do matadouro para o mercado. A indicação em apreço foi aprovada por unanimidade.⁹⁰

A situação de higienização ainda exige denúncias, mesmo na década seguinte, considerando que,

Garanhus prescinde, atualmente, de um serviço sanitário público. Há reclamações, por parte de Famílias, principalmente aos sábados e dias de aglomerações de gente, pela inexistência de pavilhões sanitários em certas ruas. É bem triste ver-se que razão. Os necessitados recorrem aos becos e vielas, com prejuízo para o decoro e saúde públicos. Apelamos, pois, para as boas vontades do Sr. Prefeito que pode, muito bem sanar tão grande falta”

⁸⁹ Jornal *Diário de Garanhus* em 15 de janeiro de 1950, p. 02. Artigo da coluna “cousas da cidade”, sem identificação da autoria. Essa coluna é um espaço onde emerge brechas das narrativas que tentam impor para a cidade de Garanhus. Nesse espaço são denunciadas condições da cidade em seu aspecto físico, mas também perfaz aspectos morais já que é também são reproduzidas reclamações dos moradores em seu cotidiano.

⁹⁰ Ata da Câmara de vereadores em Reunião do dia 21 de fevereiro de 1949. p. 77.

Há necessidade de serviços de sanitário público para a cidade, especificamente, no centro da cidade para a feira do sábado. O sanitário, é símbolo da higiene e também controle dos espaços, pois com a construção de banheiros públicos, haveria um controle do lugar onde as necessidades fisiológicas fossem feitas. Penso que há, nesse discurso, de aparente mera higienização, toda uma forma de controle dos corpos inseridos no corpo da cidade e deste modo uma forma de moldar novos hábitos e comportamentos.

A higienização dos espaços, perfazem os ventos da modernização que atingem o espaço citadino em busca de nova adequação urbana à chamada área de prostíbulos, localizada na parte central da cidade. O discurso modernizador referente a está área visível na coluna: *O que o povo reclama*⁹¹, do Jornal *A Voz de Garanhuns*:

Há um caso muito importante para o qual pedimos a vista do Sr. Prefeito: é o deslocamento da “zona do meretrício” para melhor local indicado, o que, indiscutivelmente, seria um grande benefício por s. senhoria, prestado à família garanhunense. Não se admite que, no foco da cidade, circulando por ruas familiares proliferem o vício e a miséria, num verdadeiro descaso e decoro e a moral pública. Palavrões injuriosos e ultrajantes desrespeitos à família e à sociedade, é o que se tem registrado ali. Portanto, ante os bons propósitos da administração pública de nosso Município estamos certos de que este assunto, terá a atenção que merece.⁹²

O jornal solicita medidas da polícia sobre uma “gafieira” que funciona no “Círculo Operário de Garanhuns”. Exigem-se providências das autoridades e questiona-se a permissão da “realização em meio familiar de danças de tal quilate. Mais uma vez há um controle dos espaços presentes no discurso construído na cidade. O termo “gafieira”, na época, era usado para designar lugar de danças e hábitos indecentes. Assim, as palavras instituem espaços e práticas, demarcam os lugares da cidade, visto que as normas civilizadas, têm seu lugar diferente do considerado indecente.

Continuam as reclamações,

Vários moradores da Rua do Cajueiro reclamam pelo nosso intermédio, as providências da polícia contra o abuso de um alto-falante localizado numa das “gafieiras” da “zona do meretrício” “que azucrina até alta noite, tirando a paciência e o sono dos que vivem decentemente do seu labor diário”.⁹³

⁹¹A coluna no Jornal *A voz de Garanhuns* retrata, como o nome sugere, reclamações da população da cidade a respeito de várias temáticas. Assim como as colunas “varias” e “cousas da cidade” é um espaço em que a população pode expressar suas condições, suas necessidades e constitui um espaço de fuga, numa perspectiva de Deleuze (1992) seria um “rachar” de palavras, espaço que emergem palavras, conceitos, ideias e fatos além do que é esperado, além das narrativas dominantes que constituem as “memórias oficiais”.

⁹² Jornal *A Voz de Garanhuns* em 04 janeiro 1953. p. 02.

⁹³Jornal *A Voz de Garanhuns* em 01 de março de 1953. Coluna: o que o povo reclama.

Pela nota, percebe-se que o som dos bordéis atrapalha o sono dos “decentes trabalhadores diários”, de maneira que o controle dos espaços exige a adequação de normas, pois certas práticas são consideradas ilegais no duelo de discurso e espaços. Trabalhadores tidos como ordeiros, civilizados e as prostitutas e os frequentadores do local, tidos como fora da ordem, das regras do convívio socialmente aceitos.

Leva-se à crítica o “Antro de crapulagem e sífilis”. É assim que, em matéria, o jornal se refere a uma casa de logradouro na área de prostíbulos

Uma coisa que se precisa se tomar a sério nesta cidade estabelecendo-se severa vigilância é o antro de crapulagem e sífilis situado a Rua São Francisco onde menores costumam frequentar até as altas horas da noite. Por mais que se procure dá a Garanhuns o título de cidade n. 1 do interior do estado, temos a deparar com alguns aspectos que depõem de nossa condição de cidade “leander”. Temos observado nas nossas costumeiras caminhadas em busca de reportagens, como verdadeiros meninos se postam nas portas das chamadas “pensões” onde vão apreciar as “danças” dos referidos antros. Precisamos acabar com isso!⁹⁴

O cuidado com a construção da imagem da cidade enquanto cidade líder “leander”, termo muito utilizado na época verificado em matérias e notas dos periódicos, envolve o cuidado com a saúde em relação à contaminação de doenças sexualmente transmissíveis e preocupação com a presença das crianças. Assim, as narrativas de higiene, saúde e modernidade mescla-se buscando dar a cidade a visibilidade de seu perfil de limpeza, organização e saúde.

A poluição sonora apresenta-se no artigo de jornal intitulado *Abuso ao Sossego Público*⁹⁵ que defendem terem os cidadãos “direito ao sossego”, considerando que na rua São Francisco perturba o sono sem esquecer que nas adjacências residiam famílias consideradas “de alta moral”. De maneira que se “exige posicionamento por parte das autoridades para tal libertinagem”. Anuncia-se ainda ser a cidade detentora de autoridades que tem consciência de seus deveres, aptas a removerem os obstáculos existentes nesse meio. Evidencia-se a família, a sociedade do pudor e a ordem pública. Entre estes obstáculos citam-se como indesejáveis as “rameiras”, no referido texto, como as profissionais do sexo que se instalam na citada rua.

O ato de nomear pejorativamente as mulheres de “rameiras”, àquelas que ali viviam e praticavam atos que não condiziam com o ambiente respeitoso de “famílias de bem”, insere-se no discurso de controle de espaços da cidade. A retirada dessas mulheres do convívio há de

⁹⁴Jornal *Diário de Garanhuns* em 08 de janeiro de 1951. p.02. Nota em identificação autoral.

⁹⁵Jornal *Diário de Garanhuns* em 08 de janeiro de 1953. p. 02. Artigo de opinião do prof. Josafá Nascimento.

ser a providência tomada. Por outro lado, nomear famílias como sendo de “alta moral”, as pertencentes às famílias abastadas da cidade, vistas com “moral superior”, constitui uma forma de discriminar e regular os espaços.

No jornal a *Voz de Garanhuns*, anuncia-se um abaixo assinado entregue ao então prefeito, a fim de que sejam tomadas providências para o caso. A nota indica que, além das “prostitutas”, ali residem 35% de famílias de bem que tem que conviver dia e noite com certas atitudes por parte das moradoras, vistas nesta ótica, como indecentes: [...] prostitutas discutem publicamente as suas preferências sexuais, malandros fazem dali seu ambiente preferido. Raro é o dia que não saem brigas[...]”⁹⁶ A intimidade sexual revelada pelas mulheres em conflitos e mesmo no cotidiano, inquieta os moradores. Falar, exhibir suas preferências, seus enredos e experiências não deve fazer parte do espaço civilizado das famílias.

Ainda as mulheres que levam suas inquietações ao espaço aberto da rua, são vistas como aquelas que [...] lavam roupa suja na rua[...] cabe, portanto, fazer juízo, a situação que reina na “Suíça Pernambucana”. A alusão à cidade que traz tal título não comporta certos ambientes impróprios às famílias que moram nas vizinhanças. Mais uma vez percebe-se a repetição do discurso demarcatório, nesta disputa de espaços e a busca por construir uma cidade idealizada moderna, saudável e limpa. Esta limpeza inclui, também, a normatização do lugar de pessoas “indesejáveis”, neste caso as então denominadas “prostitutas”, “rameiras”.

Todavia, as constantes notas e artigos reclamando providências por parte dos poderes públicos para solução dos problemas com as “indesejáveis” vizinhas, são percebidas de maneiras repetitivas nas várias matérias de periódicos em anos diferentes. A disputa de espaço na cidade continua a incomodar, tanto que na edição de 28 de junho de 1958, as reclamações continuam em notas semelhantes as já mencionadas acima. Por conseguinte, os anos passam e o problema de localização e a narrativa de necessidade do outro espaço para determinada categoria social, continua na imprensa local.⁹⁷

Por sua vez, o controle dos espaços públicos passa pelo melhor ordenamento do trânsito da cidade, uma vez que na época, como sugere a nota abaixo, o tráfego vinha aumentando sendo necessário que se exija um melhor planejamento por parte das autoridades

⁹⁶ Jornal *A Voz de Garanhuns*. p.04. Nota sem identificação autoral.

⁹⁷ Entretanto, as soluções não são permanentes visto que, até a atualidade, os bordéis que ainda persistiram localizaram-se nas ruas adjacentes.

para melhor controlar os veículos e pedestres, especialmente na avenida principal da cidade, Santo Antônio.

Preferi iniciar o ano falando do trânsito coisa importante para cidade, que, a despeito de decadente, possui seu regular movimento de automóveis caminhões, afora outras viaturas, especialmente nas suas artérias principais. Sugiro, portanto, desta coluna, o Sr. Inspetor de veículos, como medida de precaução tornar proibido o estacionamento de carros, especialmente caminhões na Avenida Santo Antônio⁹⁸

Isto implica na ideia que o controle do cenário urbano é permeado pelo controle do trânsito, no ir e vir da população. Tal preocupação está presente na coluna do Jornal *Diário de Garanhuns*, intitulada de “*Cousas da cidade*”.

Dentre muitas novidades, já no início da década de 1940, a instalação de um campo de aviação é registrada como referência de integração da cidade com a capital, Recife, além de outras partes do país. Nesta matéria volto a articular com os discursos de desenvolvimento do Estado Novo. O controle, uma das diretrizes deste regime, chegava ao domínio do espaço através do desenvolvimento da aviação no interior do Brasil, a qual Garanhuns se inseria:

A aviação nacional mercê das atenções especiais do Estado Novo brasileiro foi tomando, proporcionalmente, apreciável incremento. Formar pilotos e comprar aviões é a ordem que nos convém, pois ninguém desconhece o valor da aviação, como fator de aproximação e de defesa. (...) O município quanto mais facilmente estiver ligado a capital, maior será, naturalmente seu desenvolvimento. Modernamente, não se compreende o município limitado à exiguidade de sua própria vida. Ele precisa alargar a sua economia, o que só se verifica com o intercâmbio comercial e industrial.⁹⁹

Em matéria posterior do mesmo jornal, em 15 de junho de 1941, registra-se a doação de um avião. Na nota destaca-se a atuação do Sr. Assis Chateaubriand tido como grande pioneiro no movimento de aviação civil. O texto consta nos Diários Associados e destaca a cidade como primeira agraciada por um avião no interior do Estado de Pernambuco. Em outra matéria¹⁰⁰, o jornal publica um artigo apresentando o projeto de se estabelecer na cidade uma linha regular de viagens aéreas.

Na condição de jornalista local, Guerra de Holanda, em artigo, expressa a viação defendida com um discurso de sentido patriótico e nacionalista, comungando com as

⁹⁸ Jornal *Diário de Garanhuns* em 01 de janeiro de 1949, p. 02. Artigo da coluna “cousas da cidade” sem identificação de autoria

⁹⁹ Jornal *O Monitor* em 23 de fevereiro de 1941. p. 01

¹⁰⁰ Jornal *O Monitor* em 15 de junho de 1941. p. 03

diretrizes do Estado Novo, como também considerada necessária para a segurança nacional em vista do conflito mundial iniciado em 1939:

A cidade que não se interessar em contribuir, pelo menos com duas “azas” para o Brasil deve ser riscada da geografia da Pátria por não acompanhar o ritmo de progresso e de patriotismo da vida nacional¹⁰¹

A visibilidade de um avião faz configurar uma forma da cidade estar inserida dentro do projeto de controle e vigilância dos espaços. Nesse artigo se tenta convencer o leitor de que a necessidade de possuir cada cidade um avião é condição básica de existência da cidade. Garanhuns ao buscar formas de inserção de novas vocações, insere-se nesse projeto da aviação nacional, em sintonia com seus projetos modernizadores. Pois uma cidade moderna e patriótica integrada geograficamente à nação e ao mundo, deve ter suas “asas”.

A educação também entra na pauta das modernizações da cidade, como requisito fundamental para o projeto modernizador. Deste modo educar-se exige atenção por parte dos poderes públicos para que isso aconteça. Numa nota observa-se o apelo ao prefeito, na época Celso Galvão, para a construção de uma biblioteca pública:

Uma biblioteca, Sr. Prefeito. Garanhuns, com tantos homens cultos, com vários colégios e academias, ressen-te-se de uma biblioteca para os seus doutores, pra os seus professores, para os homens de inteligência e para os seus ginásianos.¹⁰²

Em Ata da Câmara de Vereadores de 23 de novembro de 1948 é apresentado oficialmente, pelo vereador do PSD Fausto Souto Maior, o projeto de construção da Biblioteca. Considerando o tempo transcorrido entre a ideia apresentada pela imprensa e a aprovação do projeto pela Câmara, ou seja, seis anos, a cidade ficou um bom tempo sem dispor de uma biblioteca que o público tivesse acesso direto.

Neste sentido, uma cidade que se constrói também por meio da narrativa de “cidade dos colégios”, a ausência de biblioteca é sinal contraditório para a mesma. Sintoma de que algumas propostas de modernização seguiam a passos, não tão acelerados, como apresentam outras narrativas da época.

1.3. Anseios de vigilância e disciplinarização

¹⁰¹Jornal *O Monitor* em 15 de julho de 1942.p. 02

¹⁰²Jornal *O Monitor* em 01 de novembro de 1942. p.03.

O jornal *O Monitor*, sob a direção do Monsenhor Tarcísio Falcão, publica duas séries de artigos que visam vigiar e controlar as mulheres diante das mudanças da sociedade. A representação da condição feminina, na década de 1940, enquanto, mãe, cristã, protetora da pátria, sua vida deve estar voltada para o universo do seu lar. Religião, pátria e civismo deveriam passar pela formação do lar e nada melhor que a mulher para conduzir seus destinos e ideias. Em edição que trouxe o título: Mãe Cristã¹⁰³, lê-se:

Anjo de um lar calmo, cuja paz jamais se altera pelas agitações fúteis mundanas, reina a mãe cristã não somente pela palavra mansa e útil que desce ao coração como balsamo, mas também pelo seu exemplo, sua atitude suas boas obras que serão como páginas viradas do Evangelho.(...)a mãe cristã é a mais perfeita mediadora entre o céu e a terra.

E continua

há quem diga que a sociedade moderna dispensa os cuidados da mulher no lar. Nada disso! O Brasil precisa de mãe cristã, por que só ela poderá salvar o paganismo reinante na sociedade.

É no seio da família que se forma a mãe cristã. Mas, hoje onde é que se forma a educação moral das donzelas? Nos centros de libertinagem... nos cinema e teatros imorais, nos bailes...nos cassinos...que belas escolas são essas! Que futuras mães e esposas preparam para mais tarde!

Se houvessem mães cristãs, não haveriam tanta miséria, tantos pecados.

Em um artigo no ano seguinte, na mesma coluna¹⁰⁴, se vê novamente a ideia de “mãe rainha do lar”, justificada pela Igreja Católica,

Educadora é ela de certo modo sustentáculo da fé e da virtude. Presidindo o governo de sua casa, atendendo muito mais à família, pois assim ela muito melhor serve a sociedade, preenchendo deveres e praticando virtudes de suma importância. Contra o feminismo radical: “lar é para a mulher”, dizem os antigos.

Em outro, lê-se “Uma mãe não tem direito de obrigar o filho a ser padre, mas deve procurar despertar no coraçãozinho do menino à vocação, que às vezes está adormecida e o mundo ruidoso e sedutor abafa”¹⁰⁵

Ainda no início da mesma década houve um conjunto de artigos publicados no jornal, tempos mais tarde, voltado para o público feminino intitulado: *Só para mulheres*. Os artigos tratam de modo, comportamento e valores que devem nortear a vida das mulheres. Um dos artigos é intitulado: *A nova linha*¹⁰⁶. Trata da moda atual, mas não lhe escapam as dicas de

¹⁰³Jornal *O Monitor* em 23 de junho de 1940. Artigo assinado por Edna Tavares Bastos. Trata-se de um artigo de opinião em que traz sempre assuntos do cotidiano da cidade.

¹⁰⁴ Jornal *O Monitor* em 21 de setembro de 1941.

¹⁰⁵ Jornal *O Monitor* em 25 de abril de 1943. p. 02. Nota sem identificação de autoria.

¹⁰⁶Jornal *O Monitorem* 28 de fevereiro de 1959. p.03. Nota sem identificação de autoria.

bons costumes baseados numa moral cristã e a condição de mulher condicionada ao servir. Este servir seria a Deus, ao marido, aos filhos, ao lar, a pátria:

Aí estão algumas orientações sobre a moda atual. Procuremos realizá-la dentro da antiga – nova linha da mulher cristã, consciência da nossa dignidade e do caráter sagrado de nosso corpo, templo do Espírito de Deus. [...] sejamos verdadeiramente femininas, autênticas e profundamente femininas, fiéis ao ideal de *servir*.

Em outro artigo, da mesma coluna, intitulado *Ser Elegante*¹⁰⁷ no qual se lê:

É uma arte. É um dom. Mas se você não é bastante elegante, pode melhorar prodigiosamente. Em primeiro lugar, elegância é uma soma de sobriedade das formas, postura do corpo e naturalidade ao andar. As formas mais ousadas, mais salientes, são um fato negativo à elegância. Se dizemos que elegância é uma arte – dizemos sobriedade e simplicidade. Isto vale também para a escolha dos modelos e para a maquiagem.

Que dizer então de nossas jovens que procuram tornar-se as mais notadas possíveis, pelos decotes ousados, pelos modelos ligados, colantes, pelos tamancos altos e chinelos à Carmem Miranda? Será isso verdadeira elegância?

[...] Vocês podem e devem ajudar a natureza. É um dever, uma contribuição da mulher levar uma contribuição de beleza aonde quer que vá. Mas não esqueçamos que a beleza é um dos valores cardeais. [...] E elas não devem entrar em conflito umas com as outras. Nossa beleza deve criar, naqueles que nos veem, uma sensação de paz, de repouso, de purificação. De que nos servirá despertar nos outros, emoções tão perigosas, passageiras e aviltantes à nossa dignidade de pessoa humana e mulher? Aprendamos a ser elegantes. Mas de uma elegância autêntica. Não nos enganemos com os nossos exageros.

É notável a tentativa do controle social sobre o corpo feminino, em que posturas, modos de agir, de se vestir e hábitos são questionados e deixam transparecer um comportamento idealizado da mulher adequada à sociedade. Mulher elegante seria a idealização da mulher voltada para seu lar, seu marido e filhos, não despertando desejos e questionamentos de sua sobriedade e moralidade através de trajes e acessórios exagerados.

Em outro artigo, intitulado *A undécima hora*,¹⁰⁸ destaca-se o discurso da mulher forte, guia de seu lar e exige dela um *monitoramento* de seus filhos e maridos para o fortalecimento da sociedade e da Igreja:

É hora de sermos heroínas[...] capazes de sofrer o martírio da obediência e aceitação. É pois, a hora da mulher. Não da mulher – política, intelectual, “biscuit” negociante, industrial, ou seja, o que for. Mas a mulher- mãe, esposa, filha, irmã, noiva, namorada, amiga. Na sua função verdadeira, o coração feminino é forte, capaz de queimar com a

¹⁰⁷ Jornal *O Monitor* em 28 de março de 1959. p.03. Nota sem identificação de autoria.

¹⁰⁸ Undécima hora significa a décima primeira hora. Denota o sentido de urgência, de algo que ainda há tempo, mas está próximo de acontecer.

espada de fogo da verdade dita, proclamada, vivida. Capaz de queimar, como o Círio Pascal, no centro da Igreja, no silêncio, para salvar, ensinar a renúncia, a generosidade, a nobreza, o amor. Assim, é nossa hora. Trabalhem por um mundo mais limpo, mais real, mais humano.

Esse controle do corpo e dos modos femininos continua ao final dos anos 1950 sendo enfatizado na coluna com o título *Saber Falar*¹⁰⁹. Tal coluna destaca que o controle da voz, da fala, é essencial para a formação elegante [...] saber calar é uma arte, uma virtude”. Esse controle da fala em público e no círculo privado é apontado como essencial para o convívio social e como mostra da elegância e fineza, cujo padrão as mulheres deveriam seguir.

Num outro artigo, com o título de *Se...*¹¹⁰, a autora questiona a condição do namoro por parte de rapazes que vem de fora e arrumam namoradas na cidade, rapazes nem sempre solteiros e que enganam as [...]moças de bem, sonhadoras e casamenteiras”

Com o título *Ignorantes e Inocentes*, no qual é exposto um curso de preparação ao casamento quando gerou protestos de parte das mães ao se tratar de assuntos acerca da sexualidade. Assim se apresenta a defesa

O corpo é uma realidade admirável! E sua função sexual não deve ser degradada, pois é através dela que a mulher se torna a figura mais homenageada, cultuada e respeitada no mundo: a mãe.[...] que a jovem saiba de tudo e não comente. Aprenda que é algo de sagrado. É o sacrário, vela-se. Cobre-se. Oculta-se. Fecha-se, à chave. E põe-se uma luz ao lado que indica presença de amor, vigilância e verdadeira prudência”.

Conhecer, saber e calar. Princípios básicos da mulher honesta e de bem.¹¹¹

Modos e formas de comportamento social estão presentes no artigo: *O que se vê*¹¹² onde inicia “À força de só pensar em moda, as mulheres não têm mais modos. Até o andar é prova de que o esqueceram”. Indica que boas maneiras englobam, o andar, os gestos, as palavras... valorizando a discrição. E continua “Se a mulher sustentar sua posição, souber defendê-la, estará salva a situação do mundo” e enfatiza: “Modos são reflexos do que somos”

A formação da mulher cristã passa pelos ensinamentos dos colégios e educandários voltados para enaltecer e edificar valores morais, o colégio Santa Sofia por ser o colégio das meninas atendia a função de formação cristã da mulher. Vejamos uma nota sobre as festas de fim de ano do colégio, que na época era chamado de Academia Santa Sofia.

¹⁰⁹ Jornal *O Monitor* em 02 de maio de 1959. p. 03. Nota sem identificação de autoria.

¹¹⁰ Jornal *O Monitor* em 29 de agosto de 1959.p. p.03. Nota sem identificação de autoria.

¹¹¹Jornal *O Monitor* em 05 de setembro de 1959. p.03. Nota sem identificação autoral.

¹¹² Jornal *O Monitor* em 09 de abril de 1960. p. 02. Nota sem identificação autoral

Festa de Encerramento do Curso Primário¹¹³

Com programa festivo, teve lugar, no salão nobre da Academia Santa Sofia, no dia 28 do corrente ano, sob a presidência de Honra do exmo. Sr. Bispo Diocesano, o encerramento dos trabalhos escolares do curso primário, do renomado educandário feminino desta cidade.

A nota continua ressaltando o encerramento de exposição de trabalhos manuais realizados pelas alunas voltadas a trabalhos gráficos sobre liturgia e arte-culinária. Assim, sugere-se que esta educação se volte para formação religiosa e para o lar. Em outra nota sobre a mesma exposição destaca-se a formação “completa”, ou seja, moral, religiosa. E que o colégio deve [...] ser o colégio das filhas de Garanhuns”¹¹⁴

Selecionar estes artigos ajuda a compreender como a cidade é experimentada além das narrativas modernizadoras em que se apresentam reformas, construções, mas também em sua produção de sensibilidades acerca do controle dos corpos na cidade que tenta se modernizar, a partir de novas práticas e valores. Controle do corpo¹¹⁵, das ideias focalizando o mundo feminino, nos ajuda a perceber como as relações sociais são construídas na vida urbana a partir de seus conflituosos discursos de modernizar e simultaneamente manter tradições. Assim, percebe-se uma construção espacial de limites tênues, com cartografias móveis, exigindo assim um olhar aguçado sob estas linhas de fuga que ajudam a compreender os discursos que constituem a cidade. Assim nota-se as ambiguidades dos discursos que constroem a cidade a partir de signos de progresso e desenvolvimento, mas, com a convivência de velhas e tradicionais práticas e discursos. Deste modo, o espaço da cidade é demarcado por suas narrativas e cria uma cartografia marcada por desejos, sensibilidades, seduções e também contradições, hábitos, práticas que nem sempre corresponde com o novo, com o moderno pleiteado. O espaço urbano convive com várias temporalidades, compreender como discursos sobre a condição feminina considerando valores morais passados convivem com as alterações que passam a sociedade e se reflete na cidade torna-se muito importante.

Nesse sentido, a cidade se apresenta como voltada para a religiosidade, o descanso e bons costumes e se apresenta como “cidade dos retiros”, outra forma de controle e adequação de valores, homens e mulheres deveriam participar de retiros espirituais como vemos em

¹¹³ Jornal *O Monitor*, 03 de novembro de 1940. p. 02. Nota sem identificação autoral

¹¹⁴ Ibidem. p. 04 Nota sem identificação autoral

¹¹⁵ O discurso acerca de controle dos corpos em espaços sociais destaca-se no livro de RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1997. Na obra é tratada como as mulheres e seus corpos são moldados e controlados no espaço da cidade que visa se disciplinar. Outra obra em que ajuda esta reflexão é FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. vol. 01. Trad. Maria Thereza da costa Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

texto: “O retiro é o meio mais seguro de uma renovação cristã de nossa vida”. É um balanço que damos, para vermos de perto, como vão as coisas espirituais, se precisam ou não de reformas, de estímulos para a verdadeira construção de nosso fim eterno”.¹¹⁶

Na capa do Jornal, *O Monitor*, de 21 de janeiro de 1940, a nota sobre o primeiro retiro masculino, “o sexo forte” segundo o jornal, iria realizar-se no mesmo ano durante o carnaval.

Estão em preparativos para as festas pagãs do carnaval. Não se faz preciso dizer nestes três dias a humanidade, cultua em pleno cristianismo o deus momo praticando toda sorte de pecados ofensivos à saúde, a moral e as próprias leis.

Os homens católicos de Garanhuns estão também se movimentando, noutro sentido, indubitavelmente mais elevado, dignificante e proveitoso.

Há, por parte da Igreja Católica, uma preocupação em acabar com os festejos carnavalescos na cidade, utiliza para isso inúmeras notas no seu jornal, *O Monitor*, e divulgando em contrapartida os retiros que começam a ganhar força na cidade¹¹⁷. A temática das festas e a disputa pelos espaços da cidade será narrado no cenário III dessa dissertação.

A vigilância e busca de controle político são notáveis na cidade, especialmente quando esta é vista como foco de ideias comunistas, presente sempre nos debates dos artigos de jornais que tentam chamar a atenção da população contra a ameaça comunista. O discurso anticomunista vai ao encontro do discurso oficial da Igreja Católica. Ser comunista representava ser anticristão, e contra isso é desenvolvido todo um aparato de convencimento de que o comunismo era um “mal” contra a família e deveria ser abolido, além de ir de encontro aos princípios do regime varguista que estava no poder no recorte temporal estudado.

Numa reportagem de capa o Jornal *O Monitor* apresenta a seguinte sugestão: *Se quisermos que desapareçam do seio do operariado as tristes e dissolventes ideias comunistas, ofereçamos-lhes vantagens sociais que os façam alegres corretos.*¹¹⁸

Em outra matéria do mesmo jornal intitulada: *Alerta! Trabalhadores de Garanhuns!* O mesmo impõe seu discurso para tentar controlar os trabalhadores da cidade contra o que ele chama de “mal”. Duelo discursivo, representativo para as discussões políticas da época.

¹¹⁶Jornal *O Monitor* em 09 de maio de 1959.p.03. Nota sem identificação autoral.

¹¹⁷É notável que hoje a cidade é conhecida por seus retiros na época do carnaval, em que as práticas dos festejos nas ruas, clubes e residências foram sucessivamente acabando.

¹¹⁸ Jornal *O Monitor* de 17 de março de 1940. Reportagem de capa sem identificação autoral.

Os comunistas são incansáveis na arte de agitar de mentir, de semear intrigas e calúnias. São terríveis no mal. De uma teimosia incrível. Quem vem acompanhando os seus passos não se surpreende, pois, com suas atividades últimas. Aqui em Garanhuns, por exemplo, eles estão numa atividade danada. Tentam se organizar. Infiltram-se em todos os meios. Estão na Câmara de Vereadores, em Grêmios literários, nos sindicatos, nos clubes recreativo, etc. Nessa triste sina seguem à risca o famoso lema: o fim justifica os meios.

[...] Agora se propõem a agitar os trabalhadores do campo. Vão fundar sindicatos para eles. Porque, dizem, o homem do campo está abandonado e eles, os amigos dos deserdados da sorte, tem que ir em seu auxílio.

[...] Tenham cuidado e muito cuidado os trabalhadores de Garanhuns. Os comunistas até hoje nada fizeram de positivo em favor das classes operárias. Agora mesmo negam apoio aos deputados que pediam uma verba de 50 milhões de cruzeiros para melhoria de vida dos “favelados” do Rio. [...] São terríveis. Onde passam é semeando ódio, mentindo, intrigando. A sua missão é fazer o mal.¹¹⁹

“Missão de fazer o mal”. Nesse sentido, o comunismo entra na cidade a partir do espaço político de disputas ideológicas que se travam no âmbito da política local artigos e matérias de jornal, além de Atas da Câmara de Vereadores. No entanto, o medo de que a cidade se transforme em foco comunista é sempre o motivo dos debates. Segundo Cavalcanti(2009), em dissertação intitulada: Construções do medo: a ameaça comunista em Garanhuns¹²⁰ a cidade se apresenta como foco comunista no Estado de Pernambuco, palco de lutas discursivas para combate dessa possível ameaça.

Além de controle político ideológico, cidade moderna e civilizada é também cidade tranquila, sem violência, que tem regras. Essa era a tônica do discurso da época. Para isso, necessita-se de instituições que garantam a ordem e o bem-estar da população. As atividades da polícia são constantemente alvo de artigos e notas na imprensa local, algumas cobram providências, outras apresentam melhoramentos nos quadros da polícia para uma melhor vigilância do espaço social.

Um policiamento mais severo deveria ser feito por quem tem o dever de fazê-lo. Há por aí muitos engraçadinhos, sacudindo petecas nas lâmpadas de iluminação pública, com evidente prejuízo aos cofres municipais. O que eles desejam é o escuro das ruas para suas molecagens...uma cidade civilizada como a nossa não pode sofrer tais coisas por parte desses moleques de gravata¹²¹

Uma cidade civilizada deveria, segundo essa acepção, estar protegida e vigiada pela ação policial, na perspectiva de garantir sossego e controle social, vigiar a noite também faz parte de manter a cidade sob domínio. Porém, que a escuridão e seus perigos são amenizadas

¹¹⁹ Jornal *O Monitor* em 19 de maio de 1956. Reportagem de capa sem identificação autoral.

¹²⁰ CAVALCANTE, Erinaldo Vicente. Op. cit. p. 149

¹²¹ Jornal *O Monitor* em 28 de março de 1959. p.02. Nota sem identificação autoral.

com a criação da Guarda Noturna, solicitada em várias notas de jornais anteriores, somente agora atendida por parte dos poderes públicos. Em edição do jornal de 1942¹²² o mesmo relata a criação da Guarda vinculada à Secretaria de Segurança do Estado, e como resultado escrevia-se:

Nota-se agora uma novidade nas noites calmas de nossa cidade. São os apitos da Guardas Noturna avisando ao povo que pode dormir tranquilo que os amigos da ordem e da garantia velam pela segurança das famílias e dos bens dos cidadãos¹²³

Aspectos de uma cidade que tenta construir um discurso de moderna, mas se depara com antigos costumes ainda praticados e devem, no entanto, ser abolidos. Ações de civilidade passam pelo controle dos corpos e vigilância dos mesmos, especialmente no tocante as mulheres. A nota abaixo é exemplar neste sentido:

Vínhamos nos batendo, tempos atrás pela necessidade de vigilância sobre a vagabundagem. Desapareceu esta, para tranquilidade da população. O “maloqueiro” abandonou a rua felizmente. As autoridades deveriam lançar as vistas para a praga do desrespeito à honestidade de incautas e de poucas idades, que vêm sendo vítimas de tipos sedutores e as vezes até de certa responsabilidade social. Não basta remediar. A função da higiene moral é a mesma da higiene física; antes prevenir do que tratar depois que o organismo estiver contaminado. Muitas desgraças morais seriam evitadas se o poder público exercesse uma maior vigilância sob certos pais negligentes e descuidados que deixam suas filhas perambulando até certas horas da noite com indivíduos de reputação duvidosa”.¹²⁴

“Boa reputação para manter bons costumes”. Manter essa narrativa para criar um clima de boa conduta na cidade por parte dos periódicos que visam manter a tônica da saúde física e moral do espaço de convívio este dividido por uma cartografia de sentimentos entre o bom e o mal caminho. Controle social, cultural e espacial além de controle dos corpos marcados pelos signos do caminho a ser seguido. O controle passa pela higiene dos corpos, das ruas e do que deve ou não ser controlado para melhorias na cidade. Nesta perspectiva, Guimarães Neto (2006) ajuda a pensar que:

A imprensa, por meio de seus artigos, prescrevendo maneiras especiais de viver, participa insistentemente da construção de uma experiência histórica que se fundamenta na concepção de permanências, contrapondo-se às noções que sugerem instabilidade; difunde, um conjunto de regras voltado para orientar e normatizar a vida cotidiana na cidade, a favor da convivência familiar. Representa, ainda, um saber especializado, por intermédio dos seus colaboradores, que discorrem sobre o passado

¹²² Jornal *O Monitor* em 10 de maio de 1942. p.01. Nota sem identificação autoral.

¹²³ Jornal *O Monitor* em 02 de fevereiro de 1943. p. 01. Nota sem identificação autoral.

¹²⁴ Jornal *O Monitor* em 22 fevereiro de 1942. p. 02. Nota sem identificação autoral.

e o futuro, acenando para o progresso que livrará a cidade do atraso, instruindo condutas ideais.¹²⁵

Todavia, notas de jornais trazem outro discurso para a cidade indo ao encontro da ideia de cidade pacífica e segura. Numa nota com o título “Alerta a Polícia” o controle social passa pelas casas de tavolagem, ou seja, de jogo, muito perseguido pelas autoridades da época.

Repercutiu de maneira simpática e enérgica atuação da polícia que, nestes últimos dias, dobrou suas atividades levando a efeito uma série de inestimáveis serviços. Fechado as casas de tavolagem e tomando inúmeras outras medidas acauteladoras da ordem pública, e que, indiscutivelmente, veio reforçar a confiança do povo de que, realmente ela é servidora”¹²⁶

Nesta nota do jornal revela-se a ação da polícia, que vale ser observada ao reprimir o que é considerado fora da ordem pública, bem como sua ação em ter reforçado a confiança do povo para a instituição que zela pela ordem social. Percebe-se a necessidade de confiança pela população, justamente na prática da polícia, enquanto promotora da ordem. Discurso este que enfatiza o controle social da cidade por meio de agentes de instituições que promovem o bem-estar social a partir da repressão aos que não seguem as normas ditadas pelas elites e pelas instituições da cidade.

Por outro lado, reivindicam-se ações policiais na mesma edição na coluna chamada “O povo reclama”, o que mostra lugares de risco, ações desrespeitosas, furtos, roubos a fim de se evitar o crescimento desse mal:

O Parque Pau-Pombo, devido a escuridão em que se encontra, tornou-se abrigo de casais sem respeito e até de ladrões, quem sabe? Seria o caso da polícia dar uma batida ali todas as noites e em horas diversas a fim de por termo a um mal que já se avoluma.¹²⁷

A polícia aparece como agente de controle dos espaços, demarca os limites entre o possível, o permitido e não permitido, o desejável e o indesejável. O controle dos espaços passa pelo controle dos corpos que estabelecem um controle moral da sociedade, por isso, os espaços públicos, segundo o discurso da cidade, devem ser vigiados, para melhor controle das pessoas em suas atitudes, seus comportamentos e suas ideias. Há preocupação com a

¹²⁵ Pensar controle e higienização dos espaços requer referência à FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Op. cit. Além do texto “Outros espaços”: FOUCAULT, Michel. Outros espaços. Op. cit.

¹²⁶ Jornal *A Voz de Garanhuns* em 04 de janeiro de 1953, p. 04. Nota sem identificação autoral.

¹²⁷ Ibidem, em 04 de janeiro de 1953, p. 04. Nota sem identificação autoral.

manutenção de cidade controlada, pacata quando se trata de crimes que ocorrem motivados por futilidades:

Em Garanhuns cidade de renome. Cidade de um povo culto que se recomenda pelo valor de suas tradições. Tem acontecido neste início de ano coisas desagradáveis. Como já temos conhecimento em vista dos assassinatos praticados em nosso meio por coisas fúteis. Talvez pelo ímpeto da vaidade ou pela ignorância coisas que só vem a depreciar o valor da terra do clima maravilhoso, especialmente no tocante aos que aqui habitam, que se devem recomendar fora da prática do crime. A fim de que lá fora soe melhor a recomendação de Garanhuns e o bom nome de seu povo. Por toda parte acontecem os crimes. Mas graças a Deus as autoridades constituídas se fazem jus a punição e quando os desentendimentos. [...] a culpa da onda dos crimes, não é dos nossos delegados e sim do corpo de jurados que vive absolvendo inconscientemente os autores dos crimes monstruosos para o desfalecimento da própria Lei.¹²⁸

“Cidade culta e que promove as tradições”. O autor inicia seu artigo apresentando suas ideias acerca da cidade e configurando a construção discursiva da mesma, enquanto cidade culta, controlada, quando há ocorrência de crimes, considerados como violação dessa narrativa da cidade. O espaço citadino que busca modernizar-se em suas reformas urbanísticas, faz questão de manter seus discursos enquanto cidade de tradições. Estes discursos que vão sinalizar a forma de sociabilidades e convivência social, criando um discurso de afirmação da cidade controlada com práticas de controle da população. É interessante que o autor do texto protege a autoridade policial da culpa pelos assassinatos. Coloca-se a culpa nos jurados que é formado por cidadãos comuns, anônimos, sem as referências de autoridades não teriam como se defender diante desses posicionamentos do jornal.

Será que já tivemos a curiosidade de observar que ultimamente nenhum dos municípios pernambucanos se tem sobressaído de modo mais escandaloso e canibalesco na repetição de crimes hediondos e assassinatos bárbaros que nossa formosa Garanhuns? Essa é a pura verdade! Pode-se afirmar, sem exagero, que o sangue tem jorrado nas ruas de Garanhuns não se passa um mês sem que presenciemos duas ou mais cenas dantescas de homicídios. (...) Qual o motivo de tantas páginas negras que enlutam nossa página cívico-social? Julgai-o vós mesmos. É preciso que o povo de Garanhuns tenha consciência da situação em que se prostrou desgraçadamente perante os demais municípios pernambucanos. É preciso purgar a sociedade da convivência desses abutres sanguinários que têm enchido de luto tantas famílias garanhuense.

Os crimes abalam a famosa Garanhuns, já mudam o discurso do corpo de jurados e sim o povo é que preciso tomar consciência de si. A matéria acima foi intitulada *Ubinam gentium sumus?* (Em qual parte do mundo estamos?) Numa referência a Cícero, orador

¹²⁸ Jornal *A Voz de Garanhuns* em 01 de fevereiro de 1953, p. 02. Artigo do Prof. Josafá Nascimento com o título de *Acontecimentos Desagradáveis*.

romano. Apresentam-se os males da violência e a violação de cidade controlada e sossegada que tenta se criar a partir de variadas narrativas acerca do espaço da cidade.

A violência também está presente na notícia: *Soldado da polícia matou sargento da aeronáutica*¹²⁹. É interessante na nota que se destaca o crime foi cometido na Rua São Francisco, considerada como [...] baixo meretrício, visto como lugar de desordem, de violência, desobediência da civilidade, dos bons costumes impostos pelo restante da sociedade.

A violência na cidade é destaque anos depois em artigo, *Cartaz degradante*, onde lia-se:

Garanhuns está sendo, lá fora atualmente, como cidade em que mais se mata gente em Pernambuco, e, isso na razão de um homicídio em cada 48 horas. O Diário de Pernambuco, na edição de domingo 7, nos “fatos diversos” uma nota mais ou menos como se leu acima tendo a Radio Tamoyo, do Rio, no seu jornal falado de quarta-feira, veiculado igual notícia. Como se vê estamos com um cartaz degradante, como se isto aqui, constituísse a terra de ninguém, ou mesmo o far-west. Dos filmes de aventura onde o revolver simboliza a Lei.

Por outro lado, achamos, que os jornais da capital devam se abster de publicar noticiário alarmante e sem fundamento algum, especialmente o que classifica Garanhuns como a cidade do crime. Estamos até informados que tais boatos, muito tem prejudicado nossa terra em seu ponto de vista turístico, quando inúmeras pessoas têm deixado de nos visitar em virtude das notícias a respeito da onda de crimes que aqui se vem registrado. [...] Sugerimos que as autoridades deem um desmentido formal para que a “Suíça Pernambucana” possa se libertar desse cartaz humilhante que lhe impuseram, voltando aos seus dias de esplendor.¹³⁰

Retorno ao tempo de esplendor. Eis um discurso saudosista que constrói a cidade sob signos idealizado e de um tempo de glórias do passado. Há, no entanto, uma preocupação com a representação da cidade na capital Recife e no Rio de Janeiro, bem mais que a resolução dos crimes nela cometido.

A cidade constitui-se numa luta discursiva. Este capítulo trouxe as diversas formas como os agentes de transformações, o governo, os vereadores, os discursos da imprensa, tentam apresentar a cidade e suas modificações na tentativa de modernizar-se, todavia aparece discursos ligados a conservação de hábitos e práticas sociais. Como, segundo Calvino¹³¹ “cada mudança implica uma cadeia de outras mudanças, tanto em Ândria como nas estrelas: a cidade e o céu nunca permanecem iguais. Pensar estas mudanças movimentou

¹²⁹ Jornal *Diário de Garanhuns* em 12 de dezembro de 1950, p. 03.

¹³⁰ Jornal *Diário de Garanhuns* em 14 de maio de 1950. p. 03. Artigo sem identificação de autoria. Grifo do autor.

¹³¹ CALVINO, Ítalo. Op. cit.

várias temáticas, políticas, econômicas, culturais para compreender que a cidade apresentava um desejo de modernização, mas não renunciava ao controle e a vigilância de seus espaços sociais. Os discursos entram em conflito ou disputa, a partir da crise apresentada nos discursos que a cidade passa a tentar encontrar novas vocações econômicas e sociais para se manter em seu lugar de poder no Estado de Pernambuco e na região.

A produção de narrativas criou mecanismos para encobrir a crise econômica, especialmente do café, criando para a cidade deslocamentos de vocações a partir da performance turística, ao mesmo tempo construindo no espaço citadino maior controle sob os espaços públicos e privados. Controle que chega aos corpos femininos.

Explorar as trilhas do poder político, das instituições religiosas, das instituições escolares, marcam e delimitam o espaço urbano; criam os limites de espaço da cidade, formando uma cartografia de sentimentos, desejos, combates e disputas. Valendo-se destas demarcações podemos encontrar vestígios de práticas que reelaboram o espaço citadino num momento de transformações de suas relações de poder. A cidade vista como acontecimento. Uma vez que “é preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada mascarada”.¹³²

A cidade busca civilizar-se pelos padrões de comportamento, impostos pelas instituições através da busca de controle social e cultural, de práticas, condutas que se inscrevem nos corpos dos seus habitantes pelos discursos que se materializam em textos de jornais, em discursos na câmara de vereadores e nas narrativas de antigos moradores. Como percebe-se o controle do espaço não se limita apenas às mudanças estruturais, as construções, reformas, mas também no espaço social e cultural, sendo este, alvo de controle e vigilância com base no discurso de desenvolvimento, progresso, moral e bons costumes. Cria-se a narrativa da cidade idealizada sob a égide tripla de saudável, higiênica e moderna, digna de ser considerada, “Suíça pernambucana”, “Parte da Europa”.

Diante desse contexto, é necessário analisar a cidade a partir de outra narrativa para ela inventada: “cidade dos colégios” em busca de apreender como a presença de educandários particulares ligados a religiões marcam o espaço citadino e ajudam a criar a ideia de uma cidade culta, civilizada e sofisticada.

¹³² CALVINO, Ítalo. Op cit. p. 28.

CENÁRIO II - “*Daqueles tempos que não voltam mais*”: As narrativas sobre Garanhuns enquanto “cidade dos colégios” e “cidade culta”

Pensar a cidade de Garanhuns a partir das práticas sociais e culturais que se pode explorar nos colégios¹³³ implica indagar como o espaço citadino foi apropriado e estruturado a partir de relações que se desenvolveram no universo desses, criando outros espaços sócio-culturais no quadro das configurações da cidade. É, desta forma, inventada, a narrativa de “cidade dos colégios” – cidade culta, na esteira de discursos que a enaltecem como cidade moderna e desenvolvida.

Analisar os espaços dos colégios, que emitiam signos de civilidade e modernidade para a cidade exige-nos indagar acerca dos deslocamentos que ocorrem, entender as práticas de controle, de vigília, punição, mas também um ambiente de algumas estratégias e táticas de resistências, criando assim outras formas de (con) vivência para os alunos que estudavam nesses educandários que marcaram a cidade na época aqui analisada.

Busca-se compreender relatos de espaço indicativos de percursos de personagens que experimentam o cotidiano de viver na cidade sob o domínio das instituições educativas de orientação religiosa. Apreender como se constituem os discursos em disputa e como destes conflitos emergem uma teia de práticas, formas, e modos de sentir com base no espaço de cada colégio, a cidade e as suas sensibilidades na constituição da narrativa da cidade enquanto “cidade dos colégios”/“cidade culta”.¹³⁴

¹³³ Colégio Santa Sofia, Colégio Diocesano e Colégio Presbiteriano XV de Novembro.

¹³⁴ Acerca da educação católica e protestante no Brasil, no Nordeste e na cidade de Garanhuns ver: CRISTINO JÚNIOR, Pedro Evânio Resende. Op. cit.; UBIRAJARA, Carlos Roberto Cruz. **Garanhuns-PE, ações educativas e dinâmica sócioespacial**: uma análise geo-histórica das relações estabelecidas entre Religião, Estado e Educação. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Geografia) Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2015. ALVES, M. **Sistema Católico de Educação e Ensino no Brasil**: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba: v. 5 n.16, set./dez. 2005, p. 209-228; ANJOS, M. L. P. R. T. ; CARVALHO, C. H. Católicos E Protestantes No Nordeste Brasileiro No Século XX: A Educação Em Questão. **Saeculum** (UFPB) João Pessoa. v. 22, p. 51-68, 2010; HACK, Osvaldo Henrique. **Educação e protestantismo**. 2.ed. São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana, 2000; LUIZ, Felipe. **Influência protestante na educação em Pernambuco**. Disponível em <http://historiadoprotestantismo.blogspot.com.br/2014/12/influencia-protestante-naeducacao-em.html>. Acesso em maio de 2018. MATOS, A. S. **Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil**. DTI - Divisão de Tecnologia da Informação Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo: 2011. Disponível em: http://www.ipb.org.br/quem_somos/historia_1.htm. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. _____. **Introdução do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2002; MONTEIRO, Agostinho dos Reis. **História da educação**: uma perspectiva. Porto: Porto, 2005; RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da**

2.1. Os colégios e a cidade

O Colégio Presbiteriano XV de Novembro, foi fundado em 1900 por missionários presbiterianos vindos dos Estados Unidos. Inicialmente funciona com estrutura improvisada ao lado da do templo da Igreja Presbiteriana e posteriormente se adquire um vasto terreno, entre os bairros do centro e atual bairro de Heliópolis. O próprio bairro de Heliópolis se inicia a partir deste vasto terreno, que com o passar dos anos foi sendo vendido em formas de lotes. É erguido aos finais dos anos 1920 um prédio próprio amplo em estilo moderno para atender a crescente demanda do educandário. Nota-se na foto (figura 14) traços de influência de arquitetura norte americana da época. O estabelecimento foi o segundo de orientação protestante no nordeste brasileiro, depois da fundação do Colégio Americano Batista de Natal - RN. Dos primeiros anos até a década de 1980 o colégio era dirigido por missionários americanos, os quais vinham com sua família e se estabeleciam na cidade. As dependências do educandário compreendiam casas, em estilo americano, para abrigar estas pessoas que além de dirigir o colégio, também lecionavam e participavam de atividades ligadas a Igreja Presbiteriana local.



Figura 15– Vista aérea da do colégio XV de Novembro no bairro de Heliópolis – década de 1940 – Acervo do Colégio Presbiteriano XV de Novembro



Figura 16 – Prédio do colégio em 1948 – Acervo do Colégio Presbiteriano XV de Novembro



Figura 17 – foto de antigo diretor do colégio: Reverendo Donald Willians - Acervo do Colégio Presbiteriano XV de Novembro



Figura 18 – foto do internato do colégio - Acervo do Colégio Presbiteriano XV de Novembro

A figura 14 mostra a um panorama aéreo do terreno do colégio no bairro de Heliópolis que na época surgia em seu entorno. A imagem 15 traz o primeiro edifício do educandário nos anos de 1940. Nota-se uma construção imponente com traços inspirados em estilo comum nos Estados Unidos na época. A escolha pela fotografia - 16 deu-se por trazer um dos diretores e também missionário americano em seu gabinete de trabalho tendo acima reprodução de imagem de um dos fundadores dos Estados Unidos e também primeiro presidente George Washington. Tal detalhe, leva-nos a sugerir, que o educandário, através de seus administradores, também visava divulgar os valores ideológicos norte-americanos na cidade numa época de disputa com outros valores principalmente do mundo comunista liderado pela União Soviética. A foto do interior do internato que funciona no colégio (figura 16) demonstra uma ideia de ordem e harmonia que deveria pautar tais ambientes, embora nem sempre fosse possível o controle total dos corpos que ali conviviam.

A escolha por Garanhuns, certamente foi a presença da ferrovia na cidade, sugestão feita por estudos da presença presbiteriana no Nordeste, os quais identificam a ligação entre as ferrovias e as missões protestantes estrangeiras, uma vez que o acesso a regiões mais afastadas do litoral seria facilitado e o fato dessas regiões serem pólo de desenvolvimento econômico e social. Há que se notar também um aumento dessas missões com a Proclamação da República e a separação do Estado da Igreja Católica. Algo notável é o próprio nome do colégio homenagear a data de início do Regime Republicano no Brasil, algo sem dúvida diferencial para a época em que os estabelecimentos de ensino homenageavam em seus nomes personalidades, da política, da religião, professores e santos, caso das escolas públicas e católicas.

O segundo colégio particular fundado na cidade foi o Colégio Santa Sofia fundando em 1912 é o segundo da rede Damas da Instrução Cristã no Brasil, o primeiro foi no Recife em 1896, menos de duas décadas antes do seu congênere em Garanhuns. As Damas da Instrução Cristã, são uma congregação católica de irmãs presentes em várias partes do mundo, Europa, América e África. No Brasil administram 11 colégios e uma faculdade. Sua sede é na Bélgica país da fundação da instituição. No século XIX, 1923, a princípio as freiras dedicavam exclusivamente com o ensino do sexo feminino. O carisma¹³⁵ das irmãs ajuda a explicar um pouco seus objetivos: "Sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à Juventude". Ou seja, mulheres entregues completamente ao ensino e formação da juventude. E sua missão

¹³⁵ Função ou maior objetivo daquela instituição religiosa criada geralmente quando de sua fundação.

“Formar a pessoa humana com base nos valores cristãos, éticos e acadêmicos, de maneira participativa e comprometida, encarnando a face atual do Cristo educador para construir uma sociedade sustentável.

A missão da instituição revela que seu empreendimento está entrelaçado com a valores do cristianismo e mais especificamente, da Igreja Católica. A educação deve-se voltar além de formação geral de disciplinas, orientar o educando para práticas, ritos e sacramentos da Igreja Católica Romana.

As freiras atuavam no Recife e foram convidadas a fundar um colégio em Garanhuns para guiar sua juventude pelo então vigário da Paróquia Santo Antônio, O monsenhor Afonso Pequeno. Elas se estabeleceram em imóveis alugados e posteriormente construíram um majestoso prédio em terreno doado pela Igreja local ao lado da catedral, no centro da cidade, no local onde antes ficava o principal cemitério, Cemitério da Irmandade de Santo Antônio. Com o advento da República, a estatização dos cemitérios além das novas ideias de saúde da época, o local foi desativado e outro foi construído em área mais distante do centro da cidade, atendendo as diretrizes de salubridades surgidas.

Houve, assim uma nítida interação entre o clero local e a instalação do educandário. Esta relação de poder visualmente percebida pela vizinhança do colégio com o principal templo católico da urbe. (Figura 17) refletindo o cuidado e atenção de atender a necessidade de uma educação voltada para valores católicos, numa época de expansão do protestantismo em todo Brasil e especificamente na cidade com a atuação dos mesmos e fundação do Colégio XV de Novembro doze anos antes. O prédio possui influência de arquitetura europeia, com decoração baseada em estilos franceses e com alguns móveis vindos diretamente da Bélgica. Uma boa parte do corpo docente era constituído de freiras e professores obrigatoriamente católicos, estes também tinham que seguir certos preceitos católicos, como não ser divorciado ou separado, nem muito menos em qualquer forma de união estável fora dos padrões católicos romanos. Qualquer quebra de alguma norma e comunicada por pais, professores, funcionários, poderia constituir sinal que não teria condições de trabalhar no educandário e como consequência o professor-professora era demitido.

As figuras abaixo trazem fotos da fachada do edifício que se localiza em região central, ao lado da Igreja Catedral, demonstrando uma simbiose entre educação e religião. A figura seguinte, mostra o interior da capela do educandário, na continuidade do foco narrativo entre fé e formação. Neste espaço realizava-se além de missas e ritos religiosos, casamentos

de alunas e ex-alunas. Portanto constituía-se num espaço de interação entre o educandário e a sociedade.



Figura 19– foto da fachada principal do Colégio Santa Sofia – Acervo do Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti



Figura 20 – foto da capela do colégio – Acervo do Colégio Santa Sofia

Se as filhas da elite católica já tinham seu espaço para educação, faltava na cidade onde educar os filhos. Os nascidos no sexo masculino que estudavam recorriam ao colégio misto protestante e isso em muito desagradava o clero local. Utilizando da imprensa dos sermões e de todo seu poder de persuasão para que se funde um educandário para os meninos da região visando preencher esse vazio pelos católicos que eram maioria na cidade. O vazio enfim é preenchido em 1915 com a fundação do Ginásio, depois Colégio Diocesano de Garanhuns. O estabelecimento seria exclusivo para o sexo masculino e dirigido por padres. Quando em 1918 é criada a Diocese de Garanhuns, a administração do educandário passa para essa instituição. Padres também faziam parte do corpo docente. Como O Colégio Santa Sofia foi também idealizado pelo Monsenhor Afonso Pequeno, o qual ao entregar a paróquia ao Cônego Benigno Lira, exigiu dele o compromisso de fundar o colégio dos meninos. Segundo o site do colégio “Estava em Garanhuns, desde março de 1912, como capelão do Santa Sofia e coadjutor da paróquia, o Padre José Ferreira Antero. Ao assumir a paróquia, o Cônego Benigno Lira em janeiro de 1915, dois padres recém-ordenados - João Olímpio dos Santos e Eustáquio de Queiroz - lhe foram dados como coadjutores, para que o Padre José Ferreira Antero pudesse ficar livre do trabalho paroquial e, assim ser fundado o colégio dos meninos”.

Em 1925 é enfim construído um prédio mais amplo com três pavimentos e ampla estrutura. Contava com internato e recebia alunos de toda região e de outros Estados do Nordeste. Firmou-se ao longo do tempo como colégio formador da elite masculina da cidade e região. Embora desde sua fundação sempre tivesse programas de bolsas para alunos carentes, estudar em regime de internato era algo exclusivo para as elites. Os preços das mensalidades, do material e todo gasto de locomoção, alimentação além de um enxoval que era exigido para os internos. Enfim tais despesas não eram acessíveis a quem não tinham muitas posses. Fato este, realidade nesses três colégios particulares da cidade.

A figura 19 traz a fachada do prédio do colégio localizado na área central da cidade. A foto certamente é de um dia festivo uma vez que se percebe a presença de alunos devidamente uniformizados. A próxima fotografia (figura 20) referente a este educandário mostra uma foto do interior de uma sala de aula em que se percebe, ordem, disciplina, harmonia e hierarquia, uma vez que a professora aparece como a única que está em pé. Os alunos mirando em direção ao quadro com suas ternos e gravatas denotam a rigor nas vestimentas e ordenação disciplinar nas salas de aula na época.¹³⁶

¹³⁶ Essa ordem era muito adequada a narrativa de disciplina e controle dos corpos a partir do Estado Novo. Tais discursões estão presente em: LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986. Em

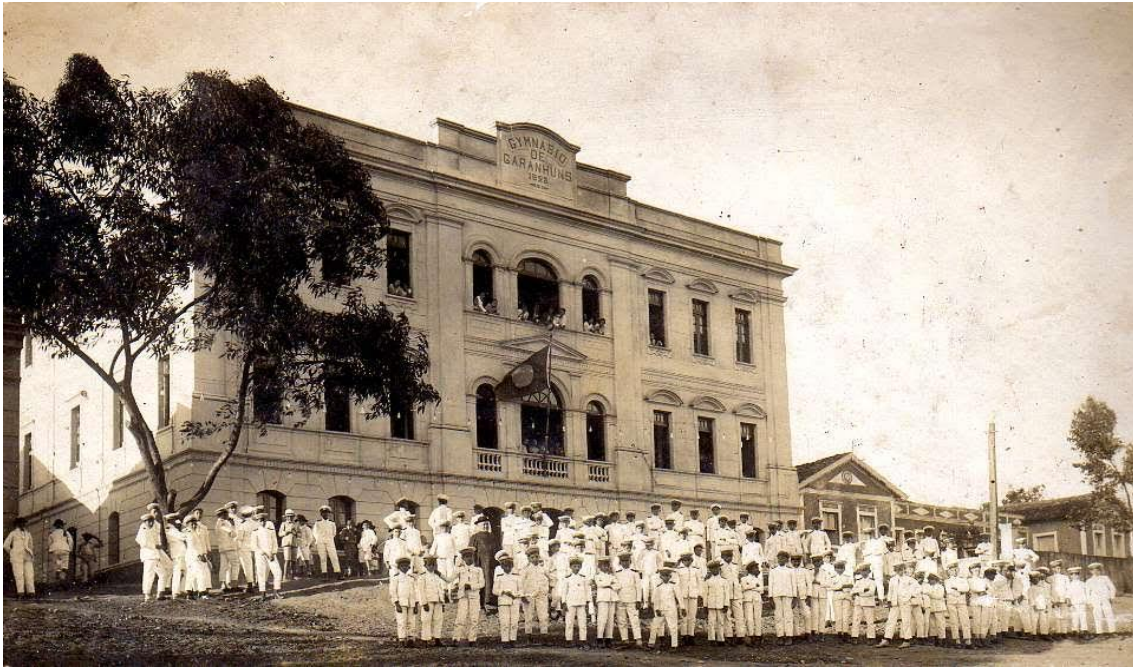


Figura 21– fachada principal do colégio – Acervo do Colégio Diocesano de Garanhuns



Figura 22 – sala de aula – década de 1940 – Acervo do Colégio Diocesano de Garanhuns.

relação ao controle corpos e educação dos sentidos ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: ...Op. cit. _____. Poder – Corpo. In.: **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 23.^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. _____. **Nascimento da Biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008; GAY, Peter. **A educação dos sentidos**. Trad. Pat Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

A cidade se estrutura, de certa forma, em torno destes colégios. Esses davam a ela movimentação, comunicação e contatos, a partir de seus alunos, com outras partes do Estado de Pernambuco e de estados vizinhos. Assim colaborando para visualização dos sentidos de construção da narrativa da cidade educada, culta, civilizada. Deste modo, notas em jornais da época são selecionadas para melhor apreensão de práticas e criação de discursos em torno dessas ideias.

A cidade possuía outros educandários mantidos pelo poder público. Mas a escolha por estas três instituições justifica-se na medida em que as fontes pesquisadas indicavam que a visibilidade da cidade enaltecia a presença e projetava a importância destes estabelecimentos, outra constatação é que há nesta documentação uma valorização destes como formadores das elites da Região além de que estes representam uma disputa espacial entre católicos e protestantes na urbe.

Compreender as práticas culturais que presentes nas redes de sociabilidades fazem ver e ler o espaço da cidade Garanhuns, no jogo de disputa de relatos que constitui a urbe. Assim, os espaços dos colégios, como espaço de sentimentos e sensibilidades, abrem espaço para a compreensão das configurações que a cidade passa no período em análise, final da década de 30, início da década de 1950. Nesta temporalidade a cidade passa por modificações, na tentativa de criar para ela novas vocações. Uma dessas vocações planejadas pelas elites seria enaltecer a cidade como “cidade dos colégios” voltada para instrução, para a excelência da educação, direcionada para valores morais, enquadrada em parâmetros de civilidade e modernidade ansiados na época.

As lembranças das práticas e situações que fizeram este mundo cultural existir, retornam geralmente expressas com o sentimento de saudade, como na lembrança do Padre Adelmar, ex-diretor do Colégio Diocesano ao ex-aluno Ivo Amaral.¹³⁷ A recordação torna o diálogo entre passado e presente possível e os meios de que dispomos para fazer essas recordações virem a nós merecem minha atenção na formulação desta parte da escrita da dissertação. Memórias e fotografias são aqui pontos de intercâmbios para apreender este mundo de práticas e suas subjetividades que surge no ambiente dos colégios, em regime de externato ou internato, que marcaram, decodificaram, ajudam a construir uma cartografia

¹³⁷A frase: *“Para recordar as belezas “daqueles tempos que não voltam mais”* – que está no título deste cenário - está escrita em fotografia doada por Monsenhor Adelmar da Mota Valença a Ivo Amaral, ex-aluno do Colégio Diocesano e posteriormente compadre do monsenhor relação de amizade que mantida até a morte do religioso. A foto me foi apresentada durante entrevista realizada em sua residência.

sentimental para a cidade, muito além de seus espaços físicos, de suas reformas urbanísticas, tratadas no capítulo anterior. A cidade vista como palco de disputa do simples, de sentimentos, e assim gestando sensibilidades múltiplas.

Uma coluna intitulada *Cooperação indireta*, do jornal da Diocese, *O Monitor* trata da educação de sua importância para constituição de valores morais para as novas gerações de jovens:

[...] os pais de família, ou quem suas vezes fizer precisam antes de tudo compenetrar-se do bom senso, virtude natural de máxima utilidade na tarefa educacional. E o bom senso não se adquire nos estudos, na frequência de cursos especializados de pedagogia, nem tampouco é uma virtude adquirida as carreiras. É questão, na maioria dos casos, de inclinação, de aprumo e ponderação. É esse elã, para usarmos uma expressão moderna, pela tarefa educadora e pela capacidade de criar bem uma família, dirigir proficientemente uma casa, fazer homens úteis dos meninos e jovens de agora.

138

O artigo exprime a preocupação da época com a tarefa educacional para a formação de pessoas que devem buscar nos valores morais, na família, na religião os preceitos de uma vida em harmonia com a sociedade e nação. Assim se busca dar conotação a um controle social a partir da educação a partir da família e da escola. A modernização da sociedade, modificando hábitos e práticas considerados em desacordo com a moral, e de uma ética que aparentemente está em modificação, assim como está a cidade. A continuidade desta matéria do jornal denota preocupação em manter certos padrões:

[...] Vão desaparecendo os velhos hábitos de respeito à velhice, o amor referencial aos pais tratados como tu e você, com quaisquer camaradas. Mocinhas desde quatorze anos tomam conta das ruas e calçadas, a qualquer hora do dia e da noite. Os professores, nas classes, são desacatados e se porventura os castigos das autoridades escolares fazem sentir seu peso, os pais melindrados tomam satisfação.

139

As moças nas ruas e calçadas, a perda de autoridade pelos professores, são sugeridos como sinais, sintomas de uma nova configuração social e cultural que a cidade e o mundo passam, e que são vistos como “mal”, “errado”, pelo autor do artigo. Este espaço de controle e vigilância, demonstrado nesta coluna, espaço de moral e bons costumes, perfaz a constituição do espaço urbano visto a partir das ressonâncias dos signos emitidos do universo cultural dos colégios.

¹³⁸Jornal *O Monitor* em 25 de fevereiro de 1940. p. 01

¹³⁹Jornal *O Monitor* em 25 de fevereiro de 1940. p. 01

Os educandários da cidade são evocados como direcionados para uma moral religiosa cristã e voltada para uma elite financeira, uma vez que a educação da época era privilégio de poucos como pode-se apreender em artigo intitulado, *O peso da educação*:

O chefe de família que se aventurar a educar sua prole, pratica verdadeiro ato de heroísmo, tantas são as dificuldades de ordem material que ele encontra no sustento dos filhos em um estabelecimento oficial.

As taxas que pesam sobre tais educandários são de tal maneira onerosas, que a educação vai se tornado apanágio da gente melhor aquinhoadada pela fortuna. Os pobres e remediados, esse vão desistindo diante das graves obrigações decorrentes da majoração dos preços, afora nas imposições que cada dia vão surgindo, a par com o aumento de preço dos livros didáticos. Se então busca um internato, a situação é mais penosa ainda. Os colégios não podem cobrar menos do que estão cobrando, tocando ainda a eles o custeio da fiscalização obrigatória, além das recentes exigências no tocante à alimentação. Se se quiser pôr em prática o que o Departamento de Ensino prescreve neste particular, bem cedo os colégios fecham seus internatos, uma vez que são obrigados a majorar o preço das pensões, determinando em tal medida o afastamento de alunos.¹⁴⁰

Sendo privilégio para uma minoria, especialmente da cidade, os colégios conseguiam se manter, com alguma dificuldade, contando principalmente com alunos de cidades vizinhas e de vários estados do Nordeste, perfazendo assim novos significados espaciais para a cidade a partir das idas e vindas destes alunos para a mesma, bem como de seus familiares que os visitavam no internato, como veremos em depoimentos abaixo. Este privilégio da educação despertou discussão, ao menos no que se verifica em artigo de jornal dirigida a Madre Superiora do Santa Sofia:

Por uma maior instrução

Apelo a Exma Madre Superiora do Colégio Santa Sofia – Garanhuns necessita de um ginásio feminino noturno Garanhuns na expressão do grande governador Agamenon Magalhães, foi chamada de cidade universitária, quando Sua Excia. Acabara de assistir a um dos desfiles de nossos colégios pelas ruas de nossa cidade. Temos certeza que no setor referente a educação Garanhuns ocupamos um honroso primeiro lugar entre as cidades do interior de Pernambuco, ou talvez do interior do país. Entretanto para que possamos conservar o honroso título com que nos dignificou o saudoso homem público ainda nos falta preencher uma lacuna, razão de ser este apelo a Exma. Madre Superiora das Damas da Instrução Cristã, para que faça funcionar um curso ginasial, no horário das 19 às 21 horas, vindo assim beneficiar as jovens garanhuenses, comerciárias ou de outras profissões, que por motivo de seus afazeres, estão impedidas de se matricular num curso diurno.¹⁴¹

O apelo demonstra a preocupação por parte da imprensa local por uma melhor instrução para a cidade, mas também indício da construção da narrativa de cidade educada, primeira em educação do interior, do estado e do país. Assim sendo uma cidade com tal

¹⁴⁰ Jornal *O Monitor* 10 de março de 1940. p. 01

¹⁴¹ Jornal *a Voz de Garanhuns* em 04 de janeiro de 1953. Artigo assinado por Nelson Paes. Grifo do autor.

representação não poderia deixar suas jovens sem a devida instrução que era privilégio de poucos e signo de distinção social, cultural e político.

Neste sentido, a educação da cidade é pensada como algo que ajuda a constituição de narrativas sobre a urbe, uma cidade pensada como “Suíça Pernambucana”, deve estar a altura do que se espera dela no tocante a civilidade, controle social e configuração de sentidos morais, cidade de bons hábitos, de povo elitizado, com aspectos europeus, educação de sentidos que passa pelos corredores dos colégios, para a formação de uma elite que busca se configurar nestes espaços de poder e saber. Elite que se movimenta no sentido de garantir seus privilégios por meio da apropriação e perpetuação de valores, atitudes e práticas a partir da educação.

Se a cidade passa por reconfigurações urbanísticas para atender as novas vocações e funções que dele agora são esperadas, e nela também se configura antigas formas de viver, pensar, sentir o mundo, é neste espaço dos colégios particulares que as sensibilidades também entram em conflito, e deste fazem emergir discursos ora de controle, harmonia, vigilância, ora de desvios, de alternativas de vivências destes mesmos espaços. Nos colégios estão os filhos das elites locais que buscam se manter em seus posicionamentos sociais, e para isso buscam nos colégios a melhor maneira de delimitar seus espaços de controle no anseio de continuidade de poderes estabelecidos na sociedade que se auto denomina calcada sob valores e morais cristãs.

Visando enquadrar os indivíduos, normatizar suas atitudes, vigiar suas práticas, adestrar seus corpos, assim é que a instituição escolar adentra o mundo burguês para auxiliar no seu projeto de controle sócio-cultural. A escola, entre outras instituições, está vinculada a este projeto burguês de controle dos indivíduos. Sujeitos obedientes, centrados, servindo com a mesma intensidade e satisfação, a Deus, a pátria, a família, a ordem¹⁴². Nesse sentido, as escolas devem cumprir o sentido de manutenção de valores de perpetuação de significados considerados essenciais, de valor inato, natural ao ser humano. Pensar como se dão essas naturalizações, essas construções discursivas formativas a partir de regras e controle, que se dão não apenas em grandes escalas de poder, mas nas pequenas práticas cotidianas de quem viveu/sentiu esta temporalidade.

¹⁴² Vale ressaltar que o lema do Colégio Presbiteriano XV de Novembro é “Servindo a Deus, à pátria e a Garanhuns”

2.2. As Lembranças daqueles tempos

Este controle, portanto, se dava nas práticas cotidianas dos colégios por meio de disciplina, de censores como forma de garantir a manutenção da ordem para o bom andamento das atividades estudantis. Escolho para melhor compreensão desses aspectos trechos de narrativa de história oral da senhora Maria do Carmo Brandão da Silva, que no momento da entrevista tinha 89 anos, foi interna do Colégio Santa Sofia. Estudou toda sua formação no Colégio Santa Sofia. A escolha por seu depoimento foi graças a indicação da direção do Colégio quando do início da pesquisa. Ela tinha uma presença em atividades do estabelecimento e uma das fundadoras da Associação das Ex-alunas. Um trecho desse depoimento da Senhora Maria Brandão¹⁴³ nos ajuda a pensar alguns aspectos acerca do educandário:

[...] tinha freira que tratava a gente bem, mas também tinha freira que machucava. Era uma atrás da outra calada. Tinha os lugares sagrados; banheiro, capela, se desse uma palavra, um sorriso era boletim amarelo. A gente amanhecia e dormia com uma freira na cabeceira tomando conta. No internato, assim no meio tinha um biombo, onde ficava uma freira a noite para olhar. Ela dormia perto da gente. Para trocar de roupa era com uma toalha, cruzar as pernas não cruzava, era com uma toalha, pra não aparecer nada das pernas. Era um rigor, que hoje, eu não sei como suportei. Mas eu gostava.

O controle com as mulheres especialmente num colégio controlado por freiras, era possivelmente mais rigoroso. Destaco no relato a expressão de controle do sono, bem como das demais atividades das internas por parte das irmãs, além dos lugares sagrados, onde o silêncio teria que ser absoluto. Controle do corpo, do silêncio, cuidado com a visualidade do corpo, perfazia toda uma rede de educação, moral, sensível que os internatos ofereciam e estavam coerentes com as reflexões foucaultianas acerca da sociedade disciplinar.

Como Foucault¹⁴⁴ aponta essa sociedade não está preocupada em apenas punir, mas perfazendo toda uma rede de controle de indivíduos que garanta que estes estejam sob controle e vigilância de instituições. Seus corpos devem estar adequados aos valores de trabalho, e principalmente controle do tempo, algo valorizado dentro dos valores burgueses de

¹⁴³Maria do Carmo Brandão da Silva 89 anos (ex-interna do Colégio Santa Sofia). Estudou toda sua formação no Colégio Santa Sofia. Fundadora da Associação das Ex-alunas. Entrevista realizada em sua residência no centro de Garanhuns em maio de 2010. Entrevista realizada por meio de gravador digital com 1h e 33 min. Acervo do autor.

¹⁴⁴FOUCAULT. **Vigiar e punir**. Op. cit.

construção dos sentidos do mundo. Assim penso que este mundo de controle de sujeitos por parte destas instituições serve para pensar práticas de manutenção de poder e saber por parte das elites que confiavam seus filhos a estes colégios, não apenas para lhes conferir conhecimentos de nível técnico-científico, mas também toda uma gama de valores e apego a conservação de relações morais que constitui uma sociedade de espaços demarcados, mas ao mesmo tempo com brechas para a emergência de práticas que permitem que estes espaços sejam diferencialmente lidos. Outro trecho do depoimento acrescenta mais detalhes:

Tinha as freiras de trabalho e as freiras que ensinavam. As que tinham mais cultura e mais dinheiro, eram madres, as outras irmãs, e a superiora mamé, na intimidade, apenas a chamava assim, quem tinha intimidade com elas. As do trabalho limpavam o chão, esfregavam o assoalho, faziam mandados. Elas eram chamadas de marcé. Lavavam as roupas das superiores, engomavam. O hábito era diferente, da marcé e da madre, era distinguido pelo hábito. As meninas diziam: eu tenho tanta vontade de ver uma perna de uma freira. Um dia a gente entrou na ala que elas dormiam que elas raspavam a cabeça e gente se assustou. A gente tinha loucura, para saber o que se passava dentro da clausura. Não tínhamos contatos com o mundo das irmãs. Não tinham contatos com meninos, quando saímos, saímos com um responsável. Quando tinha alguma visita íamos para o parlatório. Lugar de visita da família. Quando a gente não saía, e um rapaz, viesse nos visitar, era nesse parlatório. As freiras ficavam olhando, escutando o que a gente estava falando, com medo de que esse rapaz, parente, como primo, sobrinho, trouxesse algum bilhete, algum recado para a interna. As vezes o rapaz estava visitando uma prima, mas a intenção era visitar outra menina, neste momento, era tanta menina indo no banheiro, na capela, só pra ver quem estava no parlatório, tinha umas freiras mais abusadas que fechavam a porta, para não olhar.

A vigilância sobre as pessoas que vinham de fora do ambiente controlado se dava a partir deste ambiente do *parlatório*, ambiente vigiado exatamente por representar o contato entre o mundo do colégio e mundo exterior. O controle do que se deve saber ou não, o que se deve ouvir, aprender do mundo exterior, se configurava-se como parte dessa educação pensada no nível da vigilância de discursos, de sentimentos, de sensibilidades. Havia, pois um ambiente que incitava rebeldia constante. O simples ato de olhar, de ver que estava no parlatório significava uma brecha no controle disciplinar do educandário. Se controlar gestos, olhares faziam parte de uma disciplina que visava a disciplina total das pessoas, um simples desvio de olhar, uma ida ao banheiro sem necessidade representava a ousadia, a quebra desse aparente discurso de domínio total do corpo e dos sentimentos das alunas. Este interesse de controle chegava até as correspondências, as cartas que se escrevia para as famílias como salientou a Senhora Maria Brandão: *A interna tinha que escrever para a família toda semana, mas a mestra da classe, que era uma freira responsável, tinha que ler. Quando chegava a resposta a freira também tinha que ler.* Controlar o que se lia, o que se sabia do exterior era, certamente, uma das maneiras de melhor vigiar e guiar atitudes e sentimentos dentro do

internato, mesmo sendo correspondências familiares poderiam conter fatos, atitudes que incitariam alguma forma de rebeldia por parte das educandas, fugindo de algum modo da autoridade que direcionava o educandário. Assim, qualquer contato com o mundo exterior era monitorado, percorrendo o relato de Maria Brandão, vamos percebendo certos detalhes esclarecedores:

Do outro lado da rua tinha o hotel familiar, naquela época tinha soldados que vinham, ou iam para a guerra, as freiras tinham o cuidado para a gente nem olhar na janela. Internas nem podiam ficar sentada perto da janela. Eles davam *pissiu*, acenavam, mas não podíamos olhar. Mas sempre davam um jeito, não sei como, de mandar bilhetes, e quando os meninos saíam para a matinê do cinema, se olhavam, pelas janelas, mas era raro.

Este controle visava disciplinar as pessoas, diferenciá-las, criar para elas normas que definem o considerava-se como correto, como normal, o que se deve fazer ou não, numa

Vigilância permanente sobre indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder – mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão- e que, enquanto exerce esse poder, tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigiam, a respeito deles, um saber. Um saber que tem agora por característica não mais determinar se alguma coisa se passou ou não, mas determinar se um indivíduo se conduz ou não como deve, conforme ou não à regra, se progride ou não, etc. [...] ele se ordena em torno da norma, em termos do que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer. p. 88

Ainda a narrativa acrescenta detalhes:

A farda da gente tinha sapato, pulseira, bonitinho de verniz, com a meia branca, uma blusa de mangas compridas e saíinha pregueada, teve uma época que tinha um lacinho, a saia três dedos abaixo do joelho. Ficava bonitinho! Agora na época nós usávamos combinação.

O tamanho da saia, a forma discreta da roupa demonstra uma preocupação em manter uma estética adequada para que nada saia de normas e padrões impostas pelo colégio que visava criar a ideia de ordem na padronização dos uniformes das alunas. Os detalhes do tempo do colégio continuam em suas memórias e emergem pequenas percepções do mundo vivido: “A gente era obrigada a falar Francês com as freiras, pois eram de origem belga. Nós estudávamos francês desde a quinta (série). O colégio, que foi fundado por irmãs belgas, recebia ajuda da Bélgica para se manter”. A língua francesa era, portanto, valorizada e falada no colégio entre as irmãs e as alunas. A documentação escrita sobre o colégio também era escrita em francês. O prédio do colégio tem uma estrutura baseada em construções europeias. Ora, numa cidade que pensa seu espaço a partir da representação de “parte da Europa” essas características do colégio são sinais de distinção valorizados na cidade, e que ajudam na construção de tal representação para o espaço citadino.

A educação religiosa tinha grande importância no cotidiano do colégio, assistir à missa todos os dias mesmo antes do café, era uma forma de demonstração do papel da formação religiosa para as futuras mulheres: “Todo dia tinha obrigatoriamente assistir missa, depois que nós tomávamos café, que não podia comungar depois que comíamos”. Deste modo, entende-se que a religião estava em plano privilegiado na formação das educandas. Formar para Deus, era a primeira virtude de uma futura mulher com valores morais afirmados na época. A formação também abrangia formação moral e de etiqueta:

À tarde tinham as na sala de estudos, aula de piano, de violino, de pintura, era a tarde rodinha na sala de estudos. E a freira ficava vigiando, em cima de uma madeira, acima da gente, e sentada. Às vezes elas cochilavam. Tinha aula de etiqueta as quarta-feira com uma freira. Aula de civilidade se chamava! Aprendíamos de tudo, se sentar, falar, andar, como se vestir, a respeitar as pessoas...

Aprender música, pintura, fazia parte das habilidades que uma mulher voltada para o lar teria que saber. ¹⁴⁵As aulas de civilidade, ou como as próprias alunas chamavam, de etiqueta serviam para educação de modos e maneiras de agir, falar, se comportar socialmente, enfim. Estas aulas ministradas sempre por uma freira visavam a formação de mulheres sob valores morais e estéticos valorizados na época.

Em outra parte do depoimento pode-se observar como características da disciplina e organização do colégio influenciavam na formação humana das alunas:

Ainda tinha uma vez no mês uma prova geral, que chamávamos de hora do juízo, era tipo uma prestação de contas. As freiras não incentivavam a gente a continuar estudando, nós acabamos todas casando. Nós aprendíamos a se preparar para o casamento, a cozinhar, a bordar...[...]eu casei na Capela do Colégio. Conheci meu marido representando o colégio numa festa do dia do soldado. Eu fui tomado conta de um grupo e ele recebeu prêmios por ser atleta.

Neste trecho, percebemos como a educação feminina, na época, não tinha objetivo de continuação dos estudos, e sim a preparação para o casamento e, conseqüentemente, para o lar. Esposa e mãe ideal, com valores e habilidade para atender as necessidades dos filhos e do marido. Deste modo a formação do educandário atendia a perspectiva da sociedade na época, que tinha estes valores como seus pilares para a educação feminina.

¹⁴⁵MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In.: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil III**– República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo Companhia das Letras, 1998.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres, Gênero, contribuições para um debate. In.: AGUIAR, Neuma. (Org.) **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos 1997.

Outro aspecto que chamo a atenção neste trecho é o fato do casamento, da entrevistada, ter sido realizado na capela do colégio, e seu marido conhecido num evento em que esteve representando o colégio. Estes dois dados sinalizam como o colégio está muito além de seu espaço meramente estudantil, criando para as alunas outros espaços de convivência, comungando estes espaços com outros da cidade a partir de casamentos e aniversários realizados na capela, principalmente de ex-alunas, e de eventos que o colégio participava na cidade. “Os aniversários e casamentos ilustres eram no Santa Sofia”, lugar de distinção social.

Estes outros espaços se verificavam nas festas e cerimônias realizadas no educandário que quebravam a rotina do espaço controlado, e dava a este, ares de um tempo mais leve e agradável. Era também a possibilidade de as alunas terem algum contato com pessoas de fora do colégio, principalmente meninos:

Em 18 de setembro tinha a festa do colégio, festa de aniversário. Tinha os dramas, eu trabalhava fazendo as roupas. Tinha muitas comidas uns docinhos deliciosos, uns chamados beijinhos; cachorro quente. Teve uma vez que vieram uns artistas de longe Paulo Moreno e Adilson Ramos, foi uma festa que teve por lá, as meninas enlouqueceram.

Estas festas faziam com que as alunas participassem de dramatizações, peças teatrais, musicais, enfim toda uma gama de entretenimento que rompiam com o cotidiano do colégio e faziam as alunas terem contato com outros espaços, mesmo que esse fosse limitado, uma vez que nem todos podiam participar das festas do colégio, reservada a alguns parentes das alunas: “o São João, a festa era muito boa. Nós geralmente dançávamos entre nós, mulher com mulher mesmo. Os homens eram poucos, só poucos parentes das alunas”. A entrevistada descarta mais um evento que relaciona o educandário com a sociedade e a cidade de Garanhuns:

Eu era pequena e lembro-me de uns aviões. Foi uma festa, fizeram um Hitler e mataram o Hitler como matam o Judas na semana santa. Teve uma passeata que nós do colégio saímos para comemorar o fim da Guerra. Lembro que trabalhávamos para comprar cigarros para os soldados brasileiros na guerra.

As festas, paradas, desfiles também faziam parte das atividades do colégio. Comemorar o término da Segunda Guerra (1945) e fazer campanha para compra de cigarros para os soldados combatentes mostra a interação do educandário com o que está acontecendo no mundo, e como o desenrolar de acontecimentos são sentidos na cidade. Aspecto visível também em notas dos jornais da época:

Logo que se espalhou na cidade a notícia do torpedeamento dos nossos navios nas costas de Sergipe, as alunas do Santa Sofia em protesto pela perversidade nazista, organizaram uma passeata cívica que percorreu as principais ruas da cidade e aderiram à campanha do “Diário de Pernambuco” para a aquisição de um avião para a F.A.B. com o nome de “Bainpendi”, o primeiro dos cinco navios afundados pelos piratas do eixo.[...].¹⁴⁶

O colégio também era palco de comemorações cívicas e religiosas com conotações nacionais. Nota de jornal traz notícia de missa pelos mortos da 2ª Guerra Mundial, verificando-se como a cidade participava de eventos que se desenrolavam no mundo na época:

Por iniciativa da madre superiora do Santa Sofia e com o concurso das alunas daquele educandário foram celebradas solenes exéquias em sufrágio dos brasileiros mortos pela crueldade nazista a beira de nossas costas.

Os desfiles se constituíam uma forma de distinção para as alunas do educandário na cidade. O espaço da cidade era demarcado pelos desfiles pelas ruas da cidade, como uma forma de exibição para a população da cidade da ordem, elegância, disciplina das alunas:

Eu desfilei algumas vezes. Era uma agonia os desfiles, eu passava a noite todinha me lembrando do sapato novo, meião novo que iria usar no desfile. As mais bonitas iam dividindo os pelotões. Tinha as meninas que tomavam conta das menores para não conversar. Uma vez reclamei, dei um grito, por que as meninas não estavam animadas.

Os jornal *O Monitor* também traziam notícias das festas do Colégio. Eram festas de formatura, primeira eucaristia, e festas cívicas que movimentavam o colégio e abria para ele outros espaços além de sua função meramente educadora:

A Academia Santa Sofia realizou nos dias 17 e 18 deste mês solenes festas em homenagem à digna superiora daquela casa de Ensino, a Exma. Madame Verônica de Aguiar que nesta noite celebra o seu jubileu de profissão religiosa.¹⁴⁷

As festas de formatura constituíam grandes eventos, com direito a bailes, celebrações e encontro de familiares, autoridades e alunas:

A festa de formatura na academia Santa Sofia:

Com um programa caprichosamente organizado, realizou-se no dia 10 do corrente ano, a solenidade de entrega de diplomas às alunas que fizeram o curso pedagógico e o Curso de Guarda-livros no modelar estabelecimento feminino desta cidade.¹⁴⁸

Outra data festiva para o colégio era o chamado dia da ex-aluna. Nesta data acontecia um encontro de ex-alunas, com as irmãs e suas colegas. Como a nota abaixo traz a ideia, era:

¹⁴⁶Jornal *O Monitor* em 06 de setembro de 1942. p. 03

¹⁴⁷Jornal *O Monitor* em 20 de setembro de 1942. p. 02.

¹⁴⁸ Jornal *O Monitor* em 15 de dezembro de 1940. p. 01.

“reviver um passado saudoso”. Ou seja, constituía-se num espaço de saudades, marcado por recordações de um tempo vivido em comunhão com pessoas, valores e instituições. A nota considera o educandário como “a sua casa, seu segundo lar” em alusão ao papel de formação moral, civil e religiosa desempenhado pelo Colégio a suas alunas.

Dia da ex-aluna

Cara ex-aluna da Academia Santa Sofia

Na previsão feliz e suspirado de um em encontro amistoso, no regaço querido de nossa academia inesquecível, apressamo-nos em lembrar-lhe que o próximo 17 de setembro, é o dia, nossa data de concentração anual[...] a fim de que cada um sinta que o seu educandário continua a ser “a sua casa” o seu segundo lar. [...]. Como todos os anos o dia da ex-aluna constituirá o reviver de um passado saudoso e será a expressão mais lídima de nosso reconhecimento, que traduzir procuraremos em uma significativa homenagem a tão querida Mme. Superiora.¹⁴⁹

O colégio realizava campanhas de arrecadação de fundos para pobres e para evangelização de infiéis como demonstrado em nota: “encerrou a campanha missionária do Santa Sofia” é apresentado uma campanha realizada pelas alunas do colégio para arrecadação de fundos para evangelização de “infiéis” do norte do país.¹⁵⁰ Nota-se que espaço do colégio cria ligações com movimentos de fora do espaço educacional. Mas este “de fora” incorpora-se aos mecanismos de estratégias de educar os sentimentos, disciplinando-os para as boas causas.

Outro trecho da entrevista destaca-se um aspecto de como as freiras assinalavam sua autoridade sob as alunas, um ritual que, de forma simbólica, sinaliza toda uma rede de relações entre irmãs e alunas:

[...] o que não gostava, mas fazia era, nas quartas feiras, depois de tudo, fazíamos fila e beijava a mão de Mamé (Madre Superiora), hoje não faria mais. Teve um dia que eu fiquei escandalizada com uma menina que disse: eu não beijo de jeito nenhum. A freira botava até perfume na mão. Era obrigatório fazer aquilo.

Nesse sentido, nas lembranças surgiram formas de controle, vigilância, mas também estratégias de fuga, alternativas de fugir a rigidez e o controle. O escandalizar-se pela desobediência em não beijar a mão da madre, como era de costume, denota que o controle nas atitudes cotidianas era realizado de maneira eficaz, que a conduta que fugia das regras, era uma exceção entre àquelas que viviam, experimentavam aquele ambiente. Enaltecendo este controle de forma uniforme nas notas dos jornais, especificamente *O Monitor* que pertencia a

¹⁴⁹ Jornal *O Monitor* em 24 de setembro de 1941. p. 01. Grifos do autor.

¹⁵⁰ Jornal *O Monitor* em 27 de outubro de 1940. p. 02

Diocese, o educandário é sempre apresentado como modelo de educação, civismo, moral e religiosidade para a cidade, para o Estado de Pernambuco e para o Brasil, em nota de divulgação de exposição, percebe-se alguns aspetos da representatividade do colégio para a cidade, o qual, segundo o periódico, “deve ser o colégio das filhas de Garanhuns”

“O Santa Sofia intelectual e artístico”

Houve a poucos dias, uma exposição de trabalhos manuais na Academia Santa Sofia, este estabelecimento que é incontestavelmente uma das maiores glórias de Garanhuns, de Pernambuco e do Brasil. Símbolo do mais alto valor educativo é a Academia Santa Sofia, um dos nomes que se destaca dentre os melhores colégios brasileiros, pelo seu sistema de ensino, moral e religioso, elevando sua voz que tem atraído filhas de cidades vizinhas e até de cidades muito distantes. A jovem que acaba de concluir seus estudos no Santa Sofia pode dizer com convicção que tem educação completa.¹⁵¹

Para apreender aspectos do educandário exclusivo do sexo masculino é notável o depoimento do Sr. Ivo Tinô do Amaral¹⁵², é ex-aluno do Colégio Diocesano, é funcionário público aposentado e comerciante - dono de emissora de rádio. Exerceu cargos públicos eletivos sendo ex-vereador, ex-prefeito de Garanhuns, ex-deputado estadual. O relato nos traz lembranças do Ginásio Diocesano de Garanhuns, posteriormente denominado Colégio Diocesano de Garanhuns:

Nasci em Lajedo e cheguei em Garanhuns em 1946, direto para o internato do colégio diocesano, para ser entregue ao colégio do diocesano, na época padre Adelmar. Tinha 150 internos, tinha interno de todas as cidades do Nordeste, principalmente de Alagoas, de Pernambuco, de Paraíba, de Sergipe, da Bahia. Devo muito ao internato. Entrei com 12 anos na 3ª classe. Naquela época tinha o exame de admissão para o curso ginasial, fiz o curso ginasial, 1º, 2º, 3º e 4º ano lá, depois passei a ser externo e fiz o 1º científico e o 2º científico e fui para Recife quando estava terminando o curso, meu pai morreu e tive que retornar, tomar conta de minha mãe, minhas irmãs, passei a ser pai de família com 17 anos.

A vida do entrevistado é marcada pela vivência no colégio e suas memórias são pautadas pelos eventos relacionados ao educandário, durante a entrevista é percebido tais aspectos, é também interessante notar como seu tempo de vida, suas histórias pessoais vão interagindo com o tempo de eventos como chegada, permanência e saída do educandário, além das relações que ele mantém com padres e colegas ao longo da vida. O depoimento perfaz vários aspectos de sua formação no colégio:

¹⁵¹ Jornal *O Monitor* em 27 de outubro de 1940. p. 04. Grifo do autor.

¹⁵² Ex-aluno do Colégio Diocesano – ex-prefeito de Garanhuns, ex-deputado estadual – funcionário público aposentado e comerciante (dono de emissora de rádio). Entrevista realizada em sua residência no bairro Aloísio Pinto – Centro - em Garanhuns - gravador digital. (Acervo do autor.) – 2010.

O internato foi uma escola pra mim de grande formação, o Monsenhor Ademar foi um grande educador, além de um grande religioso, exemplar. Realmente, quem estudou com ele, passou por suas orientações, seja interno ou externo, não deu pra gente, se não quis. O padre organizava nossas vidas, quem teve umas aulas de civilidades com ele aprendeu alguma coisa. Diariamente ele parava uns 40 minutos na capela, principalmente os internos. Eram aulas de orientações para a vida. Uma coisa que ficou comigo, foi que ele dizia: - leiam vocês precisam ler, leiam pelo menos um jornal por dia. Tinha ótimas relações com o colégio, muitas, amizades, temos ex-colegas, médicos, advogados, desembargadores. Faziam a festa de conclusão. Passei sete anos lá. Tínhamos bons professores, escolhidos a dedo. Não tenho nenhuma inveja dos cursos universitários que tem por aí.

Vão surgindo detalhes da rotina do colégio e sua relação de admiração e amizade com o Monsenhor Ademar da Mota Valença, diretor na época e tido como referência de moral, educação, e religiosidade pelos alunos e por toda a cidade, suas relações com o Monsenhor foram além do colégio, perfazendo relações políticas e pessoais: “Tive uma relação muito próxima com o Padre, é meu compadre, padrinho do meu único filho homem, entrei na política pelas mãos do irmão dele, Amílcar, eu tinha 26 anos, em 1963.”

As aulas de civilidade¹⁵³, assim como no Colégio Santa Sofia, faziam parte do cotidiano do colégio. No Colégio Diocesano, estas aulas eram ministradas pelo Monsenhor Ademar, nas quais, segundo o relato, eram tratados mais diversos assuntos:

Ele nos falava da vida, ele falava de uma espécie de futurologia, de como íamos proceder, éramos jovens mas precisávamos nos orientar para o futuro. Lembrava da confiança de nossos pais investindo na gente para e gente ser gente no futuro. Na verdade, o que ele nos ensinava e tudo o que tá acontecendo hoje. Às vezes vejo uma coisa e lembro, olha isso o padre já nos falava nas aulas de civilidade. Ele dizia sempre; todos aqui não vão ser doutores, não há possibilidade de serem doutores, não há possibilidade, alguns serão professores, funcionários públicos, advogados, agricultores, comerciantes, funcionários públicos, alguns também não serão nada, darão trabalho a suas famílias, mas estou procurando mostrar a vocês o que vocês vão enfrentar na vida, e sobretudo como proceder na vida em relação a ética, moral, de honrar o nome da família, do colégio que estudou, e marcou muito todos. Antigamente tinha o aniversário do colégio, e nós nos reunimos e conversávamos sobre as aulas do padre.

A formação ética e moral, voltada para uma formação cristã, também fazia parte das aulas ministradas pelo Monsenhor, era ensinado civismo, educação patriótica, com destaque para a valorização da instituição familiar e valorização da própria instituição de ensino. Nota-se a preocupação do educandário perfazer uma educação voltada para os valores morais

¹⁵³Essas aulas de “civilidade” presentes nas recordações relacionam-se com a formação moral e de bons costumes que se pode remeter as ideias das obras: ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990; REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da Vida Privada**. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

cristãos, e, a partir destes uma valorização de aspectos de manutenção dos valores sociais de honra, fidelidade a princípios éticos valorizados na época. Destaco ainda, a relação entre os dois colégios católicos para a cidade, o Sr. Ivo Amaral, casou com uma ex-aluna do internato do Colégio Santa Sofia. Fato esse comum entre estudantes dos dois educandários. Representava um direcionamento católico dos noivos, uma formação sólida, continuidade de valores morais e certo nivelamento social.

Adentremos nas memórias do Colégio Presbiteriano XV de Novembro, com base nos depoimentos de três de seus ex-alunos. Iniciamos com o depoimento do Sr. Macilon Gomes Falcão¹⁵⁴, fotógrafo e comerciante¹⁵⁵. Residente na cidade de Garanhuns onde na época da entrevista, possuía um bar frequentado por boêmios, estudantes, e pessoas consideradas “alternativas”. Trechos de seu relato são reveladores:

Tinha colégios muito bons e o ensino era muito bom, e foi embora esse pessoal que ensinava mesmo. Estudei no XV, frequentava a Igreja Presbiteriana, no Colégio e na Igreja fui muito bem tratado, até professor já fui. [...] quando eu comecei a estudar tinha quatro ou cinco anos completos, tinha o jardim da infância e tinha o preliminar. Colocaram-me no preliminar, que era como se fosse o primeiro ano de admissão no Colégio. E os alunos sabiam ler e escrever, eu também já sabia ler, tinha aprendido com minha mãe, minhas irmãs, sabia o nome deles e o nome da minha cidade. Minha mãe me fez aprender o nome da cidade e da rua logo cedo, que se eu me perdesse, eu saberia me orientar. Tinha uma professora Dona Cacilda, era muito interessante, ela fazia a gente escrever no quadro, que não era negro, já era verde, e ela nos ensinava direitinho. Elas pareciam mães da gente. Ela tinha um carinho com a gente, tinha muito proximidade. Eu andava no Diocesano como se fosse o meu colégio, lá só era de homens. Meu pai era fotógrafo e tinham que tirar as fotos para as carteiras do colégio e eu com ele eu ficava com a máquina de fotografia. Aí com ele estava cansado eu ajudava ele. Também ia fotografar as internas do Santa Sofia.

Destaco neste depoimento as travessias que o entrevistado faz pela cidade a partir das andanças com seu pai, que foi uns dos primeiros fotógrafos da cidade, o cotidiano do colégio, sua proximidade com os professores, as travessuras de criança, dão a entrevista um navegar por sentimentos de saudades, e de boas recordações do seu tempo de estudante. “Apesar de sermos da Igreja Presbiteriana éramos muito amigos de todo mundo da Igreja Católica. E como pai era fotógrafo oficial da igreja, depois que o bispo (Dom Expedito)¹⁵⁶ morreu veio muita gente procurar fotos, com ele”.

¹⁵⁴Ex-aluno do Colégio XV Presbiteriano XV de Novembro – fotógrafo e comerciante. Entrevista realizada em sua residência no bairro Santo Antônio – Centro – Garanhuns - gravador digital. (Acervo do autor.)

¹⁵⁵ Seu pai, Esperidião Falcão foi o primeiro fotógrafo profissional de Garanhuns, dono da “foto ideal”. Algumas fotografias da foto ideal, foram utilizadas nesta dissertação.

¹⁵⁶ Dom Francisco Expedito Lopes foi o quinto bispo de Garanhuns de 1955 a 1957 e foi assassinado pelo Padre Hosana em sua residência no Palácio Episcopal, no centro de Garanhuns alvejado por três tiros fatais. Este fato

As lembranças da presença dos norte-americanos no colégio, quando os mesmos dirigiam o educandário desde sua fundação em 1900 até a década de 1980. Surgem, no depoimento, recordações em tom de nostalgia:

Tinha muitos americanos no Colégio na época que estudei. Até namorei uma americana. Eles tomavam conta do Colégio. Eu às vezes ia lá, que comida boa...! [...] tinha muita gente aqui, mas as pessoas foram saindo, as pessoas dos colégios, foram deixando a cidade.

As transformações da cidade, a saída dos americanos, o crescimento, reformas, e mudanças sociais e culturais da cidade são relembradas como parte de sua vida, as memórias da cidade, do colégio mesclam-se às suas, fazendo surgir uma teia de acontecimentos que ajudam a apreender práticas, disputas e discursos da época,

O Colégio XV modernizou Garanhuns, foi o primeiro, e tinha o grande lance: era misto, depois inventaram o Diocesano, dos meninos e o Santa Sofia, das meninas. Quando comecei a estudar Jule Spak era diretor e continuou sendo diretor de minhas irmãs, conheci também seu Artur, que foi diretor também, era brabo, mas comigo nunca foi. Tinha dona Ana, mulher de Artur, era tão engraçado, eram americanos. O teatro de lá era bom, as pessoas saíam daqui de Garanhuns para se apresentar fora.[...] Não precisei fazer faculdade tudo que aprendi foi no colégio, quando cheguei na universidade, foi uma decepção fui embora nunca mais voltei, fui fazer na Federal (UFPE) engenharia, mas só comecei a fazer.

A modernização da cidade associada ao colégio, que foi o primeiro grande educandário particular do interior do Estado de Pernambuco, e o único na cidade a ser misto, algo que entra na disputa de poder e espaços entre religiões, que analisarei posteriormente no subitem - 2.3 da dissertação.

Vamos agora “escutar” trechos do depoimento da Senhora Leda¹⁵⁷, interna do Colégio XV, professora de Educação Física aposentada, mora na cidade de Bom Conselho. Suas lembranças são pautadas por detalhes de estratégias e maneiras de vivências no internato:

Acordávamos cedo de umas seis horas da manhã, tinha que acordar cedo para tomar banho, tomar café, e fazer a caminhada, que era perto, do internato para o colégio, lembro que tinha uns meninos que nos esperava, de longe, naquele tempo era tudo de longe. Depois do almoço tinha a sesta, depois dormíamos um pouco e depois tinha a banca, que ia de quatro até umas seis horas. Era banca de estudos com censor tomando conta. Tinha de tudo, se estudava, conversava, tinha aula de piano, tinha aula de música, tinha a lareira do internato, nem parecia o Brasil, era muito bom. Quando era

causou muita comoção na cidade e Região e desde do ano 2000 o bispo está em processo de canonização pela Igreja Católica.

¹⁵⁷Ex-aluna do Colégio XV Presbiteriano XV de Novembro – professora de Educação física aposentada. Entrevista realizada em sua residência no bairro – Centro – na cidade de Bom Conselho - gravador digital. (Acervo do autor.) – 2010.

o último dia era uma festa. A gente fazia de tudo e eles faziam de conta que nem viam. Tinha toda um relacionamento, havia um certo perdão. Tinha o contato através do parlatório onde recebiam os pais, e levavam lanche para todas as do quarto. A gente escrevia cartas sempre para pedir alguma coisa, para pedir dinheiro para o lanche, para falar de saudade, era muito bom.

A rotina do colégio é lembrada com nostalgia, lembranças de um tempo de alegrias e boas convivências, como a entrevistada fez questão de enfatizar durante a entrevista, o controle por parte dos censores, parecem não incomodar tanto a entrevistada, que sempre criava uma forma de driblar a vigilância e fazer do cotidiano algo alegre e harmonioso. Sua vida vai surgindo a partir das lembranças do internato no colégio:

As pessoas pensavam que eu estava na Rússia, estudando na Rússia, meu pai era tido como uma pessoa comunista, eu estaria estudando lá. E eu estava no XV de Novembro que era de americanos. Depois sai para em Recife estudar. As memórias do internato? Ah, São ótimas memórias. Naquela época era como se fosse uma época moderna. Aqui, no internato do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, a gente não via nem o rosto de um menino, era internato feminino. Quando cheguei lá no XV, eu não tinha estudado em colégio misto, para mim era novidade. Tinha as meninas do externato que nos encontrávamos aos domingos para jogar pingue-pongue, tinha a conversa, era muito aberto o XV naquela época, por isso eram ótimas as memórias. Não tinha aquele sistema religioso dos orfanatos de freiras. O colégio era presbiteriano, mas era com outra cabeça, do pessoal que vinha dos Estados Unidos e que tinha mais liberdade. Eu tenho uma memória de uma coisa boa, muito boa.

A visão inovadora americana, o contato com colégio misto, o contato com meninos, é destaque na fala de Senhora Leda, além da diferenciação que a mesma sentiu entre o colégio misto e presbiteriano e os educandários católicos dirigidos por freiras, na qual tinha estudado em sua cidade natal, Bom Conselho, anteriormente.

Tinha o professor Spak, que era um homem, assim, iluminado, na época era professor de química e professor Bil, que era de física. Pastores educados. E eu que nem católica nem era nada, meu pai era ateu e também no meio. Mas achava bonito aquele culto.

O encanto com os professores, a diferença religiosa se destaca no depoimento como forma de diferenciação em relação a seu convívio familiar a novidade da postura dos pastores e professores é notável em alguns trechos da entrevista.

[...] um dia que eu vi alguma coisa diferente. Particpei da escola dominical. [...] o quinze naquele tempo estava preocupado com o homem completo, com o ético, religioso.[...] tinham uma visão ousada. [...] penso que Garanhuns é mais avançada de que as outras cidades, por conta destes pioneiros do colégio. O Diocesano o Santa Sofia, mas o XV trazia uma visão inovadora.

Havia uma sofisticação no colégio Santa Sofia, a limpeza era diferente, o Colégio XV era moderno isso eu via quando íamos jogar por lá. Mas tínhamos respeito por todos os colégios, havia respeito entre os colégios. Era um peso para a cidade.

O peso para a cidade com os colégios, a diferença estética entre o que ela considera “moderno” no Colégio XV e sofisticado, com padrões europeus do colégio Santa Sofia. Diferença sempre ressaltada pelos que conviveram com as duas realidades distintas. Pessoas compõem um quadro de referência moral, ética para os alunos. O professor Jule Spak, depois diretor, aparece sempre nas memórias dos entrevistados:

[...] Para mim um homem inesquecível se chama o professor Spak. Eu me lembro que teve um dia que gente tinha que se apresentar e a roupa era enrolado no corpo da gente com alfinete. E ele precisou ir lá, por que tinha que vê, e entrou...nós todas adolescentes, tudo assim[pausa] ele não olhava nada do nosso corpo, ele falou: não se preocupe eu não estou vendo. E realmente a gente sentia na maior confiança que realmente ele não estava vendo. Era um homem diferente!

As lembranças de brincadeiras, que quebravam a rotina organizada, emergem como sintoma de fuga das ordens estabelecidas, como trampolinagem, como salienta Certeau¹⁵⁸. Assim no espaço dos internatos, havia um momento de quebra da aparente ordem e controle:

A noite a gente sai para brincar de fantasma da ópera. Tinha o piano e a gente saía tudo de branco até meia noite, aí eu tocava o pife, só sabia tocar isso, e tinha uma que avisava quando vinha censora, Dona Geni, que ficava louca dentro do internato procurando onde a gente estava. Outro tipo de brincadeira que gente brincava era guardar segredo, segredo besta, mas para gente era um divertimento aquilo. A gente colocava xampu de todo mundo na cabeça de quem contava o segredo, ficava aquele monte de espuma, e o banheiro só se via espuma...e os segredos era tipo sair escondido para o comércio.

Sair para o comércio sem permissão era forma de demonstrar domínio para com as demais internas, de abrir espaços de outras convivências com o mundo externo, além do permitido pelas regras do educandário:

Teve um dia que foi perigoso que saiu nós três, as três companheiras de aventuras, eram as mais velhas, tomávamos de conta do externato...tínhamos saído escondido e de repente já vem o censor. E pensamos: - e agora, o que fazemos? Nós entramos e pedimos ao gerente da loja, para a gente se esconder embaixo do balcão e a gente só rindo, pois o censor comprou ferramentas exatamente naquele balcão. O gerente às vezes olhava pra gente e a gente só quieta e com medo. E assim era mais uma aventura para contar no internato. Teve um dia também que gente foi ao baile, logo tinha festa no XV. No dia XV, tinha aquela festa bonita, com danças, e eu era a dançarina do XV, a gente se apresentava no próprio colégio, e teve um dia que a gente foi convidada para um baile o clube AGA, mas como a gente ia se os diretores não deixaram. E de agente se arrumou e combinou de ir escondido. Meia-noite estávamos em frente ao portão, mas como fazer isso? Fechamos a janela, demos comida ao cachorro, quando os dois foram para trás um pouco, era o tempo que a gente tinha para pular o muro e cair do outro lado, pegar as roupas que já estavam lá, para a gente

¹⁵⁸A noção de trampolinagem é associada, para Certeau, às resistências, às práticas de redistribuição de ordem construída como manobras entre forças desiguais. p. 79. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I – artes de fazer**. 12.^a ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

se trocar na casa de outra colega. A gente se apresentou lá, participou de tudo, vieram nos trazer abrimos a portinha pequena por tínhamos saindo e ninguém soube disso, está sabendo agora [risos].

Marcar os espaços com ações que driblam a vigilância e o controle do mesmo perfazem um jogo de práticas que visão construir alternativas de sobrevivência, de experimentação dos espaços de forma a transformar, abrir transversais neste espaço de aparência harmônica e vigília totalizante. As práticas, neste sentido, redirecionam os lugares, os transformam em espaços de lutas, combates, se humanizam a partir destas ações de rebeldia, de desafios a ordem estabelecida pelas instituições e pelas normas da cidade. Mesmo quando era permitido algumas atividades de diversão e lazer aos internos, sempre tinha alguma forma a mais de driblar a autoridade dos censores:

Domingo a gente ia para o culto, mas a tarde tinha o bate –papo com os alunos, existia o namoro. Aquela coisa bem interessante. A gente falava - vamos nos preparar para o domingo à tarde. Tinha os passeios, pique-nique. Saíamos todo domingo. Muito interessante a gente ia a gente ia para o Tavares Correia que tinha piscina, a gente ia para lá e tomava banho de piscina. A gente participava com a banda nos jogos internos, desfiles. A gente ia para o cinema, no domingo saíamos com uma censora.

Outra história é que eu falei; - olhe eu vou andando e vocês vão em empurrando e eu pego na mão de uma pessoa que estava ali. Quem estava era a censora Geni. Aí quando eu puxar na mão dela ela cai também na piscina. Então ela caiu com sapatos, com óculos, foi aquela bagaceira [...]e eu falei: - não tive culpa, mas estava tudo planejado.

[...]tinha noite que tinha a comunhão, eu nem sabia que o que era comunhão, mas queria rir e fazer rir. Quando passava a comunhão eu pegava o vinhozinho dos cálices, pegava a vontade, ficava vermelha, tomava três quatro vezes quando passava e comia aqueles pãezinhos, tão bem feitiños. A censora olhava pra mim e dizia que não pegasse e eu fazia que não tinha visto.

Rir e fazer rir constituía uma prática de desvio das normas, mesmo nas horas sérias dos cultos religiosos. A intenção era driblar o controle e chamar atenção dos outros. Visto deste modo, exercer o domínio sob adolescentes nem sempre era possível, mesmo numa época de rígidos valores morais e religiosos. As brechas de saída das vigilâncias praticadas pela Senhora Leda são lembradas como forma de uma vivência harmônica compartilhada em tempos que ela faz questão de lembrar sempre com sorriso nos lábios e olhar atento e fascinado por este passado vivido, mas fazendo questão de ressaltar a beleza do presente e as esperanças do futuro.

Prossigo com as lembranças da Senhora Zilda¹⁵⁹, ex-aluna do externato do Colégio XV de Novembro. Nessa instituição foi também diretora. É professora e pedagoga aposentada.

Estudei no Quinze e um pouco de tempo no Santa Sofia. Estudei pouco tempo por lá e depois retornei ao Quinze. Não tenho boas recordações do Santa Sofia, eles pressionaram demais a religião e eu adolescente marcou muito. Gostava só de uma madre que dava aula a gente, Madre Rosário. Minha família era espírita, só eu presbiteriana. Ah...lembro muito bem das brincadeiras e das amizades, nós nos encontramos às vezes, ainda hoje. Eu fui externa, o colégio era de orientação americana, não tinha diferença entre externos e internos. No Santa Sofia tinha. Interna não conversava com externa. Inclusive tinha determinadas matérias que nos separavam. No Quinze a orientação, podemos dizer para frente, para o meio do século passado era, isso eu acho que dá mais força, mais segurança. Por que a gente aprende a se defender, não fica preso a uma caixa de vidro com medo de todo mundo, e também o aspecto da liberdade religiosa, de pensamento, apesar de sempre ter orientação religiosa, o objetivo sempre foi de expandir o evangelho, mas sempre respeitava e ainda hoje, durante o tempo que estudei trabalhei e dirigi o colégio, não se estuda a doutrina presbiteriana e sim estudos bíblicos.

O depoimento da Senhora Zilda, perfaz a experiência não apenas de ex-aluna, como também ex-professora e ex-diretora. Assim acrescenta detalhes de direcionamento do Colégio em sua religiosidade e suas diretrizes pedagógicas. No trecho acima, destaca-se a ênfase que mesma dá a liberdade religiosa praticada no colégio, mesmo este sendo de orientação presbiteriana.

Alguns de lá seguiram os estudos foram pastores, muitos ex-alunos escritores e pastores. Muitos da minha turma fizeram curso de pastores.[...]os professores eram rígidos, mas havia mais êxito na aprendizagem do que hoje. Tinha professor de matemática que fazia prova diária nos últimos cinco minutos de aula.

[...]Mas no colégio já tinha laboratório. E tínhamos ótimos professores[...] as aulas eram de 7:00 as 13:00, um intervalo entre a penúltima e a última aula. E uns 20:00 minutos de intervalo.

A rigidez dos professores, o direcionamento do educandário em formar pastores e missionários, o controle do tempo das aulas, são lembranças que vão percorrendo um tempo vivido e construindo significados para a vivência com alunos professores e diretores:

O diretor na minha época era o professor Jule Spak, depois Smith. Todos eram pastores. Seu Spak mesmo sendo diretor era também professor de matemática, teve uma escola interessante: estava na 2ª Guerra Mundial e o avião caiu e ele nadou 18 horas e ele pensou, enquanto tentava sobreviver, que se sobrevivesse iria para um país bem distante ser missionário, a guerra acabou e ele veio para o Brasil e viu o nome de uma cidade bem diferente e quis vir para cá.

¹⁵⁹Ex-aluna do Colégio XV Presbiteriano XV de Novembro – ex-diretora do mesmo colégio. Professora e pedagoga aposentada. Entrevista realizada em sua residência no bairro de Heliópolis em Garanhuns - gravador digital. Acervo do autor.

Mais uma vez Jule Spak é mencionado como referência de um tempo de modificações para o colégio, o mesmo realizou reformas estruturais, construção de novo prédio, montagem de laboratórios e toda uma nova estrutura para a instituição. Ainda mais um trecho do relato:

Uma escola mista dá mais segurança a jovem, bem mais que o jovem, porque a gente aprende a se defender, foi uma imposição da Lei 5692, mas foi uma lei da época dos militares assinada em 1971. Foi gradativo teve um período de adaptação.

Estudar numa escola mista, foi destacado pelos entrevistados como forma de modernização do ensino. Para as jovens do sexo feminino esta característica é sempre valorizada, uma vez que na sociedade na época em análise a condição feminina era vista ainda como subalterna, como sinaliza artigos de jornais analisadas em capítulo anterior. Além de ser misto, outra novidade que o Colégio XV de Novembro traz para a cidade e para a região são o grande enfoque nas práticas esportivas, trazidas dos Estados Unidos e que fazia da instituição referência em algumas das modalidades praticadas pelos alunos:

O vôlei e o basquete trouxeram para o Brasil estes esportes, o primeiro foi no colégio Mackenzie. Aqui na região que foi pioneiro foi o Quinze, tinha atividades à noite na quadra aos sábados. A quadra foi fundada nos anos 40 foi umas das primeiras cobertas do Nordeste na época.

Para entender melhor alguns aspectos do Colégio XV de Novembro como também a educação na época, parte-se para análise de trechos de entrevista de Jule Spach¹⁶⁰, concedida ao Jornal informativo da comemoração do centenário do educandário no ano 2000: *A luz do Quinze*:

O tempo que permaneci no Quinze foi melhor do que pensava. Gostei muito de trabalhar com a mocidade. Sou esportista e encontrei lá muitos alunos que gostavam de esportes. Foi um grande desafio melhorar os programas de ensino. Como engenheiro, encontrei oportunidades de construir novos prédios e melhorar o espaço físico da unidade.

Os desafios encontrados com deficientes estruturas físicas, além de outros problemas com aspectos pedagógicos são lembrados, como dificuldades que ele logo decidiu trabalhar para modificar as estruturas encontradas lembradas nos depoimentos de ex-alunos. A cidade e suas dificuldades cotidianas também são, por ele, lembradas:

Ao chegar em 1952, o colégio tinha menos que 400 alunos. Muitas vezes faltava água e energia. Quase não havia carros. O meu Jeep era um dos cinco carros da cidade. As estradas do Recife à Garanhuns eram de terra e o transporte principal era o trem, cuja

¹⁶⁰Jule Spach – missionário americano. Engenheiro, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, Professor e diretor do Colégio XV de Novembro. Entrevista concedida ao jornal “A luz do Quinze” em novembro de 2000.

linha terminava em Garanhuns. Telefone não havia. Garanhuns era uma cidade de mais ou menos 35.000 mil pessoas.

Os espaços para as aulas eram muito pequenos, com 30 alunos estudando em cada sala. Nos dormitórios tínhamos mais ou menos 15 rapazes dormindo em cada quarto.

O problema da comunicação-correio precário, pouco transporte, etc. os livros de ensino eram fracos. No início, salas muito pequenas. Além disso, foi difícil criar ambiente em que as famílias da região achassem importante o ensino das mulheres. Conseguir ajuda financeira para alunos de famílias pobres também não foi algo fácil.

O ensino para as mulheres pela dificuldade de aceitação por parte das famílias é observado como uma das principais dificuldades, algo que vem ao encontro de uma construção discursiva acerca da educação e do papel feminino na sociedade da época. Tal temática já discutida nessa dissertação. Ainda destaca as dificuldades na cidade como a comunicação e transporte. Ideias essas contrastando com as narrativas de cidade moderna, desenvolvida que eram enaltecidos na época aqui estudada. Porém as dificuldades encontradas são, algumas delas, superadas com suas realizações a frente quando diretor do educandário. As reformas e novidades foram frequentes:

O novo prédio com salas de aula e laboratórios de ciências, o campo de futebol...consegui bolsas de estudos para jovens pobres. Desenvolvi um programa de esportes bem diversificado envolvendo boxe, vôlei, basquete e futebol. Organizamos programas de esporte com outros colégios do Ceará e Sergipe. Construímos laboratórios de química e física, além de anfiteatros para aulas especiais. Modificamos o corpo docente e oferecemos treinamento aos professores. Realizamos um campeonato nacional de basquete com todos os estados do Brasil.

As memórias também dão espaços aos sentimentos. Quando questionando pelo que sentiu saudades, ele recorda as diversas experiências e contatos com os alunos, assim com semelhante sentimento as experiências foram compartilhadas pelas narrativas de memórias dos alunos:

As lembranças de meus alunos e experiências que tivemos juntos, nas salas, nas festas, nos esportes, nos cultos, nas viagens que fazíamos, nas visitas a minha casa. Muitos terminavam como membros da família. O ponto alto de minha visita durante a comemoração do centenário foram os reencontros com eles.

Caminhos de encontros e desencontros, o colégio nestas palavras, é um elo de encontro de sentimentos entre passado e presente, porto de encontro de vidas compartilhadas, de histórias vividas no convívio diário, de muitas lembranças e saudades. Saudades que os alunos entrevistados expressam de um tempo de alegrias e descobertas compartilhadas em conjunto, na construção sentimental de um espaço de múltiplas histórias.

Nas memórias aqui apresentadas, a disciplina e controle buscava atingir diretamente as mulheres. A sua formação exigia maior atenção por parte de membros da Igreja Católica e da imprensa que exigiam das famílias maiores cuidados no cotidiano e na formação das moças. Esta atenção por parte de instituições sugere que há constante quebra nas regras sociais. A educação da mulher pensada na época como diferencial está sofrendo modificações, mesmo que sejam sutis, e as manutenções de disciplinas por parte do colégio e refletindo na cidade, são indícios desta nova condição que vai despontando. Mesmo com forte formação em sociedade patriarcal em que o homem está no centro de decisões, na Região Nordeste¹⁶¹, especificamente em cidades do interior afastadas dos grandes centros urbanos. Sutilmente as mulheres vão modificando seu modo de pensar e suas atitudes, mesmo que de forma lenta, e aderindo a novas relações de poder advindas em um mundo em transformação, principalmente no período Pós-Segunda Guerra Mundial. As mudanças são sentidas lentamente e as instituições tradicionais irão lutar pela manutenção de seus valores e seus espaços de poder. No caso da cidade, de maioria católica romana, a Igreja Católica Romana irá usar seu discurso para demonstração de sua força ante outros grupos.

2.3. Disputas de espaços: católicos x protestantes

O Colégio XV traz para a cidade algumas características que fogem as regras ditadas pela maioria católica. Por ser de orientação protestante, por ser misto, por trazer outras práticas esportivas para a região, enfim o colégio na visão dos entrevistados, tem a representação de modernização da cidade, de configuração de outros espaços de poder, de saber de outras práticas que ajudam a formar a representação da cidade moderna, elitizada, culta, “parte da Europa” mesmo com diretrizes norte americanas, que conduziam as práticas do educandário. Apropriando-se de novas práticas as diretrizes do Colégio criam signos do novo, ressoam novas formas de concepções educacionais e sociais que marcam, (re)significam o território demarcado da cidade. As notas, artigos e matérias em jornais na cidade acerca dos colégios são raras nos jornais pesquisados, sinal de uma imprensa dominada por grupos católicos, que concorriam pelo espaço citadino. Neste sentido, a matéria abaixo é uma exceção:

¹⁶¹A discursão de formação e manutenção da diferenciação sexual de poder, especificamente na Região Nordeste está presente em: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino** (Nordeste – 1920-1940). Maceió: Editora Catavento, 2003.

Em comemorações condignas o Colégio XV de Novembro encerrou os festejos por motivo do 52. Anos de sua fundação. É o “15” o estabelecimento de ensino mais antigo de Garanhuns, e que tem nesse desfilar de nos servido da melhor forma possível e cumprindo o que se impôs cumprir, servindo a Deus e ao Brasil encaminhando a mocidade para uma maturidade sadia e útil e a pátria e, lá fora se impondo, pelos ensinamentos de valor que ali recebeu, durante toda sua vida estudantil.¹⁶²

Saliento que em artigo, do jornal *O Monitor*, sobre parada da juventude na cidade, o Colégio XV, aparece apenas como “outro educandário” numa clara sinalização de disputa de espaços de poder na cidade pelos colégios:

Parada da juventude

A cidade comemorou o dia da juventude brasileira com um grandioso desfile, do qual participaram todos os educandários superiores, aqui localizados, escolas estaduais, municipais e particulares. [...] O Ginásio compareceu com perto de 350 alunos bem disciplinados. Marchando em ordem e com entusiasmo digno de nota, o mesmo podendo se afirmar do Santa Sofia e outro educandário desta cidade, cujos alunos se mantiveram com bonita linha de conduta.¹⁶³

A cidade é assim pensada e problematizada como espaço de poder, de disputa desses espaços, pela criação e (re)significação de territórios demarcados pelas instituições, como também, por algumas práticas cotidianas que desviam as normas, as condutas pré-estabelecidas.

Todavia, por mais que se tente construir para a cidade um espaço harmônico, totalizador, o mesmo é riscado por disputas que gestam novas configurações espaciais. O espaço citadino é constituído por brechas, por engendramentos de poderes em conflito que fazem da cidade palco de (re)configurações, de conflitos de modos, hábitos antigos e novos que convivem, sobrevivem, em conflitos uns com os outros de maneira que as práticas sempre fluídas, inconstantes e tênues busquem sentido neste emaranhado de narrativas que formam a cidade, sem dar a ela, todavia, nenhuma perspectiva de finalização dessas narrativas. Pairam no ar o estranhamento de discursos que tentam totalizar as experiências, (con)vivências deste espaço sempre em construção e deslocamento contínuo.

A produção espacial se dá num duelo entre incluir e excluir, controlar, vigiar. Nesta dinâmica emerge um espaço como produção social com toda uma gama de práticas que dão a ele significado para sua existência como sugere Certeau¹⁶⁴. Ainda remeto ao mesmo autor ao

¹⁶² Jornal *Diário de Garanhuns* em 28 de novembro de 1952. p. 02

¹⁶³ Jornal *O Monitor* em 24 de setembro de 1941. p. 01. Grifo do autor.

¹⁶⁴ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano I. Op. cit. p. 201-203.

considerar que “todo relato é um relato de viagem, portanto uma pratica de espaço”¹⁶⁵ e de forma poética, ao salientar que “os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares”¹⁶⁶

Ora, é esse tecido de lugares, imagens, discursos que dão a cidade as suas silhuetas e as múltiplas possibilidades que temos de sentir seus encantos, suas disputas, seus imbricados lances de jogo de poder e saber. Assim, na cidade de Garanhuns na temporalidade em análise passa por modificações e disputas nos diversos campos de poder. A disputa religiosa entre neste duelo e como os colégios estão ligados a tendências religiosas são estes cenários de referência e diferenciação entre os grupos que querem exercer seus poderes no espaço citadino.

De um lado, encontra-se a Igreja Católica ligada a dois colégios, o Diocesano, na época exclusivo para o sexo masculino, controlado por padres ligados à diocese de Garanhuns; e o Santa Sofia, exclusivo do sexo feminino, ligado à congregação Damas da Instrução Cristã, controlado por freiras. Do outro lado da disputa de espaços, estava o Colégio Presbiteriano XV de Novembro, ligado à congregação presbiteriana e controlado por pastores e missionários, na época, de origem americana. Temos aqui um quadro de disputa religioso e de controle que adentra formas de concepção de mundo e sensibilidades diversas.

As memórias e os periódicos vão elencando esse quadro de combate que se trava na cidade, muitas vezes de forma sutil, mas quebrando a ideia de totalização e de espaço controlado e vigiado. Para compreender esta disputa, analisa-se matérias do jornal *O Monitor* fim e apreender como o tema é tratado:

É criminosa toda cooperação, direta ou indireta, que houver da parte de católicos para colégios fundados e mantidos, por sociedades e pessoas protestantes. Nguem os católicos sua cooperação e tais colégios ficarão com matrículas reduzidas.¹⁶⁷

A nota não traz o nome do colégio, mas refere-se ao Colégio XV de Novembro, por ser o único protestante da cidade, a campanha para que os católicos tirem seus filhos deste educandário é vasta, e virão em outras notas a seguir. Há um grande incômodo por parte dos católicos referente ao estabelecimento de ensino. O colégio é o primeiro a ser fundado, já em 1900, este tinha uma ampla estrutura, e pelo que foi apurado na pesquisa, havia toda uma discussão na cidade por este pioneirismo protestante, frente a uma sociedade predominantemente católica, tanto que há uma luta no início do século para que

¹⁶⁵ Ibidem. p. 202.

¹⁶⁶ Ibidem. p. 176.

¹⁶⁷ Jornal *O Monitor* de 21 de janeiro de 1940. p. 01. Assinada pelo Padre J. Moraes.

estabelecimentos de ensino católicos fossem criados na cidade. No entanto, os protestantes detinham grande poder na cidade, não apenas pelo colégio, mas também pela manutenção de templos, de instituições de caridade, como o primeiro orfanato, que exerciam influência sob o espaço citadino. Havia assim, uma elite protestante na cidade que tinha sua força e que buscava deter hegemonia. Talvez, por isso tanta preocupação por parte dos católicos nesta disputa de território da cidade. Assim sendo outra matéria intitulada “cooperação criminosa” cobra-se de forma mais firme o posicionamento por parte dos católicos:

[...]é inacreditável a má fé de alguns de nossos católicos na cooperação que prestam a propaganda protestante entre nós. Má fé, e não ignorância, uma vez que não faltam advertências e conselhos para não concorrerem para tal obra desnacionalizante de desagregação espiritual do Brasil. Desnacionalizante e antipatriótica é a propaganda protestante entre nós [...] ¹⁶⁸

Considerada criminosa, a permanência de filhos de pais católicos na instituição protestante, é tida como ato de desobediência, de desvio de comportamento moral, além de representar atitude contra a manutenção de valores da pátria, da nação, considerada antipatriótica. Nas relações que estão se processando entre Igreja Católica e Estado no Brasil, este discurso sinaliza bem as intrínsecas relações entre o Estado Novo varguista e a Igreja Católica, uma vez que o domínio das massas por parte do Regime se articulava com estas relações. Portanto ir contra os preceitos da Igreja Católica era também está de encontro aos posicionamentos do Regime vigente. Assim os pais deveriam manter seus filhos em instituições católicas para assegurar formação moral e ideológica dentro das diretrizes cristãs e nacionalistas vigentes. Para enfatizar este papel da educação e deste combate pelos católicos a nota traz ainda uma prescrição do direito canônico que na época determinada que:

Estão debaixo da excomunhão reservada aos Bispos, ou pais católicos os que lhe fizerem as vezes, que, sempre cientemente, entregarem seus filhos, para serem educados ou formados em uma religião acatólica. ¹⁶⁹

A ameaça de excomunhão de pais que desacatavam as normas da Igreja Católica, mostra o tom de preocupação por parte das autoridades católicas locais, com a configuração de estabelecimento de poder por parte dos protestantes. A ameaça com a pena máxima da instituição católica, a excomunhão, ajuda a montar um quadro de preocupação por parte da instituição em nome da manutenção de poder a partir de educandários perfazendo o cotidiano dos habitantes com nota no jornal de maior circulação na cidade. A prática de convencer os leitores com textos através de seu jornal sinaliza que o espaço da cidade está em disputa,

¹⁶⁸ Ibidem. p. 01

¹⁶⁹ Jornal *O Monitor* de 21 de janeiro de 1940. p. 01.

espaço de saber, de poder, de relações políticas, sociais e culturais. Controlar a fala, as práticas religiosas a partir de artigos de jornais se constitui em mais uma tática de entrar em contato com uma parcela da população da cidade que estava além dos templos e dos sermões dominicais.

Neste sentido, a disputa se processa, também, no plano religioso, buscando controle na formação de jovens, especificamente de famílias de maior poder financeiro, visando a manutenção deste campo de poder nas relações estabelecidas entre católicos. Neste sentido, o artigo traz ainda o medo da difusão de ideias consideradas não católicas:

Não nos enganemos a finalidade única e exclusiva dos colégios protestantes-acima de lucros pecuniários- que eles não visão, acima mesmo da difusão do ensino ou de outra qualquer, está a grande finalidade: propaganda anticatólica, o desprestígio da religião do povo brasileiro e a implantação da anarquia nas consciências com o indiferentismo religioso fruto da propaganda heterodoxa.¹⁷⁰

Nação, religião, família. A construção de um discurso para a cidade sob estes três pilares se confunde com a constituição de brasilidade vigente na época. Pensar a disputa política, educacional, passa por dimensões e configurações espaciais de posicionamento de relações de poder. O discurso do medo é utilizado de forma a assegurar a propaganda de manutenção de espaço de poder, por parte da Igreja Católica e consequentemente seu discurso antiprotestante. Busca para isso o medo de possível construção de uma nação atea comunista, anarquista¹⁷¹. Este discurso está presente na disputa política da época, assim, temos que analisar este discurso numa teia de constituições discursivas que duelavam pelo poder no nível nacional também com ressonâncias no micromundo dos colégios da cidade de Garanhuns.

A constituição desse espaço de combate alude ao contraste existente entre as duas religiões e formam as diretrizes educacionais dos colégios:

Nada mais justo que a obediência à autoridade seja. Ninguém vê rapazes e moças protestantes frequentando um dos colégios católicos da cidade, ao passo que famílias que se dizem católicas entregam a educação dos filhos ao único colégio protestante e este, misto (sic), da cidade..¹⁷²

A disputa chega ao ponto de se questionar a fé dos que se formam nos estabelecimentos protestantes, e ressalta o possível mal que tal educação traz a igreja e a nação com a divulgação de uma mentalidade protestante:

¹⁷⁰Ibidem. p. 02

¹⁷¹ Ideias presentes em: PORFÍRIO, Pablo F. de A. **Medo, comunismo e revolução**: Pernambuco (1959-1964). Recife: Editora Universitária da UFPE; CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. Op. cit.

¹⁷²Jornal *O Monitor* em 04 de fevereiro de 1940. p. 02

Dos colégios protestantes não saem moços de fé. Não é possível formar uma mentalidade protestante no Brasil. E é por isso que os luteranos se contentam em formar indiferentes fazem com isso um grande mal à Igreja de Jesus Cristo.¹⁷³

O possível mal que possivelmente uma mentalidade protestante traria ao Brasil e apresentado dentro de um quadro de controle de ideias e práticas e os colégios cumprem a função de educar as novas gerações, contudo devem preservar estas relações de poder mantidas pela sociedade local. A maioria católica constrói uma maquinaria discursiva a fim de controlar seu espaço de domínio na cidade. Portanto, uma das maneiras de combate pelos espaços e a relação e manutenção por parte do colégio protestante de educação mista, ou seja, com alunos de ambos os sexos, algo extremamente debatido e combatido pelos católicos. Diversas notas e matérias de jornais da época discutem a chamada co-educação:

Os colégios protestantes pregoeiros inveterados da coeducação terão necessariamente de mudar de tática para arrancar a fé de nossos jovens incautos. Mas agora é o próprio Governo que cumpre o grave dever de advertir os pais contra a co-educação apontada como nociva à mocidade.¹⁷⁴

Considerado nocivo à sociedade a co-educação e pensada como forma de diferenciação entre católicos e protestantes, adentra-se no campo discursivo entre estes campos de disputa religiosa e educacional. Pensar nesta diferenciação e compreender como estes grupos constroem suas diferenças, suas formas de pensar, de agir, de sentir e viver no mundo.

Outro artigo na mesma edição do jornal artigo assinado por A. Negromonte com o título *Com a Igreja*:

A igreja católica não se cansa de pregar contra a co-educação. Por todos os meios tem procurado esclarecer os pais e educadores do grande perigo que a educação mista (sic) é para a juventude[...] se os pais que colocam suas filhas nos colégios mistos, pudessem ouvir as conversas dos moços entre si, ou dos jovens com as jovens como iam ficar horrorizados diante da responsabilidade do crime que eles mesmos praticaram contra a inocência de suas queridas filhinhas.¹⁷⁵

O controle social, cultural, a diferenciação entre os sexos dentro de uma perspectiva católica, presentes no artigo, sinaliza sintoma de como é pensada a educação entre os sexos, de um lado os meninos educados para o mundo, para o trabalho e de outro as meninas pensadas para o lar, para a vida doméstica, são condições que uma educação mista não

¹⁷³ Jornal *O Monitor* de 21 de julho de 1940. p. 01

¹⁷⁴ Jornal *O Monitor* em 04 de agosto de 1940. p. 01

¹⁷⁵ Jornal *O Monitor* em 04 de agosto de 1940. p. 02

considerava, pelo contrário, estava assegurada numa formação voltada para a diversidade de pensamento e convívio entre os sexos.

No entanto, o combate católico continua, pela imprensa em outro artigo sob o título de *mal necessário*, algumas questões desse debate facilita uma melhor compreensão:

Fisiologicamente sabemos que o organismo da mulher envolve de maneira diferente do organismo feminino, sendo que a capacidade de trabalho e resistência também são desiguais, trazem não poucos prejuízos para o normal o desenvolvimento da mulher. Entre outras razões apontadas prevalece contra a co-educação o fato de os alunos tornarem-se, não diremos afeminados, mas, menos viris, menos homens enquanto que as alunas, vão perdendo algo de sua graça feminina. [...] Toleramos a co-educação em nossas escolas primárias, secundárias e superiores, não nos esquecendo contudo, que a separação dos sexos numa sala de aula, favorece, não só o aproveitamento dos alunos como, e isto é importante, a disciplina¹⁷⁶.

Atribuições físicas são agora colocadas na construção do discurso contra a educação mista. A narrativa de controle a partir deste artigo para a naturalização dos corpos e suas funções fisiológicas como atributos para que os sexos devam ser separados nas escolas. A preocupação de homens menos viris, denota uma preocupação com a masculinidade, com a identidade masculina, diferente da feminina. Este discurso acerca das diferenciações dos sexos entra na disputa pela educação na cidade. Uma vez que os grupos religiosos através dos educandários têm diferentes posições referente ao assunto.

Neste cenário de lutas discursivas adentra o fator político. Em texto intitulado “honra ao mérito do Padre Mário M. Porto entra na discussão de posição do educandário em disputa por espaço de poder com o Colégio XV de Novembro, apesar do mesmo não ser mencionado:

(...) para a história de Garanhuns o Colégio Diocesano será com certeza, um dos temas mais interessantes, por que genuinamente regional, o querido Ginásio não foi construído com emolumentos vindos de outras partes, ou às custas de missões estrangeiras, mais interessados em auferir vantagens imperialistas, do que em desenvolver a capacidade intelectual dos nossos jovens, que irão garantir, amanhã a independência e soberania do Brasil. Sim, o Ginásio é coisa nossa, muito nossa, completamente nossa. Nesse só se venera uma bandeira que é o pavilhão nacional”.¹⁷⁷

Este discurso envolve nacionalismo, patriotismo temas em voga na década em estudo (1930 a 1950). Defender o colégio como algo local, brasileiro, é uma forma de defender a pátria. Os valores nacionais que estão em disputa com valores estrangeiros, principalmente norte americano. A presença de um colégio de missionários americanos na cidade é pensada como ameaça na constituição e manutenção de valores patrióticos. Outro artigo, do jornal *Diário de Garanhuns*, do mesmo ano remete a esta mesma produção discursiva:

¹⁷⁶ Jornal *O Monitor* em 29 de setembro de 1940. p. 03

¹⁷⁷ Jornal *O Monitor* em 08 de outubro de 1950. p.01

Educação patriótica

Inegavelmente, o problema da educação moral e patriótica está a mercê por parte de quem de direito, atenção cuidadosa e constante.(...) elegem a um plano inferior as cousas da história pátria sem que se comente ou exalte os feitos dos nossos antepassados que deram ao mundo exemplo digno de heroísmo, cultura, honestidade e amor ao Brasil (...) um povo sem sentido patriótico é um barco sem leme e sem bússola perdido na imensidão de caprichos de toda natureza e presa fácil de qualquer potência que queira dominar(...) É necessário, pois um pouco mais de carinho no ensino de história pátria. Que se procure despertar nas crianças de hoje as chamadas gradas do amor à Pátria para que no futuro, tenhamos entre dirigentes e dirigidos uma compreensão perfeita e nítida das obrigações de cada um em benefício único e exclusivo do Brasil¹⁷⁸

A valorização de uma educação voltada para valores patrióticos, moralizadores, para uma formação de jovens que desenvolvam amor a pátria são a tônica da constituição de um discurso que enfoca a formação da nacionalidade e que se coloca contra intervenções de potências estrangeiras. Assim se tem uma discussão a respeito do papel do ensino de história nas escolas, desejando-se enaltecer personagens idealizados e cristalizados pela memória nacional. Um ensino, deste modo, focado na memória e não na construção e discussão das formações históricas. Tal modo de pensar o ensino de história solidificou-se com o tempo, deixando suas marcas no ensino de história na atualidade.

A cidade é assim demarcada pelos discursos que duelam e dão a ela existência. As lembranças que emergem dos tempos dos colégios, são sinais de com a cidade vivia sob um campo de disputa por espaços de poder. Uma vez que estes,

São fruto das artes e das astúcias dos homens que buscam definir fronteiras, estabelecer proximidades, distâncias e separações entre homens e coisas do mundo, dotá-las de certa ordem, torná-las inteligíveis lançando mão para isto, não apenas de explicações e compreensões racionais, mas também das fantasias, dos mitos, das crenças, dos delírios, das luzes e das sombras.¹⁷⁹

Luzes, sombras, vozes e silêncios. Sombras, como nas brincadeiras noturnas de Senhora Leda, luzes dos brilhos das festas que abrilhantavam a cidade. São a partir dessas múltiplas visões de sentir a urbe que Garanhuns mostra suas formas e silhuetas sempre móveis e passageiras. Ruas, esquinas corredores de colégios, apresentam-se com os antigos moradores significados caleidoscópicos e que nos faz percorrer os caminhos sinuosos e arriscados, feitos de lutas e disputas de poder. Narrativas polissêmicas que para apreendê-las são necessários astúcia e atenção no olhar e nos sentidos para entrar nos pormenores das diversas relações sociais da época. Com o auxílio de memórias cruzando-as com recortes de

¹⁷⁸ Jornal *Garanhuns Diário* em 13 de janeiro de 1950. Autor: Mário Fernando. p.03.

¹⁷⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz de. Op. Cit. p. 82

periódicos buscou-se criar uma cartografia da cidade pautada na disputa entre narrativas que ora a representavam como “cidade dos colégios” cidade culta e instruída, e práticas outras que fazem a mesma ser vista sob ângulos de fugas, de astúcias, de trampolinagens¹⁸⁰ além da ideia de aparente controle e vigilância totalizantes e assim a visão unificadora abre brechas para pensar e analisar o espaço da cidade com múltiplas possibilidades de ver, sentir e viver.

A memória, portanto, abre espaços, auxilia nestes intercâmbios de experiências partilhadas, mas fiquemos atentos, pois estas lembranças como salienta, Halbwachs:

É uma reconstrução do passado com ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras construções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada.¹⁸¹

Nesta construção sempre arriscada e fascinante, as lembranças nos envolvem com detalhes sensíveis, que apenas com seu auxílio emergem dos silêncios do tempo e da vida cotidiana. Vale destacar um trecho da fala da Senhora Leda apresenta sua visão da importância da memória na aventura humana:

Nossa formação, a partir da memória, se tiver um ambiente que facilite transformar nossa memória nua boa memória para a vida ela é muito importante, esse ambiente de construção, eu vejo o XV (colégio) como um ambiente de construção, de quem passou por ele, que por essa memória a gente vai refazendo a vida.

Na discussão aqui apresentada das relações dos colégios com a cidade, as relações dos alunos e as práticas de disciplinas, assim como as táticas e astúcias de resistências, o espaço é, portanto, visto como espaço de lutas pelo controle dos corpos, especificamente o feminino. Numa época de domínio de ideias patriarcais, os discursos tentam emoldurar os corpos e mentes femininos a fim de garantir a estabilidade dos jogos de poder estabelecidos. As instituições, escola e igreja, poderosas na cidade e formadora de valores, buscam através de discursos controle e obediência.

Embora com força e acesso a meios como jornais rádio, púlpito e as salas de aula, as instituições não conseguem êxito total em suas disciplinas, como sugere as constantes notificações na imprensa local. Mesmo nos internatos em que a disciplina se apresenta de forma rigorosa havia sempre momentos de fuga e quebra no cotidiano.

¹⁸⁰Certeau (1994) emprega o termo para demonstrar, com a imagem associada a profissionais do circo, como os contratos sociais pré-estabelecidos podem ser superados nas práticas cotidianas: “o que ali se chama sabedoria, define-se como trampolinagem, palavra que um jogo de palavra associa à acrobacia do saltimbanco e a à sua arte de e saltar no trampolim, como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. p.79.

¹⁸¹ HALBWACHS, Maurice. Op. cit. p. 91.

A cidade de Garanhuns é hoje considerada um pólo educacional, pois possui, além dos colégios pesquisados, uma sede da Regional de Educação (GRE-AM - Gerência Regional de Educação do Agreste Meridional) que gerencia as atividades de Ensino na Região. Possui 111 escolas que disponibilizavam o ensino fundamental, 39 eram da rede privada, 15 da rede estadual e 57 da municipal. De todas as 19 escolas que ofereciam o ensino médio, quatro pertenciam à rede privada e 15 à rede estadual. Existe, também, o campus do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE, ofertando cursos técnicos nas modalidades integrado e subsequente. Os cursos ofertados são: Eletroeletrônica, Informática e Meio Ambiente.

Em relação ao Ensino Superior a cidade tem campis de ensino presencial: Campus de Garanhuns da Universidade de Pernambuco – UPE¹⁸², *campus* da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE¹⁸³, também possui uma autarquia de ensino – Autarquia de Ensino Superior de Garanhuns – AESGA¹⁸⁴.

Concordo com o que conclui em seu estudo Ubirajara¹⁸⁵ no sentido que Garanhuns é hoje um importante polo educacional do Estado o que sugere que as narrativas de “cidade culta” e “cidade dos colégios” são configuradas para a cidade em novas significações a partir da década de 1960 com a implantação dos primeiros cursos superiores.

Assim, aprender como festas, lazeres e diversões constituem em espaços de liberdade e criatividade, mesmo em alguns momentos sob vigilância constituirá a terceira parte desse trabalho no anseio de compreender como os espaços de diversão e lazer que na cidade existem e que direciona um olhar para a urbe com mais liberdade, criatividade e alegria, mesmo com os discursos institucionais tentando criar regras para os mesmos. Estes pressupostos guiaram a “montagem” do terceiro cenário desta dissertação.

¹⁸²O *campus* possui cursos de licenciaturas em História, Letras, Geografia, Matemática, Computação, Ciências Biológicas e Pedagogia, Bacharelado em Psicologia e Medicina além de cursos de Pós-Graduação em nível de especialização e cursos de mestrado em três modalidades. As atividades do campus Garanhuns da UPE iniciaram-se em 1966. Dados disponível em: <http://www.upe.br/garanhuns/>. Acesso em dezembro de 2018.

¹⁸³Possui cursos de licenciaturas em Letras e Pedagogia, e bacharelados em Agronomia, Ciências da Computação, Engenharia de alimentos, Zootecnia e Medicina Veterinária. Possui também curso de Pós-Graduação no nível de mestrado em quatro modalidades. As atividades da Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG iniciaram-se em 2005. Dados disponíveis em: <http://ww3.uag.ufrpe.br/>. Acessado em dezembro de 2018.

¹⁸⁴Essa instituição possui cursos de graduação em Administração, Administração Hospitalar, Arquitetura e urbanismo, Direito, Engenharia Civil, Recursos Humanos, Secretariado Executivo Bilíngue. Oferece cursos de Pós-Graduação no nível de Especialização em nove modalidades. As atividades da instituição iniciaram em 1985. Dados disponíveis em: <https://www.aesga.edu.br/>. Acessado em dezembro de 2018.

¹⁸⁵UBIRAJARA, Carlos Roberto Cruz. Op. cit.

CENÁRIO III – Espaços para sorrir, louvar, competir e sonhar em Garanhuns

*Ai, ai, saudade,
Saudade tão grande
Saudade que eu sinto
Do Clube dos Pás, dos Vassouras
Passistas traçando tesouras
Nas ruas repletas de lá
Batidas de bumbos
São maracatus retardados '
Que voltam pra casa cansados
Com seus estandartes pro ar
Quando eu me lembro
O Recife tá longe
A saudade é tão grande
Eu até me embaraço
Parece que eu vejo
O Haroldo Matias no passo
Valfrido e Cebola, Colasso
Recife tá perto de mim
Saudade que eu tenho*

*São maracatus retardados
Que voltam pra casa cansados
Com seus estandartes pro ar*

Ao som desta marchinha de carnaval, que embalou os carnavais no início dos anos de 1950, tento fazer minha travessia sonora pela cidade de Garanhuns a partir de seus carnavais, e, partindo dessa festa, de outras, sagradas e profanas, particulares e públicas que constituíram para a cidade representações, enquanto espaço de práticas culturais. Ao escolher a marchinha acima par iniciar o capítulo, quero não apenas situar uma canção que estava ecoando nas ruas da cidade nos seus animados carnavais, mas também apresentar a nostalgia de como este tempo é lembrado por antigos moradores, a ideia de saudade que permeia uma constituição sentimental para a urbe, no sentido de reverenciar este passado como melhor, um tempo de fartura, de desenvolvimento e progresso.

Utilizando-se de matérias e notas de periódicos, fotografias, e narrativa oral, este cenário-capítulo constrói reflexões sobre a cidade de Garanhuns a partir de seus espaços de lazer e diversão. Espaços demarcados pelo sentimento de saudade de um tempo vivido. Saudade esta, inserida na constituição da cidade enquanto cidade idealizada, harmônica

apresentada nos capítulos anteriores. Assim, busco analisar como eram demarcados os espaços do cotidiano da cidade em que a população buscava momentos de sociabilidade, de alterações de seu trabalho, de sua rotina para vivenciar experiências de alegria, riso e brincadeiras em espaços abertos, fechados, sagrados, profanos e cívicos. A cidade tomada por festejos, públicos ou particulares, da elite ou do povo, eram, portanto, cenários de práticas culturais que (re)inventavam espaços.

Elejo para encerrar este ciclo de compreensões da urbe as diversões e lazeres, uma vez que estes são lembrados sempre com aspecto de nostalgia pela população que vivenciou este outro tempo. Escolher estas práticas para apreender a construção dos espaços de saudade pelas é observar as ambiguidades que estas práticas traduzem ao entrecruzar festa e política. Visto que, estes espaços, não são tão harmônicos como as narrativas da imprensa e as memórias tentam construir, há todo um jogo de disputa de poder que delimita este espaço - analisando a população, que nem sempre tem acesso a certas práticas de entretenimento que são oferecidos na cidade, e mesmo quando o espaço é dividido e aberto a todos também se criam limitações nos territórios aparentemente partilhados de forma igualitária. Assim sendo, convido o leitor a esta viagem que adentra festas, celebrações, cortejos e eventos que movimentam a cidade no tempo em estudo.

Numa perspectiva de Paul Ricoeur (1997) e suas análises em “Tempo e narrativa” é possível indicar, nesse terceiro cenário, personagens, eventos e narrativas em diversas temporalidades.

Os eventos são “quase personagens”, festas cristãs, carnaval, formaturas, festa da primavera, festa do café, festa de natal, festa de ano novo, festa do estudante, festa juninas, teatro, jogos de futebol, polo, vaquejada, cinema, circo, a rádio difusora. Quase personagens, que ajudam a observar histórias múltiplas da cidade de Garanhuns. Estas se cruzam e formam um emaranhado de relações em que sujeitos são envolvidos em suas vidas cotidianas e tecem um panorama do espaço citadino na época em análise.

Como “guia” para esse cenário escolho o personagem Luiz Gonzaga de Lima, outro Luíz Gonzaga que conduzirá narrativas pelas veredas das histórias que compõem as faces da cidade. Esse “Luiz Gonzaga” mais conhecido por “Matéria” e também como “Lula”, nasceu em Garanhuns em 13 de agosto de 1931. Passou quase toda a vida na cidade, com exceção de uma rápida morada no Recife e no Rio de Janeiro. Orgulha-se de há mais de 40 anos morar no centro e ser testemunha de várias transformações da cidade. Considerado “um homem de

memória prodigiosa”, concedeu uma entrevista¹⁸⁶ com riqueza de detalhes (datas de eventos de sua vida bem como da cidade), e, por esse motivo, foi aqui escolhido como espécie de “mestre de cerimônia” nessa parte da dissertação dedicada aos eventos de diversão que movimentavam Garanhuns - são memórias em movimento.

Luiz Gonzaga de Lima estudou apenas o 2.º ano primário e teve algumas profissões, mas, segundo ele “demorou mais na profissão de costureiro e alfaiate - desde os 14 anos”. Quando foi feita a entrevista o mesmo estava com 79 anos e vivia numa pequena casa de três cômodos na região central da cidade. Morava sozinho, mas fazia as refeições na casa de uma sobrinha. Sua renda advinha de uma pensão e de aluguel da casa para mulheres durante o dia para a prática de sexo, o que ele denomina de “Randevu”. Cobrava cinco reais por “encontro” e elas recebiam quinze pelo programa. Memórias, vida, cidade se mesclam numa simbiose em que o mundo se descortina ao narrar as histórias das quais fez parte enquanto habitante de espaço em transformação.

Em cada subitem, desse Cenário III, trechos da narrativa da personagem, Luiz Gonzaga de Lima (Matéria) será cotejado nas análises - para não repetir seus dados, facilitando assim a leitura, será codificado com as iniciais “LG”.

2. 1. Festas sagradas e profanas – espaços de (con)vivência na cidade

O carnaval¹⁸⁷, é notadamente, a festa mais noticiada e considerada a mais animada na cidade (durante o período em estudo), por isso é esta festividade que abrange diversos

¹⁸⁶ Entrevista concedida em julho de 2010 em sua residência na Rua Vitorino Monteiro - centro da Cidade de Garanhuns - gravador digital. Duração de 1h e 10 min. (Acervo do autor).

¹⁸⁷ Reflexões sobre festas, especialmente o carnaval, este neste trabalho utiliza-se das referências: DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997; CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). **Carnaval e outras F(r)estas**: Ensaio de História Social da Cultura. Campinas-SP: editora da UNICAMP, 2002; _____. **Ecos da folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; COUCEIRO, Sylvia. **Artes de viver a cidade**: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. (Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História – UFPE) Recife: UFPE, 2003; SANTOS, Lúcia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850)**. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História – UFPE) Recife: UFPE, 2011; SEVCENKO, Nicolau. Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso (Introdução) In.: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da vida privada no Brasil - III**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; _____. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras: 1992; SOUZA, Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**: Sociedade. Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965). (Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História – UFPE) Recife: UFPE, 2002.

segmentos de moradores em Garanhuns, que inicia a exposição de eventos públicos e privados, sagrados e profanos que envolvem práticas culturais as quais auxiliam a constituir, para o espaço citadino, a narrativa de cidade culta, civilizada e progressista digna de ser comparada, como querem as narrativas produzidas por jornalistas e memorialistas, aos grandes centros urbanos, principalmente Recife, e a capital da República Rio de Janeiro, além das cidades europeias, que se faz presente nas várias fontes pesquisadas.

Luiz Gonzaga lembra com detalhes esta festa na qual tinha efetiva participação:

O meu pai teve bloco aqui. Na rua sete de setembro, que sete de setembro é a primavera. Né? Meu pai tinha um bloco chamado “A primavera”.

O compadre de meu pai tinha outro bloco chamado “as ciganas” hoje e rua travessa Sete de setembro.

Tinha clubes carnavalescos, “Pão da tarde” – na Dantas Barreto aqui do centro – e o “V8” – dos motoristas – do Arraial e as “Pás douradas” que era da Boa Vista, as “Macaíbas” e “Maria Lúcia” – rua Melo Peixoto. Existiam escolas de samba, mas eram pequenas batucadazinhas. Mas aqui não tem mais carnaval. Mas o São João daqui era animado com samba de coco A rua nova era...tinha uma tia bem pequenininha, baixinha, naquele tempo o samba de coco era de tamanco. E o pessoal ia pra rua nova vê-la. Se chamava Alcina. Vamos ver os tamancos de Alcina. Ela pisando matutando ela era afamada nisso. E hoje é tudo diferente, mas era muito animado as festas aqui.

Em outro trecho da entrevista ele destaque suas preferencias pela festa, suas relações de amizade e como nos festejos, sua condição de homossexual, era respeitada, numa época, que segundo ele, era de muita perseguição. Ele até trata seus amigos como sujeitos femininos usando para isso o artigo “a” ao se referi a seus amigos “Rosa” e “Otávio”.

(...) Fui carnavalesco. Enquanto existia carnaval eu brincava. Ia para Recife, brincava lá...mas o carnaval mesmo eu brincava aqui os dias de carnaval. Fazia minha fantasia...naquela época pederastia era um escândalo. Então eu não podia me apresentar demais aqui como bicha, como chamam, aí tinha que ir pra Recife, Caruaru... que já era mais adiantado. Aqui por causa da família, eu sempre tive respeito a família. Não demonstrava. Ainda hoje não demonstro. Tinha gente que brigava dizendo que eu não era. Aí eu me espalhava mais no Recife. Mas aqui eu tinha meus encontros. Mas brincava carnaval era muito bem aplaudida, eu a Rosa, Otavio, que trabalhava no jornal monitor...”(LG)

Em referência as festividades carnavalescas, Sevcenko ao comentar as ideias de Manuel Bandeira, ajuda pensar as práticas dessa festa:

“Manuel Bandeira, porque tinha a paixão do carnaval, interpreta com propriedade a perspectiva pela qual a magia da folia se manifesta e que, paradoxalmente, é a individual. É preciso que o folião penetre, se integre e se entregue a uma massa de estranhos para ele perca as referências da sua identidade e se incorpore na dimensão maior da multidão enlouquecida. Se alguém que o conhece permanecer perto dele, ele não pode deixar de se reconhecer no olhar que o identifica. Daí a necessidade da fantasia e das máscaras como recurso auxiliar de despersonalização. O efeito do carnaval é dissolver a consciência individual na pulsação sensual dos corpos em comunicação por meio do ritmo. É apenas estando sozinho, portanto, que se pode viver a emoção do coletivo”.¹⁸⁸

Uma manchete de capa do jornal *Garanhuns Diário*¹⁸⁹ apresenta a atmosfera da cidade envolvida pelas folias: “**Carnaval:** Desde ontem assumiu o governo da cidade, S. Majestade MOMO primeiro e único Rei do samba e Imperador do Sassarico”.

O governo da cidade entregue ao Rei Momo sugere que há uma intensa mudança de hábitos no espaço da cidade durante os dias de folia. Esse rei governando a cidade com sambas, sassaricos, marchinhas, frevos e outros ritmos quebra a rotina do espaço demarcado pelas relações de poder durante o restante do ano. Nestes dias, ao que se sugere, o poder troca de mãos e tudo pode ser permitido. Mas será que havia mesmo toda essa permissão? Será que realmente havia unanimidade de participação nos diversos setores da população cidadina? Para esta análise, estamos atentos às narrativas.

O jornal de *A voz de Garanhuns* traz matéria a respeito dos festejos:

Manhã carnavalesca no dia 15

As grandes noites carnavalescas que tiveram ontem seu início, estão programadas para o hoje e os dias 7, 8, 13 e 14. No dia 15, primeiro de carnaval, imponente manhã carnavalesca marcará o ponto alto dos festejos de Momo no palco de importante EMISSORA. O “clube dos pinguins” também estará presente exibindo as mais belas fantasias.¹⁹⁰

O jornal destaca a grandiosidade de fantasias do bloco, uma notável característica da festa, a qual acontece no palco da emissora importante, ou seja, a Rádio Difusora de Garanhuns. Uma fotografia (figura 23) da época evoca a presença de muitas pessoas fantasiadas nas festas de rua.

¹⁸⁸SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In.: _____. (Org.) **História da vida privada no Brasil III**. República: da belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 7-48. (Introdução). p. 597.

¹⁸⁹Jornal de *Garanhuns Diário* de 24 de fevereiro de 1952. Manchete de capa. p. 01.

¹⁹⁰Jornal *A voz de Garanhuns* em 01 de fevereiro de 1953. Artigo sem autoria. p.02.



Figura 23 – Foto de carnaval de rua na década de 1940 – Acervo do Blog do Anchieta Gueiros.

Nota-se a presença de crianças fantasiadas na foto, o que sugere que as festas de rua contavam com ampla participação de pessoas de várias classes sociais e diferentes idades.

Um ano depois o mesmo periódico, *Jornal de Garanhuns* noticiava:

A rádio Difusora de Garanhuns no reinado de momo

Monumentais programações carnavalescas serão levadas a efeito no palco auditório da emissora líder.

Escola de samba a maior atração dessa temporada – locutores Paulo Ferreira e Erasmo Soares, os idealizadores do arrojado empreendimento.

Deu início ontem com grande sucesso, a rádio Difusora de Garanhuns a suas monumentais programações carnavalescas. Pelos magníficos resultados de sua estreia no reinado de momo, já se pode prever o êxito da temporada.¹⁹¹

Mais uma vez o reinado de Momo é exaltado pela imprensa local e destaca-se a novidade de participação de escolas de samba. É notável também o envolvimento da rádio com os festejos. Esta, desde sua inauguração em 1951, é uma grande incentivadora de algumas das manifestações da folia de Momo na cidade; seu auditório era cenário de festas nos dias da festa.

¹⁹¹Jornal *A Voz de Garanhuns* em 01 de fevereiro de 1953. p. 01.

Este mesmo periódico destaca que havia uma competição dos melhores do carnaval que envolvia a rádio, alguns periódicos, a Prefeitura e o comércio local. O prêmio de cada categoria era oferecido por um destes envolvidos. Premiava-se o “melhor bloco”, “melhor Escola de samba”, “mais rico estandarte”, “melhor macha frevo”, “Rainha do Carnaval”.

Na cidade existia muitas agremiações carnavalescas nesta época. Além de escolas de samba, destacada na matéria acima, existiam blocos de frevo (figura 24), grupos de cirandas, caboclinhos, maracatus, ligados as tradições africanas e por isso mesmo perseguidos pelas autoridades civis e religiosas e silenciadas nos periódicos e outras fontes pesquisadas. O silenciar dessa cultura sugere a disputa de poder travados nos espaços da urbe. Por possuir uma população de maioria cristã, católica e evangélica, os espaços dos praticantes de religiões afrodescendentes eram perseguidos e silenciados sem, todavia, deixar de influenciar de forma direta os festejos carnavalescos.

Havia também os corsos (Figura 25) que consistia em desfile em carros abertos, ricamente enfeitados, que desfilavam pelas principais ruas da cidade envolvendo pessoas mais abastadas e constituindo forma de exibição de prestígio e poder na exibição dos automóveis, cuja posse, na época, era signo de distinção social.



Figura 24 – fotografia de um carnaval de rua final dos anos de 1940. Acervo do Blog do Anchieta Gueiros.



Figura 25- desfile de corso no centro da cidade – anos 1940 – Acervo do blog do Anchieta Gueiros.

Eram realizados famosos bailes em clubes fechados, como o da AGA – Associação Garanhunense de Atletismo, na elegante Avenida Rui Barbosa, habitada pelos mais abastados financeiramente da cidade; no bairro de Heliópolis. Havia também bailes antes e durante o carnaval nos clubes Sport e União. Numa disputa de quem era o mais animado a cada temporada. Disputa reverberada nos periódicos no período pré-carnavalesco e, depois, na cobertura da festa. Tais festas eram animadas por orquestras da cidade, e as vezes da capital Recife. Eram realizados eventos durante o ano para arrecadar dinheiro suficiente para investir neste período do ano.

Os bailes constituíam-se o espaço de distinção entre as festividades da rua, livres, abertas ao público e as tradições populares. Esse espaço pago dos bailes, ricamente decorado, contava com bandas e artistas famosos se apresentando. Esses bailes reunia as elites não apenas da cidade, mas de toda a região; estar presente em um desses bailes era signo de diferenciação social. Como um evento social, estes bailes costumavam ser noticiados nos periódicos, nas colunas sociais locais e também na capital, Recife. Ter uma foto ou um nome divulgado nessas secções era sinal de prestígio, elegância e poder.

Há que se pensar que apesar das transgressões permitidas nestes dias de festas nem tudo era permitido. Havia um cuidado em manter certa ordem comunitária. A vigilância abrangia também os festejos de rua como também os salões fechados os mais abastados. A

“ordem familiar” visava ser mantida; para além dos excessos aparentemente permitidos durante o reinado de momo.

As narrativas em que se valoriza o lado alegre e monumental dos festejos nem sempre eram unânimes. A matéria do Jornal *A Resistência* apresenta versão diferenciada:

Carnaval!

Apesar dos prospectos espalhados nesta cidade, anunciando que o carnaval deste ano seria o maior do mundo. Não existia até a presente data, nada de diferente dos anos anteriores, não existindo nenhum movimento que venha confirmar tais notícias.

Somente o tradicional bloco Índios Toureiros, comumente conhecido como o “BOI”, é que tem se movimentado, aparecendo todas as noites pelas ruas da cidade, fazendo a sua coleta sem ajuda de quem quer que seja.

Enquanto nos lugares onde o carnaval, geralmente tem sido fraco, tudo vai indo em franco andamento, já havendo grandes atividades carnavalescas. No entanto, aqui em Garanhuns, o pretense Rei Momo, não se dignou ainda a baixar qualquer decreto que venha ao encontro dos foliões garanhuenses. Não fosse a verba que o Prefeito incluiu no orçamento, destinado a este fim, os nossos foliões teriam de, nos três dias de festividades carnavalescas, procurar um circo para animar o carnaval, como aconteceu na gestão do executivo municipal anterior. Entretanto podem ficar certos, os foliões de Garanhuns que o carnaval bom ou ruim, será realizado unicamente porque o senhor Prefeito não se negou em abrilhantar as festas de Momo.¹⁹²

A matéria apresenta contradições, pois apesar de certo enfraquecimento no tocante a animação dos festejos, traz também a empolgação dos setores que outrora encontrava-se sem muitas perspectivas de sucesso. Destaca-se também, a ajuda, considerada fundamental, dada pelo Prefeito. Ao informar que o dinheiro é oferecido pela pessoa do Prefeito e não da instituição a “prefeitura” supõe-se que há um cuidado em enaltecer a figura do prefeito e seu envolvimento direto com o evento.

Outra matéria, do ano de 1953, já trazia críticas em relação a animação dos festejos carnavalescos e fazia referência ao passado como tempo de melhores e mais animados momentos:

Carnaval

O carnaval garanhuense, atravessa uma fase desânimo e decadência.

¹⁹²Jornal *A Resistência* em 15 de janeiro de 1955. Artigo sem identificação autoral.p.03

Enquanto outras cidades de menos importância que a nossa procuraram por todos os meios superar os obstáculos que por caso surjam, aqui não se dá um passo para que a festa mais popular do brasileiro tenha assegurado algum êxito.

Parece que que Garanhuns passa despercebida diante de todas as cousas e de iniciativas que lhe poderiam dar nomes e esplendor.

O que se observa, porém, é Garanhuns vivendo apenas de tradição, de um passado que já vai há quase 20 anos, quando ostentava uma posição invejável no interior pernambucano.

Por isso, apelamos para o poder competente para que procure acordar Garanhuns dêsse sono letárgico difundindo e criando atividades que a façam retornar ao seu lugar de cidade-líder.¹⁹³

Há na narrativa uma melancolia, uma vontade de viver tempos passados idealizados. Neste sentido, mais uma vez retorna-se a temática da saudade, da necessidade que envolve alguns habitantes da cidade de exaltar um passado glorioso em que tudo funciona melhor, percebe-se que o carnaval compreende esta narrativa sobre a cidade.

Um artigo assinado por S. Melo no *Jornal Gazeta de Garanhuns* apresenta ainda com mais ênfase este sentimento de saudade, mas não referente aos velhos festejos na cidade, mas sim nas características que a festa de momo foi ganhando:

Lembrando o passado – Carnaval

[...] E o carnaval de hoje? é um estupidez, e uma sujeira de massas, tintas, óleos, cal e pixe usados para se lambuzarem.

Não se vê mais um clube, que foi substituído por Blocos e um frevo danado, cada qual que queira quebrar melhor ao som das machas carnavalescas, até as pequenas crianças de braço ficam assanhadas quando ouvem tocar, mulheres já velhas que deviam estar rezando ficam todas se quebrando e se derretendo como manteiga em ferro quente ao tocar das orquestras. E nesta folia indecente, onde falta a moral, este povo se entrega ao deboche e a bebedice onde reina a desavença e a trocaram bofetadas.

No último dia de carnaval os foliões se divertem até a manhã da quarta-feira de Cinzas, o que não se fazia antigamente.¹⁹⁴

As características tão exaltadas de forma positiva pela imprensa local - como a espontaneidade, a alegria contagiante, a liberdade, a animação de todos as classes e idades -, são criticadas e analisadas no artigo de forma a destacar a falta de moral e indecência. Tal narrativa remete ao discurso empreendido pela Igreja Católica, notadamente, por meio de seu periódico *O Monitor*, cuja intenção era a proibição de todos os festejos e transformar a cidade em cidades de retiros. Para isso estabeleceu-se, por anos, uma campanha com essa finalidade.

¹⁹³ *Jornal Garanhuns Diário* de 17 de fevereiro de 1952. Nota sem identificação autoral. p. 02.

¹⁹⁴ *Jornal A Gazeta de Garanhuns* em 03 de julho de 1954. Artigo assinado por S. Melo. p. 02.

Artigo com o título “Sejamos Humanos” escrito por Soares D’Azevedo, nota-se essa narrativa:

Na mesma grande imprensa em que os grandes caracteres anunciam horrorosas carnificinas na Europa, na Ásia e na África, nessa mesma grande imprensa, outros não menores caracteres anunciam estrepitosamente CARNAVAL DE RUA.

O carnaval sempre foi em todos os tempos uma festa selvagem, ilógica e estimulante dos mais baixos instintos.

Neste ano de 1941, com esta guerra cruel, satânica, impregnada de ódios, guerra de destruição, sem cavalheirismo nem nobreza, o carnaval é uma monstruosidade. O carnaval deste ano, o carnaval de sambas, de orgia, de licenciosidade e de álcool, será para os nossos netos um sinal manifesto de degradação e de opróbio.

Apelamos para os poderes competentes no sentido de que, por espírito de humanidade e de compaixão, em sinal de dor pelo espetáculo inaudito a que o mundo está assistindo SEJAM PROIBIDOS EM 1941 OS FESTEJOS CARNAVALESCOS.¹⁹⁵

A sugestão de proibição dos festejos, motivada pelo desenrolar da 2.^a Guerra Mundial, é destacada no artigo como forma de comoção. Essa retórica foi utilizada anos depois no mesmo jornal:

Não podemos render uma homenagem louca de quatro dias aos deuses do deboche, quando no mesmo instante, por uma incompreensão universal a humanidade conscientemente se trucidada, utiliza-se para isso do que a inteligência do homem criou mais aperfeiçoado e moderno. Não podemos sorrir quando o que há no mundo é um soluço coletivo. Não podemos gritar como selvagens quando há um espetáculo comovente de dor.¹⁹⁶

A ideia da dor coletiva e da necessidade de parar com os festejos carnavalescos por conta das lutas travadas na Guerra referenciam como o poder da Igreja Católica local, através de seu órgão de imprensa, busca demarcar seu território de poder. O discurso busca expor a fragilidade dos festejos, diante das batalhas e mazelas humanas trazidas pela guerra. A folia é tratada como selvagem, mundana, humana, do mesmo modo que é também considerada humana e frágil a inteligência do homem que criou aparelhagem moderna para ser usada na guerra. Em outra nota, já durante o carnaval, o discurso apresenta a mesma tônica:

Enquanto os mundanos se entregam aos excessos desordenados e pagãos do carnaval, supliquemos a deus onipresente que suavize os sofrimentos de milhares de criaturas que padecem fome e miséria atroz em consequência da guerra.¹⁹⁷

Observa-se que, neste trecho, o detalhe de considerar a folia como fruto de excessos e desordens, fruto de um paganismo que o envolve. O efêmero das noites de folia deve ser

¹⁹⁵ Jornal *O Monitor* em 16 de fevereiro de 1941. Nota sem autoria. p. 02.

¹⁹⁶ Jornal *O Monitor* em 01 de fevereiro de 1942. Notícia destacada na capa do periódico.

¹⁹⁷ Jornal *O Monitor* em 15 de fevereiro de 1942. Notícia destacada na capa do periódico.

evitado, e valorizadas súplicas e orações dirigidas ao Deus cristão como forma de perdão aos que se entregam a tais práticas.

Há uma tentativa de se criar outra narrativa para cidade dissociada do carnaval, ou seja, a narrativa de Garanhuns como “cidade dos retiros”. Para isso, o *Jornal da Diocese: O Monitor* foi um importante instrumento, pois traz em seus artigos e notas a importância dos retiros para a cidade. O jornal noticiava, em sua primeira página, a realização de um retiro espiritual para homens, que seria realizado no Ginásio Diocesano, a matéria convoca os homens de fé a fugirem da folia do carnaval, considerada pagã, de homens voltados para o pecado. Este discurso permeia muitas notas do jornal, numa disputa de espaço da urbe pelos agentes que divulgavam os festejos carnavalescos, de um lado, e de outro pela Igreja Católica, que visava combater certas práticas de diversão, especialmente o carnaval. Todavia, a população que continuava nas ruas fazendo seu carnaval acontecer. Em matéria, esta disputa pelo espaço citadino se faz presente:

Enquanto muita gente se entrega aos folguedos pagãos do carnaval, no Ginásio de Garanhuns, uma falange, de decididos católicos está desde ontem recolhida em retiro espiritual, pregado pelo Exmo. Sr. D. Mário de Miranda Vilas Boas, bispo Diocesano.¹⁹⁸

A ideia da Igreja Católica é intermediada pelo periódico a ela ligado - para construir para a cidade a representação de “cidade dos retiros”. Esta construção de uma narrativa para a cidade entra na disputa por espaços, criando aspectos de um discurso dicotômico entre espaço profano do carnaval e espaço sagrado de orientação religiosa dos retiros espirituais. Portanto, há um espaço marcado por este embate, em que intelectuais, artistas, pessoas ligadas a Igreja Católica, vão se posicionar nos jornais, nos discursos dos padres e bispos, na rádio local, nas conversas nos bares, nos bordéis inserindo-se nesta disputa entre sagrado e profano. Vejamos, em outra matéria, como os festejos são apresentados:

Estão em preparativos as festas pagãs do carnaval.

Não se faz preciso dizer que nestes três dias a humanidade cultua em pleno cristianismo, o deus momo, praticando todo tipo de pecados ofensivos à saúde, à moral e as próprias leis. Procura os desgostos e sofrimentos da vida. Todavia depois de tanta licenciosidade só fica a desilusão, oriunda do grito da consciência a protestar contra os desvarios cometidos. Os homens católicos de Garanhuns estão, também se movimentando noutro sentido, indubitavelmente mais elevado, dignificante e proveitoso. É para realizar pela segunda vez o retiro fechado¹⁹⁹

¹⁹⁸ *Jornal O Monitor* em 04 de fevereiro de 1940.

¹⁹⁹ *Jornal O Monitor* em 09 de fevereiro de 1941.

São narrativas sobre relações morais para uma cidade que tenta se modernizar e disciplinar seus espaços. Neste sentido, os trechos acima entram na discussão ao considerar ofensivos à saúde, estas não se limitando aos aspectos fisiológicos, mas também a formação moral de uma sociedade cristã, moral que interfere na “saúde da cidade”, nos sentimentos da cidade constituída sob bases morais em que a folia carnavalesca, o culto ao deus momo e não ao Deus cristão, representaria uma crise, uma afronta aos padrões de modernização, e, como o texto apresenta, às próprias leis institucionalizadas.

Em outro artigo direcionado para propaganda dos retiros espirituais durante a folia o discurso pagão em disputa com o cristão fica mais uma vez em evidência:

Retiros fechados

Nem tudo está perdido. O carnaval vem aí. A risada alvar de momo e arlequim, de colombinas e pierrot, vai fazer coro com o grito despedaçado da humanidade sofredora. Mas nem tudo está perdido. A nossa época, torturada e gloriosa época, é cheia de contrastes surpreendentes. A igreja no mundo é o mais fragante de todos os contrastes. O eterno no temporal. O sagrado no profano. Mais que nunca, porém esta é a hora em que a igreja, oportuna e importunamente, afirma e reafirma a reação do bom senso humano de quem ela é mais segura portadora, por que portadora do senso divino que faz da vida a condição de nossa união com Deus, pela participação dos merecimentos de Jesus Cristo.²⁰⁰

Momo, Pierrot, Arlequim, Colombinas, de um lado e Jesus Cristo do outro. O discurso enaltece o maniqueísmo, separando os que estão do lado do pecado dos que estão do lado da salvação. A Igreja apresenta-se como o meio de encontro com a redenção em meio ao ambiente de tantos pecados e dor.

Destaca-se a forma de construção narrativa no sentido de criar para a folia, um aspecto de efemeridade ao considerar os contrates apresentados a época de sofrimento, pela guerra, por fome e condições sociais, morais, e a festa momentânea do carnaval. A Igreja Católica é apresentada como meio de salvação dos homens, considerados de bom senso, salvos pela fé e por seguir os ensinamentos da instituição e encontrar a redenção em meio a atmosfera de pecados e dor. Para que a esperada “redenção” ocorra, o instrumento adequado é a participação nos retiros espirituais, a afirmação da fé em celebrações fechadas, nos dias que as ruas, praças, corpos e a própria cidade parecem abertas para as extravagâncias dos dias de festejos.

²⁰⁰Jornal *O Monitor* em 28 de fevereiro de 1943. p. 01

Como se percebe o carnaval em Garanhuns, era signo de disputa de espaço e discursos entre a Igreja Católica, que insistia em criar para o espaço a ideia de “cidade dos retiros” e, por outro lado, os que insistiam nos festejos carnavalescos. Entre os festejos relacionados a cultura afrodescendente presente na região e os que insistiam em mascarar-la e silenciá-la. E, finalmente, os que podiam desfilar em seus carros ou de parentes e amigos (nos corsos), ou aqueles que frequentavam tradicionais bailes, e aqueles que se divertiam livremente pelas ruas e que não tinham condições de frequentar outros espaços da mesma festa. Deste modo, este o espaço citadino se produz e se (re) significa como híbrido, assim como outros analisados no decorrer desta dissertação.

Não só o carnaval fazia parte das narrativas acerca da cidade, outras festas perfaziam o calendário de forma a marcar o espaço citadino com ritos profanos ou sagrados. Ou algumas que mesclavam os dois aspectos. O depoimento de Luiz Gonzaga, mais uma vez, traz aspectos de festejos da cidade:

“As festas animadas eram o carnaval, São João... Natal muito bonito. Natal cheio de botequins barracas de palha muito bonito mais do que hoje. As praças eram muito bonitas, muito florida Garanhuns era chamada cidade das flores mais caiu muito e como caiu. A festa de São Sebastião da Boa Vista era muito linda. As festas daqui era natal e festa de São Sebastião e quando eu costurava no natal era o tempo da safra, era como a gente chamava, meu natal mesmo era a festa de São Sebastião.

Tinha concurso de miss aqui nas festas, agora acabou. Agora eu alcancei o primeiro concurso de miss da cidade para o estado. Dizia a filha do doceiro é a miss Garanhuns. Ela disputou Miss Pernambuco. Ela foi a segunda colocada no Brasil na época. (LG)

Os jornais noticiavam variadas festas que envolviam setores da sociedade. Uma destas era a “Festa do Café” com a coroação da “Rainha do Café” como noticiado na capa do Jornal de Garanhuns: “Será eleita este ano a “RAINHA DO CAFÉ”. Na mesma edição lia-se:

Festa do café

O Jornal de Garanhuns, em combinação com a Associação Garanhunense de Atletismo, vem com a presente edição, instituir a FESTA DO CAFÉ, certame este prosseguimento a meritória Campanha levada a efeito pelo grande club local em prol da monumental sede no bairro de Heliópolis, bem assim um estádio olímpico, que depois de prontos, constituirão um marco de progresso da “Suíça Pernambucana”.²⁰¹

A ideia era inspirada em cidades do Sul, onde realizava-se por exemplo a festa da uva em algumas cidades, de fazer uma festa que enaltecesse o produto econômico principal da

²⁰¹ Jornal de Garanhuns em 05 de julho de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 01.

cidade, e justificava-se afirmando “(...) no nosso município nossa maior riqueza é o café”. Mesmo este produto estando na cidade e em toda região em franca decadência, como já destacado no primeiro capítulo desta dissertação.

Outra festa criada foi a “Festa da primavera” para exaltar uma outra narrativa da cidade “Garanhuns – cidade das flores”:

Festa da primavera

Registramos com simpatia a solenidade do coroamento da Rainha da Primavera – Srta. Anice Jamil, que será realizada hoje, no “Palácio do Sport Clube de Garanhus”, numa soirée dançante que se prolongará até a madrugada do domingo 21.

Abrilhantando a festividade tocará a orquestra “Garanhuns – Jazz Band” sob a regência do maestro Luís de Figueiredo.²⁰²

Todavia, a festa não obteve o sucesso desejado, como destaca o mesmo jornal em edição seguinte:

Sururu na Festa de Coroação da Rainha da Primavera²⁰³

A aspecto decadente de nossa cidade aniquila dia a dia a sua tradição, tornando-a aos olhos dos visitantes um centro de anarquia sob todo os pontos de vista. Enquanto a cidade cresce, sofre uma crise moral assustadora, criando-se nos meios sociais um clima de insegurança e desprestígio onde a falta de ética e a desordem, anulam para o turista, a sua situação geográfica privilegiada.

Não é só gritando aos quatro ventos a riqueza de nossas águas, as vantagens do nosso clima, a beleza extasiante dos nossos panoramas que atraímos os visitantes, pois tudo isso agora entre nós constitui iscas, disfarces em torno da arapuca dos valentões que, provocando situações anárquicas, ameaçam o bem-estar da coletividade.

(...) O baile do dia 20 do corrente ano, no Esporte Club, foi de Garanhus, o tiro de misericórdia na nossa tradição de gente educada, diante de uma assistência seleta, quando ao lado das famílias de destaque da nossa sociedade local estavam abrilhantando as comemorações da coroação da Rainha da Primavera, pessoas de alta projeção no estado e no país, como o Consul Libanez e representantes da imprensa.

Na linguagem popular um “sururu” é uma grande confusão. Os acontecimentos relatados na matéria denotam uma preocupação com a reputação da cidade. Garanhus, como é destacado, não foi vista como cidade de gente educada, seleta, e os clubes como ambiente de gente elegante e selecionada entre as melhores famílias da urbe. Tais acontecimentos mancharam a narrativa construída para a cidade. Incidentes, como este “sururu”, são retratados em página inteiras de capa do órgão de imprensa. Os jornais destacavam a

²⁰²Jornal de *Garanhus* em 20 de setembro de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 04.

²⁰³Jornal de *Garanhus* em 28 de setembro de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 04.

embriaguez de rapazes da alta sociedade, além de os mesmos estarem de “porre de lança perfume” e serem os culpados do tal desrespeito a ordem - com cenas de peixeiras vasadas e muito gritos e sangue pelos salões do evento. Nota-se que nem tudo nas festas, sejam públicas ou privadas, ocorria como panejado e as narrativas idealizadas faziam questão de exaltar. Na matéria se propõe o extremo de se fechar os salões e os clubes caso não tenha condições morais de funcionamento com certos sujeitos da sociedade.

Porém, nem todas as festas terminam de forma trágica. Na construção da narrativa de cidade culta e estudantil alguns festejos sugerem este discurso:

Primeira Festa da Mocidade Estudantil de Garanhuns

Pela primeira vez, será comemorado solenemente, nesta cidade, o DIA DO ESTUDANTE. Este acontecimento marcará com brilhantismo o início das atividades da nova diretoria da União Estudantil de Garanhuns, representada por gente moça, cheia de entusiasmo, conhecedora dos problemas da classe e afeita à luta pela conquista de nobres ideais.

(...) durante três dias do próximo mês de agosto, tú mostrarás, estudante de Garanhuns, o teu valor, o que representas para o futuro de tua pátria por que lutas com a arma mais poderosa da humanidade “o livro” este audaz guerreiro que conquista o mundo inteiro sem nunca ter “Waterloo”.²⁰⁴

Em matéria do jornal *Garanhuns Diário* também se destaca alguns detalhes da festa, a qual contou em sua programação com missa, partida de foot-ball e apresentações artísticas, banda de música além de desfile cívico pelas principais ruas da cidade:

Dia do estudante

Garanhuns, cidade por demais decantada em seu clima, em sua água, em suas paisagens em tantas outras coisas, e até mesmo tida como a mais culta do interior do estado quicá do Nordeste, com cerca de oito mil estudantes dos quais quase dois mil são do curso secundário, nunca viu, que nos lembremos uma comemoração do Dia do Estudante.

Felizmente saindo desse marasmo, e contato com uma juventude culta e laboriosa que não mede esforços pela grandeza de Garanhuns. Teremos este ano condignamente comemorado esse dia que simboliza o desejo ardente dessa mocidade que é bem nossa e que trabalha à sobra e sem descanso por um Brasil cheio de homens dignos do nome que ostenta.²⁰⁵

Outros eventos, que envolviam diretamente os estudantes da cidade, eram a formaturas ocorridas nos educandários, tais festas eram constantemente anunciadas nos periódicos e constituíam eventos sociais de participação reservada e sinal de distinção social com ampla

²⁰⁴Jornal de *Garanhuns* em 26 de julho de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 04.

²⁰⁵Jornal *Garanhuns Diário* de 03 de agosto de 1952. Nota sem identificação autoral. p. 01.

participação de personalidades importantes da cidade. As matérias abaixo, são dos colégios católicos Santa Sofia e Diocesano:

Academia Sta. Sofia

Festa do encerramento do Curso Primário

Com um programa festivo, teve lugar, no Salão Nobre da Academia S. Sofia, no dia 28 do corrente ano, sob a presidência de honra do exmo. Sr. Bispo Diocesano o encerramento dos trabalhos do Curso Primário do no renomado educandário feminino dessa cidade.

Presente grande número de senhores, pais das alunas, foi feita a proclamação dos resultados dos exames e distribuição de prêmios às alunas que mais se distinguiram, tendo sido conferidas as distinções pelo exmo. Sr. Bispo Diocesano, e exma. Superiora Madame Veronica de Aguiar.

Feita a proclamação seguiu-se a do interessante drama “independência ou morte” com bom desempenho por parte das alunas.²⁰⁶

No Ginásio

Teve lugar, quinta-feira última, a solenidade de entrega de diplomas dos datilógrafos do nosso Ginásio e certificados dos alunos que concluíram seu curso ginásial.

Presentes familiares e convidados, iniciou-se a sessão presidida pelo exmo. Monsenhor J. A. Calou, fiscal nacional, com o Hino Nacional cantado pelos presentes.²⁰⁷

As festas também compreendiam datas específicas como dia das mães, dos pais e namorados. Nestes dias eram organizados bailes nos salões da cidade, com participação da elite local que compareciam a estes bailes, não apenas como forma de diversão, como também forma de distinção social, uma vez que os bailes se realizavam em ambientes fechados, em que eram cobrados altos valores por mesas e ingressos. A nota abaixo apresenta uma destas festas organizada pelas alunas do Colégio Santa Sofia:

Festa dos namorados

A cargo das alunas concluintes do curso pedagógico do Colégio Santa Sofia, em benefício da excussão das mesmas, haverá hoje às 08 horas um assustado, o qual contara com um magnífico serviço de lanches, surpresas e divertimentos variados. A festinha será realizada na residência do Sr. Pascoal Lira, à Rua Agamenon Magalhães, n. 66. Uma das novidades da festa será a seguinte: numa certa hora a moça é quem tirará o rapaz para dançar.²⁰⁸

A quebra das normas de conduta representada pela permissão da moça tirar o rapaz para dançar na festa, sugere de como na cidade certas regras eram estabelecidas, a formação

²⁰⁶ Jornal *O Monitor* em 03 de novembro de 1940. Nota sem autoria. p. 02.

²⁰⁷ Jornal *O Monitor* em 08 de dezembro de 1940. Nota sem autoria. p. 03.

²⁰⁸ Jornal *O Monitor* em 11 de julho de 1960. p. 02

moral baseada na dominação masculina, cabendo aos rapazes o papel de chamar as moças para dançar. A alteração do papel feminino é vista como novidade numa sociedade que fazia questão de separar estes papéis, demarcar o lugar de cada gênero nas práticas sociais. Lembrando que o colégio do qual eram oriundas as alunas, era exclusivo para o sexo feminino.

A presença de estudantes nos desfiles, faziam-se em basicamente três momentos: no “Dia do Estudante”, nos respectivos aniversários dos colégios – 12 de outubro (Colégio Diocesano – na época chamava Ginásio Diocesano), 15 de novembro (Colégio XV de Novembro) e 18 de setembro (Colégio Santa Sofia – Na época chamava-se Academia Santa Sofia) e o terceiro momento de desfile pelas ruas da cidade era no “Dia da Pátria”, comemorado dia 07 de setembro em alusão ao dia da Independência do Brasil. Este era um dia, de orgulho e civismo, que deveria ser demonstrado pelo rigor das apresentações e respeito aos símbolos pátrios como a bandeira e o Hino Nacional. Matérias destacam esses momentos:

Cousas da cidade

O “Dia da Pátria”, como sempre acontece, foi comemorado festivamente em Garanhuns. A ideia de se levar as festas até o monumento da Independência, no alto da Boa Vista, foi das mais felizes.

O desfile dos colegiais aos monumentos e deste no centro da cidade, constituiu uma esplêndida demonstração de vitalidade e beleza da nossa mocidade estudantil.²⁰⁹

Um ano depois o mesmo jornal destaca:

Dia da Pátria - O desfile dos colegiais a nota mais importante das comemorações deste ano

As comemorações do Dia da Pátria nesta cidade, este ano, não se revestiram do esplendor de anos anteriores, contudo o desfile dos colégios e das escolas públicas e particulares constituíram motivo para que Garanhuns continue a desfrutar o cobiçado título de “cidade universitária”, líder, portanto, nos movimentos cívicos no interior do Estado.²¹⁰

Durante a ditadura do Estado Novo, sob o comando de Vargas,²¹¹ havia um quarto momento de desfile cívicos chamado o “Dia do Presidente Vargas”. Tratava-se de festejos

²⁰⁹ Jornal de *Garanhuns Diário* de 11 de setembro de 1949. Nota sem identificação autoral. p. 04.

²¹⁰ Jornal de *Garanhuns Diário* de 10 de setembro de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 02. Grifo do autor.

²¹¹ Acerca das festas cívicas na Era Vargas ver: SCHEMES, Cláudia. O controle social e as festas cívicas no Brasil de Getúlio Vargas (1937-1945) e na Argentina de Joan Domingos Perón (1946-1955). **Dimensões**. vol. 30. Vitória, 2013; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Desfiles cívicos escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. **Acta Scientiarum. Education**. v. 37, n. 3. Maringá, 2015; SILVA, Vânia

solenes envolvendo a Igreja Católica e a sociedade civil para comemorar a data natalícia do chefe da nação. Tal festividade demonstra uma sintonia do governo com a Igreja Católica além de alimentar um culto à personalidade do presidente. Tal culto constituía uma das diretrizes de seu governo que tinha um departamento (DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda) cuja função era enaltecer a figura do Presidente Getúlio Vargas. A festa é apresentada em nota: “O Dia do Presidente Vargas” - festejado no dia 19 de abril de 1942, com missa solene e desfile cívico pela cidade além de participação de oradores.²¹²

Algumas festas mesclam ritos profanos com ritos cristãos. Numa sociedade como a da cidade de Garanhuns, que era majoritariamente cristã-católica, as festas juninas²¹³ – na época chamadas de “joaninas” ou mesmo “sanjuanescas” eram muito destacadas nos noticiários e envolvia grande parte da população como se percebe em matérias como esta:

O turismo em Garanhuns

A cidade está se enchendo de visitante, Comerciantes, industriais, funcionários da alta administração federal e estados com suas respectivas famílias. Todos aqui vêm, para passar as tradicionais festas joaninas, que tem um cunho acentuadamente brasileiro.²¹⁴

Esteve a cidade cheia de visitantes durante os festejos joaninos. Os trens, os automóveis e as sopas trouxeram levas e mais levas de pessoas, vindas em sua maioria da capital. Foram insuficientes os hotéis e as hospedarias para comportar o número de excursionistas que aqui vieram, em busca do nosso clima maravilhoso.

Garanhuns goza hoje de uma fama invejável, como cidade de repouso. Seus jardins bem zelados, o calçamento que vai cobrindo as áreas principais, as flores incomparáveis, fazem desta terra um encanto para os que nos visitam.²¹⁵

O destaque para festa de cunho regional releva que tais eventos eram muito aguardados na cidade que envolvia boa parte da população. As festas tinham, em sua maioria, um caráter mais privado, caracterizado por festas em residências nas quais recebiam

Cristina da. Valorizar o trabalho e enaltecer a pátria: O Estado Novo e as festas escolares na Paraíba. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** - São Paulo, 2011. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As Festas que a República Manda Guardar. **Estudos Históricos**. vol. 02. n. 04. Rio de Janeiro, 1989.

²¹² Jornal *O Monitor* em 26 de abril de 1942. Nota sem autoria. p. 01.

²¹³Sobre as festas juninas ver: SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Noites festivas de junho: histórias e representações do São João no Recife (1910-1970)**. Tese de Doutorado – (Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco) – UFPE: Recife, 2015; NÓBREGA, Zulmira. **A festa do maior São João do mundo dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande**. Tese de Doutorado (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - Universidade Federal da Bahia) UFBA: Salvador, 2010; AMARAL, Rita de Cássia de Melo Peixoto. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”**Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade de São Paulo) USP: São Paulo, 1998.

²¹⁴Jornal *O Monitor* em 15 de junho de 1941.Nota sem autoria. p. 01.

²¹⁵Jornal *O Monitor* em 28 de junho de 1942. Nota sem autoria. p. 02.

familiares e amigos mais próximos. Ao som de forró tocado por sanfonas, triângulos e zambumba, com grande variedade de comidas principalmente de milho como pamonha, canjica, milho verde, bolo pé-de-moleque entre outras. Fogos de artifício, bombas e brincadeiras completam o quadro intimista regado a nostalgia dos tempos passados:

FESTAS JOANINAS

No próximo dia 23 os clubes locais abrirão os seus salões para os festejos de São João. Pelo o entusiasmo reinante nos ensaios da quadrilha, podemos imaginar o brilhantismo dessa festa tradicional, quando, serão revividos os velhos tempos dos nossos avós.

A festa do milho verde, o casamento matuto, os trajes de caipira e a sanfona trarão nesses dias para esta cidade a alegria dos folguedos sertanejos.²¹⁶

O caráter privado da festa era quebrado pelas festas nos clubes da cidade que reuniam seus associados e familiares, em comemorações mais elitizada da data sem, contudo, aparentemente perder certas características. Os clubes da cidade concorriam todo ano para fazer as melhores festas:

Festas Sanjuanescas

Podemos hoje informar que as sociedades locais, notadamente o Sport e a AGA, estão fortemente empenhados em proporcionar aos seus associados e exmas. famílias, brilhantes festas sanjuanescas. A União por seu turno não ficará atrás.²¹⁷

As festas do mês de dezembro constituíam grande atração na cidade. Natal e Ano Novo, também chamada de festa de ano bom eram preparados com muito esmero, segundo as fontes pesquisadas, e a organização envolvia membros da Igreja Católica, comerciantes locais e o poder público por meio da Câmara de Vereadores e Prefeitura Municipal.

A festa de Natal ganhava destaque na imprensa local; em notícias como a que segue:

FESTAS DE NATAL EM GARANHUNS

Este ano serão revestidos de maior brilhantismo as festas de Santo Antônio e Natal em Garanhuns. (...) Durante as nove noites que precederão o Natal haverá benção, cabendo aos noiteiros, organizá-la. Serão noiteiros, fazendeiros, comerciantes, estudantes e professores, funcionários públicos, artistas e associações de classe.²¹⁸

As Festas de Natal

²¹⁶Jornal *O Radical* em 12 de junho de 1953. Artigo sem autoria. p.01.

²¹⁷Jornal de *Garanhuns Diário* de 11 de junho de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 01.

²¹⁸Jornal de *Garanhuns Diário* de 29 de outubro de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 01.

(...) Um pastoril familiar, composto por jovens de nossa melhor sociedade, darão às festas um cunho de distinção e originalidade, cousa, aliás que não assistimos há anos no Natal de Garanhuns.

É preciso que atrações como esta sejam proporcionadas pela Comissão para que tenhamos festejos populares em honra ao Menino Deus, com mais esplendor e beleza do que nos outros anos.

As barraquinhas de prendas, assim como os botequins de palha, que tanta graça emprestam ao ambiente, precisam ser armados em maior número, para isso deveria ser facilitado pela Prefeitura, mesmo por se tratando da maior festa da Crisandade, não vemos prejuízo algum em baixar o imposto.

Por tudo isso é que almejamos que as festas de Natal este ano em Garanhuns se desenrole num ambiente de fraternidade e esplendor como se acontece em outros grandes centros do país.²¹⁹

Nota-se que há uma simbiose entre ritos cristãos como novenas, missas com ritos profanos como as barraquinhas de prendas, botequins, além de apresentação de grupos folclóricos de pastoril e reisado. Elementos que tornavam o evento com características regionais, notadamente nordestinas.

A festa de Ano Novo, realizada no espaço da festa natalina, na artéria principal da cidade, Avenida Santo Antônio é caracterizada por mais espontaneidade e quase não envolvendo, exceto a missa antes da meia-noite, ritos religiosos. A festa envolvia mais uma vez os clubes locais:

ANO NOVO: O baile de hoje na AGA

A AGA levará hoje em seus amplos salões, um animado baile, aliás seu tradicional baile de Ano Novo, o qual tudo indica constituirá um grande sucesso para o grande clube da Rua do Recife.²²⁰

Embora, um ano depois no mesmo clube, a festa continuasse com as mesmas características, fechada, com orquestra e direcionada pra os sócios e familiares o nome sofre modificação, o termo francês “reveillon” que depois que significa “acordar”, “reanimar” começa a ser usado.

“Reveillon de Ano Novo”

A AGA levará a efeito amanhã nos seus amplos salões, interessante “reveillon” de ano novo dedicado aos seus associados e familiares.

²¹⁹Jornal de Garanhuns Diário de 17 de dezembro de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 01.

²²⁰Jornal de Garanhuns Diário de 01 de janeiro de 1949. p. 02.

Para a festa da AGA tocará a Jazz Band, própria do Clube, com um programa de músicas modernas destacando-se os demais sucessos.²²¹

Como espaço híbrido, as festas religiosas marcam a cidade, cortejos, procissões, festas de padroeiro, dias santificados, natal, são apresentados como quebra de rotina, momentos de festa e reflexão, combinação tão característica dos ritos da Igreja Católica Romana, assim como aspectos de sincretismos culturais destes ritos com práticas nacionais e locais. Por ser habitada por uma maioria católica, esta religião tem um espaço próprio e dominante no calendário que delimita os dias festivos. Uma destas festas é a festa do Corpus Christi, celebração valorizada na cidade, como sinaliza o artigo abaixo:

Festa do Sacratíssimo Corpo de Deus

Transcorre na próxima quinta-feira a festa do sacratíssimo corpo de Deus. Prescreve a Sagrada Liturgia que esta festa se revista de maior esplendor quanto a santa Missa e Procissão em Honra a Jesus Sacramentado.

Na catedral Diocesana, além da santa missa solene de Corpus Christi haverá durante o dia adoração pública ao Santíssimo Sacramento. À tarde na Av. Santo Antônio será realizada a Procissão Eucarística.²²²

Outra festa católica importante celebrada no espaço citadino era a Semana Santa, cujas celebrações envolvem cortejos, missas, e ritos próprios da celebração:

Celebra-se hoje, pela terceira vez, a tocante Via Sacra pública pelas ruas da cidade. Assistamos com piedade a tocante cerimônia, com espírito de fé do cortejo público em honra ao Divino Salvador.²²³

Na capa da edição de 10 de março de 1940 lia-se: “Solene Via-Sacra de transladação da imagem do Senhor Crucificado. Garanhuns Católica abre piedosamente o santo tempo da Paixão do Salvador do Mundo”²²⁴.

A festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade em 13 de junho constituía em grande celebração envolvendo missas, procissões, novenas, além de tradicionais ritos que iam além do espaço religioso, como quadrilhas, apresentações de artistas, pastoril, venda de comida e bebidas. Outras festas de santo, como assim são chamadas estas festas de padroeiros,

²²¹Jornal *Garanhuns Diário* de 31 de dezembro de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 02.

²²²Jornal *O Monitor* em 11 de julho de 1940. p. 01.

²²³Jornal *O Monitor* em 22 de março de 1942. Notícia destacada na capa do diário.

²²⁴Jornal *O Monitor* em 10 de março de 1940. Nota na capa do periódico. p.01.

aconteciam em outros bairros, como no Bairro da Boa Vista, celebrando-se São Sebastião em 20 de janeiro; no bairro do Magano onde era celebrada a festa de Santa Terezinha no mês de outubro e festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no bairro de Heliópolis no mês de setembro. Estas festas geralmente eram realizadas em vários dias e envolvia ampla organização e participação popular.

Outro evento que era celebrado pela Igreja Católica local e que envolvia uma grande quantidade de pessoas eram os congressos:

Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano de Garanhuns

O Congresso Diocesano de Garanhuns ainda bem não tenha o brilho excepcional dos grandes Congressos Nacionais, no entretanto terá o seu esplendor – a maior satisfação do senhor Bispo será trazer para as festas o seu povo humilde e de promover a vinda em massa do povo do Agreste.²²⁵

Com tantas festividades e comemorações a Igreja Católica marca sua posição no cotidiano dos seus fiéis, como também demarca sua hegemonia sobre o espaço da urbe, e na demarcação do tempo no espaço simbólico com seus ritos e símbolos nos setores público e privado.²²⁶

O calendário como objeto de mediação entre os tempos e práticas sociais²²⁷, encontra nos dias de festa uma de suas funções, e de demarcar os dias de lazer, de festejos, dos dias de penitência, resignação e oração. O mundo cristão com seus ritos engloba datas e comemorações. Evoca-se a recordação como meio de determinar e diferenciar os dias considerados normais dos dias de festas. Mas essas referências vão além das festas cristãs sob o comando da Igreja Católica. Estas festas se constituíam em momentos de aglutinação da população da cidade e tempo de encontro recordações e formação de uma memória coletiva da urbe.

²²⁵Jornal *O Monitor* em 28 de março de 1943. Nota sem autoria na capa do periódico. p. 01.

²²⁶OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro De. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 06, número 11. Fortaleza, 2007; CHIANCA, Luciana. **Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos**. Revista *Anthropológicas*, vol. 18, Nº. 2, 2007; MORAIS FILHO, Alexandre José de Mello. 1979. **Festas e tradições populares no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1979; SOUZA, Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965). Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História – UFPE) Recife: UFPE, 2002; SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: Editora do IFRN, 2013; HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O sentido cristão das festas religiosas. **Revista Teocomunicação**. vol. 36 nº 154. Porto Alegre: 2006; CLAVAL, Paul. A festa religiosa. **Revista Ateliê Geográfico**. vol. 08. n.º 01 Goiânia: 2014.

²²⁷LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão (et. all.) 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

3. 2. Teatro, cinema, circo e práticas esportivas

“O primeiro cinema aqui eu alcancei o cinema gloria ali perto tinha o cinema popular que a chamava poeira - O Trianon. O cinema Glória tinha até teatro. Aí José Maria Dourado que fundou, o Arraial e lá fundou o Eldorado. Aí juntou Leôncio e Agenor morais e fizeram o Jardim, um sucesso o Cinema Jardim. Depois inauguraram o Veneza, do mesmo dono da “foto Veneza”. Eu costurava até tarde, mas mais cedo eu ia para o cinema, não perdia um filme, e quando surgiu a cores melhor ainda. (...)Eu misturo os dois primeiros filmes de cada cinema. Ou “era música e festa” O primeiro do jardim – “o sonho é uma canção” o do Eldorado – “a noite dos cem anos” o segundo foi “amor cigano”. Sei que o primeiro filme brasileiro do jardim era um filme de revista, que era meio carnavalesco - “o mundo se diverte”. Mas filme histórico brasileiro era “vendaval maravilhoso”, “terra é sempre terra” “caçara”. O que mais gostei foi “vendaval maravilhoso” que era sobre a escravidão era com um menino imitando princesa Isabel e Castro Alves. Aí teve um bocado filmes de revista bons “tomara que chova” o primeiro filme do cinema Eldorado brasileiro foi “esse mundo é um pandeiro” era filme revista. (LG)

O teatro também fazia parte das formas de diversão da cidade. Companhias locais e de outras cidades se apresentavam no cine-teatro e, depois da construção da rádio difusora, em seu auditório. A presença do teatro é exaltada nos jornais como algo de bom gosto, e sugere a instituição da narrativa de “cidade culta”, “cidade universitária”, mesmo não possuindo nenhuma universidade na época.

Nessa linha de pensamento, essas práticas culturais, segundo Nobert Elias²²⁸, interferem no que se define como o refinamento das maneiras de “gosto” as quais são uma das marcas fundamentais da educação dos costumes, à medida que o homem ocidental busca mudar seus hábitos e posturas na construção do que define de civilização moderna. As reflexões de Revel, também nos auxilia a pensar a constituição do gosto burguês e como esse aspecto interfere na formação das sociabilidades no mundo ocidental.²²⁹

Os colégios mantinham atividades teatrais. Os jornais trazem matérias acerca das apresentações e festivais promovidos:

Festival

O departamento teatral do “Centro Severiano Peixoto”, realizou quinta-feira última, no palco do “Cinema Glória”, um interessante festival artístico. A primeira parte constou da alta comédia “primeiro a felicidade” de autoria de Luiz Maia.

²²⁸ELIAS, Nobert. Op. cit.

²²⁹REVEL, Jacques. Op. cit.

A segunda parte foi distribuída em 10 interessantes quadros todos eles bem representados.²³⁰

Outra matéria comenta acerca de uma companhia que se apresenta nacional que se apresenta na cidade:

De teatro – Ainda a temporada de Barreto Pinto nesta cidade

A propósito da temporada que, Barreto Júnior e sua Companhia Nacional de Comédias, levaram efeito nesta cidade, ouvimos dizer por pessoa que tudo quer um “arzinho de sua graça” que o teatro exibido pelo popular ator nacional não havia agradado.

Ora, Barreto Junior exhibe um teatro moderno, incluindo o seu repertório o que de mais fino existe na moderna literatura teatral do Brasil, os seus artistas se desenvolvem com naturalidade, sendo apontados pela crítica de várias capitais brasileiras como uma boa Companhia.²³¹

No cinema Glória, o maior em espaço, localizado no centro da cidade, na avenida principal, a Santo Antônio realizam-se eventos relacionados a diversas artes, músicas, teatros, apresentações de dança. Como sinaliza o trecho abaixo:

Festa do Glória

[...] Garanhuns, cidade em que a cultura está se impondo, soube corresponder a expectativa, mostrando ser o que é: a cidade da graça e a cidade da inteligência. O festival foi um encanto. [...] As senhoritas e senhores que desempenharam diversos papéis, saíram-se maravilhosamente bem. O coro falado do Santa Sofia encerrou otimamente uma festa de cunho e finalidade cristãos.²³²

Ainda envolvendo atividades ligadas aos palcos eram promovidos recitais de canto e poesias – em um circuito que ajudava na formação da narrativa de Garanhuns como “cidade culta”. Sobre estes eventos:

Um recital de Canto

Nette Tavares cantou para Garanhuns; Garanhuns artística que vibra, que se deleita por que sente a música que muito bem nos faz a alma.

Um público bem numeroso assistiu ao concerto, aplaudindo com entusiasmo cada número que se ouvia.

A artista agradou plenamente. Cantou os números de seu programa todos muito bem, principalmente “C’era uma volta um príncipe” do Guarani, “o luar da minha terra” e “primavera” de Trindelli.²³³

²³⁰ Jornal *O Monitor* em 14 de dezembro de 1941. Nota sem autoria. p. 02.

²³¹ Jornal de *Garanhuns Diário* em 02 de dezembro de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 03.

²³² Jornal *O Monitor* em 27 de abril de 1941.

²³³ Jornal *O Monitor* em 09 de outubro de 1940. Artigo assinado por Armando Cunha. p.02

Cultura Artística de Garanhuns

Segundo informações que obteve nossa reportagem junto a direção da “Cultura Artística de Garanhuns”, deverá realizar-se ainda nesse mês de novembro um Recital de elementos de nossa terra.

O Recital será precedido de uma palestra de D. Jerônimo de Sá Cavalcanti O.S.B. sobre “Arte”.²³⁴

Embora bastante celebrado na cidade, nem todas as peças teatrais faziam sucesso ou deixavam de passar por crivos morais da época. A Ação Católica Diocesana através de seu Jornal, *O Monitor*, exercia forte monitoramento das atividades artísticas, consideradas por seus membros, imorais. Um longo artigo merece ser transcrito, por mostrar como era praticado análises de conteúdo e também como agiam com eventos considerados impróprios.

Um protesto e um apelo

A família católica de Garanhuns deu um testemunho de amor as instituições fundadas no respeito à moral e ao acatamento às pessoas e cousas sagradas quando, atendendo a um apelo lançado em aviso divulgado na cidade se recusou a ir assistir a uns espetáculos de Companhia de reputação duvidosa.

Sabíamos já nos antecedentes desse conjunto. Na Bahia, em Fortaleza e em outras capitais brasileiras os elementos moralizados tiveram de se pronunciar.

[...] Pensamos mesmo que o respeito de uma consciência cristã, de uma cidade do interior, fosse motivo suficiente para demover os orientadores de tal companhia ao respeito a compostura.

Assim não foi, infelizmente. A comédia levada domingo teve um aspecto sumamente antipático e revoltante. A pessoa do sacerdote católico, a quem se deve respeito, mesmo que se lhe considere no plano natural, enquanto um homem que coopera para o engrandecimento intelectual da pátria, o sacerdote-professor, diretor de colégios, amigo e defensor dos operários, teve que receber ultrajosa interpretação na figura burlesca de um forasteiro, que sob vistas talvez em demasia complacentes e sob risotas de alguns apaniguados de Moscou, teve a ousadia de lançar um desprestígio sobre um classe reconhecida como benemérita.

Se houve quem ficasse até o fim do espetáculo, por uma questão talvez de conveniência, houve quem ficasse profundamente magoado com cena assim revoltante.

A Ação Católica Diocesana, que ela pelo bom nome de Garanhuns toma a iniciativa de promover hoje por volta das 7 horas da noite, uma homenagem e um desagravo ao sacerdote católico, na pessoa do Exmo. Sr. Bispo Diocesano ilustre chefe de todos os católicos de Garanhuns.

Vimos, pelo presente artigo, convidar as exmas. Autoridades, Associações Religiosas, Ginásio de Garanhuns, Academia Sta. Sofia e outras escolas da cidade. Círculo Operário e outras associações classistas e muito particularmente os militantes da Ação Católica e as famílias de Garanhuns, que sabem zelar por uma tradição de respeito aos

²³⁴Jornal *O Monitor* em 01 de novembro de 1950. Nota sem autoria. p.04.

costumes do povo brasileiro, para uma solene prova de solidariedade e de amor ao nosso Bispo, Sacerdote Máximo da Diocese.²³⁵

O artigo está presente na capa do periódico e parte dele está destacado acima com ênfase na proposta de homenagem ao Bispo pelo acontecido.

Destaca-se além do aspecto moral-religioso, usado como motivo para criticar pejorativamente a peça, que relaciona a atividade da peça com o comunismo²³⁶ representado por Moscou. Há uma simbiose entre religião e política presente na narrativa da época em que o embate entre os mundos comunistas e capitalistas se fazia muito latente.

Os cinemas eram um dos orgulhos da cidade.²³⁷ Sempre retratados nos periódicos a cidade possuía, nas épocas em estudo, quatro cinemas. O cine Glória, na avenida Santo Antônio, o Cine Jardim, na praça jardim – centro, o cine Veneza na rua Dr. José Mariano – centro e o cine Eldorado, na avenida Rui Barbosa – Heliópolis. Estes constituíam uma das formas mais populares de entretenimento, além de uma forma de constituir um lugar de encontro, de paqueras, criando, assim um lócus de sensibilidade para a cidade. Uma vez que muitas histórias são iniciadas nas salas escuras dos cinemas. Na época, o cinema era considerado como símbolo de modernidade, os moradores da cidade enalteciam a condição da mesma possuir os cinemas, vistos como signo de progresso e desenvolvimento.²³⁸ Os espaços dos cinemas também eram utilizados para outros eventos, já que possuíam amplos auditórios e palcos bem estruturados. Desse modo, os cinemas demonstravam um diálogo de construção de outros espaços de cultura para cidade, tornando-os como centrais na constituição da ideia de cidade da inteligência e de práticas culturais consideradas modernas, sugerindo a constituição da representação de “cidade culta”. Na matéria abaixo se avalia o cine-glória:

Bonito e Confortável

Quando falamos das cidades bem servidas de cinema, no interior do Nordeste brasileiro, Garanhuns tem de aparecer em primeiro lugar.

²³⁵ Jornal *O Monitor* em 28 de agosto de 1940. Artigo sem autoria. p. 02

²³⁶ Para a discursão sobre representação comunista ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2002; Sobre o medo do comunismo em Pernambuco ver: PORFÍRIO, Pablo F. de A. Op. cit. Sobre o medo do comunismo em Garanhuns ver: CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. Op. cit.

²³⁷ Para melhor apreender a relação entre cinema, cidade e narrativas de modernidade ver: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. cit.; ASSIS, Paula. **Cultura, política e mercado: o cinema nacional na Era Vargas. Revista Temáticas**. vol. 22. Campinas- SP, 2014; SIMIS, A. **Estado e Cinema no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2008; ALMEIDA, Cláudio Aguiar. **O cinema brasileiro no Estado Novo: o diálogo com a Itália, Alemanha e URSS**. Revista de Sociologia e política. n.º 12. Curitiba, 1999.

²³⁸ HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; SEVCENKO, Nicolau. Op. cit.

O “Cine Glória” instalado no vistoso edifício que se ergue imponente no centro da avenida Santo Antônio, abriu suas portas aos apreciadores da sétima arte, na última quarta-feira, com festiva inauguração, trazendo mais alegria para o povo citadino. Decorado a capricho, com maquinismo e mobiliário de boa qualidade, nada reclamados melhores existentes na capital do Estado, atualmente me funcionamento.

[...] Aí estão o “Jardim” e o “Eldorado”, agora completando o trio de bons cinemas a Empresa Agenor Moraes, ufana entregou ao público, o “Glória” distintamente arranjado para oferecer conforto aos seus frequentadores.²³⁹

A construção do “Cine-teatro Jardim” é muito difundido na imprensa local. Há uma disputa judicial pelo espaço que foi construído o prédio, pois o mesmo fazia parte de uma praça e portanto, pertencia a Prefeitura Municipal. É feita uma doação do terreno que depois é contestada e envolve um amplo debate entre a Câmara Municipal, a imprensa e a população. Por fim o cinema é construído e para os apoiadores “o progresso venceu o atraso”.

O cinema jardim

Somente em se falar que Garanhuns vai ter dentro de poucos meses um cinema à altura das necessidades de seu povo, constitui sem dúvidas, a notícia mais fantástica destes últimos 15 anos para os habitantes da cidade, já cansados e incrédulos de tanta conversa fiada, conversa pra boi dormi...(...) o cinema jardim que meus entusiastas e destemidos amigos Joaquim Leôncio e Agenor Moraes estão construindo na Praça Coronel Jardim, é um dessas obras que somente os débeis mentais, os invejosos, os antiprogressistas, podem condenar. (...) Sim. É realmente uma praça, como sempre foi, mas uma praça de porcos, de rebanhos de cabras, de carneiros, de vacas e bois, de bagaceiras etc. Sempre foi uma praça. Praças sem bancos, sem jardim, sem asseio, sem coisa nenhuma.²⁴⁰

O espaço dos cinemas, serviam, também, como palco para outras expressões artísticas e cenário de festas muito valorizadas na cidade como se denota em matérias:

A Festa do Glória

Ainda sob a magnífica impressão da noite de arte da última quinta-feira no “Glória” vou escrevendo o que me dita o coração. Estou muitíssimo satisfeito com a festa e com Garanhuns. E na satisfação com a festa de arte que nos ofereceram os artistas da terra e os gentis artistas, que com uma bondade realmente encantadora, vieram prestar seu concurso ao festival em benefício do seminário, o orgulho pelo modo com que Garanhuns, cidade onde a cultura está se impondo, soube corresponder a expectativa, mostrando-se ser o que é: a cidade da graça e a cidade da inteligência.²⁴¹

Dick Farney em Garanhuns

A notícia da próxima visita de Dick Farney a Garanhuns, vem revolucionando toda a cidade, especialmente o mundo dos “brotinhos” como nos afirmou ontem uma filha de Eva.

²³⁹Jornal de Garanhuns em 26 de julho de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 03.

²⁴⁰Jornal Garanhuns Diário em 02 de janeiro de 1949. Artigo de Viriato Rodrigues. p. 01.

²⁴¹Jornal O Monitor em 27 de abril de 1941. Nota sem autoria. p. 02.

Todos estão ansiosos para ver e ouvir no palco do Cine-Teatro Jardim, em pessoa o mais discutido artista do rádio nacional no momento.²⁴²

Na coluna “microfone” o Jornal *Garanhuns Diário* expõe uma situação de como estaria a cidade em relação a cultura. A matéria sugere que nem tudo é tão harmonioso e progressivo como se tenta construir um discurso homogêneo. Sugere que os espaços são frutos de relações de poder que estão a toda hora em disputa.

Microfone

O “show” de segunda-feira última no Cine Teatro Jardim. O “Programa de Calouros” complemento do “show” que alguns artistas da Rádio Jornal do Comércio, sob a direção de Linvaldo Linhares, realizaram segunda-feira última no Cine-Teatro Jardim, serviu, quando nada, para demonstrar quanto está decadente Garanhuns, e, agora, até no setor artístico. Os cantores locais que desfilaram diante do microfone da importante casa de espetáculos, constituíram uma nota decepcionante para a famosa cidade do clima europeu, outrora apontada como o mais importante centro artístico –cultural do interior pernambucano.²⁴³

O cinema não foge do controle da moral, da vigilância dos corpos,²⁴⁴ da tentativa de formar sujeitos obedientes e seguidores das normas. A Igreja Católica muito atuante na cidade, busca manter o controle das narrativas e com isso obter a hegemonia da vigilância sob os corpos dos sujeitos. Em artigo do jornal *O Monitor* é exposto, um pouco, do pensamento da Igreja em relação ao cinema:

Os motivos da Igreja

Os motivos desse interesse da Igreja pelo cinema o Papa no princípio da Encíclica “*Miranda Prorsus*”.

Com particular alegria, mas também com prudência vigilante de Mãe, procurou a Igreja seguir e proteger os seus filhos do progresso das técnicas de difusão. Tal solicitude deriva diretamente da missão que lhe confiou o Redentor Divino, por que estas técnicas - na geração presente – tem poderoso influxo no modo de pensar dos indivíduos e comunidades.²⁴⁵

(...) sobretudo por que a criança é um indivíduo em desenvolvimento e temos isso, como um sintoma. Se assim é, e seguindo as orientações de inúmeras autoridades e especialistas em pediatria, psicologia da infância, Serviços de Assistência Social, psiquiatria, antropologia e desenvolvimento físico, não entendemos por que, os pais deixam seus filhos frequentar diariamente (muitos não só deixam, mas levam sem

²⁴²Jornal de *Garanhuns Diário* de 06 de julho 1950. Nota sem identificação autoral. p. 03.

²⁴³Jornal de *Garanhuns Diário* de 22 de janeiro de 1950. Artigo sem identificação autoral. p. 01.

²⁴⁴A vigilância dos corpos buscava a adequação dos sujeitos as normas e a ordenação social e moral a fim de torna-los dóceis e úteis. Tal discussão está presente em textos de Michel Foucault notadamente em: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Op. cit. _____. “Poder – corpo” Op. cit. _____. **Nascimento da Biopolítica**. Op. cit. Ver ainda para essa temática: COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 2.ed.^a Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

²⁴⁵Jornal *O Monitor* em 04 de abril de 1959.

nenhuma restrição) a filmes indecorosos que somente mal trás e perturba o normal desenvolvimento psíquico da criança. Sabemos também que nem todos os pais, felizmente, há honrosos exceções o que nos conforta e nos incentiva nessa campanha moralizadora e particularmente de esclarecimento.²⁴⁶

No artigo o autor apresenta vários saberes que, segundo ele, atestam que a formação da criança depende de critérios diferenciais e por isso precisa de uma interferência moralizadora por parte de instituições competentes e, neste caso a guia por excelência seria a Igreja Católica por meio de seu clero - “segundo ensinamentos do líder supremo, o Papa” - que se comunica através de encíclica citada logo no início do texto.

A Igreja Católica não é a única interessada no controle das diversões, especificamente no cinema. Há narrativas que anseiam vigiar o que se ver nas telas, de forma a melhor controlar corpos e mentes dos que assistem os filmes. Em um artigo chamado “O abuso no cinema” sugere-se um padrão de comportamento nos ambientes de exibição de forma a uma melhor adaptação de normas de condutas sociais nos espaços:

O abuso no cinema

Temos recebido pedidos de famílias locais, no sentido de chamarmos a atenção das autoridades policiais, para pôr fim nas anarquias e até falta de respeito que se observa nos cinemas da cidade.

Alguns “mocinhos de família” costumam fazer das nossas casas de diversões ambientes escusos onde se praticam atos indecorosos. Também se vem observando, fumarem nos salões de projeções com prejuízos dos demais.

Por tudo isso, levamos ao Sr. Delegado de Polícia, para que examine o caso tomando as providências necessárias. Não se admite que não se possa em Garanhuns, se assistir a um espetáculo cinematográfico.²⁴⁷

Em 04 de junho de 1950 um artigo do Jornal “*Garanhuns Diário*” traz o título “Filmes instrutivos” no qual sugere-se que os cinemas da cidade deveriam exibir filmes mais voltados a formação moral, a alta cultura para servirem e guia e auxílio no desenvolvimento da juventude. Alguns artigos são encontrados nos periódicos referentes a esta ideia de limites morais, de cuidado com que se assisti. Neste sentido, o cinema é tomado como via de mão dupla, que pode auxiliar no preparo de bons homens no futuro, mas que também pode prejudicar na boa educação. Propõe-se censurar²⁴⁸ de forma mais enérgica os filmes exibidos por meio dos poderes públicos e autoridades como pode-se aprender na matéria abaixo:

²⁴⁶Jornal *O Monitor* em 29 de agosto de 1959. Artigo assinado por Edson de Araújo. p. 02.

²⁴⁷Jornal *Garanhuns Diário* de 02 de abril de 1950. Artigo sem identificação autoral. p. 03.

²⁴⁸Durante o Estado Novo houve um órgão que tinha por função divulgar as atuações do governo bem como de sua ideologia e exercer a censura aos meios de comunicação e atividades culturais; O DIP (Departamento de

FILMES IMPRÓPRIOS PARA MENORES

Os filmes de enredos fortes, deviam ser censurados e adotadas aqui mesmo critério do Recife

Ainda ontem, o “Jardim” exibiu um filme francês, cujo desenrolar constituiu coisa muita mais imprópria para menores que “frenesi do desejo” passado há pouco tempo na tela do mesmo cinema.

“Escravos do amor”, o filme objeto destas linhas e que o “Jardim” levou ontem a sua terra, deveria ter sido antes assistido pela autoridade competente, no caso, o Sr. Comissário de Menores, que tão bem cumpriu o seu dever por ocasião da exibição de “Tributos sexuais”, mesmo por que essa autoridade saberia tomar qualquer providência útil para os menores de 18 anos.

Ainda bem os cinemas locais estão anunciando para breve “Adúltera” e “de pecado em pecado...”²⁴⁹

Segundo Hobsbawm²⁵⁰ o período entre guerras foi de grande desenvolvimento dos veículos de comunicação em massa, notadamente os jornais, o cinema e o rádio. Estes três veículos inovaram no período as formas de comunicação não exigindo grande esforço intelectual e atingindo o grande público, seja este alfabetizado ou não. O cinema, segundo o historiador, lançou uma linguagem universal, em que gestos e linguagem poderiam ser compreendidos nas diversas parte do mundo.

Já o historiador Sevcenko observa que o hábito de:

“Ir ao cinema ao menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno e manter o reconhecimento social. e se cinema era Hollywood, Hollywood eram os astros e estrelas, que era preciso conhecer intimamente, na sua filmografia completa e nos detalhes da sua vida pessoal, amplamente divulgados pelos estúdios por meio de revistas especializadas”.²⁵¹

O autor ainda completa sua análise:

“o cinema hollywoodiano é uma arte complexa, um somatório de técnicas revolucionárias de comunicação visual, como o *close-up*, os efeitos emocionais dos recursos de edição, cadência, ritmo, iluminação, som, música, expressão facial, corporal, os encantos da juventude, os movimentos coreográficos, atléticos, a maquiagem, os penteados, as roupas e fantasias, as peças e figuras de estilo e essa

Imprensa e Propaganda) foi criado em 1939 e atual até 1945. A nota acima sugere que depois da extinção do órgão há um afrouxamento nas fiscalizações de práticas culturais, e também sugere um certo saudosismo da atuação mais eficaz do estado na ação da censura.

²⁴⁹Jornal de *Garanhuns Diário* de 11 de junho de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 03.

²⁵⁰HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²⁵¹SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In.: _____. (Org.) **História da vida privada no Brasil III**. República: da belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 7-48. (Introdução). p.599.

força de poder esmagador quanto misterioso que é o sex-appeal, tudo isso ampliado na tela colossal, irradiando seu hipnótico brilho prateado no escuro do teatro.²⁵²

Entre as diversões que a cidade oferecia uma das mais populares eram os circos.²⁵³ Presentes em forma de temporada, são apresentadas variadas atrações que se deixa perceber em matérias dos jornais:

Circo Apolo

Armado a praça Irmãos Miranda, vem há dias realizando espetáculos, o Circo Teatro Apolo, que pela primeira vez visita Garanhuns.

Companhia pobre, O Circo Teatro Apolo tem conquistado regular público que todas as noites comparece aos seus espetáculos.

Os trabalhos de acrobacias são bons, o que não acontece, entretanto, com os palhaços, que recorrem à pornografia para causarem riso.

O local é que não satisfaz visto ser escondido. A prefeitura deve prepara convenientemente um terreno nas proximidades do centro da cidade para atender essa finalidade.

Já tivemos ocasião de referir nestas colunas, que circo é uma diversão popular e não se justifica que não se tenha um local próprio para sua instalação.²⁵⁴

Em nota do dia 29 de outubro de 1950 o periódico anunciava a estreia de uma companhia circense argentina que estava em turnê pelo Brasil e se apresentaria na cidade com atrações, segundo o jornal, jamais vistas em Garanhuns:

Circo Hispano Americano

Deverá estrear dentro de poucos dias, nesta cidade, o Circo Hispano Americano, o maior pavilhão que visita a nossa terra.

²⁵²Ibidem. p. 600.

²⁵³ Sobre os a temática dos circos ver: DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses:** espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. KRONBAUER, Gláucia Andreza e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. O circo e suas miragens: a escola nacional do circo e a história dos espetáculos na produção acadêmica brasileira **Revista HISTEDBR** - On-line. n.º 52. Campinas-SP, 2013; BOLOGNESI, M. F. Circo e teatro: aproximações e conflitos. **Revista Sala Preta (USP)**, v. 6, São Paulo, 2006; OLIVEIRA, Josiane Silva de e CAVENDON, Neusa Rolita. Os Circos Contemporâneos como Heterotopias Organizacionais: Uma Etnografia Multissituada no Contexto Brasil-Canadá. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**. v. 21, n. 2, Rio de Janeiro, 2017; AGUIAR, Ana Rosa Camillo e CARRIERI, Alexandre de Pádua. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses. **Revista O e S**. v. 23, n. 77. Salvador: UFBA, 2016; SILVA, E. **O circo: sua arte, seus saberes** – o circo no Brasil no final do século XIX e meados do século XX. 1996. Dissertação de Mestrado – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 1996; BOLOGNESI, Mario Fernando. **Circos e palhaços brasileiros**. SÃO Paulo: Editora da UNESP, 2009.

²⁵⁴Jornal de *Garanhuns Diário* de 19 de março de 1950. Artigo sem identificação autoral. p. 01.

O Hispano possui grandes atrações entre outras, os 4 diabos do ar, os Irmãos Galo, os menores homens do mundo, animais e feras, palhaços de primeira classe e trupe de malabaristas considerada como a maior atração do momento.

A temporada do grande circo será curta, contudo, apresentará uma sequência de espetáculos jamais vistos em Garanhuns.²⁵⁵

O circo Garcia era também uma companhia muito apreciada pelos habitantes, apresentado novidades em suas atrações e muito aguardado na cidade graças a constates apresentações de suas temporadas nesta:

Circo Garcia

Na última sexta-feira chegou a esta cidade o Circo Garcia, que está sendo armado nas proximidades do Pau Pombo, e cuja estreia está sendo aguardada com viva ansiedade nestes próximos dias. Temos assim mais fonte de diversões, aliás já nossa conhecida, por que, o Circo Garcia, já por diversas vezes se exibiu com sucesso em nossa terra.²⁵⁶

Supõe-se, pelas fontes, que os circos atendiam a um público mais popular da cidade, pessoas das mais baixas classes sociais que nem sempre tinham dinheiro para irem ao cinema, e não eram associadas aos clubes, nem tampouco participavam de recitais e apresentações teatrais. Para esta camada da população a chegada de uma companhia circense representava um momento de alegria por meio dessa prática de lazer, busca-se assim quebrar as rotinas de trabalho a partir do compartilhar do espaço citadino voltados para diversão.

Em Garanhuns os esportes eram muito apreciados, notadamente o futebol, que na época foi despontando como paixão nacional e praticado em todo território brasileiro. Contudo, além do futebol as práticas esportivas na cidade, segundo as fontes pesquisadas, eram diversificadas e envolvia diversas parcelas da população que tinham seus cotidianos alterados com tais práticas. Passando por futebol, corridas de cavalos, polo, vaquejada, competições de tiro, caça e pesca, e até rinha de galo, a população da urbe se deixava envolver no clima de competição.

Começamos pelo futebol²⁵⁷ pela presença constante em matérias na imprensa e por sua grande popularidade no meio social da cidade. Praticado nos vários recantos do município o

²⁵⁵Jornal de *Garanhuns Diário* de 29 de outubro de 1950. Nota sem identificação autoral. p. 01.

²⁵⁶Jornal de *Garanhuns Diário* de 09 de março de 1952. Nota sem identificação autoral. p. 02.

²⁵⁷As referências sobre as relações entre história e futebol ver: SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia e DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**. vol. 19 n. 34. Niterói-RJ; DAMATTA, Roberto; Luiz Felipe B. Neves, Simoni L. Guedes; Arno Vogel. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**, Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982; SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**, Coleção Tudo é História, São Paulo, Brasiliense, 1981;

esporte contatava na época em estudo com três clubes: a “Associação Garanhense de Atletismo – AGA” – fundando em 1930, o “União Foot-ball Club” – fundado em 1940 e o “Sete de Setembro Esporte Club” – Fundado em 1950.

AGA, Sport e União

Está reanimado o “foot-ball” em Garanhuns. Outrora vazias de diversões são agora nossas tardes domingueiras cheias de sãs alegrias desportivas AGA, Sport e União tem disputado ente si e com visitantes boas paridas de foot-ball. Ainda domingo o público que foi ao campo do Sport não se arrependeu: assistiu lances interessantes num jogo bem movimentado.²⁵⁸

Estes times competiam entre si e em competições estaduais e mesmo fora do Estado de Pernambuco. Estes também possuíam sedes sociais onde realizavam festas, shows, grito de carnaval que envolvia parcelas significativas da cidade. Estes clubes exigiam filiação, pagamento de taxas e, portanto, eram voltados para as classes mais abastadas da cidade.

As práticas esportivas criam para a cidade um preenchimento de dias de sossego, vazios e sem atividades, típicos de cidade interiorana. O futebol cria novos hábitos, formas de reuniões, de confraternização e de encontro bem além do espaço dos estádios. Uma vez que, considerada número, dos que frequentavam os estádios costumavam, estender suas saídas a bodegas e bordéis, surgindo assim novas atitudes e costumes. A primeira copa do mundo havia sido disputada em 1930 no Uruguai e a seleção brasileira foi pouco a pouco encontrando espaço entre as “paixões nacionais”. Os jornais locais destacam as partidas da copa de 1950 disputada no Brasil e a derrota da seleção na famosa final disputada no estádio do maracanã no Rio de Janeiro, os periódicos locais trazem as notícias dessa competição demonstrando uma forma de interação entre a cidade e os acontecimentos do país e do mundo. A efervescência dessa cultura futebolística é destacada por Sevcenko em suas pesquisas sobre a cidade de São Paulo:

A paixão futebolística crescia muito mais depressa do que as providências administrativas dos clubes ou do governo podiam acomodar ou sequer acompanhar,

SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”, **Revista USP**, n. 22, São Paulo, 1994; LOPES, José Sergio Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, **Revista USP**, n. 22, São Paulo, 1994; CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**, São Paulo, Ibasa, 1990; PEREIRA, Leonardo Pereira. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000; MAZZONI, Thomás. **História do futebol no Brasil 1895-1950**, São Paulo, Edições Leia, 1950; SOARES, Antônio Jorge. “História e invenção de tradições no campo do futebol”, **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 23, Rio de Janeiro: 1999; GORDON JÚNIOR, Cesar. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”, **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 23, Rio de Janeiro, 1999.

²⁵⁸ Jornal *O Monitor* em 05 de abril de 1942.

estabelecendo a infraestrutura de recursos e serviços urbanos capaz de garantir a seu pleno desenvolvimento.²⁵⁹

Há portanto, uma grande euforia pelas construções de estádios para modernizar e melhor adaptar os esportes aos espaços de cada cidade. Em Garanhuns não é diferente e a imprensa local destaca com muita relevância a construção da nova sede e estádio da AGA, como sinal de progresso e desenvolvimento para toda a cidade:

Estádio da AGA

O que o grande filósofo dizia a muito anos atrás, infelizmente estava se repetindo entre nós e em nossos dias. Surge, enfim uma esperança para por termo a este descaso pelo esporte em nosso município: surge no bairro de Heliópolis um Estádio. Os atuais dirigentes da Associação Garanhunense de Atletismo num rasgo de boa vontade, abnegação e sacrifício, idealizaram e iniciaram a realização desta importante obra, qualificamos de importante pelo seu vulto e porque será implantado com todos os requisitos da técnica moderna, os esportes entre nós, beneficiando largamente a nossa juventude.

[...] Com o hábito salutar dos exercícios físicos, seguidos do convívio social do clube, acharemos um meio prático e real de arrebanhar essa mocidade que por falta de um lugar sadio acha-se desviada desconhecendo por completo os preceitos da educação moral e física, deste modo, veremos então surgir moços fortes e sadios invadindo um ambiente de satisfação e alegria.

Fiquem certos senhores diretores da AGA, a população dessa risonha e bela cidade vos agradece a grande obra que se inicia e esperamos que nossos futuros atletas, beneficiados pelo ótimo clima que dispomos, sejam sempre os vencedores das pugnas que futuramente se desenrolarão nas dependências do Estádio. Parabéns Agueanos – Parabéns Garanhuns!²⁶⁰

A nova sede e o estádio construído no bairro de Heliópolis, tido como moderno e aristocrático, simboliza mais uma vez a intensão de inventar para a cidade uma narrativa de espaço progressista, moderno, em sintonia com outras localizadas desenvolvidas. a matéria destaca o aspecto que o espaço será de convívio sadio entre pessoas, produzindo-se assim sociabilidades e sensibilidades novas. A prática esportiva que na época já era muito valorizada para a promoção de corpos e mentes sãs, corpos e mentes domesticadas e preparadas adequadamente para servirem aos benefícios da sociedade, especificamente nesse momento pós-guerra.

O jornal *Garanhuns Diário* destaca em sua capa detalhes da construção da nova sede, considerada como marco da modernização da cidade:

A 1.º de maio lançamento da pedra fundamental da nova sede da AGA

²⁵⁹ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na metrópole**. Op. cit.

²⁶⁰ Jornal *O Radical* em 15 de novembro de 1951. Artigo sem autoria. p.03.

(...) Terá, portanto, o novo edifício, cerca de 60 metros de frente, um dancing com 300 metros quadrados onde acomodará folgadoamente 150 mesas, um bar, cozinha, restaurante, biblioteca, sala para diretoria, despensa, área coberta destinada a “rink” de patinação, secretaria, salão de jogos e outros detalhes que escaparam a nossa reportagem.²⁶¹

Os clubes ofereciam outras práticas desportivas a seus associados, buscando dinamizar suas atividades:

Departamento de Tiro, Caça e pesca da AGA

Foi fundado na sede social da Associação Garanhunsense de Atletismo (A.G.A.) às 20 horas do dia 13 do corrente um novo órgão esportivo dessa Associação denominado “Departamento de Tiro, Caça e pesca da A.G.A.”²⁶²

Porém, nem tudo ocorre com a harmonia e clima de paz. Há conflitos, violência e falta de organização nas competições como deixa sugerir a manchete de capa do *Jornal Garanhuns Diário* onde destaca: “O amistoso terminou em “sururu”.²⁶³ Na matéria é apresentado como em um amistoso acabou em brigas, invasão do campo da partida, desrespeito ao juiz e cancelamento do evento.

Em outra matéria sugere-se que nem sempre era fácil conter os ânimos nestes espaços e que a ordem e respeito pelas regras encontravam dificuldades de serem impostas:

Há Ordem e Respeito no campo do Esporte

É deveras louvável a atuação da nova diretoria da Liga Desportiva de Garanhuns, no que se refere a ordem e ao respeito no Campo do Esporte nos dias de jogos.

Não querendo de maneira nenhuma atacar a administração do sr. Ivan Rodrigues, nosso particular amigo, queremos apenas mostrar a correção de certas irregularidades que existiam ali e que não sabemos se por complacência ou porque não pretendia ir muito adiante, o sr. Ivan deixava a coisa ir conforme achasse melhor, hoje porém, não é mais desse preço, os senhores José Figueredo, Valdemar Branco e Abílio Tenório, já conseguiram por termo a certos descabimentos que se verificavam e com a continuação ao que tudo está indicando, Garanhuns servirá de modelo, não só para as cidades do interior, como também para muitas capitais que desconhecem a disciplina e o respeito nas canchas nos dias de jogos.

As duas últimas partidas que tivemos oportunidade de assistir, nos deram a entender que o nosso futebol, voltará a seu ponto de partida, e não demorarão muito.

Era triste assistir-se uma partida de futebol aqui em Garanhuns, pois a assistência não se conformando em assistir a cerca, penetrava absurdamente no gramado.²⁶⁴

²⁶¹ *Jornal Garanhuns Diário* de 27 de abril de 1952. Nota sem identificação autoral. p. 01.

²⁶² *Jornal Garanhuns* em 05 de julho de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 03.

²⁶³ *Jornal Garanhuns Diário* em 04 de junho de 1950.

²⁶⁴ *Jornal A Resistência* em 14 de maio de 1955. Artigo assinado por J. Gonsalves. p.04.

Na época a cidade contava com um Jockey Club, e suas atividades eram muito retratadas nos órgãos de imprensa locais. As corridas de cavalo eram uma atração de divertimento para a população local e os dias de disputa eram de muita divulgação e entusiasmo refletido nas matérias dos jornais:

Jockey Club de Garanhuns - Inauguração das corridas desta temporada

No prado de Heliópolis realizar-se-á, hoje, a inauguração das corridas desta temporada, sob os auspícios do Jockey Club de Garanhuns.²⁶⁵

No tocante em esportes que envolve animais, as vaquejadas²⁶⁶ eram de muita popularidade na cidade. Tratando-se de um esporte tipicamente nordestino, as vaquejadas envolviam muito mais que simples competições com bois e cavalos. Perfaziam sim, uma gama de festividades, como shows, apresentações de grupos folclóricos, apresentações de artistas típicos do Nordeste, como aboiadores e violeiros, venda de comidas, e bebidas. O jornal local aponta o evento como “*A vaquejada – A festa da cidade*”²⁶⁷ numa alusão a característica híbrida do evento mistura de festa com esporte. Vejamos como o mesmo jornal destaca o evento em matéria de capa:

A vaquejada constitui: A maior desta destes últimos anos em Garanhuns

O parque ficou superlotado – o pastoril infantil um sucesso – Cabral e Paulo Guerra os Campeões da vaquejada – Evandro e Filadelfo Branco – a sensação da pista – A Cavalhada empolgou.²⁶⁸

Uma matéria do Jornal *Garanhuns Diário* chama a atenção por certos detalhes: a promoção de outra vaquejada na cidade organizada com o envolvimento pelo Senador Assis Chateaubriand, que na época era dono do maior e mais poderoso grupo de mídia brasileiro, os

²⁶⁵ Jornal *O Monitor* em 06 de outubro de 1940. Nota em autoria. p. 03.

²⁶⁶Existem trabalhos que analisam as vaquejadas e os vaqueiros na cultura da região Nordeste do Brasil. Ver, nessa temática, os trabalhos: AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O "espetáculo do cabra macho":** um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte, 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008; ALVES, Celestino. **Vaqueiros e vaquejadas.** Natal: Editora da URRN, 1986. CASCUDO, Luís Câmara Cascudo. **A vaquejada nordestina e suas origens.** Natal: fundação José Augusto, 1976; _____. **Vaqueiros e cantadores.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1984. VIEIRA, Natã Silva. **Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos.** **Anais do III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** Salvador: UFBA, 2007. BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In.: MONTENEGRO, Antônio Torres. *et al.* (Orgs.) **História - cultura e sentimento:** outras histórias do Brasil. Co-edição: Recife: Editora da UFPE; Cuiabá: Editora da UFMT, 2008.

²⁶⁷Jornal de *Garanhuns Diário* de 22 de janeiro de 1950. p. 02.

²⁶⁸Jornal de *Garanhuns Diário* de 05 de fevereiro de 1950. Artigo sem identificação autoral. p. 01.

Diário Associados, que englobava mais de cem jornais, emissoras de rádio, revistas, entre elas a de maior circulação na época, a revista “Cruzeiro” e também pioneiro na implantação da Televisão do Brasil com a fundação da TV Tupi em 1950. Era portanto, uma grande personalidade brasileira que estaria em terras de Garanhuns participando de um evento tipicamente regional e que traria, segundo a imprensa local, grande prestígio ao nome da cidade em todo Brasil. Vejamos como é retratado este evento:

Ao que anuncia o “Diário de Pernambuco”, o Senador Assis Chateaubriand, em combinação com o Sr. Gomes Maranhão, Secretário da Agricultura, realizarão nesta cidade, em setembro próximo, uma grande vaquejada. Segundo se diz a referida festa terá como objetivo a entrega a Madame Schiaparelli, alta personalidade francesa, da ordem do “gibão e chapéu de couro” e espera-se que supere a vaquejada de Cipó. Os maiores vaqueiros do Nordeste, estarão presentes, confirmando a fama das vaquejadas de Garanhuns, as maiores do Brasil. Inúmeras personalidades do país e mesmo do estrangeiro virão à cidade do clima maravilhoso a fim de assistirem as grandes festividades de caráter regionalista que terá por cenário a nossa terra. Tudo indica que teremos momentos de muita emoção ao presenciarmos a corrida de mourão e outras demonstrações de perícia e arrojo dos vaqueiros.²⁶⁹

Há um equívoco, por parte do jornal, referente a ordem oferecida por Chateaubriand. O verdadeiro nome da condecoração chamava-se “ordem do jagunço”. No momento do oferecimento o comtemplando vestia-se de gibão de couro e chapéu. Talvez esse detalhe, tenha confundido quem escreveu a matéria. A ordem era uma forma de homenagear de modo jocoso personalidades por ele admiradas e foi inventada por ele quando foi embaixador no Brasil na Inglaterra tendo sido o primeiro contemplado por tal “honraria”, Winston Churchill, na época, ex-primeiro ministro inglês.²⁷⁰

Ainda no que se refere a esportes populares e com características regionais, notadamente, nordestinas, a rinha de galo é ²⁷¹ presença constante nos jornais locais, como se apreende em matéria abaixo:

Uma Rinha em Heliópolis

²⁶⁹ Jornal de Garanhuns *Diário* de 17 de agosto de 1952. Nota sem identificação autoral. p. 01.

²⁷⁰ DE MORAIS, Fernando Gomes, **Chatô - O Rei do Brasil**. 13. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

²⁷¹ As brigas de galo foram proibidas no Brasil em 1961 por decreto do presidente Jânio Quadros. Porém a prática nunca foi extinta. Há trabalhos sobre o tema: TEIXEIRA, Sérgio Alves. O simbolismo essencial das brigas de galos. **Revista Horizontes Antropológicos**, n. 6, Porto Alegre, 1997. ESCOBAR, Marco Lunardi. **A realização de brigas de galo no Nordeste Brasileiro: um conflito social**. Prisma Jur. v. 14, n. 1, São Paulo, 2015; SILVA, Renato de Carvalho Santos. **De homens e galos: um estudo antropológico sobre “um jogo absorvente” na região central do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) Santa Maria-RS, 2011.

Ao que estamos informados o Sr. Antônio Ferreira Neto, comerciante no Heliópolis, fundará naquele bairro uma rinha para brigas de galos, a qual funcionará aos domingos e feriados.

O referido esporte é bem apreciado em Garanhuns, por isso achamos que os aficionados estarão ali logo que surja essa nova atração esportiva.²⁷²

Contrastando com esses esportes de caráter mais popular, a cidade recebe uma partida de polo, que sugere a sustentação da narrativa da cidade enquanto cidade sofisticada, culta, líder do interior.

Polo em Garanhuns

Será realizado no dia 07 de setembro, nesta cidade, uma partida de “polo”, espetáculo que constituirá um grande acontecimento para a nossa terra, vista ser a primeira vez no o Norte e Nordeste do País que se realiza semelhante gênero de competição esportiva. Há uma grande expectativa em torno do assunto, sabendo-se que estará entre nós grande número de turistas para assistir a bela tarde esportiva.²⁷³

Para melhor compreensão dessas práticas esportivas que envolvem a cidade as reflexões de Huizinga auxilia a elucidar o porquê do fascínio que as competições exercem nos sujeitos:

“O jogo lança sobre nós um feitiço: é “fascinante” e “cativante”. (...) o elemento de tensão, (...)desempenha um jogo um papel especialmente importante. Tensão significa incerteza, acaso Há um esforço para levar o Jogo até ao desenlace, o Jogador quer que alguma coisa “vá” ou “saia”, pretende “ganhar” à custa de seu próprio esforço. Uma criança estendendo a mão para um brinquedo, um gatinho brincando com um novelo, uma garotinha jogando bola, todos eles procuram conseguir alguma coisa difícil, ganhar, acaba com uma tensão. O jogo é “tenso”, como se costuma dizer”.²⁷⁴

E seria esta tensão que domina os jogos de destreza e aplicação e o objetivo é sua solução. Afirma o autor que “quanto mais estiver presente o elemento competitivo mais apaixonante se torna o Jogo”. Nos jogos de azar e nas competições esportivas esta tensão chega-se ao extremo. Porém apesar da vontade que se tem de ganhar do adversário, o elemento de tensão confere certo valor ético pois no jogo existem regras a serem seguidas pelos competidores do jogo.

²⁷²Jornal de *Garanhuns Diário* em 23 de julho 1950. Nota sem identificação autoral. p. 03.

²⁷³Jornal de *Garanhuns Diário* em 18 de agosto de 1951. Nota sem identificação autoral. p. 02.

²⁷⁴HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Neste sentido, as práticas esportivas ajudam a criar a narrativa de modernização dos espaços, em Garanhuns, auxilia sobretudo na instituição da narrativa de cidade progressista e civilizada.²⁷⁵ Os esportes auxiliam no que se define como controle das emoções, está inserido, no contexto de modernização de práticas que visam controlar corpos e sensibilidades pelas práticas de sociabilidades:

“Essa emergência de práticas também reafirmam um tipo de ação esperada em sociedades cada vez mais diversificadas e reguladas no sentido de controle social das emoções e, ainda, de um autocontrole emocional que se reflete em nível das ações motoras. O que se controla não são os sentimentos, mas o movimento, a parte atuante de um estado de agitação de todo organismo. E por isso, é preciso pensar essa relação a partir também de um sentimento de identidade que se estrutura a partir de outsiders, como uma prática que se inicia num contexto específico de um grupo social e a ela conferem um sentido diferenciado”.²⁷⁶

3.3. Rádio e difusão da modernidade

“Quando inaugurada a rádio... olhe dizia que Caruaru tinha inveja daqui. O pessoal de caruaru dizia que queria que primeiro tivesse uma lá. (...) em 1951. Eu lembro da inauguração. Eu lembro que estava no Recife nessa época 40 e poucos ...a inauguração da rádio jornal do comercio prefixo prn-6 “Pernambuco falando para o mundo” – e a PRA-8 do Recife a rádio club de Pernambuco. E quando foi em 51, eu lembro que trabalhava como alfaiate e o filho de...foi um dos primeiros locutores Erasmo Soares. Ele foi juiz em Duque de Caxias no Rio. (...) E quando eu escutei aqui em Garanhuns ZYK-23 Rádio Difusora eu cheguei a sentir aquele choque e lembrei quando primeiro escutei o prefixo da Rádio jornal do comercio no Recife”. Lembro... foi dia 26 de maio de 1951. Era um sábado e estava meio chuvoso. Esse menino (que virou locutor) fez a roupa dele era todo branco, a moda era uniforme branco e ele estava com smoking branco”. (LG)

Para completar o quadro de práticas de lazer e diversão na cidade, na época em estudo, a inauguração da Rádio Difusora, que se deu em 26 de maio de 1951, representou certamente o ápice na vida cultural da urbe, interferindo diretamente na formação e modificação de hábitos e costumes da população.

²⁷⁵ Para refletir sobre modernização dos espaços da cidade remete-se a: BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** a ventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; GIDDENS, Antony. **Conversas com Anthony Giddens:** o sentido da modernidade. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000; REZENDE, Antônio Paulo. Op. cit.

²⁷⁶ LUCENA, Ricardo Figueiredo. **O esporte na cidade:** aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados: 2001. p.48.

Sendo a primeira do interior do Estado de Pernambuco²⁷⁷. A festa de inauguração contou com a presença do Prefeito Celso Galvão e do Governador do Estado de Pernambuco Agamenon Magalhães, estes, àquela data, haviam sido eleitos pelo voto popular reassumindo cargos que haviam sido indicados pelo Regime do Estado Novo. A festa contou com um show do cantor Augusto Calheiros e houve um baile a rigor na sede da prefeitura para seletos convidados.

Os órgãos de imprensa local fazem ampla cobertura desde a escolha do terreno noticiado em 15 de janeiro de 1950, com a presença do dr. Pessoa de Queiroz, superintendente da Rádio Jornal do Comercio do Recife, e dono do empreendimento. Os jornais relatam a presença do empresário na cidade, o qual hospeda-se no Sanatório Tavares Correa e se reuni com autoridades locais, como o Prefeito Dr. Luiz Guerra, o vice-prefeito, Abdias Branco e o deputado Elpídio Branco. Em reunião escolhe-se um terreno amplo doado pela prefeitura no “aristocrático bairro de Heliópolis onde será construída sede administrativa e studius”²⁷⁸. Em 26 de março de 1950 o jornal *Diário de Garanhuns* noticia: “Início, amanhã, da construção do edifício”²⁷⁹ em outra nota de 09 de abril de 1950 o jornal destaca o adiantamento das obras e toda a expectativa dos habitantes da cidade acerca de sua futura inauguração.

A presença da Rádio Difusora em Garanhuns auxilia na construção narrativa de cidade culta, progressiva e moderna²⁸⁰. O seu prédio em estilo moderno em *art decó*²⁸¹ (figura 26) foi

²⁷⁷ A primeira transmissão radiofônica brasileira havia sido feita quase três décadas antes em 1922 na capital Rio de Janeiro.

²⁷⁸ Jornal *Garanhuns Diário* em 22 de janeiro de 1950. p.01

²⁷⁹ Jornal de *Garanhuns Diário* em 26 de março de 1950. Artigo sem identificação autoral. p. 02.

²⁸⁰ Em relação a presença do rádio como representação de progresso e modernidade no Brasil ver as obras: AZEVEDO, Lia Calabre. **"O Estado na onda: reflexões sobre o rádio e o poder nas décadas de 30 e 40"**. In: Cadernos de Memória Cultural. Vol. 1. N. 2. Rio de Janeiro: Museu da República; AZEVEDO, Lia Calabre. **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**. Fundação Casa de Rui Barbosa. 2002; CALABRE, Lia. **A era do Rádio**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2002. LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social**. Edições Loyola, 1988.

²⁸¹ Estilo que envolve artes visuais, design e arquitetura procedente na Europa da década de 1920. Estilo considerado de vanguarda, representava o luxo, exuberância e signo de modernidade com vasta utilização de progressos tecnológicos. Segundo Sevcenko: “o estilo *art decó* condensava todos os símbolos do mundo moderno, da ciência e das técnicas, linhas retas, planos ortogonais, superfícies chapadas, silhuetas mecânicas, metais cromados, plásticos, cores industriais, com temas decorativos sugerindo maquinários, aviões, transatlânticos, esportes, danças frenéticas, criaturas exóticas e energias primitivas. A arquitetura pressupunha grandes janelas, abertas à insolação, ao ar puro e frescor dos jardins, divisões funcionais, fluxos livres, grandes volumes espaciais, mobiliário mínimo, sóbrio e objetivo”. SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: Op. cit. p. 576.

projetado e construído nas extremidades moderno bairro de Heliópolis. Seu *slogan* era “Pernambuco falando para o Nordeste” (figura 27).



Figura 26- prédio da Rádio Difusora de Garanhuns na Avenida Rui Barbosa –Heliópolis - Acervo do blog do Anchieta Gueiros

"PERNAMBUCO FALANDO *para* o NORDESTE"

**AJUDANDO A CONSTRUIR
O PROGRESSO
DA NOSSA TERRA**

**PARTINDO DE
GARANHUNS, A SUA
MENSAGEM DE VEN-
DAS ATINGIRÁ IMPORTAN-
TES NÚCLEOS DE CONSUMI-
DORES, EM VÁRIOS ESTADOS!**

A Empresa JORNAL DO COMMERÇO S. A. entregou ao povo da cidade de GARANHUNS, a "Suíça pernambucana", a primeira Emissora do interior de Pernambuco!
Ela é o marco inicial de um empreendimento estimado como uma das mais valiosas contribuições do Rádio ao desenvolvimento das forças econômicas e culturais de vasta e próspera região brasileira!
Anuncie, agora, na Rádio DIFUSORA DE GARANHUNS e a sua mensagem de vendas atingirá importantes núcleos de consumidores, em diversos Estados nordestinos!

Radio DIFUSORA DE GARANHUNS

ZYK-23 • FREQ. DE 1.210 KCs.

REPRESENTANTES:
REPRESENTAÇÃO DE JORNAIS E EMISSORAS LTDA.
RIO: RUA MEXICO, 184-191-ND - SÃO PAULO: RUA FORMOSA, 409-374ND

Figura 27 - Anúncio da Revista Fon Fon do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1951. p. 59

O anúncio publicitário na Revista Fon Fon editada no Rio de Janeiro, mas com alcance nacional, ocupou uma página inteira. Contendo imagens e textos. A imagem que se destaca a primeira vista é de uma mastro de bandeira que no topo ostenta a bandeira nacional. Mas a imagem também sugere uma torre de rádio e que na perspectiva da imagem, dá a ideia de altitude para o infinito. Talvez a ideia era a simbiose entre o poder de alcance de uma antena de rádio e a ampla cobertura que se pode alcançar através das ondas emitidas por grandes torres. No alto o letrero em destaque alude a o *slogan* da rádio "Pernambuco falando para o

Nordeste”. O texto sugere que a intensão não é apenas falar para a cidade de Garanhuns ou para cidades vizinhas de Pernambuco, mas, todo o Nordeste brasileiro. Esta mensagem textual é completada pela informação contida logo abaixo da figura central onde se lê “ Partindo de Garanhuns, a sua mensagem de vendas atingirá importantes núcleos de consumidores em vários estados!”. O foco da mensagem são os anunciantes que devem divulgar seus produtos em veículo com grande alcance. A imagem central traz o prédio da rádio, construído em estilo moderno “*art déco*”, acima desta, em meio a parte da imagem que mostra uma antena mais um letreiro que alude mais a narrativa de progresso e desenvolvimento da cidade “ajudando a construir o progresso da nossa terra”.

Abaixo em letras pequenas refere-se a “Suíça Pernambucana” e o pioneirismo da cidade a instalar a primeira emissora de rádio do interior do Estado de Pernambuco. O texto continua exaltando as vantagens para os anunciantes “Ela é o marco de um empreendimento estimado como uma das mais valiosas contribuições da Rádio ao desenvolvimento das forças econômicas e culturais da vasta e próspera região brasileira”. Nesse trecho, mais uma vez se denota a força do veículo em se comunicar com ampla parcela da população e seu possível papel no desenvolvimento econômico e cultural da região Nordeste do Brasil. O anúncio encerra a mensagem com as informações técnicas da emissora – prefixo e frequência e com endereço de contatos na cidade de São Paulo. Ao trazer informações acerca de sua associação com outros veículos de comunicação sugere-se que a nova emissora está em ampla teia de relações muito além da cidade de Garanhuns ou mesmo do Estado de Pernambuco.

O prédio contava com amplo auditório – cerca 350 cadeiras - no qual apresentaram-se grandes nomes da música regional e nacional numa época em que os programas de auditório faziam muito sucesso nas rádios brasileira como percebe-se em matéria:

Coluna: Auditório

A presença de grandes artistas entre nós

Temos observado a presença, nestes últimos dias, de grandes artistas entre nós.

Ainda na semana passada, tivemos ao microfone da Rádio Difusora de Garanhuns, artistas do quilate de Nilo Chagas e as Irmãs Cavalcanti.

E por incrível que pareça, o público local, não vem comparecendo ao auditório da ZYK-23 de modo a justificar a visita a Garanhuns de maiores cartazes do “*broadcasting*” nacional e mesmo internacional.

Por outro lado, não tem sido com facilidade que a Direção da Emissora local conseguir patrocinadores das diversas temporadas de notáveis artistas, quando se sabe que a garantia da vinda de cantor bom depende em grande parte, do patrocínio de seus programas.

Por isso achamos de bom proveito chamar atenção do público local para que procure frequentar o auditório da ZYK-23, bem assim aos comerciantes que desejam uma eficiente propaganda dos seus estabelecimentos comerciais, procurem a Rádio Difusora de Garanhuns.

Só assim teremos assegurada a presença entre nós dos maiores “astros” da radiofonia em Garanhuns.

Que o alvitre seja bem recebido para o maior desenvolvimento do rádio nesta “Suíça Pernambucana”.²⁸²

Ao destacar a narrativa de “Suíça Pernambucana” sugere o quanto a rádio representa para o espaço urbano a ideia de modernidade e progresso. Porém a matéria chama a atenção da população para que a mesma busque frequentar com mais assiduidade o auditório da rádio.

O rádio no Brasil, segundo Nicolau Sevcenko²⁸³, encontrou seu sucesso definitivo quando houve o encontro da música brasileira com a tecnologia e o poder de divulgação do novo veículo. As músicas regionais produzidas por músicos oriundos do Nordeste, juntavam-se as batucadas, maxixes, sambas cariocas e as famosas marchinhas de carnaval. Tal simbiose gerou o que se considera a “era de ouro da música popular brasileira.

Em outra matéria destaca-se a presença de artista estrangeiro- italiano- e mais uma vez apela-se para o comparecimento da população em tais eventos na rádio:

Auditório - Eso Candiani

O jovem cantor italiano Eso Candiani, esteve em das da semana atuando ao microfone da ZYK -23. As suas interpretações de boleros e canções napolitanas agradaram em cheio. Pena é que o auditório apanhasse tão pequena assistência, quando o artista merecia um público numeroso que o aplaudisse com mais intensidade. Apelamos, mais uma vez para que o povo vá se habituando a apreciar os grandes cartazes da radiofonia, os artistas de mérito que desfilam na Emissora local. Precisamos criar uma mentalidade artística, nós que desfrutamos o título de povo culto e progressista. A falta de gosto entre nós está se tornando um fato, pelo menos em matéria de rádio. Todavia, êxito tão bons propósitos por parte da Direção da Rádio Difusora. É necessário que saíamos o mais breve possível dessa apatia pelo “broadcasting” e nos decidamos aplaudir artistas do mérito de Eso Candiani.²⁸⁴

Destaca-se na matéria a “falta de gosto”, sugere-se assim que nem toda a população está acostumada com certas atrações e que apesar de tentar se criar a narrativa de cidade civilizada, progressista e culta, fatos sugeres que certos padrões não alcançam a massa dos habitantes da urbe.

²⁸²Jornal de *Garanhuns* em 26 de agosto de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 04.

²⁸³SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante. Op. cit.

²⁸⁴Jornal de *Garanhuns* em 13 de setembro de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 04 – Grifo do autor.

Um dos nomes mais presentes, e muito popular na época, desde a inauguração da radio é Augusto Calheiros:

Auditório - A patativa do Norte

Para nova temporada ao microfone da ZYK-23, encontra-se nesta cidade, Augusto Calheiros, o mais brasileiro dos cantores nacionais e também conhecido como a “patativa do Norte”.

Garanhuns é para Augusto Calheiros uma espécie de sua segunda terra Natal, de vez que deixando Muricy, muito jovem, Calheiros para aqui veio passando a parte mais interessante de sua vida, da sua mocidade, formando ao lado de outros moços daqueles tempos, Alfredo Leite e outros, as serenatas românticas onde os corações femininos pulsavam com mais intensidade.²⁸⁵

Em matéria de fevereiro de 1952 o jornal *Garanhuns Diário* destaca a apresentação do cantor Orlando Silva, talvez o mais famoso da época, considerado “o cantor das multidões”.

RÁDIO

Estreou sábado na Rádio Difusora de Garanhuns, o grande cantor Orlando Silva.

A sua apresentação ao microfone da ZYK-23 constitui um grande acontecimento para o nosso meio radiofônico que dia a dia vem se agigantando com o desfile de notáveis “astros” do rádio brasileiro. Por isso nota-se um animador movimentando na radiofonia local que para o futuro terá novas atrações.²⁸⁶

A única matéria desfavorável a rádio é encontrada no *Jornal Diário de Garanhuns* em outubro de 1952 e versa a respeito da situação da empresa perante o município e a possibilidade de isenção de impostos:

Subvenções

Esteve a Câmara Municipal de Garanhuns bastante agitada com um pedido de subversão anual para a Rádio Difusora Jornal do Comércio.

Numa mensagem pedia o Prefeito uma subvenção destinada àquela entidade particular. E a Comissão de Constituição e Justiça, sem mesmo ouvir a comissão de Finanças, optou por 60 mil cruzeiros anuais.

Deficitária a Prefeitura, como subvencionar uma empresa particular a qual já doou terrenos no valor duzentos e quinze mil cruzeiros e cuja situação financeira e por demais sólida?

O comércio de Garanhuns deu também sua contribuição. Dizem que cerca de quinhentos mil cruzeiros.

Perguntamos, qual o real benefício trazido, até o presente para nossa terra? Propaganda do nome “GARANHUNS”...Não queremos dizer que uma obra como a que vem realizando sr. Pessoa de Queiroz em Pernambuco, não deve ser amparada. Porém, dentro dos limites e possibilidades de cada município.²⁸⁷

²⁸⁵ *Jornal de Garanhuns* em 20 de setembro de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 04

²⁸⁶ *Jornal de Garanhuns Diário* em 10 de fevereiro de 1952. Nota sem identificação autoral. p. 02.

²⁸⁷ *Jornal de Garanhuns Diário* em 31 de outubro de 1948. Nota sem identificação autoral. p. 03.

Contudo, a rádio é exaltada na imprensa como grande incentivadora de artistas estimulando o ambiente musical e cultural. Como o nome sugere, “difusora” difundia em suas ondas valores, cultura, práticas, modificando hábitos, costumes, formas de pensar, gosto musical. Interferindo de forma direta no cotidiano dos habitantes de Garanhuns e de cidades vizinhas alcançadas por sua cobertura radiofônica. Em matéria, o jornal destaca esse ambiente:

Ambiente Musical

Depois que a Rádio Difusora de Garanhuns foi instalada e entrou em franca atividade, observa-se mais movimento no ambiente musical da cidade, cousa lógica é verdade, mas de maneira a estimular grande número de músicos locais, maior amor pela arte até ingressar no seu fio, espécie de vaidade de muitas criaturas...

Economicamente, por outro lado, vem dando margem a que esses mesmos músicos não percam de todos os momentos que passam atuando em programa “broadcasting” de vez que são relativamente remunerados e com possibilidade de criar uma mentalidade musical em nossa terra tão pobre de iniciativas desse porte.

(...) o rádio constitui sempre uma escola, e, quando bem orientado poderá produzir grandes artistas.²⁸⁸

Segundo artigo do Jornal O Radical o ambiente literário da cidade também é alterado pela presença da rádio, é apresentado um programa específico para este tipo de arte como percebe-se a seguir:

Vida Literária – Artigo de Celso Rodrigues

Pensamos em movimentar o meio cultural de Garanhuns. Outras cidades, embora de menores possibilidades, possuem os seus jornais...E com os jornais aparecem os suplementos literários, enriquecidos com nomes já projetados na literatura estadual, e dando oportunidades a que os “novos” tenham lugar ao sol. Mas Garanhuns lugar com deficiência de jornais. Os já existentes pelas dificuldades que enfrentam, estão longe de abrir as suas colunas para a realizar algo de proveitoso em benefício ao nosso meio cultural...O rádio é um veículo poderoso de divulgação penetrando nos lares e dando oportunidade a que todos recebam a nossa mensagem... E eis que criamos “Vida Literária” um programa que se destina aos intelectuais de Garanhuns...Não foi criado para nos servir...Não...mesmo porque não podemos ficar isolados quando do outro lado existem valores que são merecedores pelo talento demonstrado do nosso inteiro acolhimento. Este programa é o programa dos intelectuais de Garanhuns...É menos nosso, do que deles...É a vida literária de uma cidade que precisa tomar novos aspectos e seguir novos horizontes no mundo das letras...pelo menos este programa está entregue ao poeta Lycio Neves...E falar em Lycio Neves é ressaltar uma verdadeira biblioteca ambulante, com a cabeça cheia de registros, cheia de traços da vida de toda essa gente que milita na literatura nacional...E acima de tudo é um poeta...Mas poeta de verdade dentro de sua escola...Dedicado inteiramente a literatura

²⁸⁸ Jornal de Garanhuns em 02 de agosto de 1952. Artigo sem identificação autoral. p. 04.

Lycio Neves fará desse programa uma voz que orgulhará Garanhuns até onde chega a Rádio Difusora de Garanhuns.²⁸⁹

Além dessas atrações, o auditório servia de palco para eventos cívicos, políticos, festas, bailes, formaturas, que movimentam a vida cultural da cidade. A programação, segundo as fontes pesquisadas, era variada, contava com ampla cobertura jornalista da cidade, da região, noticiava o que acontecia no país e no mundo. Trazia informes da Igreja Católica, das Igrejas Protestantes e Centro Espírita com programas específicos além de transmissão de missas, terços e novenas.

Época de ouro do rádio no Brasil²⁹⁰ em que a televisão ainda era artigo de luxo e com presença limitada nos lares brasileiros, escutar as novelas diárias, enviar cartas ao programa “postal sonoro” pedindo música e oferecendo para alguém identificada ou não, saber da vida particular dos artistas saber como estes se vestiam, se comportavam, seus amores, suas viagens registradas em revistas especializadas em celebridades da época. Deste modo a escuta da rádio torna-se sensível, envolve uma gama de sentimentos e emoções, interfere no modo de pensar e sentir o mundo.

Como destaca Hobsbawm (2002) o rádio “trazia o mundo a sua sala” e fazia parte das grandes modificações na comunicação de massa da primeira metade do século XX. E ainda avalia que:

“(...)sua capacidade de falar simultaneamente a incontáveis milhões, cada um deles sentindo-se abordado como indivíduo, transformava-o numa ferramenta inconcebivelmente poderosa de informação de massa, como governantes e vendedores logo perceberam, para propaganda política e publicidade.”²⁹¹

Todavia o mesmo Hobsbawm sugere que: (...) “a mais profunda mudança que ele trouxe foi simultaneamente privatizar e estruturar a vida de acordo com um horário rigoroso, que daí em diante governou não apenas a esfera do trabalho, mas a do lazer”.²⁹²

A grande atração daquela época era o cantor Luiz Gonzaga, já intitulado como – Rei do Baião – estava em seu auge de sucesso e suas apresentações eram muito concorridas e divulgadas exaustivamente pela imprensa como percebe na matéria abaixo:

O Rei do Baião

²⁸⁹Jornal *O Radical* em 07 de dezembro de 1951. Artigo de Celso Rodrigues. Segundo o jornal: “lido ao microfone da ZYK-23 no programa de igual nome. p.02.

²⁹⁰SEVCENKO, Nicolau. Prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. Op. cit.

²⁹¹HOBBSAWM, Eric. Op. cit.

²⁹²Ibidem. p. 195.

Sob os auspícios de Martini, esteve nesta cidade, no sábado último Luiz Gonzaga, o rei do Baião, dando um único espetáculo no auditório da ZYK 23 Rádio Difusora local, e me seguida um show público na avenida Santo Antônio, para onde atraiu gente de todos os recantos da cidade, e ainda dos distritos próximos. O espetáculo do Gonzaga nesta cidade foi bem aceito, pois a numerosa assistência que o aplaudiu, deu uma verdadeira demonstração de simpatia pelo mais popular artista sertanejo.²⁹³

Escolhe-se, pois, encarar essa narrativa com a presença de Luiz Gonzaga com a intensão de produzir uma ideia de circularidade na escrita dissertativa. Uma vez que com a música desse artista, gravada anos mais tarde (1978), foi possível iniciar essa dissertação acerca das narrativas sobre a cidade Garanhuns. Pinceladas, muitas vezes, por narrativas de saudades, a cidade assume diversos títulos: “Suíça Pernambucana”, “cidade das flores”, “cidade culta”, “cidade dos colégios”, “Petrópolis do Norte”, “cidade do clima maravilhoso”. “cidade jardim”. Dosada com sentidos de recordação, o espaço urbano é atravessado por múltiplas narrativas que fazem de Garanhuns um espaço híbrido com vários contrastes e movimentos. Estas ideias estão presentes poeticamente nos versos de “*qui nem jiló*” do mesmo Luiz Gonzaga, certamente cantada por diversas vezes nas apresentações na cidade.

*Se a gente lembra só por lembrar
O amor que a gente um dia perdeu
Saudade inté que assim é bom
Pro cabra se convencer
Que é feliz sem saber
Pois não sofreu*

*Porém se a gente vive a sonhar
Com alguém que se deseja rever
Saudade, entonce, aí é ruim
Eu tiro isso por mim
Que vivo doido a sofrer*

*Ai quem me dera voltar
Pros braços do meu xodó
Saudade assim faz roer
E amarga qui nem jiló
Mas ninguém pode dizer
Que me viu triste a chorar
Saudade, o meu remédio é cantar²⁹⁴*

Os versos aludem aos sentidos da saudade e classifica em duas: uma como boa e a outra como ruim. A boa seria a pura recordação de coisas boas que vêm a memória e ajuda a valorizar as coisas boas que viveu. A segunda, ruim, seria a saudade ligada a reviver algo do

²⁹³Jornal *A Resistência* em 21 de abril de 1955. Artigo sem identificação autoral. p.04.

²⁹⁴GONZAGA, Luiz. (intérprete) _____. e TEIXEIRA, Humberto. (compositores). *Qui Nem jiló*. In.: **Qui nem jiló/Vira e mexe**. Gravadora RCA Victor: 1950. (LP).

passado que insiste em não passar, e que traz sofrimento por não poder ser recriado no tempo presente. Esta última saudade dói, “amarga qui nem jiló” pela percepção temporal de que coisas passadas não voltam, e cria-se assim, certa melancolia, o que nos traz a referência a Pamuk²⁹⁵ e sua noção de “*huzun*” - as narrativas de Garanhuns sugerem “*huzun*” em várias partes desse trabalho.

Mas a cidade tem suas contradições seus impasses, suas narrativas em conflito. O que desfaz tanto uma saudade totalmente ruim ou totalmente boa. Neste sentido, com o auxílio da poética da canção, alude ao final uma esperança de não se entregar a tristeza e choro pelo tempo que não volta e sim de encarar esta temporalidade com uma saudade libertadora e de travessia, já que o “remédio é cantar...”.

O cenário foi composto por múltiplas práticas culturais, práticas que movimentam espaços da cidade de Garanhuns - inventando um espaço poroso, diversificado e híbrido, como salienta Canclini²⁹⁶. As narrativas dão a ver uma cidade em disputas simbólicas em que os sujeitos tentam construir discursos de modernidade, de progresso, enfatizando-se a tentativa de instituição de narrativas de “cidade culta”, “cidade progressista”, “cidade moderna”. Embora tais noções persistam nos periódicos e nas memórias sobre a cidade, chama a atenção constantes matérias sobre arruaças. “sururus”, facadas, tiroteios, assassinatos, desorganização de eventos sugerindo que cidade não era tão harmônica, sofisticada e como uma memória coletiva tenta instituir.

Hábitos considerados modernos, como ir ao cinema, ouvir rádio, frequentar saraus, apresentações teatrais, frequentar jogos de polo, mesclam-se a outros costumes, avaliados como atrasados, provincianos e populares como a prática de rinha de galo e vaquejadas. Neste sentido há um espaço que se faz pelas práticas. Ao que se remete a noção de Certeau²⁹⁷ de espaço como “lugar praticado”. Tais práticas ajudam a ler a cidade, a ver suas múltiplas combinações, personagens, enredos, intrigas e narrativas e, desse modo, numa perspectiva de Paul Ricoeur,²⁹⁸ recriar o tempo humano.

²⁹⁵PAMUK, Orhan. Op. cit.

²⁹⁶CANCLINI, Nestor Garcia. Op. cit.

²⁹⁷CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I**. Op. cit.

²⁹⁸RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Op. cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na relação espaço/tempo, personagens compõem histórias, perfazem narrativas, intrigas. Acontecimentos podem redefinir temporalidades. São tempos diversos, sobrepostos em camadas que não seguem necessariamente uma linha cronológica. A dissertação assumiu uma temporalidade (1937-1951) num espaço, a cidade Garanhuns. Foram movimentadas múltiplas narrativas - para tempos anteriores e posteriores desse recorte.

Na esteira de Ricoeur²⁹⁹ (1997), a narrativa historiográfica é permeada por uma quase ficção. São inventados, em cada camada de tempo histórico, possibilidades narrativas. Esse é um tempo multifacetado, com intensos movimentos de idas, com fissuras, ilusões entre novidades e retrocessos. O anseio de instituir o novo, conflui ideias de tradição/modernidade, de tempos orquestrados. Nas narrativas, acerca da cidade, observa-se que a ideia do “novo” encontra resistências, as práticas apresentam-se com fissuras, com movimentos que demonstram instabilidade no espaço da cidade. Portanto, pode-se pensar que o espaço é praticado de forma híbrida, por múltiplos agentes, de diferentes classes sociais – marcando esse espaço com lutas, conflitos e experiências diversificadas.

A cidade passou por transformações que pretendia coloca-la na esteira de modernidade, na narrativa do “novo”. Foi possível perceber, a partir das fontes pesquisadas, a intenção de construir discursos que inventavam para Garanhuns um espaço idealizado. As narrativas criadas estão numa estreita linha entre “quase ficção e quase realidade” proposta por Ricoeur, e neste sentido fazem do espaço urbano um palco onde desenvolvem-se múltiplas histórias.

O estudo demonstra que ao tentar instituir narrativas acerca da cidade, há discursos conflitantes, brechas que aparecem nas fontes e quebram a idealização do espaço. As reformas urbanas, a excelência dos colégios, a presença dos cinemas e a da rádio são exaltados como signos de modernidade e progresso. Todavia essas modificações não atingem a maioria da população - com as suas diferentes formas e camadas sociais. São brechas, que as fontes permitem visualizar e ajudam a compreender a partir de práticas que cortam os espaços tidos como harmônicos, idealizados, sem conflitos ou relações de poder.

²⁹⁹ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Op. cit.

O estudo traz reflexões sobre as múltiplas faces que formam uma cidade. A temática das cidades mostra-se complexa; notadamente pela quantidade de conteúdos que podem fazer parte da narrativa. A escolha é sempre arriscada e requer determinar linhas de análise narrativa - pensar cada aspecto da constituição do enredo. Deste modo, cada cenário foi escrito com o intuito de contemplar as narrativas que foram inventadas para a Garanhuns e que ganharam novas conotações na época em estudo.

Constituindo um espaço “híbrido” o espaço citadino emerge de narrativas variadas - busca ser parte da Europa “Suíça Pernambucana”. Agentes urbanos, políticos, planejadores, realizam reformas em parte da urbe, dentro das diretrizes da narrativa do “novo” do regime do Estado Novo varguista. Reformas que tentam dar novo visual as principais vias da cidade e assim resignificar sua aparência. O embate entre o novo e velho se faz presente e o que resulta são novos aspectos e convivência com velhas práticas. São buscadas formas de embelezamento e higienização, ainda com as diretrizes de instituição do de um espaço novo e moderno. Contudo, também engloba o projeto de ordem, pelo anseio de novas práticas de vigilância e disciplina. Esse projeto de ordem é alterado pelas permanências de velhas práticas sociais.

A cidade busca novas vocações e uma delas seria de uma cidade voltada para a educação, núcleo de formação de jovens para toda região. As fontes apontam para insistência de instituição da cidade de Garanhuns como “cidade culta”, “cidade dos colégios”, construindo narrativas de modernização e progresso. As memórias acerca dos educandários, institui um vasto panorama dessas representações, em que também são apresentadas contradições em relação a vigilância e controle dos corpos. Há uma disputa por espaço entre católicos e protestantes na cidade e os colégios e suas diferentes diretrizes são alvo desse debate em busca de espaços religiosos, sociais e culturais dos habitantes da urbe.

Supostamente os momentos de diversão são de afrouxamento de regras nos espaços de sociabilidade. Em Garanhuns as práticas de diversão são múltiplas, influenciando nas formas de pensar, conceber e viver no espaço urbano. O cotidiano é influenciado pelas práticas esportivas, pelos cinemas, festas, circos, e pela rádio, numa interação contrastante entre os diversos lugares de convivência social.

As narrativas “Suíça pernambucana”, “cidade das flores”, “cidade do clima maravilhoso”, “cidade dos colégios”, “cidade culta”, “Petrópolis do Norte”, “cidade saudável”, “cidade culta”, “cidade dos retiros”, “cidade das sete colinas” são inventadas e

ganham força e notoriedade pelos agentes que implementam modificações no espaço citadino. Tais narrativas foram os fios condutores da narrativa dessa dissertação, considerando-se seus espaços de produção, sua influência, mas também suas contradições, as brechas que surgem nos discursos e fazem a cidade revelar-se de forma diferenciada, múltipla e híbrida. A cidade vela-se e revela-se num movimento de interação com sua população e os agentes que criam pra ela narrativas. Embora com brechas e fissuras, essas narrativas ganham força, materializam-se, e se instituem nas memórias, na produção de políticas públicas, na produção de Blogs, site e páginas nas redes sociais. Atestando assim o tênue limite da quase realidade da História, como afirma Ricoeur (1997), o que também nos remete a Guimarães Rosa: “digo o real não está na saída nem na chegada ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.³⁰⁰

Futuros leitores da cidade certamente encontrarão nesse texto falhas, irão propor leituras diversas. Atitudes que ajudarão nas análises aqui propostas. Todo trabalho científico, notadamente na área de História, tem seus limites, são frutos de seu tempo, de seu lugar de produção. Esta dissertação não foge dessa regra. Algumas dificuldades e limites permearam toda a escrita. As fontes rarefeitas, coleções incompletas de periódicos, ausência de um arquivo organizado na cidade, documentos em espaços privados de acesso restrito. Foram caminhos labirínticos na busca de finalizar o trabalho.

Todavia, o trabalho apresenta contribuição a temática das cidades sobretudo na interação entre as noções de narrativas, memórias, cidade e práticas de espaço. No presente, essas invenções narrativas ainda fazem parte de discursos políticos, busca de manutenção de status sociais, anseio de conservação da qualidade dos educandários, percebidos também em blogs, sites e grupos em redes sociais que enaltecem a cidade de Garanhuns a partir de narrativas inventadas há décadas passadas.

³⁰⁰ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.52.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Impressas:

a. Periódicos:

- *Jornal A Voz de Garanhuns* (Hemeroteca do Arquivo Público de Pernambuco) – 1953.
- *Jornal Garanhuns Diário* (Biblioteca Nacional) – 1949 - 1955
- *Jornal Gazeta de Garanhuns* (Acervo da Hemeroteca do Arquivo Público de Pernambuco) – 1954.
- *Jornal de Garanhuns* (Acervo da Hemeroteca do Arquivo Público de Pernambuco) – 1952.
- *Jornal O Monitor* (Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional e Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de Pernambuco) – 1940 – 1954.
- *Jornal O Radical* (Acervo da Hemeroteca do Arquivo Público de Pernambuco) – 1951- 1952.
- *Jornal A Resistência* (Acervo da Hemeroteca do Arquivo Público de Pernambuco) – 1955.
- *Jornal A Luz do Quinze* (Acervo do Colégio Presbiteriano XV de Novembro) – 2000.
- *Revista Fon Fon* (Acervo da Biblioteca Nacional) – 1951.

b. Atas:

- Atas da Câmara Municipal de Garanhuns (Livros de Atas do Acervo do Arquivo da Câmara Municipal de Garanhuns – 1948-1951)

Iconográficas ou visuais:

a. Fotografias:

- Fotografias de acervos particulares (dos entrevistados);
- Fotografias dos acervos de arquivos dos educandários pesquisados (Colégio Presbiteriano XV de Novembro, Colégio Santa Sofia e Colégio Diocesano de Garanhuns);
- Fotografias do acervo do Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti.

Sonora:

a. Músicas:

- GONZAGA, Luiz. (intérprete) e Almeida, Onildo (compositor). Onde o Nordeste Garoa. In.: **Dengo Maior**. Gravadora RCA Victor: 1978. (LP)
- GONZAGA, Luiz. (intérprete) _____. e TEIXEIRA, Humberto. (compositores). Qui Nem jiló. In.: **Qui nem jiló/Vira e Mexe**. Gravadora RCA Victor: 1950. (LP)
- MARIA, Antônio. (compositor) e Trio de ouro (intérpretes). Frevo Nº 2. In.: **Trio de Ouro**: Gravadora RCA Victor: 1951.(LP)

Orais:

a. Entrevistas:

- **Ivaldo Dourado** - ex-aluno do Colégio Diocesano de Garanhuns – ex-censor do mesmo colégio. Médico aposentado. Entrevista realizada em sua residência no bairro Heliópolis em Garanhuns. Entrevista gravada em gravador digital. (Acervo do autor).
- **Ivo Tinô do Amaral** – ex-aluno do Colégio Diocesano – ex-prefeito de Garanhuns, ex-deputado estadual – funcionário público aposentado e comerciante (dono de emissora de rádio). Entrevista realizada em sua residência no bairro Aloísio Pinto – Centro - em Garanhuns. Entrevista realizada em sua residência no centro de Garanhuns em maio de 2010. Duração: 1h e 33 min. – gravador digital. (Acervo do autor).
- **Leda Cavalcanti** – ex-aluna do Colégio XV Presbiteriano XV de Novembro – professora de Educação física aposentada. Entrevista realizada em sua residência no bairro – Centro – na cidade de Bom Conselho - gravador digital. (Acervo do autor).
- **Luiz Gonzaga de Lima** – aposentado, ex-costureiro- alfaiate. Entrevista concedida em julho de 2010 em sua residência na Rua Vitorino Monteiro - centro da Cidade de Garanhuns. - gravador digital. Duração de 1h e 10 min. (Acervo do autor).
- **Marcilon Gomes Falcão** – ex-aluno do Colégio XV Presbiteriano XV de Novembro – fotógrafo e comerciante. Professora aposentada. Entrevista realizada em sua residência no bairro Santo Antônio – Centro - em Garanhuns. - Gravador digital. (Acervo do autor).

- **Maria do Carmo Brandão** – ex-aluna do Colégio Santa Sofia – uma das fundadoras da Associação das ex-alunos do colégio. Dona de casa aposentada. Entrevista realizada em sua residência no bairro Santo Antônio – Centro - em Garanhuns. Gravador digital. (Acervo do autor.)
- **Zilda Cordeiro de Melo** – ex-aluna do Colégio XV Presbiteriano XV de Novembro – ex-diretora do mesmo colégio. Professora e pedagoga aposentada. Entrevista realizada em sua residência no bairro de Heliópolis em Garanhuns. Gravador digital. (Acervo do autor.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ana Rosa Camillo e CARRIERI, Alexandre de Pádua. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses. **Revista O e S.** v. 23, n. 77. Salvador: UFBA, 2016.

AIRES, Francisco Jânio Filgueira. **O "espetáculo do cabra macho":** um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Nordestino:** uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940). Maceió: Editora Catavento, 2003.

_____. **Nos Destinos de Fronteira:** história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. **O cinema brasileiro no Estado Novo:** o diálogo com a Itália, Alemanha e URSS. Revista de Sociologia e política. n.º 12. Curitiba, 1999.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Historicidade, sujeito e oralidade. In: MARCHIORI, Marlene. (Org.). **História e memória.** São Paulo / Rio de Janeiro: Difusão Editora / Senac, 2013.

_____. **O que a história oral ensina à história pública.** In: MAUAD, Ana, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane (Org.). Que história pública queremos? São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.) **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. Ed: Letra e Voz, 2016.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas, 2001.

ALVES, Celestino. **Vaqueiros e vaquejadas**. Natal: Editora da URRN, 1986.

ALVES, M. **Sistema Católico de Educação e Ensino no Brasil**: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba: v. 5, n.16, set./dez. 2005.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Uso & abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARAL, Rita de Cássia de Melo Peixoto. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade de São Paulo) USP: São Paulo, 1998.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Desfiles cívicos escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. **Acta Scientiarum. Education**. v. 37, n. 3. Maringá, 2015.

ANJOS, M. L. P. R. T. e CARVALHO, C. H. Católicos e Protestantes no Nordeste Brasileiro no século XX: A Educação Em Questão. **Saeculum** (UFPB) João Pessoa. vol. 22, 2010.

ASSIS, Paula. **Cultura, política e mercado: o cinema nacional na Era Vargas**. **Revista Temáticas**. vol. 22. Campinas- SP, 2014.

AZEVEDO, Lia Calabre .**"O Estado na onda: reflexões sobre o rádio e o poder nas décadas de 30 e 40"**. In: Cadernos de Memória Cultural. Vol. 1. N. 2. Rio de Janeiro: Museu da República.

_____. **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**. Fundação Casa de Rui Barbosa. 2002.

BENJAMIM. Walter. **Rua de mão única** - Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a ventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOLOGNESI, Mário Fernando. Circo e teatro: aproximações e conflitos. **Revista Sala Preta (USP)**, v. 6, São Paulo, 2006.

_____.**Circos e palhaços brasileiros**. SÃO Paulo: Editora da UNESP, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In.: MONTENEGRO, Antônio Torres. *et al.* (Orgs.) **História - cultura e sentimento: outras histórias do Brasil**. Co-edição: Recife: Editora da UFPE; Cuiabá: Editora da UFMT, 2008.

CALABRE, Lia. **A era do Rádio**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2002.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**, São Paulo, Ibasa, 1990.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1997.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In.: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. vol. 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;

_____. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e peronismo. Campinas/São Paulo, Papyrus/Fapesp, 1998.

CASCUDO, Luís Câmara Cascudo. **A vaquejada nordestina e suas origens**. Natal: Fundação José Augusto, 1976.

_____. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1984.

CAVALCANTE, Erinaldo Vicente. **Construções do medo: a ameaça comunista em Garanhuns (1958-1964)** Dissertação de Mestrado. Recife; 2009.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**. 2. ed. Recife: FIAM-CEHM, 1997.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In.: **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. A operação historiográfica. In.: **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHIANCA, Luciana. **Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos**. Revista Antropológicas, vol. 18, Nº. 2, 2007.

CLAVAL, Paul. A festa religiosa. **Revista Ateliê Geográfico**. vol. 08. n.º 01 Goiânia: 2014.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 2.ed.^a Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

COUCEIRO, Sylvia. **Artes de viver a cidade**: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. (Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História – UFPE) Recife: UFPE, 2003.

CRISTINO JÚNIOR, Pedro Evânio Resende. **Política, religião e educação**: relações de poder em Garanhuns (1955-1967). Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2016.

CUNHA, Célio da. **Educação e autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1981.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org). **Carnaval e outras F(r)estas**: Ensaios de História Social da Cultura. Campinas-SP: editora da UNICAMP, 2002.

_____. **Ecos da folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMATTA, Roberto; Luiz Felipe B. Neves, Simoni L. Guedes; Arno Vogel. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira, Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Péter Pál Pelbart. São Paulo editora 34: 1992.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário**: Imaginário Político no Brasil dos Anos 30. Rio de Janeiro - RJ / Belo Horizonte MG, Ed. UFMG/UFRJ, 1997.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ESCOBAR, Marco Lunardi. **A realização de brigas de galo no Nordeste Brasileiro**: um conflito social. Prisma Jur. v. 14, n. 1, São Paulo, 2015.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora, 1966.

FERREIRA, Jorge. **Trabalhadores do Brasil**: o imaginário popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção O Brasil Republicano).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. Poder – Corpo. In.: **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 23.^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. vol. 01. Trad. Maria Thereza da costa Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **Vigiar e punir**: História das violências nas prisões. Trad. Raquel Ramalhete. 36.^a ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

_____. Outros espaços. In: _____. **Ditos e escritos**: Estética, Literatura e Pintura, música e cinema. vol. 03. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GAY, Peter. **A educação dos sentidos**. Trad. Pat Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIDDENS, Antony. **Conversas com Anthony Giddens**: o sentido da modernidade. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

GORDON JÚNIOR, Cesar. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”, **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 23, Rio de Janeiro, 1999.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Filosofia e história da educação brasileira**. Barueri (SP): Editora Manole, 2003. NUNES, Maria Thétis. Ensino secundário e sociedade brasileira. São Cristóvão (SE): Editora da Universidade Federal de Sergipe, 1999.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: memórias e práticas culturais - Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá: EDUFMT, 2006.

HACK, Osvaldo Henrique. **Educação e protestantismo**. 2.ed. São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana, 2000.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O sentido cristão das festas religiosas. **Revista Teocomunicação**. vol. 36 nº 154. Porto Alegre: 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSBAWN. Eric. **A Era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.151-168, dez. 2008

_____. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

KRONBAUER, Gláucia Andreza e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. O circo e suas miragens: a escola nacional do circo e a história dos espetáculos na produção acadêmica brasileira **Revista HISTEDBR - On-line**. n.º 52. Campinas-SP, 2013.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão (et. all.) 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

LOPES, José Sergio Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, **Revista USP**, n. 22, São Paulo, 1994.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social**. Edições Loyola, 1988.

LUCENA, Ricardo Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados: 2001.

LUIZ, Felipe. **Influência protestante na educação em Pernambuco**. Disponível em <http://historiadoprotestantismo.blogspot.com.br/2014/12/influencia-protestante-naeducacao-em.html>. Acesso em maio de 2018.

MAIA, Andréa Casa Nova e ARRUDA, R. P. **Nos Trilhos do Tempo**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. **Encontros e Despedidas** – História de Ferrovias e Ferroviários de Minas. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In.: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil III**– República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo Companhia das Letras, 1998.

MATOS, A. S. **Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil**. DTI - Divisão de Tecnologia da Informação Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo: 2011. Disponível em: http://www.ipb.org.br/quem_somos/historia_1.htm.

MAUAD, Ana M. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, jul/dez., 2014.

MAZZONI, Thomás. **História do futebol no Brasil 1895-1950**, São Paulo, Edições Leia, 1950.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Introdução do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2002;

_____. **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, julho de 2003.

MONTEIRO, Agostinho dos Reis. **História da educação: uma perspectiva**. Porto: Porto, 2005.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORAES, José Geraldo Vinci de, SALIBA, Elias (Orgs) **História e música no Brasil**. SP, Ed. Alameda, 2010.

MORAES, Márcio Martins de. **Garanhuns sob o símbolo do sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife: 2012.

MORAIS FILHO, Alexandre José de Mello. 1979. **Festas e tradições populares no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1979.

MORAIS, Fernando Gomes de, **Chatô - O Rei do Brasil**. 13. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2002.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad. Neil R. da Silva. 5ª ed. São Paulo Martins Fontes, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Coleção História e Reflexões.

NETO, Lira. **Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

_____. **Getúlio: Do governo Provisório à ditadura do Estado Novo. (1930-1945)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

NÓBREGA, Zulmira. **A festa do maior São João do mundo dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande**. Tese de Doutorado (Programa Multidisciplinar de

Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - Universidade Federal da Bahia) UFBA: Salvador, 2010.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 06, número 11. Fortaleza, 2007.

OLIVEIRA, Josiane Silva de e CAVENDON, Neusa Rolita. Os Circos Contemporâneos como Heterotopias Organizacionais: Uma Etnografia Multissituada no Contexto Brasil-Canadá. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**. v. 21, n. 2, Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As Festas que a República Manda Guardar. **Estudos Históricos**. vol. 02. n. 04. Rio de Janeiro, 1989.

_____. Sinais de modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In.: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. vol. 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PAMUK, Orhan. **Istambul: memória e cidade**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PEREIRA, Leonardo Pereira. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi & DE LUCA, Tânia Regina. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PORFÍRIO, Pablo F. de A. **Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964)**. Recife: Editora da UFPE, 2009.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Orgs.) **Usos & Abusos de História Oral**. 8.^a ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1997.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da Vida Privada**. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUDARPE, 1997.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Trad. Constança Marcondes César. Campinas-SP: Papirus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas-SP: Papirus, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia e DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**. vol. 19 n. 34. Niterói-RJ.

SANTOS, Joel Rufino Dos. **História política do futebol brasileiro**, Coleção Tudo é História, São Paulo, Brasiliense, 1981; SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”, **Revista USP**, n. 22, São Paulo, 1994.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850)**. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História – UFPE) Recife: UFPE, 2011.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Noites festivas de junho: histórias e representações do São João no Recife (1910-1970)**. Tese de Doutorado – (Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco) – UFPE: Recife, 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo; Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG, 2007. SCHEMES, Cláudia. O controle social e as festas cívicas no Brasil de Getúlio Vargas (1937-1945) e na Argentina de Joan Domingos Perón (1946-1955). **Dimensões**. vol. 30. Vitória, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In.: _____. (Org.) **História da vida privada no Brasil III**. República: da belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras: 1992.

_____. Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso (Introdução) In.: _____. (Org.) **História da vida privada no Brasil - III**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Daniel Ferreira da. **A influência de Calvino na Educação: um estudo no Colégio XV de Novembro**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História em Ciências das Religiões - UFPB) Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2010.

SILVA, E. **O circo: sua arte, seus saberes** – o circo no Brasil no final do século XIX e meados do século XX. 1996. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp) Campinas, 1996.

SILVA, Renato de Carvalho Santos. **De homens e galos:** um estudo antropológico sobre “um jogo absorvente” na região central do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) Santa Maria-RS, 2011.

SILVA, Vânia Cristina da. Valorizar o trabalho e enaltecer a pátria: O Estado Novo e as festas escolares na Paraíba. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** - São Paulo, 2011.

SIMIS, A. **Estado e Cinema no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2008.

SOARES, Antônio Jorge. “História e invenção de tradições no campo do futebol”, **Estudos Históricos**, vol. 13, n. 23, Rio de Janeiro: 1999.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres, Gênero, contribuições para um debate. In.: AGUIAR, Neuma. Org. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos 1997.

SOUZA, Ana Maria de. **Relatos da cidade**. Nomadismo, territorialidades urbanas e imprensa - Cuiabá MT- Segunda Metade do século XX. Entrelinhas, EDUMT, 2007.

SOUZA, Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos:** Sociedade. Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965). (Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História – UFPE) Recife: UFPE, 2002.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres:** aspectos do catolicismo popular. Natal: Editora do IFRN, 2013.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. O simbolismo essencial das brigas de galos. **Revista Horizontes Antropológicos**, n. 6, Porto Alegre, 1997.

UBIRAJARA, Carlos Roberto Cruz. **Garanhuns-PE, ações educativas e dinâmica socioespacial:** uma análise geo-histórica das relações estabelecidas entre Religião, Estado e Educação. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Geografia) Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2015.

VIEIRA, Natã Silva. Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos. **Anais do III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: UFBA, 2007.

VIEIRA, Paulo Henrique. **Calvino e a educação**. São Paulo: Mackenzie, 2008.

VITALINO, Urbano de Melo e REINAUX, Marcílio. **Colégio XV – 100 anos: Servindo a Deus a Pátria e a Garanhuns**. Recife/Garanhuns: Editora dos autores, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.